



UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
DOUTORADO ACADÊMICO EM TURISMO E HOSPITALIDADE

ROSALINA LUIZA CASSOL SCHVARSTZHaupt

**HOSPITALIDADE E RELIGIOSIDADE POPULAR: SENTIMENTO DE
PERTENÇA À COMUNIDADE DO SANTUÁRIO N. SRA.
DE *CARAVAGGIO* NO MUNICÍPIO DE FARROUPILHA-RS**

CAXIAS DO SUL-RS

2024

ROSALINA LUIZA CASSOL SCHVARSTZHaupt

**HOSPITALIDADE E RELIGIOSIDADE POPULAR: SENTIMENTO DE
PERTENÇA À COMUNIDADE DO SANTUÁRIO N. SRA.
DE *CARAVAGGIO* NO MUNICÍPIO DE FARROUPILHA-RS**

Tese de Doutorado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado e Doutorado, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Doutora em Turismo e Hospitalidade.

Linha de pesquisa: Turismo, cultura e educação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista

CAXIAS DO SUL-RS

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

S397h Schvarstzhaupt, Rosalina Luiza Cassol

Hospitalidade e religiosidade popular [recurso eletrônico] : sentimento de
pertença à comunidade do Santuário N. Sra. de Caravaggio no município de
Farroupilha-RS / Rosalina Luiza Cassol Schvarstzhaupt. – 2024.

Dados eletrônicos.

Tese (Doutorado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-
Graduação em Turismo e Hospitalidade, 2024.

Orientação: Maria Luiza Cardinale Baptista.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>

1. Hospitalidade. 2. Religiosidade. 3. Capelas. 4. Santuário Nossa
Senhora de Caravaggio (Farroupilha, RS). I. Baptista, Maria Luiza
Cardinale, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 338.483.13

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Ana Guimarães Pereira - CRB 10/1460

ROSALINA LUIZA CASSOL SCHVARSTZHAUPT

Tese de Doutorado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutora em Turismo e Hospitalidade. Linha de pesquisa: Turismo, Hospitalidade, Cultura e Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista

Aprovada em: 05 /12 / 2024.

Banca examinadora

Profa. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista (Orientadora)
Universidade de Caxias do Sul - UCS

Prof. Dr. André Brayner de Farias
Universidade de Caxias do Sul - UCS

Prof. Dr. Antonio de Ruggiero
Pontifícia Universidade Católica do RS - PUCRS

Profa. Dra. Sênia Regina Bastos
Universidade Anhembi-Morumbi - UAM

Prof. Dr. Paulo César Nodari
Universidade Católica de Brasília - UCB

Dedico este trabalho aos meus pais
e aos meus filhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me dado a vida e as condições necessárias para avançar na busca do conhecimento.

Agradeço aos meus pais, Olga e Luiz, a dedicação oferecida a mim e aos meus irmãos, para que tivéssemos uma educação alicerçada em valores fraternos.

Agradeço à Profa. Dra. Vania Beatriz Merlotti Herédia o testemunho de sabedoria, a amabilidade, disposição e elegância cristã, na transmissão de conhecimento e vivência fraterna. Minha gratidão pelas oportunidades de sua orientação, nos diversos momentos de minha vida acadêmica. Obrigada, especialmente, por ter-me conduzido ao doutorado na primeira fase desta pesquisa.

Agradeço à Profa. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista a continuidade da orientação da minha pesquisa, a paciência, a compreensão e o respeito em permitir os rumos da pesquisa até então traçados.

Agradeço aos professores do PPGTURH - Universidade de Caxias do Sul, representados pela Profa. Dra. Susana Gastal, o empenho em transmitir conhecimento com dedicação e responsabilidade para um mundo mais humano e fraterno.

Agradeço à secretária do PPGTURH, Regina de Azevedo Mantesso, a amizade, o companheirismo e a disposição em atender às minhas buscas de esclarecimentos sempre com presteza e afeto.

Agradeço aos colegas da turma 5, Samara Camilotto, José Almeida dos Santos, Newton Ávila, Franciele Berti e Marcelo Faro, a amizade, partilha e escuta de nossos desafios e esperanças.

Agradeço aos bispos, padres, religiosos e aos moradores da grande comunidade de *Caravaggio*, que participaram das entrevistas da pesquisa, a hospitalidade, doação de tempo e o saber para o êxito desta pesquisa.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), vinculada ao Ministério da Educação (MEC), a bolsa concedida. Tenho esperança e acredito em nosso País e na importância do acesso à educação e da redução de desigualdades com vistas à transformação social.

E, especialmente, manifesto minha gratidão à Nossa Senhora de *Caravaggio* por, espiritualmente, ter-me acolhido em seu Santuário com amorosidade e solidariedade, como faz a tantas pessoas que a buscam, com o desejo de paz e esperança, dentre outras motivações em sua vida.

Para Rosalima
que a hospitalidade seja
uma forma de amor.
cordal,
José Tolentino Mendonça

Dedicatória de José Tolentino Mendonça, após conversa privada a respeito da hospitalidade, em evento realizado em Caxias do Sul, no Colégio São José, em 9 de agosto de 2016, em palestra a respeito da Espiritualidade na Contemporaneidade.

RESUMO

Este estudo objetiva analisar a relação entre hospitalidade e religiosidade popular, a partir do sentimento de pertença à comunidade do Santuário N. Sra. de *Caravaggio*, no Município de Farroupilha-RS. Tem como objetivos específicos: promover uma discussão sobre o conceito de igreja como lugar de hospitalidade, lugar do sagrado, religiosidade popular e identidade cultural; apresentar o Santuário N. Sra. de *Caravaggio*, em seus aspectos históricos, sua localização geográfica, suas dinâmicas, em relação às sete capelas e descrever o processo de constituição, bem como as dinâmicas atuais no Santuário N. Sra. de *Caravaggio*, no Município de Farroupilha-RS; analisar as narrativas dos que participam da vida do Santuário e das capelas acerca da hospitalidade oferecida; realizar o cruzamento dos relatos de pessoas envolvidas com o Santuário e as capelas, considerando os referenciais de hospitalidade e religiosidade popular. Essa comunidade é constituída pela sede e por diversas capelas que colaboraram para a organização e manutenção da hospitalidade e possuem forte sentimento de pertença que as mantem ligadas ao Santuário. A pesquisa envolve prioritariamente as linhas teóricas de investigação: hospitalidade e religiosidade popular. Em termos metodológicos, para o seu desenvolvimento, foi realizada revisão bibliográfica, organização do suporte teórico, pesquisa de campo com o método da história oral e o método de análise textual discursiva, para análise dos dados. A partir das memórias da comunidade, foi possível identificar: a visão acerca do patrimônio histórico, existente na localidade que constitui o Santuário e as sete capelas estudadas; os fatores que causam influência no aspecto do pertencimento à comunidade e ao serviço no Santuário; o espírito de hospitalidade mútua dos moradores dessas comunidades e aos peregrinos, bem como os reflexos dessas ações na comunidade. O Santuário N. Sra. de *Caravaggio* e as sete capelas vinculadas a ele representam universo emblemático de discussão da temática, e a pesquisa contribui para a compreensão da hospitalidade, que ocorre numa comunidade católica, que nasce de um processo imigratório católico e com fortes vínculos com a cultura italiana.

Palavras-chave: Hospitalidade; Religiosidade popular; Capelas rurais; Sentimento de pertença; Santuário N. Sra. de *Caravaggio*.

ABSTRACT

This study aims to examine the relationship between hospitality and popular religiosity originated from the sense of belonging to the community of the Sanctuary of Our Lady of *Caravaggio*, in the municipality of Farroupilha-RS. Its specific objectives are: to generate a discussion on the concept of church as a place of hospitality, a sacred space of popular religiosity and cultural identity; to present the Sanctuary of Our Lady of Caravaggio in its historical aspects, geographical location and dynamics in relation to the seven chapels and to describe the process of constitution, as well as the current dynamics in the Sanctuary of Our Lady of Caravaggio, in the Municipality of Farroupilha-RS; to analyse the narratives of those who participate in the life of the Sanctuary and chapels about the hospitality offered; to cross-reference the reports of people involved with the Sanctuary and the chapels, considering the references of hospitality and popular religiosity. The community is made up of the main center and several chapels that have helped to organize and provide hospitality in view of their strong sense of belonging that keeps them connected to the Sanctuary. The research primarily involves the following theoretical lines of investigation: hospitality and popular religiosity. In methodological terms and with a view to developing it, the following aspects were covered: a bibliographic review, organization of theoretical support, and field research using the oral history method and the discursive textual analysis method for data analysis. From the community's memories, it was possible to identify: the vision regarding the historical heritage existing in the location that constitutes the Sanctuary and the seven chapels studied; the factors that influence the sense of belonging to the community and the service in the Sanctuary; the spirit of mutual hospitality among the residents of these communities and to the pilgrims, as well as the outcome of these actions in the community. The Sanctuary of Our Lady of *Caravaggio* and the seven chapels linked to it represent an emblematic universe for discussing the theme, and the research helps understand the hospitality shown by a community born from an immigration process, Catholic, and with strong ties to the Italian culture.

Keywords: Hospitality; Popular religiosity; Rural chapels; Sense of belonging; Sanctuary of Our Lady of *Caravaggio*.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1Rs	1º Livro dos Reis
a. C.	Antes de Cristo
Cap	Capela
CDC	Código de Direito Canônico
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CPPMI	Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes
D.	Dom
d. C.	Depois de Cristo
Dt	Deuteronômio
FAG	Frente Agrária Gaúcha
Gn	Gênesis
JACF	Juventude Agrária Católica Feminina
JACM	Juventude Agrária Católica Masculina
Jz	Juízes
<i>LG</i>	<i>Lumen Gentium</i>
LT Cap	Livro de Tombo das Capelas
LT Sant	Livro de Tombo do Santuário
Mt	Mateus
n.	número
N. Sra.	Nossa Senhora
OMT	Organização Mundial do Turismo
PCJP	Pontifício Conselho Justiça e Paz
Sl	Salmo
Sant	Santuário

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da Linha Palmeiro.....	77
Figura 2 – Localização do Santuário N. Sra. de <i>Caravaggio</i> , em Farroupilha-RS e Capelas que constituem a paróquia.....	78
Figura 3 – Mapa do Município de Farroupilha: sede e distritos.....	81
Figura 4 - Mapa territorial de Linhas e Travessões: Farroupilha e arredores.....	86
Figura 5 – Imagem do Santuário N. Sra. de <i>Caravaggio</i>	95
Figura 6 – Mapa de localização do Santuário e das sete capelas da Paróquia N. Sra. de <i>Caravaggio</i>	99
Figura 7 - Imagem da Capela Santa Juliana	113
Figura 8 - Imagem da Capela São Victor e Santa Corona.....	117
Figura 9 - Imagem da Capela São Tiago	120
Figura 10 - Imagem da Capela N. Sra. de Monte Bérico	122
Figura 11 - Imagem da Capela N. Sra. das Dores	126
Figura 12 - Imagem da Capela São José.....	127
Figura 13 - Imagem da Capela Todos os Santos	130

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Entrevistados da pesquisa.....	28
Quadro 2 – Síntese orientativa da pesquisa	35
Quadro 3 – Terras pertencentes à Paróquia N. Sra. de <i>Caravaggio</i> (1893)	82
Quadro 4- Capelas da Paróquia N. Sra. de <i>Caravaggio</i> , em 1893	87
Quadro 5 – Bens imóveis da Paróquia N. Sra. de <i>Caravaggio</i> , em 1914.....	88
Quadro 6 – Delimitação da Paróquia N. Sra. de <i>Caravaggio</i> , em 1914.....	89
Quadro 7 – Capelas da Paróquia N. Sra. de <i>Caravaggio</i> , a partir de 1º jan.1914	90
Quadro 8 – Capelas da Paróquia N. Sra. de <i>Caravaggio</i> , de 1968 até hoje e distâncias para chegar ao Santuário	98
Quadro 9 – Padres da Paróquia N. Sra. de <i>Caravaggio</i> (1968-2024)	100
Quadro 10 - Famílias das sete capelas, Paróquia N. Sra. de <i>Caravaggio</i> (1977 - 1995)	103
Quadro 11 - Habitantes das sete capelas, Paróquia N. Sra. de <i>Caravaggio</i> (1977-1995)	103
Quadro 12 - Produção agrícola nas sete capelas, Paróquia N. Sra. de <i>Caravaggio</i> , em 1978	103
Quadro 13 - Diretoria das sete capelas, Paróquia N. Sra. de <i>Caravaggio</i> , em 1977	104
Quadro 14 - Diretoria das sete capelas, Paróquia N. Sra. de <i>Caravaggio</i> , em 1995.....	104
Quadro 15 - Festas de padroeiros das sete capelas, Paróquia N. Sra. de <i>Caravaggio</i>	105
Quadro 16 - Capela Santa Juliana: famílias e população (1977-1995)	115
Quadro 17 - Capela Santa Juliana – produção: leite, uva e frutas, em 1978	115
Quadro 18 – Sócios da Capela N. Sra. de Monte Bérico, em 1978.....	122
Quadro 19 - Falas associadas à hospitalidade	134
Quadro 20 – Sínteses das falas associadas à hospitalidade	152
Quadro 21 – Síntese das sínteses das falas associadas à hospitalidade	161
Quadro 22 – Falas associadas à religiosidade popular	162
Quadro 23 - Religiosidade popular – Síntese da síntese	190
Quadro 24 – Síntese das sínteses das falas associadas à religiosidade popular	202
Quadro 25 – Falas associadas ao sentimento de pertença	203
Quadro 26 – Sínteses das falas associadas ao sentimento de pertença.....	207
Quadro 27 – Síntese das sínteses das falas associadas ao sentimento de pertença	208

SUMÁRIO

I PARTE: DO PROJETO AOS CAMINHOS TEÓRICOS

1	INTRODUÇÃO.....	16
1.1	PROCESSO DE DESCOBERTA DA PESQUISA.....	19
1.2	ESTRUTURAÇÃO DA TESE.....	21
2	METODOLOGIA.....	24
2.1	HISTÓRIA ORAL.....	24
2.1.1	Tipo de amostra e seleção dos sujeitos da pesquisa	27
2.1.2	Entrevistas	29
2.2	OUTRAS FONTES DA PESQUISA	30
2.3	LOCAL DE ESTUDO: O SANTUÁRIO N. SRA. DE <i>CARAVAGGIO</i> E AS SETE CAPELAS	31
2.4	LIMITES DA PESQUISA.....	33
2.5	SÍNTESE ORIENTATIVA DA PESQUISA	34
3	A HOSPITALIDADE E SEUS LUGARES PRIVILEGIADOS	37
3.1	A IGREJA COMO LUGAR DE HOSPITALIDADE.....	40
3.2	A IGREJA COMO LUGAR SAGRADO	44
4	RELIGIOSIDADE POPULAR NA COMUNIDADE DO SANTUÁRIO	46
4.1	A ORGANIZAÇÃO DAS CAPELAS NA COLÔNIA ITALIANA	51
4.2	A RELIGIOSIDADE DOS IMIGRANTES ITALIANOS.....	52
4.3	A CAPELA COMO INSPIRAÇÃO DE COMUNIDADE	59
5	ITALIANIDADE, IDENTIDADE, SENTIMENTO DE PERTENÇA	66
5.1	OS IMIGRANTES QUE SE INSTALARAM NO TERRITÓRIO DO SANTUÁRIO	68
5.2	A IDENTIDADE E A CULTURA RELIGIOSA ITALIANA.....	71

II PARTE: HISTÓRIA E MEMÓRIAS

6	A HISTÓRIA DO SANTUÁRIO	77
6.1	DA FORMAÇÃO DA CAPELA À ORGANIZAÇÃO DO SANTUÁRIO (1878-1921).....	79
6.2	DA ELEVÇÃO A SANTUÁRIO À FORMAÇÃO DA PARÓQUIA (1921- 1943)	91
6.3	DE PARÓQUIA À DESVINCULAÇÃO DO SANTUÁRIO (1943-1968).....	94
6.4	DA DESVINCULAÇÃO DO SANTUÁRIO DA PARÓQUIA À SUA REINTEGRAÇÃO (1968- 2018).....	97
6.5	DA REINTEGRAÇÃO À ATUALIDADE (2018-2024).....	106
7	A HISTÓRIA DAS SETE CAPELAS	110
7.1	CAPELA SANTA JULIANA.....	113
7.2	CAPELA SÃO VICTOR E SANTA CORONA	116
7.3	CAPELA SÃO TIAGO	118
7.4	CAPELA N. SRA. DE MONTE BÉRICO	121
7.5	CAPELA N. SRA. DAS DORES	124
7.6	CAPELA SÃO JOSÉ.....	126
7.7	CAPELA TODOS OS SANTOS.....	129
8	FALAS DOS ENTREVISTADOS NA PESQUISA.....	134
9	ANÁLISE DOS DADOS	210
9.1	HOSPITALIDADE NO SANTUÁRIO E O SANTUÁRIO COMO LUGAR DE HOSPITALIDADE.....	210
9.2	RELIGIOSIDADE POPULAR CONSTRUÍDA NA COMUNIDADE.....	215
9.3	SENTIMENTO DE PERTENÇA COMO ELEMENTO IDENTITÁRIO.....	219
10	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	222
	REFERÊNCIAS.....	227
	GLOSSÁRIO	235

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA238

**APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(TCLE).....239**

**APÊNDICE C - LINHA DO TEMPO: SANTUÁRIO E AS SETE CAPELAS
.....240**

I PARTE

DO PROJETO AOS CAMINHOS TEÓRICOS

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo trata da hospitalidade e da religiosidade, no Santuário N. Sra. de *Caravaggio*, pela força que desperta essa relação nessa localidade. Para investigar a hospitalidade inerente às comunidades que sustentam as demandas do Santuário Nossa Senhora de *Caravaggio*, em Farroupilha-RS, optou-se por estudar a hospitalidade relativa às comunidades rurais, constituídas em torno das capelas (comunidades-Igreja), vinculadas ao Santuário, tendo presente o sentimento de pertença religiosa de representantes dessas comunidades, por meio da religiosidade popular e de suas práticas culturais.

O Santuário N. Sra. de *Caravaggio* pertence à diocese de Caxias do Sul¹ e se constituiu em uma comunidade rural de imigrantes italianos, que mantiveram práticas devocionais, vinculadas ao lugar de origem. As comunidades rurais, também conhecidas por capelas, foram organizadas por grupos de imigrantes italianos, que vieram da mesma região da Itália e que procuraram manter a proximidade de vizinhança, por parentesco, pelo mesmo dialeto e pelas afinidades de amizade, em relação à terra de origem (Decó, 1994).

Localizado em Farroupilha-RS, o Santuário N. Sra. de *Caravaggio* representa um importante atrativo religioso. O número de peregrinos e de visitantes é bastante expressivo, e os mesmos participam de missas, da récita² do terço e buscam atendimento espiritual, beneficiando-se das demais estruturas que o espaço oferece. O serviço de acolhimento aos peregrinos é realizado, quase que exclusivamente, pelos habitantes dessas capelas/comunidades vinculadas ao Santuário. A equipe de gestores do Santuário N. Sra. de *Caravaggio*, na organização de suas atividades, inclusive nas romarias, propicia o envolvimento comunitário no acolhimento aos peregrinos. Cada um dos envolvidos cumpre funções que garantem a hospitalidade nos principais eventos. Os sacerdotes, através das celebrações, confissões e dos aconselhamentos, acolhem espiritualmente; religiosas e leigos moradores locais dedicam sua atenção e seu auxílio em diversas atividades, para que os peregrinos encontrem o essencial, em suas buscas espirituais, mas também no sentido de bem-estar, e façam sua experiência de fé.

¹ A diocese de Caxias do Sul, além do Santuário N. Sra. de *Caravaggio* (Farroupilha-RS), possui outros três Santuários: Santuário Santo Antônio (Bento Gonçalves); Santuário N. Sra. Aparecida (Nova Prata) e Santuário N. Sra. do Rosário de Pompéia (Pinto Bandeira).

² Na cultura local da colonização italiana, no Rio Grande do Sul, a expressão “récita do terço” tornou-se mais utilizada para dar nome aos encontros para oração, que envolviam a oração mariana caracterizada pelo terço.

A motivação para a devoção à N. Sra. de *Caravaggio* teve sua origem primeira com a aparição da Virgem Maria³ a uma jovem camponesa, em 26 de maio de 1432, em *Mazzolengo, Caravaggio*, diocese de Cremona, Norte da Itália. Nesse local, foi construído o Santuário *Santa Maria del Fonte*,⁴ como é denominado naquele país. O Santuário *Santa Maria del Fonte*, em *Caravaggio*-Itália, local fundante da devoção à Santa, teve sua primeira capelinha construída no lugar da aparição, com autorização episcopal, em 31 de julho de 1432 (Bertuol, 1950, p. 75; Ziglioli, 2004). O atual Santuário teve sua construção iniciada em 1571, com o projeto do arquiteto Pelegrino Tibaldi dei Pelegrini, que buscou aproximar a arte à de Michelângelo (Bertuol, 1950, p. 76; Ziglioli, 2004).

A aparição, na Itália, ocorreu em época de disputas de território entre Milão e Veneza e conflitos na Igreja Católica. Naquele contexto, segundo registros, a Virgem Maria apareceu e se identificou a uma simples camponesa, de nome Joaneta Varoli, como a que anuncia a paz (Bertuol, 1950; Zorzi, 1986; Ziglioli, 2004). Confiou a essa jovem camponesa a missão de levar a mensagem aos governantes e ao povo, com o pedido de que voltassem às práticas cristãs católicas e que rezassem em agradecimento pelos castigos afastados. A Virgem Maria pediu ainda que, no local de sua aparição, fosse construída uma capela.

Além da aparição ocorrida em 1432, as autoridades da Igreja reconhecem outras aparições da Santa, que teriam ocorrido em torno da data de 26 de maio, nos anos de 1479, 1630, 1729 e 1907, em outros locais da Itália (Ziglioli, 2004).

Movidos pelo espírito religioso a essa Santa, em 1876, as primeiras famílias de imigrantes italianos, que colonizaram os lotes rurais na região do atual Santuário de N. Sra. de *Caravaggio*, em Farroupilha-RS, trouxeram a devoção para o local, bem como as práticas devocionais que cultivavam em seus locais de origem (Bertuol, 1950).

No local em que está edificado esse Santuário, em Farroupilha-RS, e nas suas proximidades, estão edificadas sete capelas que formam as respectivas comunidades. Essas capelas são constituídas de comunidades rurais, localizadas num território montanhoso, com vales profundos e rios, e que, por longo tempo, manteve-se isolado, pela dificuldade de construir vias de acesso para outros lugares.

³ O termo *Maria* surgiu do original em hebraico *Myriam*, que significa *senhora soberana* ou *vidente*. É possível ainda que o nome *Miriam* (em português) derive do sânscrito *Maryáh*, que quer dizer, literalmente, *a pureza, a virtude* ou *a virgindade*.

⁴ O templo de origem da devoção, atualmente, *Basílica Santa Maria del Fonte*, constitui-se de importante riqueza histórica, com quase seis séculos de tradição, devoção e arte (Ziglioli, 2004). O mesmo foi um referencial de fé para a criação de vários outros santuários, várias outras paróquias e capelas, espalhados pelo mundo, motivados pela fé levada pelos imigrantes italianos para seus novos destinos (Zorzi, 1986).

Na região do Santuário, a ruralidade, a etnicidade e a religião se constituíram elementos que formaram uma identidade coletiva que os integra enquanto grupo. Nesses grupos, ocorre a manutenção da fé religiosa que perpassa gerações. Nesse território, que possui características essencialmente agrícolas, a atividade econômica se constitui, preponderantemente, ligada à terra, ao cultivo de hortifrutigranjeiros e de parreirais. A cultura trazida da pátria-mãe, o desejo de posse da terra, os valores morais e religiosos, que perpassaram gerações, garantiram e fortalecem, na contemporaneidade, os vínculos que perduram há quase um século e meio.

Portanto, este estudo tem como objetivo analisar a relação entre hospitalidade e religiosidade popular, considerando o sentimento de pertença à comunidade do Santuário N. Sra. de *Caravaggio*, no Município de Farroupilha-RS, constituída pela sede e por sete capelas vinculadas.

A questão de pesquisa consiste em entender qual a relação entre a hospitalidade e a religiosidade popular, considerando o sentimento de pertença à comunidade do Santuário N. Sra. de *Caravaggio*, no Município de Farroupilha-RS, constituída pela sede e por sete capelas.

Como objetivos específicos, a pesquisa busca:

- a) promover uma discussão sobre o conceito de igreja como lugar de hospitalidade, lugar do sagrado, religiosidade popular e identidade cultural;
- b) apresentar o Santuário N. Sra. de *Caravaggio*, em seus aspectos históricos, sua localização geográfica, suas dinâmicas, em relação às sete capelas e descrever o processo de constituição, bem como as dinâmicas atuais no Santuário N. Sra. de *Caravaggio*, no Município de Farroupilha-RS;
- c) analisar as narrativas dos que participam da vida do Santuário e das capelas acerca da hospitalidade oferecida;
- d) realizar o cruzamento dos relatos de pessoas envolvidas com o Santuário e as capelas, considerando os referenciais de hospitalidade e religiosidade popular.

Logo, o estudo visa conhecer a relação que ocorre entre a hospitalidade e a religiosidade popular, tendo presente o espírito de pertencimento e empenho dos moradores das comunidades rurais que constituem essas capelas, integrantes da Igreja Católica, que atuaram e/ou atuam no Santuário. Nesse sentido, a busca de compreender a hospitalidade, que é característica daquele lugar, tem o intuito de avançar no conhecimento relacionado ao acolhimento da Igreja e de entender as possíveis contradições em relação ao acolhimento daqueles que chegam ao templo. Para tanto, ao longo da pesquisa buscou-se responder às seguintes questões:

- a) Como se dá a formação identitária e constituição das comunidades rurais (capelas) na região de localização do Santuário N. Sra. de *Caravaggio*?

- b) O que fez com que a capela N. Sra. de *Caravaggio* se tornasse Santuário com expressiva representatividade e atratividade?
- c) O que motiva a hospitalidade oferecida aos peregrinos pelas comunidades das sete capelas com o Santuário N. Sra. de *Caravaggio*?
- d) Como se dá o vínculo de pertencimento das comunidades das sete capelas com o Santuário?
- e) Por que as comunidades rurais da região do Santuário N. Sra. de *Caravaggio* mantêm a força da religiosidade popular e a identidade católica?

Para o desenvolvimento da pesquisa, a discussão teórica dialogou com a literatura da hospitalidade, religiosidade popular, cultura italiana e a religião dos imigrantes italianos, com a organização da igreja à qual pertence o Santuário e as devoções dos moradores e frequentadores das capelas e do Santuário. A escolha do referencial teórico foi construída no projeto de doutorado, e a pesquisa de campo foi realizada, posteriormente, conforme está descrito na metodologia deste estudo.

É importante destacar que houve uma exaustiva revisão bibliográfica na construção do projeto, para apoiar o quadro teórico escolhido, que envolve a identificação das teses e dissertações já realizadas, a bibliografia produzida sobre o Santuário, os Livros de Tombo do Santuário e das capelas, as histórias das capelas e os estudos realizados sobre a hospitalidade da Igreja.

1.1 PROCESSO DE DESCOBERTA DA PESQUISA

A motivação para a realização de pesquisa, a respeito da hospitalidade na Igreja, surgiu do interesse por uma compreensão mais efetiva no tocante à hospitalidade/acolhimento que ocorre nessa Instituição. Minha caminhada para chegar até aqui teve como origem a memória do acolhimento que vivenciei em minha família e do local em que residi na infância. Estudei em uma escola estadual denominada Escola Rural Padre Antônio Serraglia, que ministrava o ensino de primeira à quinta série. Nessa escola, estudei de 1963 até 1968. Aos 13 anos, em 1969, saí de minha terra natal, Protásio Alves, então distrito do Município de Nova Prata, região rural, para residir em centro urbano - Caxias do Sul -, a fim de continuar os estudos escolares. A prioridade eram os estudos. Realizei o curso de nível ginásial no Colégio Emílio Mayer (1970-1973). Realizei o Ensino Médio, com o curso Técnico de Contabilidade, no Colégio Nossa Senhora do Carmo (La Salle/Carmo), na área de Administração (1974-1976). Na Universidade de Caxias do Sul, cursei graduação em Administração de Empresas (1977-1981),

área em que exerço atividade profissional ao longo dos anos. Realizei diversos cursos na área de Ciências Humanas, na linha da ética e da religião, na Universidade de Caxias do Sul, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e Pontifícia Universidade Católica do RS (PUC-RS). Realizei cursos de Especialização em Teologia Pastoral (2004-2005) e em Espiritualidade no Trabalho e Organizações Ecoengajadas (2014-2015), ambos pela Universidade de Caxias do Sul.

A comunidade religiosa em que estava envolvida motivou-me a refletir e pensar sobre o sentido da hospitalidade e o propósito da convivência fraterna. Percebi que o “acolher bem” nas comunidades-igreja, não só locais, mas em todo o País, era um anseio expresso nos documentos da ação da Igreja Católica. Ao me propor pela continuidade dos estudos e pela área de conhecimento da hospitalidade, a decidi estudar a hospitalidade/acolhimento no Santuário N. Sra. de *Caravaggio*, em Farroupilha-RS, para buscar a compreensão dos nexos que inspiravam e motivavam um significativo número de pessoas afluírem para aquele lugar, de forma constante e com público crescente, no decorrer do tempo. Isso também iria ao encontro do propósito do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade - PPGTURH, da Universidade de Caxias do Sul, em que me integrei em 2015, cursando o Mestrado e, após, o Doutorado.

A pesquisa no Santuário N. Sra. de *Caravaggio*, em nível de Mestrado já tinha revelado alguns nexos que unem a necessidade de transcendência de tantas pessoas que buscam realizar a experiência da fé, nas visitas ao local. Por meio do sentimento devocional à Santa, os visitantes buscam ser acolhidos em suas necessidades, no sentido de renovar a vida, encontrar consolo nas situações de aflição, enfim, objetivam renovar esperanças.

Fui percebendo que a condição de ruralidade, de italianidade, de preservação da memória cultural; a fé, o espírito devocional, a vida comunitária, a solidariedade, entre os moradores das comunidades das capelas; a sensibilização com situações emergentes de outros lugares e com os peregrinos, dentre outros, sinalizam o sentimento de pertença à comunidade do Santuário e o espírito de mobilização, para realizarem o melhor de si em benefício dos que mais necessitam. Esse espírito faz de *Caravaggio* um lugar acolhedor, um lugar de hospitalidade, um lugar de sensibilidade com o “outro”, com aquele que chega para sua experiência religiosa.

No doutorado, a partir de 2019, decidi aprofundar a pesquisa em *Caravaggio*, em busca de sinalizadores que apontassem as relações de hospitalidade e pertença que emergiram, a partir da prática da religiosidade popular e da constituição do lugar, como atrativo turístico-religioso. A prática de hospitalidade, o envolvimento religioso e devocional, relacionado à N. Sra. de

Caravaggio, as relações de pertencimento e empenho das comunidades das capelas, em função do Santuário e da solidariedade no acolhimento aos peregrinos - que trazem consigo um complexo mundo de aflições, desejos e esperanças - contribuem para o fenômeno da mobilidade humana. Esses peregrinos recorrem à fé, atraídos pela pessoa de Nossa Senhora, que acolhe a todos, independentemente das peculiaridades individuais que cada um traz consigo. Minha participação no grupo de pesquisa AMORCOMTUR ocorre a partir de agosto de 2023, grupo liderado por Maria Luiza Cardinale Baptista, da Universidade de Caxias do Sul, que desenvolve estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese (CNPq/UCS) e envolve a discussão de Ecossistemas Turístico-Comunicacionais-Subjetivos. Minha participação nesse grupo foi importante para a conclusão de meus estudos no programa de Turismo e Hospitalidade.

O presente estudo discorre a respeito da presença das comunidades rurais no comprometimento da constituição do Santuário e as ações que são oferecidas, para garantir a hospitalidade, seguindo o conceito de Correia (2014) sobre a mesma. A influência da imigração italiana na formação da cultura da região foi um fator importante para a manutenção da religiosidade na identidade cultural das comunidades. Portanto, a ruralidade, a etnicidade e a religiosidade favoreceram a hospitalidade, e a pesquisa versa sobre essas relações que as comunidades mantiveram sob a ótica da Igreja e de sua hospitalidade.

O estudo sobre a origem e organização das sete capelas, que existem no entorno do Santuário, faz parte desta pesquisa, uma vez que muitas fontes foram utilizadas para escrever sobre as mesmas. Esses dados, sustentados na pesquisa histórica, fazem parte de um dos objetivos do projeto de construção da tese. O método de história oral e a análise textual discursiva foram os caminhos metodológicos usados na pesquisa.

1.2 ESTRUTURAÇÃO DA TESE

O estudo foi dividido em dez capítulos, sendo que o **primeiro** trata da apresentação do tema da pesquisa, dos objetivos, da justificativa e de como foi realizada a pesquisa.

O **segundo** capítulo apresenta a metodologia que contribuiu para a compreensão do fenômeno da hospitalidade - identificada como acolhimento -, assim identificada no percurso da pesquisa. A metodologia implicou a organização da pesquisa documental, que deu suporte para a construção do referencial teórico e para a seleção de documentos para escrever a história do Santuário e das sete capelas. Além de pesquisa documental, foi realizada pesquisa de campo, reunindo relatos de autoridades eclesiásticas, moradores da sede e das sete capelas, com o uso

do método da história oral. Foram realizadas entrevistas com os sujeitos selecionados, e os relatos foram analisados pelo método de análise textual discursiva de Moraes e Galiazzi (2007).

O **terceiro** capítulo aborda a hospitalidade e seus lugares privilegiados, que evidenciam a capacidade de acolher, receber e retribuir experiência com o outro. A hospitalidade se dá na relação com o outro e impõe ações fundamentais que contribuem para o desenvolvimento das sociedades. A hospitalidade é o lugar do acolhimento, espaço propício para exercer a cortesia cívica de responsabilidade e bondade, e que convida a entrada do “outro” por meio da oferta de acolhimento. A Igreja, comparada à casa, é o lugar em que a pessoa é acolhida, para viver a experiência da casa comum, de que falam, também, os textos bíblicos e geram uma identidade voltada à alteridade e à caridade.

O **quarto** capítulo fundamenta a compreensão a respeito da religiosidade popular e a experiência religiosa em comunidades católicas constituídas pela colonização italiana no Rio Grande do Sul, com a finalidade de caracterizar a religiosidade, que ocorre no âmbito do local da pesquisa. A religiosidade popular reúne traços da crença religiosa vivida na cultura, no tempo e no espaço. Implica a fé, as devoções, as práticas devocionais trazidas pelos imigrantes italianos, a organização nas colônias da imigração e suas vivências na vida cotidiana. Na região da pesquisa, vê-se que essa dinâmica da religiosidade influenciou e garantiu a manutenção de um lugar de expressão da religiosidade popular, que passou a atrair grande número de visitantes.

O **quinto** capítulo trata da italianidade, identidade e ruralidade, que contribuíram para o desenvolvimento do sentimento de pertença a um grupo social, formado por comunidades que, juntas, constituíram uma comunidade maior, alicerçada na prática religiosa e em torno da devoção à N. Sra. de *Caravaggio*, que deu nome ao local. A italianidade e a ruralidade se mostraram importantes sinalizadores na formação da identidade local, fundamentada na religiosidade popular, pela fé e devoção à Santa, e fortaleceram a relação de hospitalidade, por meio do acolhimento mútuo e com os visitantes/peregrinos.

O **sexto** capítulo apresenta a história do Santuário e suas diversas etapas de administração, desde a constituição da primeira capela, sua organização e a dinâmica da gestão até a contemporaneidade.

O **sétimo** capítulo trata da história das sete capelas, desde que foram fundadas, as condições geográficas, a constituição de lideranças, as práticas devocionais e as formas de gestão comunitária desenvolvidas em cada capela.

O **oitavo** capítulo traz fragmentos de falas dos entrevistados, dispostas em quadros, e que visaram favorecer a construção das categorias de análise.

O **nono** capítulo apresenta a análise dos dados, a partir das categorias analíticas decorrentes das falas dos entrevistados. Três foram as categorias analíticas que emergiram dos relatos: hospitalidade no Santuário e o Santuário como lugar de hospitalidade; religiosidade popular construída na comunidade; e o sentimento de pertença, como elemento identitário.

O **décimo** capítulo apresenta as considerações finais.

O estudo, portanto, está dividido em duas partes: na primeira parte, consta a introdução, a metodologia, o quadro teórico; na segunda parte, consta a pesquisa realizada sobre a constituição do Santuário e das sete capelas que fazem parte do estudo; a apresentação dos resultados da pesquisa de campo, que foi realizada em *Caravaggio*, nas sete capelas e com os moradores e autoridades eclesiástico-religiosas, definidos pelo estudo, bem como as conclusões, as referências bibliográficas e os anexos.

2 METODOLOGIA

O presente capítulo explicita os caminhos que a pesquisa utilizou para o seu desenvolvimento. A pesquisa de natureza qualitativa tem como objetivo analisar a relação entre religiosidade popular, hospitalidade, considerando o sentimento de pertença à comunidade do Santuário N. Sra. de *Caravaggio*, no Município de Farroupilha-RS. E assim, contribuir para a compreensão do fenômeno da hospitalidade, que ocorre com os moradores da sede do Santuário N. Sra. de *Caravaggio* e das sete capelas de sua jurisdição, e na relação desses com os peregrinos que visitam o Santuário.

O estudo foi dividido em três etapas: na primeira, houve a organização do projeto, a realização de pesquisa documental, a construção do referencial teórico e da seleção de documentos, para escrever, além do suporte teórico, a história das sete capelas que integram a paróquia N. Sra. de *Caravaggio*, as quais têm o Santuário de mesmo nome como sede. Essas capelas são: Santa Juliana, São Tiago, São Victor e Santa Corona (situadas no Município de Flores da Cunha), N. Sra. de Monte Bérico, N. Sra. das Dores, São José e Todos os Santos (situadas no Município de Farroupilha). A pesquisa documental buscou dados da fase inicial de ocupação do território pela imigração, nas localidades das capelas, que teve início em 1876.

A segunda etapa da pesquisa envolveu ações investigativas para conhecer, por meio de relatos de moradores, os quadros sociais das localidades em que as capelas se formaram, bem como as relações destas com a capela-sede, que se tornou Santuário. Com essa finalidade, foi usado o método de pesquisa de história oral, por meio de entrevistas abertas, a partir da concepção de Delgado (2003, 2010) e Portelli (1997).

Na terceira etapa, foi realizada a análise das entrevistas com moradores da sede, das capelas e com autoridades religiosas que tiveram envolvimento com o Santuário. A partir das narrativas desses representantes, nasceram as categorias analíticas, pelo uso do método de “análise textual-discursiva” (Moraes; Galiuzzi, 2007). A terceira etapa dialoga com o quadro teórico e com as narrativas que nasceram das entrevistas realizadas.

2.1 HISTÓRIA ORAL

O método utilizado foi o da *história oral*, que tem como uma das suas características estabelecer um diálogo sobre o tema e abrir um espaço de escuta entre o narrador e o pesquisador. Dois autores foram suporte para essa escolha: Alexandro Portelli (1997; 2016) e

Lucila Delgado (2003; 2010), que explicitam a importância da história oral como metodologia qualitativa. Na perspectiva de Portelli, a história oral é uma forma de promover o diálogo, “[...] é uma arte da escuta” e está baseada num conjunto de “relações entre entrevistados e entrevistadores, entre o tempo em que o diálogo acontece e o tempo histórico discutido na entrevista, entre a esfera pública e privada, entre a oralidade da fonte e a escrita do historiador” (Portelli, 2016, p. 12).

Portelli (2016, p.10) enfatiza que fontes históricas orais são fontes “narrativas individuais, informais, dialógicas, criadas no encontro entre historiador e narrador”. Quanto à credibilidade, esse autor argumenta que

[...] fontes orais são aceitáveis, mas com uma credibilidade diferente. A importância do testemunho oral pode se situar não em sua aderência ao fato, mas de preferência em seu afastamento dele, como imaginação, simbolismo e desejo de emergir. Por isso, não há falsas fontes orais. Uma vez que tenhamos checado sua credibilidade factual, que são requeridos por todos os tipos de fontes em qualquer circunstância, a diversidade da história oral consiste no fato de que afirmativas “erradas” são ainda psicologicamente “corretas”, e que esta verdade pode ser igualmente tão importante quanto registros factuais confiáveis (Portelli, 1997, p. 32).

Portelli defende que muitas fontes escritas são baseadas na oralidade, e que a oralidade moderna está embebida no mais alto grau de escrita. Na perspectiva desse autor, a memória não é apenas um depósito passivo de fatos, mas é também um processo ativo de criação de significações.

Além de Portelli, utilizou-se o referencial de história oral postulado por Delgado (2010), que defende a concepção de que a história oral é

[...] um procedimento, um meio, um caminho para a produção do conhecimento histórico. Traz em si um duplo ensinamento: sobre a época enfocada pelo depoimento- o tempo passado, e sobre a época na qual o depoimento foi produzido- o tempo presente. [...] O passado espelhado no presente reproduz, através das narrativas, a dinâmica da vida pessoal em conexão com processos coletivos (Delgado, 2010, p.16).

Essa autora chama a atenção de que a memória é a fonte dos depoimentos orais e revela as lembranças do que o narrador narra. É uma característica fundamental da metodologia qualitativa e é uma possibilidade de “recuperar memórias locais, comunitárias, regionais, étnicas, de gênero, nacionais, entre outras, sob diferentes óticas e versões” (Delgado, 2010, p.19).

Para a análise das entrevistas realizadas em cada contexto, foi utilizada a análise textual-discursiva, que, por meio da criação de categorias analíticas, permite examinar as narrativas dos entrevistados. O suporte metodológico baseou-se na abordagem teórico-metodológica de

Moraes e Galiuzzi (2007), que consideram a análise textual-discursiva como uma possibilidade de análise para pesquisas de natureza qualitativa e de caráter hermenêutico. Essa análise permite uma construção ou reconstrução teórica, numa visão hermenêutica de reconstrução de significados, a partir de perspectivas de uma diversidade de sujeitos envolvidos nas pesquisas. Para Alberti, pode-se dizer que a postura envolvida com a história oral é genuinamente hermenêutica. Uma entrevista pode “proporcionar a possibilidade de tornar a vivenciar as experiências do outro, a que se tem acesso sabendo *compreender* as expressões de sua vivência” (Alberti, 2004, p. 18). O exercício da compreensão significa realizar um verdadeiro trabalho de hermenêutica, de interpretação. No caso de entrevistas de história oral, esse exercício requer uma preparação criteriosa, capaz de transformar o entrevistador em interlocutor à altura dos entrevistados, e de entender suas expressões de vida e de acompanhar seus relatos.

Para análise das narrativas que nascem das entrevistas, foi escolhido o método da *análise textual-discursiva* de Moraes e Galiuzzi (2007), que propõem três componentes para realizar a análise: a desconstrução dos textos do *corpus*, ou unitarização; o estabelecimento da relação entre os elementos unitários (categorização); e a análise dos textos. No primeiro componente - a desconstrução ou unitarização -, os textos são examinados detalhadamente e é realizada uma fragmentação para a elaboração de unidades constituintes referentes ao objeto de estudo.

A categorização implica um processo “de comparação constante entre as unidades definidas no momento inicial da análise, levando a agrupamentos de elementos semelhantes” (Moraes; Galiuzzi, 2007, p. 22). Estes conjuntos de elementos constituirão as categorias analíticas. A etapa de categorização, além de juntar elementos parecidos, nomeia e define as categorias cada vez com mais precisão, conforme forem sendo constituídas. Essa explanação acontece através de retorno cíclico aos elementos anteriores, para a construção do significado de cada uma das categorias. Estas categorias podem ser elaboradas em diferentes níveis e, em alguns casos, inclusive, assumem “as denominações de iniciais, intermediárias e finais, constituindo, cada um dos grupos, na ordem apresentada, categorias mais abrangentes e em menor número” (Moraes; Galiuzzi, 2007, p. 23).

Na presente pesquisa, o método de categorização objetiva elaborar categorias, com base nas unidades de análise que foram construídas, a partir do *corpus* da pesquisa. Em seguida, a análise e a produção do metatexto, com base na unitarização e categorização a ocorrerem nas etapas anteriores. A análise visa a descrever os discursos apresentados nas categorias e subcategorias, validando e fundamentando as “descrições a partir de interlocuções empíricas ou ancoragem dos argumentos em informações retiradas dos textos” (Moraes; Galiuzzi, 2007,

p. 35). O objetivo da análise textual é aprofundar os significados e elaborar novos sentidos e teorias, a partir do material que constitui o *corpus*, por meio das entrevistas.

2.1.1 Tipo de amostra e seleção dos sujeitos da pesquisa

O presente estudo utilizou uma amostra por conveniência, - uma vez que os sujeitos pesquisados são representantes que atuaram na gestão do Santuário -, composta por autoridades eclesiais constituídas de bispos, reitores e padres que exerceram ação no Santuário e no atendimento às capelas e moradores que exerceram funções de liderança e conhecem a história da capela a que pertencem e a história do Santuário. Logo, a amostra é intencional, por conveniência, ou seja, não aleatória. As amostras de conveniência, ou não aleatórias, de acordo com Pereira,

[...] são usadas intencionalmente em muitas ocasiões. Por vezes os especialistas se referem a elas simplesmente como “amostras selecionadas”, significando que os elementos que dela fazem parte foram selecionados por um julgamento de valor, e não por aleatoriedade estatística (Pereira, 2003, p. 342).

Para analisar laços de pertencimento da comunidade rural, pela expressão da religiosidade popular no fortalecimento ao Santuário Nossa Senhora de *Caravaggio*, em Farroupilha-RS, utilizou-se os seguintes critérios de seleção dos participantes entrevistados na pesquisa: 1) ter vínculo com o Santuário; 2) ser idoso e conhecer a história da capela a que pertence e a história do Santuário; 3) ter vínculo de atuação comum, isto é, com a respectiva capela vinculada ao Santuário e com o Santuário; 4) ter participado, efetivamente, do serviço ao Santuário, nos dias de romarias e/ou na vida cotidiana do Santuário; 5) ter disponibilidade para participar da pesquisa e aceitar a publicação dos seus depoimentos, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme Apêndice B.

A amostra foi constituída por 35 participantes. Destes, 10 pertencem ao clero, uma é religiosa, e 24 referem-se a lideranças constituídas como agentes de pastoral, representantes de cada uma das sete capelas e mais do Santuário, como mostra o Quadro 1. Este quadro apresenta os entrevistados da pesquisa, numerados de 1 a 35, agrupados por comunidades a que pertencem (Santuário e capelas), com a informação da idade do entrevistado por ocasião da entrevista, sua condição funcional como autoridade eclesial ou morador, seguido de codificação para facilitar as citações na análise dos dados. Para autoridade eclesial, utilizou-se o código AE, seguido de número do entrevistado, de 1 a 10, número total de autoridades entrevistadas. Para codificar os moradores entrevistados, utilizou-se o código M, seguido da inicial S para morador da sede do Santuário e, iniciais do nome da capela, para o caso de moradores das capelas,

seguido do número do entrevistado. Por exemplo: para morador na sede do Santuário, utilizou-se MS, seguido do número de 1 a 5, que identifica cinco moradores que foram entrevistados, resultando na identificação MS1, para o primeiro entrevistado. Para a Capela Santa Juliana, a identificação resultou em MCSJu1, para o primeiro entrevistado desta capela. E assim, sucessivamente, para as demais. As entrevistas constituíram-se em 22 horas e 11 minutos de gravação, que resultaram 165 páginas de transcrição, em fonte *Times New Roman* 11, espaçamento 1,15.

Quadro 1 - Entrevistados da pesquisa

(continua)

Nº Part.	Autoridades/Capelas/ Comunidades	Entrevistado	Idade	Código
		(Autoridades eclesíásticas)		AE
1			86	AE1
2			73	AE2
3			52	AE3
4			59	AE4
5			51	AE5
6			85	AE6
7			37	AE7
8			65	AE8
9			80	AE9
10			74	AE10
	Sede/Santuário	(Morador nas proximidades do Santuário)		MS
11			94	MS1
12			75	MS2
13			73	MS3
14			61	MS4
15			45	MS5
	Capela Santa Juliana	(Morador na Capela Santa Juliana)		MCSJu
16			78	MCSJu1
17			69	MCSJu2
18			68	MCSJu3
19			56	MCSJu4
	Capela São Victor e Santa Corona	(Morador na Capela São Victor e Santa Corona)		MCSVC
20			49	MCSVC1
21			84	MCSVC2
22			77	MCSVC3
	Capela São Tiago	(Morador na Capela São Tiago)		MCST
23			64	MCST1
24			83	MCST2
25			61	MCST3
	Capela N. Sra. de Monte Bérico	(Morador na Capela N. Sra. de Monte Bérico)		MCNSMB
26			60	MCNSMB1
27			86	MCNSMB2
28			50	MCNSMB3
29			75	MCNSMB4

(conclusão)

	Capela N. Sra. das Dores	(Morador na Capela N. Sra. das Dores)		MCNSD
30			42	MCNSD1
31			58	MCNSD2
	Capela São José	(Morador na Capela São José)		MCSJo
32			87	MCSJo1
33			85	MCSJo2
	Capela Todos os Santos	(Morador na Capela Todos os Santos)		MCTS
34			85	MCTS1
35			63	MCTS2

Fonte: Elaboração da autora (2023).

Todos concordaram em participar do estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Dentre os participantes, seis entrevistados participaram da pesquisa anterior, como mencionado anteriormente. Na Capela N. Sra. das Dores, não foi possível entrevistar pessoas mais idosas, em virtude das circunstâncias do momento. Dado o contexto e as condições das pessoas entrevistadas, essas foram consideradas satisfatórias.

2.1.2 Entrevistas

A técnica utilizada para a pesquisa de campo foi a entrevista temática, considerando o referencial teórico de Delgado (2010). De acordo com essa autora, por meio da narrativa as pessoas lembram o que aconteceu, e visitam esses lugares em suas memórias.

A entrevista temática leva em consideração um tema em que o entrevistado é convidado a contar e narrar acontecimentos relacionados ao tema e ao contexto social correspondente. Para essa autora, a entrevista temática se refere a

[...] experiências ou processos específicos vividos ou testemunhados pelos entrevistados. As entrevistas temáticas podem, por exemplo, constituir-se em desdobramentos dos depoimentos de história de vida, ou compor um elenco específico vinculado a um projeto de pesquisa (Delgado, 2010, p. 22).

A entrevista temática possui uma dinâmica que segue etapas e procedimentos, sendo que o entrevistador não deve interferir nas respostas, para não prejudicar o processo da entrevista, evitando demonstrar surpresas com os relatos. A entrevista deve ser preparada e seguir roteiro conforme projeto de pesquisa. As questões norteadoras propostas para as entrevistas devem ser observadas, segundo projeto de pesquisa. No Apêndice A, encontram-se as questões básicas do roteiro utilizado neste estudo.

As entrevistas desenvolvidas na pesquisa são individuais, guiadas, gravadas com os sujeitos definidos pelo estudo e transcritas. Neste estudo, foram utilizadas também algumas

entrevistas que foram realizadas com moradores e autoridades eclesiásticas em 2018, quando da pesquisa de meu mestrado, a respeito da hospitalidade na romaria de *Caravaggio*, sob a ótica da Igreja Católica, com a concordância atual dos mesmos, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B).

As entrevistas contribuem para a formação do *corpus* da pesquisa. Para Delgado (2003, p. 23), “a história oral é uma metodologia voltada à produção de narrativas como fonte do conhecimento, mas principalmente do saber”. As narrativas se constituem traduções de registros das experiências retidas e contêm a força da tradição; muitas vezes relatam o poder das transformações.

Delgado (2010, p. 27) relembra a importância de seguir dois procedimentos nas entrevistas: respeitar os silêncios e as não respostas, e evitar questões rígidas, que possam “interromper a narrativa”. Comenta que perguntas longas e não claras podem confundir o narrador e que é fundamental respeitar a espontaneidade e a fidedignidade do depoimento. O local da entrevista também foi observado para que o narrador se sentisse à vontade para expressar suas percepções.

É importante registrar que algumas entrevistas foram realizadas no período da pandemia, o que significa que foram gravadas por computador, pois os narradores tinham preocupação com o contato do pesquisador. Todas as entrevistas foram realizadas pela autora da pesquisa.

2.2 OUTRAS FONTES DA PESQUISA

Para o desenvolvimento da pesquisa, buscou-se reunir fontes que atendessem aos temas-chave a que o estudo se propôs, a fim de estudar a hospitalidade, num espaço que envolve o aspecto religioso, motivado por uma crença religiosa. Esse espaço é marcado por um santuário e sete capelas a ele agregadas, em área rural, colonizada por imigrantes italianos, que, com sua expressão cultural e religiosa, contribuíram significativamente para a manutenção e o fortalecimento da religião para as comunidades locais e para os peregrinos que o visitam e que retornam, periodicamente, para pedir e agradecer benefícios espirituais.

Para a história local do Santuário N. Sra. de *Caravaggio*, os Livros de Tombo do Santuário foram a principal fonte de pesquisa histórica. Esses registros constam em cinco volumes, escritos manualmente, com início em 1913. É importante destacar que o padre, nomeado para aquele ano, foi incumbido de registrar a história desde o surgimento da comunidade, a primeira naquela região, onde se fixaram os imigrantes em 1876. É

responsabilidade de pároco local fazer o registro sistemático dos principais fatos ocorridos na paróquia, à medida que eles ocorrem.⁵

A partir de 1968 até 2018, a Paróquia N. Sra. de *Caravaggio* passou a ter vida própria, independente do Santuário, e um padre foi nomeado para geri-la. Dessa forma, foi originado um Livro de Tombo da paróquia⁶ para registrar os fatos que ocorriam nas sete capelas. No dia 12 de dezembro de 2018, o então bispo em exercício, Dom Alessandro Ruffinoni, nomeou o reitor do Santuário, para acumular a função de pároco da Paróquia N. Sra. de *Caravaggio*. Foi notável e repercutiu inclusive na atualidade o fato de as comunidades terem sido integradas, formalmente, ao Santuário, pela autoridade eclesiástica. Nas primeiras manifestações, expressaram-se dizendo terem aguardado cinquenta anos por essa decisão.

Ainda como fontes históricas que abordaram a região do Santuário, compõem-se de importantes fontes as obras de Bertuol (1950), Decó (1994), Crocoli (2003) e Vailatti (2017), escritores que nasceram na região do Santuário, e Zorzi (1986), bispo da Diocese de Caxias do Sul, onde está inserido o Santuário e que contribuiu com sua história; viveu seus últimos anos residindo no local. Nesse período, auxiliou na gestão e escreveu a respeito da vida do Santuário.

Além dos Livros de Tombo e da produção literária produzida pelas capelas, pelos municípios e pela própria Igreja, foi realizada uma revisão acerca da bibliografia produzida na região; foram selecionados mapas que pudessem ilustrar a constituição do território de abrangência do Santuário e das capelas. A pesquisa também contou com documentos que foram localizados nas capelas e na residência de moradores das capelas e em arquivos públicos.

2.3 LOCAL DE ESTUDO: O SANTUÁRIO N. SRA. DE *CARAVAGGIO* E AS SETE CAPELAS

O Santuário N. Sra. de *Caravaggio*, em Farroupilha-RS, localiza-se no 1º distrito desse município, a 6 km do centro da cidade. A região em que está inserido é área rural. O mesmo ocorre com suas sete capelas: Santa Juliana, São Victor e Santa Corona, São Tiago, N. Sra. de Monte Bérico, N. Sra. das Dores, São José e Todos os Santos. As três primeiras localizam-se no vizinho Município de Flores da Cunha, em seu 4º distrito. E as demais, quatro, pertencem

⁵ Os registros, nos Livros de Tombo do Santuário N. Sra. de *Caravaggio*, se mantêm continuamente até a atualidade. Vale ressaltar que, inicialmente, a Paróquia N. Sra. de *Caravaggio* envolvia todo o território que continha o Santuário e as sete capelas (além das que foram desmembradas para compor a paróquia vizinha, a de São Marcos). Em 1968, com a separação do Santuário desta paróquia, permaneceram somente as sete capelas, que compunham a paróquia. E em 2018, ocorreu a reintegração dessa paróquia à jurisdição do Santuário.

⁶ Neste estudo, esse livro foi designado de “Livro de Tombo das capelas” (LT cap).

ao Município de Farroupilha, sendo a sede (Santuário), Todos os Santos e São José se localizam no 1º distrito, e as de N. Sra. de Monte Bérico e das Dores, no 2º distrito.

Farroupilha está localizada no nordeste do estado, distante 111 km da capital Porto Alegre, e a 19 km de Caxias do Sul. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), ainda com dados do Censo de 2010, por não constar com atualização no Censo de 2022, era de 0,777, e o Produto Interno Bruto (PIB) *per capita*, estimado do ano de 2021, era de R\$ 59.633,50 (IBGE, 2024). Sua população, no Censo de 2022, foi de 70.286 habitantes (IBGE, 2024). Quanto à classificação da população por religião, 85,16% da população se declarou católica, 9,81% se declararam evangélicos e 1,29% informaram ser espíritas, ainda conforme dados do Censo anterior (2010), pois não consta atualização no Censo 2022, pelo IBGE. Ainda no Censo de 2010, a população rural apurada era de 13,49%, enquanto a urbana representava 86,51% (IBGE, 2022; 2024).

Localizada na microrregião de Caxias do Sul, Farroupilha possui uma área urbana de 40,32 km² e uma área rural de 318,98 km². Está situada a 783 metros acima do nível do mar e em clima subtropical. A economia do município é diversificada. Entretanto, destaca-se a indústria representando maior participação no crescimento econômico, com expressão do setor metalomecânico, seguida pelo segmento de embalagens, comércio atacadista e varejista, pela agricultura e por serviços. É considerada a capital nacional da malha, maior produtor de kiwi e de uvas moscatéis do País. A região em que estão inseridos o Santuário e suas sete capelas é essencialmente agrícola, com produção preponderante de vitivinicultura e produtos hortifrutigranjeiros.

O turismo local tem sua maior expressão no segmento religioso, cultural, de parques, feiras e museus. Seu maior atrativo é o Santuário N. Sra. de *Caravaggio*, que anualmente recebe em torno de 1,5 milhões de pessoas⁷ provenientes de todos os estados do Brasil e de mais de oitenta países. Na romaria de maio de 2016, foi estimada a presença de 180 mil peregrinos (Santuário N. Sra. de *Caravaggio*, 2016); em 2017, foram 70.000, em período em que ocorreu muita chuva nos dias da romaria (Santuário N. Sra. de *Caravaggio*, 2017) e, em 2018, os dados foram de 145.000 peregrinos (Santuário N. Sra. de *Caravaggio*, 2018b). Em 2019, nos dois dias de romaria, foi estimado um público de 130 mil pessoas. Porém, considerando as pré-romarias

⁷ Com base no Relatório de Visitas de Peregrinos ao Santuário N. Sra. de *Caravaggio* de 2003 a 2017, a média de visitantes anuais era de 1,5 milhões de pessoas, que representavam as visitas dos peregrinos, a partir de registros no livro de presenças e de frequência nas missas no Santuário, conforme dados disponibilizados pela direção do Santuário. Acervo do Santuário, Farroupilha, 2018 (Schvarstzhaupt, 2018, p. 108). Dados recentes, por contagem em celebrações, informadas pela gestão do Santuário e também divulgadas na imprensa local, dão conta de uma média anual de 2 milhões de visitas.

que ocorrem no local, a partir da metade de abril até o dia 26 de maio, o total de público foi de 200 mil pessoas (Rádio Miriam, *Caravaggio*, 2019). As romarias de maio, nos anos de 2020 e 2021, ocorreram de forma virtual, com celebrações transmitidas pelas mídias sociais do Santuário, com público presente restrito, seguindo a determinação das autoridades do Município e da Igreja Católica local, em virtude da pandemia Covid-19.⁸ Em 2022, a romaria voltou a ser presencial e recebeu um público de 105 mil visitantes, nos quatro dias que envolveram a festividade. Em 2023, quase 80 mil peregrinos o visitaram e, em 2024, mais de 40 mil estiveram no Santuário, nos dois dias de romaria (Santuário N. Sra. de *Caravaggio*, 2024).

2.4 LIMITES DA PESQUISA

A presente pesquisa teve início em março de 2019, quando do ingresso no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, da Universidade de Caxias do Sul. Com a ocorrência da pandemia Covid-19 e com a determinação de haver distanciamento social, a partir de março de 2020, a região da pesquisa também foi atingida, impossibilitando, principalmente, a realização do trabalho de campo. Embora o campo da pesquisa fosse na região rural, a população local adotou cuidados, evitando contato com o público, por longo período de tempo.

Nesse período, consegui realizar coleta de dados em fontes que, anteriormente, foram disponibilizadas, como é o caso dos Livros de Tombo (Santuário e capelas) e publicações de autores que escreveram sobre a história do local, tais como: Bertuol, Decó, Zorzi, Crocoli, Vailatti, Pasa.

O campo da pesquisa, como mencionado anteriormente, está no contexto rural, e o ritmo de vida desse meio segue uma rotina de envolvimento agrícola, como o cultivo, a colheita, o trato com animais, a participação na vida religiosa das comunidades e no Santuário, nos fins de semana, e os momentos de lazer que os envolvem no contexto comunitário. Acrescenta-se a isso a participação de agricultores que exercem função em empresas locais, em determinadas

⁸ As mídias eletrônicas constituíram-se importantes instrumentos de divulgação e manutenção das relações entre o Santuário e seu público. Todas as celebrações ocorridas nos dias da romaria de *Caravaggio* foram transmitidas ao vivo, com imagem, pela página do Santuário de *Caravaggio* no *Facebook*, *Youtube* e *Instagram*, além de cobertura fotográfica no site e redes sociais. A Rádio Miriam de *Caravaggio* fez a cobertura ao vivo, com programas especiais, entrevistas, fotos, vídeos e a transmissão de celebrações. A TV Canção Nova realizou a transmissão da principal celebração que ocorreu às 10h30 do dia 26 de maio em rede nacional para todo o Brasil e para Portugal, bem como para todo o estado do Rio Grande do Sul, no dia 29 de maio. Os conteúdos de transmissões ao vivo, vídeos, fotos, matérias, *stories* e os mais diversos conteúdos transmitidos pelo site, *Youtube*, *Instagram* e *Facebook* alcançaram, nos dias da festa de 2022, um público estimado de 2 milhões de usuários e 450 mil visualizações. Se considerado todo o mês de maio, foram 4 milhões de pessoas alcançadas e 286 mil visualizações. Mais de 1.600 voluntários trabalharam na festa, nos diversos setores, formando uma rede de serviços em benefício dos romeiros (Rádio Miriam, *Caravaggio*, 2022).

horas do dia.⁹ Há de se considerar, inclusive, a questão do descanso e o horário do repouso, em função da própria atividade agrícola.

Nesse contexto, percebeu-se limitações no tempo disponível para as entrevistas. No caso do uso de tecnologias para a entrevista, por meio de videoconferência, observou-se que, embora estejam munidos de internet, há a questão do domínio dos recursos por parte dos entrevistados. Para que isso seja possível, requerem suporte externo de outrem. Dessa forma, definiu-se que as entrevistas seriam presenciais.

Para essa etapa da pesquisa, foram realizadas algumas entrevistas, como estudo piloto, e depois transcritas. No período de 10 a 25 de setembro de 2021, foram realizadas quatro entrevistas, uma com um padre do Santuário, uma com um religioso que deu atendimento à Paróquia N. Sra. de *Caravaggio*, de 1980 a 1983, e dois líderes pastorais moradores dessas comunidades. Dessas entrevistas, uma ocorreu de forma virtual pelo *Google Meet* e três ocorreram de forma mista: presencialmente entrevistado e entrevistador e, acompanhada pela orientadora da pesquisa, de forma remota, com o recurso do *Google Meet*. Algumas entrevistas, que foram realizadas com moradores e autoridades da Igreja, no período de 1º de março de 2017 a 19 de abril de 2018 - que fizeram parte da pesquisa de mestrado, que tratou da hospitalidade na romaria de *Caravaggio* sob a ótica da Igreja Católica - foram também utilizadas.

Essas entrevistas realizadas pelo *Google Meet* serviram de estudo piloto para aprimorar o roteiro de pesquisa. No desenvolvimento das entrevistas, constatou-se a importância de os entrevistados saberem o motivo da pesquisa e da história da capela e do Santuário.

2.5 SÍNTESE ORIENTATIVA DA PESQUISA

Para realizar do estudo, foi construído um quadro de orientação (Quadro 2), que segue a seguir, com os objetivos da pesquisa e as questões norteadoras, a fim de definir o andamento da mesma. Foi utilizada a primeira matriz da estratégia metodológica Matrizes Rizomáticas proposta por Baptista (*in* Baptista; Eme, 2023). Esta matriz possibilita verificar a coerência da pesquisa entre os itens: título, foco, objetivo geral, questão de pesquisa, objetivos específicos e sumário, conforme a seguir.

⁹ Ao menos uma empresa, na Capela Todos os Santos, emprega funcionários em meio turno. No turno inverso, esses funcionários exercem trabalho agrícola em sua propriedade.

Quadro 2 – Síntese orientativa da pesquisa

(continua)

Título	Foco	Objetivo geral	Questão de pesquisa	Objetivos específicos	Sumário
Hospitalidade e religiosidade popular: sentimento de pertença à comunidade do Santuário N. Sra. de <i>Caravaggio</i> no Município de Farroupilha - RS	Hospitalidade e religiosidade popular, considerando o sentimento de pertença à comunidade do Santuário N. Sra. de <i>Caravaggio</i> no município de Farroupilha - RS	Analisar a relação entre hospitalidade e religiosidade popular, considerando o sentimento de pertença à comunidade do Santuário N. Sra. de <i>Caravaggio</i> , no Município de Farroupilha - RS	Qual a relação entre hospitalidade e religiosidade popular, considerando o sentimento de pertença à comunidade do Santuário N. Sra. de <i>Caravaggio</i> , no Município de Farroupilha- RS	<p>a) Promover uma discussão sobre o conceito de igreja, como lugar de hospitalidade, lugar do sagrado, religiosidade popular e identidade cultural.</p> <p>b) Apresentar o Santuário N. Sra. de <i>Caravaggio</i>, em seus aspectos históricos, localização geográfica, dinâmicas em relação às sete capelas. Descrever o processo de constituição e das dinâmicas atuais do Santuário N. Sra. de <i>Caravaggio</i>, no Município de Farroupilha- RS.</p> <p>c) Analisar as narrativas dos que participam da vida do Santuário e das capelas, acerca da hospitalidade oferecida.</p> <p>d) Realizar o cruzamento dos relatos de pessoas envolvidas com o Santuário e as capelas, considerando os referenciais de hospitalidade e religiosidade popular.</p>	<p>I PARTE: DO PROJETO AOS CAMINHOS TEÓRICOS</p> <p>1 INTRODUÇÃO</p> <p>1.1 PROCESSO DE DESCOBERTA DA PESQUISA</p> <p>1.2 ESTRUTURAÇÃO DA TESE</p> <p>2 METODOLOGIA</p> <p>2.1 HISTÓRIA ORAL</p> <p>2.1.1 Tipo de amostra e seleção dos sujeitos da pesquisa</p> <p>2.1.2 Entrevistas</p> <p>2.2 OUTRAS FONTES DA PESQUISA</p> <p>2.3 LOCAL DE ESTUDO: O SANTUÁRIO N. SRA. DE <i>CARAVAGGIO</i> E AS SETE CAPELAS</p> <p>2.4 LIMITES DA PESQUISA</p> <p>2.5 SÍNTESE ORIENTATIVA DA PESQUISA</p> <p>3 A HOSPITALIDADE E SEUS LUGARES PRIVILEGIADOS</p> <p>3.1 A IGREJA COMO LUGAR DE HOSPITALIDADE</p> <p>3.2 A IGREJA COMO LUGAR SAGRADO</p> <p>4 RELIGIOSIDADE POPULAR NA COMUNIDADE DE CARAVAGGIO</p> <p>4.1 A ORGANIZAÇÃO DAS CAPELAS NA COLÔNIA ITALIANA</p> <p>4.2 A RELIGIOSIDADE DOS IMIGRANTES ITALIANOS</p> <p>4.3 A CAPELA COMO INSPIRAÇÃO DE COMUNIDADE</p> <p>5 ITALIANIDADE, IDENTIDADE, SENTIMENTO DE PERTENÇA</p> <p>5.1 OS IMIGRANTES QUE SE INSTALARAM NO TERRITÓRIO DO SANTUÁRIO</p> <p>5.2 A IDENTIDADE E A CULTURA RELIGIOSA ITALIANA</p> <p>II PARTE: HISTÓRIA E MEMÓRIAS</p> <p>6 A HISTÓRIA DO SANTUÁRIO</p> <p>6.1 DA FORMAÇÃO DA CAPELA À ORGANIZAÇÃO DO SANTUÁRIO</p> <p>6.2 DA ELEVAÇÃO A SANTUÁRIO À FORMAÇÃO DA PARÓQUIA</p> <p>6.3 DE PARÓQUIA À DESVINCULAÇÃO DO SANTUÁRIO</p> <p>6.4 DA DESVINCULAÇÃO DO SANTUÁRIO DA PARÓQUIA À SUA REINTEGRAÇÃO</p>

(conclusão)

					<p>6.5 DA REINTEGRAÇÃO À ATUALIDADE</p> <p>7 A HISTÓRIA DAS SETE CAPELAS</p> <p>7.1 CAPELA SANTA JULIANA</p> <p>7.2 CAPELA SÃO VICTOR E SANTA CORONA</p> <p>7.3 CAPELA SÃO TIAGO</p> <p>7.4 CAPELA N. SRA. DE MONTE BÉRICO</p> <p>7.5 CAPELA N. SRA. DAS DORES</p> <p>7.6 CAPELA SÃO JOSÉ</p> <p>7.7 CAPELA TODOS OS SANTOS</p> <p>8 FALAS DOS ENTREVISTADOS NA PESQUISA</p> <p>9 ANÁLISE DOS DADOS</p> <p>9.1 HOSPITALIDADE NO SANTUÁRIO E O SANTUÁRIO COMO LUGAR DE HOSPITALIDADE</p> <p>9.2 RELIGIOSIDADE POPULAR CONSTRUÍDA NA COMUNIDADE</p> <p>9.3 SENTIMENTO DE PERTENÇA COMO ELEMENTO IDENTITÁRIO</p> <p>10 CONSIDERAÇÕES FINAIS</p> <p>REFERÊNCIAS</p> <p>GLOSSÁRIO</p> <p>APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS</p> <p>APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)</p> <p>APÊNDICE C - LINHA DO TEMPO: SANTUÁRIO E AS SETE CAPELAS</p>
--	--	--	--	--	--

Fonte: Elaboração da autora (2024), com base em Baptista e Eme (2023).

3 A HOSPITALIDADE E SEUS LUGARES PRIVILEGIADOS

O estudo trata da hospitalidade, na comunidade que foi criada no Santuário N. Sra. de *Caravaggio* e no seu entorno. A hospitalidade reflete a capacidade que a comunidade tem de acolher, receber e retribuir essa experiência com o outro.

Para sustentar a proposta, vários autores, que defendem o princípio da hospitalidade, foram discutidos neste capítulo, dentre eles, Baptista (2002), Levinas (1980) e Correia (2014). Esses autores dialogam entre si e defendem o conceito de que a hospitalidade impõe ações que conduzam a relação com o outro e que são fundamentais para o desenvolvimento das sociedades.

O conceito de hospitalidade prevê “[...] um conjunto de ações e gestos positivos em relação ao outro”, que qualifica as atitudes de acolhimento e as transforma em uma “[...] atitude humana e geradora de humanidade” (Correia, 2014, p. 218). O autor fundamenta esse conceito, por meio da semântica da hospitalidade, quando postula que o “ser humano só consegue ser em relação à sua identidade a partir da alteridade”. Chama a atenção, por meio de uma citação de Nouwen (2010, p. 107), que a “hospitalidade é a virtude que nos permite superar a estreiteza dos nossos próprios medos e abrir nossas casas ao desconhecido, com a intuição de que a salvação vem até nós sob a forma de um viajante cansado”. Esse pensamento é norteador para a hospitalidade cristã, segundo Correia, quando valoriza a hospitalidade e coloca o outro na sua condição. Abrir a casa para o outro não é uma tarefa fácil, e o desafio está no processo de acolhimento.

Nessa direção, Baptista (2002, p. 157) define a hospitalidade como “um lugar privilegiado de encontro interpessoal marcado pela atitude de acolhimento em relação ao outro”. A autora sustenta a dimensão ética desse encontro defendido por Levinas (1980), na obra *Totalidade e infinito*. Na perspectiva de Levinas, a hospitalidade se constitui um dos traços fundamentais da subjetividade humana, no sentido da disponibilidade da consciência para acolher a realidade do outro. Na presença do outro, o ser humano se defronta com um outro mundo interior, com o mistério que é próprio da subjetividade humana.

Baptista (2002) sustenta que a relação de proximidade proporciona “abraçar”, verdadeiramente, a aventura da descoberta, da realização e da superação de si. Nesse sentido, a hospitalidade se apresenta como experiência fundamental e constitutiva da própria subjetividade. Para Levinas (1980), a presença do outro, exterioridade absoluta, provoca o desejo metafísico, característica do desejo que não sabe o que deseja. Esse desejo surge como resposta a uma falta ou a um vazio. Para Baptista (2002), o humano começa na intencionalidade

da fruição e na dependência feliz, em relação às coisas do mundo. O mundo, nessa perspectiva, é compreendido como uma grande casa a ser partilhada solidariamente por uma multiplicidade de humanos.

Baptista (2002), ao abordar a dimensão ética da hospitalidade, indica que se deve assinalar a necessidade de criar e alimentar lugares de hospitalidade, que criem consciência de um destino comum e sentido de responsabilidade, que motive a ação solidária e a sensibilidade física e espiritual, em relação à vulnerabilidade do outro. A hospitalidade permite que essa sensibilidade se torne possível, por ser experiência e relação. Dessa forma, a hospitalidade rompe com o egoísmo, por permitir a entrada na esfera da realidade do outro.

As práticas de hospitalidade, no mesmo tempo em que resguardam o direito à privacidade e à intimidade, fortalecem a socialização dos indivíduos separados imperiosamente pelo mistério de suas subjetividades.

Acolher o outro como hóspede significa que aceitamos recebê-lo em nosso território, em nossa casa, colocando à sua disposição o melhor do que somos e possuímos. Contudo, nossa casa continua a ser isso mesmo, a nossa casa. Do mesmo modo, o outro mantém a liberdade do forasteiro, continuando a seduzir-nos com sua exterioridade e seu segredo. A hospitalidade permite celebrar uma distância e, ao mesmo tempo, uma proximidade, experiência imprescindível no processo de aprendizagem humana (Baptista, 2002, p. 162).

A autora preconiza que o mundo deve ser transformado num lugar mais humano, num lugar de hospitalidade. A hospitalidade e os espaços de socialização colaboram para o desenvolvimento de virtudes e do espírito de respeito com o outro, com o diferente.

A hospitalidade está relacionada a uma ligação afetiva com o mundo habitado. Dessa forma, a identidade pessoal nutre-se de laços de enraizamento temporal, que têm necessidade da vinculação a um ambiente natural, cultural e relacional, e, portanto, a um território de referência. A hospitalidade é uma sociabilidade primária essencial para a criação e manutenção de laços sociais; é um sinal de abertura e compreensão em relação ao outro. É, também, o reconhecimento da alteridade enquanto portadora de dignidade humana, portanto, merecedora de respeito (Baptista, 2008).

A hospitalidade, ou não, traz suas raízes de comportamentos originados na própria sociedade, e sua prática pode constituir-se caminho para a construção de uma condição social em que ocorram mais sinais de justiça e solidariedade. Compreendida como uma das maiores virtudes, a hospitalidade se constitui a base para um futuro de esperança, um novo paradigma de comportamento, que envolve relação interpessoal e espaços de convivência, que motivem e gerem espírito altruísta.

Na perspectiva de Baptista (2008), a hospitalidade implica, fundamentalmente, pensar o no mesmo e o no “outro” a mesmidade e a alteridade. Conforme a autora, as formas de organização territorial exercem influência nos estilos de pertença comunitária, condicionando decisivamente as trajetórias de vida e a articulação de possibilidades humanas abertas, em cada interação social. Assim sendo, há uma associação da vivência territorial com uma antropologia do corpo, em que é acentuada essa relação que mobiliza matéria e espírito a proporcionarem uma experiência intensa marcada pelo olfato, tato, pela visão, pelo paladar, pela audição, mas também pelo sentimento, pela memória, ação e pelo sonho.

Os lugares de hospitalidade se caracterizam por serem lugares de pertença, de posse, de autoctonia e de afirmação identitária, lugares abertos ao *Outro*. Os lugares de hospitalidade “[...] são lugares de urbanidade, de cortesia cívica, de responsabilidade e de bondade. São lugares nossos que convidam à entrada do *Outro* numa oferta de acolhimento, refúgio, alimento, ajuda ou conforto”¹⁰ (Baptista, 2008, p. 6).

A noção de lugar está associada a percepções e identificações com lugar de residência, paisagem envolvente, cores, sons, cheiros do ambiente; com narrativas das pessoas, tradições e hábitos da comunidade, apreendidos como sendo seus. Para Baptista (2008), a noção de lugar está associada à ideia de um espaço habitado.

Na mesma direção, Gotman (2011) compreende que a hospitalidade, de fato, implica o exercício da generosidade em um duplo sentido. De início, porque, em seu movimento, ela é uma forma de dádiva sem contrapartida exigível; e, em seguida, porque, em suas modalidades, ela deve responder a formas canônicas (sociais) de generosidade e de benevolência.

Se o dono da casa não está mais verdadeiramente a serviço do hóspede, ele lhe deve conforto e reconforto, atenção e atenções, polidez e gentileza, e mais do que isso: seu tempo, sua pessoa, mesmo simbolicamente. O dono da casa não pode ignorar o seu hóspede (e reciprocamente), como autoriza a hospitalidade paga (apreciada por isso). O código da generosidade, aliás, admite dois níveis: “fazer bem” e “fazer o melhor possível”. Portanto, é impossível se restringir a critérios sociais, convencionais, e o que se deve ao outro é também o que se deve a si mesmo: um avanço em direção ao outro que tem um custo e representa uma dificuldade com relação à qual o *Homo hospitalis* se declara sempre em déficit. Na sociedade contemporânea, o equivalente da honra devida ao hóspede assume, todavia, uma forma essencialmente relacional, de troca e de fortalecimento do vínculo social, que implica disponibilidade e autenticidade (Gotman, 2011, p 103-104).

Vista como sinal de agradecimento por uma cortesia recebida, a hospitalidade se apresenta, habitualmente, como um ato gratuito. Nos textos da Bíblia, quem acolhe um hóspede

¹⁰ Esse pensamento é alinhado também às proposições teórico-conceituais do grupo de pesquisa Amorcomtur.

assume a responsabilidade da sua segurança e saúde (Gn 19,8; Jz 19,24-35), bem como da sua higiene/purificação (Gn 18, 4; 19, 2; 24, 32; Jz 19, 21) e alimentação (Dt 23, 5; 1Rs 17, 10-11) (Correia, 2014, p. 226).

3.1 A IGREJA COMO LUGAR DE HOSPITALIDADE

A hospitalidade ocupa um lugar de importância no campo da religião. O próprio sentido de religião¹¹ traz o sentido de religação da pessoa humana a Deus. E a hospitalidade está presente em numerosas religiões, com o princípio de ser o fruto de uma aliança entre o ser humano e Deus. A hospitalidade como acolhida se constitui um dever. Acolher o fraco, o estrangeiro, o pobre, o demente e qualquer ser que esteja em perigo é um gesto de hospitalidade. Os textos religiosos recuperam códigos precisos, que nos remetem ao acolhimento, à hospitalidade, tais como sinais de deferência, travessia de soleira, abluções, refeições e troca de presentes.

Um dos aspectos fundamentais da representação da hospitalidade é sua dimensão sagrada. A hospitalidade humilde¹² se vincula a um plano simbólico, que trata de uma ultrapassagem: “do acesso ao divino, da passagem do mortal ao imortal por um jogo de ações e de recompensas divinas” (Grassi, 2011, p. 51). A autora faz uma leitura no tempo, trazendo presente a hospitalidade na mitologia e nos relatos bíblicos do primeiro e segundo testamentos. Segundo a autora, a hospitalidade bíblica põe à prova a caridade e a recompensa divina. Na perspectiva de Grassi, praticar a hospitalidade, nesse sentido, é abandonar o campo dos mortais e ter acesso ao divino. A autora compreende que, no Ocidente cristão, a acolhida do pobre e do peregrino é um dever de cristão, bem como um empreendimento necessário à salvação. Nos séculos XVII e XVIII, a hospitalidade tem o sentido de caridade, que, naquela época, significava “receber e recolher alguém em casa”. E, ainda, “é a caridade que se exerce para com os passantes e os pobres, alojando-os e alimentando-os” (Grassi, 2011, p. 51).

¹¹ A religião é compreendida pelos sociólogos Durkheim (1965 [1912]); Berger (1967) e Wuthnow (1988) como um sistema cultural de crenças e rituais comuns e compartilhados que proporciona senso de significado e propósitos, criando uma visão da realidade que é sagrada, abrangente e sobrenatural. A religião geralmente desempenha papel central na vida social das sociedades tradicionais. As três religiões monoteístas mais influentes da história mundial – judaísmo, cristianismo e islamismo –, se originaram no Oriente Médio, causando influências entre si. O judaísmo, a mais antiga dessas três religiões, data de, aproximadamente, 2.000 anos antes da Era Cristã. O cristianismo surgiu como uma seita do judaísmo, do qual incorporou muitas influências. Surge com Jesus Cristo e é disseminado, principalmente, por Paulo, um cidadão romano que anunciou a mensagem de Jesus, amplamente, na Ásia Menor e na Grécia. E daí o cristianismo foi propagado para o restante do mundo (Giddens, 2012).

¹² Hospitalidade “humilde” refere-se ao aspecto de a humildade ser simples, despreziosa, despojada, singela.

Nessa mesma perspectiva, Godi (2011) compreende a Igreja como um lugar que reúne condições específicas e inegáveis tanto à noção quanto à prática da hospitalidade. A autora observa que a Igreja Católica tem, em seu surgimento, o princípio de amor ao próximo e de acolhida fraterna ao outro, que a vinculam à hospitalidade. Considera existir uma relação entre a estrutura do edifício religioso das origens do cristianismo e seu papel com a prática da hospitalidade, que os primeiros líderes da igreja, os bispos, compreendiam como reflexo de sua missão, no âmbito social, espiritual e místico; essa noção se estende ao longo da História.

Para os católicos, a Igreja é casa de todos. A Igreja Católica¹³ é geradora de condições específicas de surgimento da hospitalidade, em que seus fundamentos particularmente se fundam no princípio de amor ao próximo, de acolhida fraterna do outro. A atividade social a ela associada, desde sua origem e durante toda a Idade Média, bem como em tempos atuais, denota, inegavelmente, o vínculo tanto à noção quanto à prática da hospitalidade (Godi, 2011).

Afirmar que a Igreja é casa de todos quer dizer que é casa de seus membros e daqueles que têm a intenção de se integrarem a ela. O batismo, é um sacramento que inclui, na comunidade-Igreja, o católico, e o integra como seu membro. E, como tal, faz parte da casa comum, compreendida como universal, em qualquer lugar do mundo. Sua doutrina assim o faz, acompanhando os ensinamentos transmitidos por Jesus, que originaram o cristianismo.

A *Igreja*, aqui abordada, “refere-se a toda a família religiosa, no caso a família da Igreja Católica Apostólica Romana, a qual inclui o santo e o não tão santo, o piedoso e o relativamente secular, os que frequentam a igreja regularmente”, como define Lakeland (2013, p. 17). Na avaliação desse autor, a carta conciliar Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (LG),¹⁴ do papa Paulo VI (1964), constitui-se o documento que apresenta a exposição mais autorizada da Igreja sobre eclesiologia dos tempos recentes e talvez de sempre. Esse documento refere que essa Igreja é, ao mesmo tempo, “sociedade provida de órgãos hierárquicos e Corpo Místico de Cristo; assembleia visível e comunidade espiritual; e Igreja terrestre e Igreja enriquecida de bens celestes” (LG, n. 8). Estas dimensões constituem junto “uma só realidade complexa, em que se funde o elemento divino e humano” (LG, n. 8).

Em decorrência desses pressupostos, tem-se a ideia da territorialidade em que se conjugam as características de ordem global e de ordem local. Como instituição que se constitui de toda a família humana congregada na mesma fé e doutrina, a Igreja Católica Apostólica

¹³ O termo “Igreja” - escrito com letra inicial maiúscula e usado nesta pesquisa -, identifica a instituição formada por todos seus membros. Quando grifado com letra inicial minúscula, identifica a edificação, o templo onde os fiéis se reúnem para rezar.

¹⁴ *Lumen Gentium* traduz-se por *A luz dos povos*.

Romana abarca todos os que estão ligados à fé professada por essa Igreja. Localmente, no entanto, a Igreja, organicamente, se constitui em dioceses, paróquias, capelas e comunidades. Estas estruturas, embora organizadas localmente, estão alinhadas e integradas à hierarquia, sob a liderança papal.

Uma diocese constitui-se de uma divisão territorial entregue à administração eclesiástica de um bispo, arcebispo ou patriarca. A paróquia é uma circunscrição eclesiástica, rural ou urbana, dentro de uma diocese, confiada a um pároco. O Direito Canônico a define como “uma comunidade de fiéis que se reúne em uma Igreja particular” (CDC, 2001, n. 515). Por capela, compreende-se uma pequena igreja geralmente subordinada a uma paróquia.¹⁵ Comunidade, na Igreja Católica, significa *comunhão* de pessoas e das pessoas com a Santíssima Trindade (mistério de fé que compreende Deus em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo). Essa comunhão se inicia, em primeiro lugar, no batismo, sacramento que introduz o participante na Igreja— comunidade paroquial -, comunhão essa que é renovada em cada participação eucarística. A comunidade católica se expressa “na comunhão dos seus membros entre si, com as outras comunidades e com toda a diocese reunida em torno do seu bispo” (CNBB, 2014, doc. n. 100, n. 126).

A Igreja, em sua forma física e na sua forma doutrinal, constituída por seus membros, tem, em sua intenção, uma hospitalidade compartilhada. Como lugar de hospitalidade, está destinada a ser um lugar de acolher a comunidade dos fiéis. Está em pauta, aqui, a hospitalidade espiritual, por meio da qual o sujeito que crê é acolhido na morada sagrada, que implica uma hospitalidade mística. Pela fé, essa Igreja remete o cristão à vida e aos atos de Jesus. E isso implica tradição e missão de hospitalidade social, que reportam ao relato dos evangelhos.

Em seus espaços, a Igreja Católica, bem como outras Igrejas de outras denominações religiosas, tem também a expressão das peregrinações para destinos a lugares considerados sagrados pelas religiões. Esses lugares têm apresentado crescente fluxo de peregrinos em todo o mundo e fomentado o turismo religioso, com reflexos econômicos, culturais e sociais. Tem

¹⁵ Os termos empregados neste estudo *capela* e/ou *capelas* têm o sentido de comunidades-Igreja. Há quase 150 anos, as comunidades-Igreja da Igreja Católica, na diocese de Caxias do Sul, têm construído uma importante história. Os primeiros imigrantes que chegaram a essa região foram para o meio da floresta e ocuparam as glebas já demarcadas. Suas preocupações iniciais foram abrir clareiras, plantar roças e construir sua casa. Em seguida, construíram uma capela de madeira com tábuas rachadas. Na capela, encontravam-se para a oração e a vivência comunitária. Na estrutura da Igreja Católica, uma comunidade-Igreja (independentemente de estar situada num bairro, numa capela de interior ou mesmo numa matriz) é formada por pessoas ou famílias católicas, em uma determinada área geográfica, as quais se unem para conviver, a partir da fé e da caridade. Na fé, testemunham a presença de Jesus Cristo, centro de sua fé cristã. Esses membros participantes se comprometem com a proposta centrada no evangelho e colaboram com os serviços da comunidade-Igreja e expressam sua participação nas reuniões, na celebração e na manutenção da vida comunitária (Diocese de Caxias do Sul, 2018).

também o aspecto de que a própria pandemia¹⁶ significou um impacto mobilizador para a fé, pela vivência extrema de condição de desespero e de risco de morte.¹⁷

Na Igreja Católica, ações que envolvem a hospitalidade apontam para um olhar mais aberto, atento e sensível em relação àquele que chega para a experiência da fé.¹⁸

Nesse sentido, Correia (2014) diz que a hospitalidade se revela um dos caminhos para a construção da identidade cristã na comunidade de fé. Em todas as civilizações, a História da relação das pessoas, de grupos e povos registra muitos momentos de hospitalidade e de hostilidade e revela o valor que cada sociedade deu e dá à pessoa humana. Na perspectiva desse autor, não há civilização que se construa à margem da sociedade, pois o “ser humano só o consegue ser em relação, e sua identidade tem muito a ver com a alteridade” (Correia, 2014, p. 218) o que, segundo ele, implica o Outro e os outros.

A identidade humana se fundamenta mais na relação do que na essência. O ser humano depende dos outros para ser o que é, para sustentar a própria identidade. É nesse ponto que se alicerça a hospitalidade, fenômeno marcadamente humano. Assim compreendida, a hospitalidade é uma realidade complexa, de significado denso e profundo, que apresenta nuances diversificadas. Estas são determinadas pela época, pelas circunstâncias e culturas, nas quais a hospitalidade é requerida e praticada. Correia (2014, p. 221) ressalta sua importância antropológica, pois a hospitalidade está presente em todas as culturas, no âmbito da sociologia, da religião e da própria cultura. Sustenta ainda que a “hospitalidade é um modo de ser e não de fazer”. Na interpretação de Correia (2014), a hospitalidade é inclusiva, requer verdade, transparência e prudência. Implica relação e linguagem, que necessitam andar sempre juntas em qualquer processo de acolhimento. Essas relações pressupõem um caminho percorrido em comum e uma casa partilhada.

Como espaço de segurança, a casa é lugar para onde cada um pode se retirar. A casa é refúgio, dela se parte e para ela se volta, na ânsia de amenizar dores e receios, de dirimir derrotas e fracassos, de celebrar e partilhar alegrias e sucessos. No ambiente da casa, cultiva-se a intimidade familiar, a comunhão com os amigos, concretiza-se e intensifica-se a hospitalidade

¹⁶ Cabe ressaltar que, nos últimos anos, com a ocorrência da pandemia Covid-19, e com as medidas sanitárias introduzidas pelas autoridades da saúde, em abrangência mundial, houve um impacto nas mobilizações humanas, afetando os fluxos, tanto internamente como em nível internacional.

¹⁷ A Organização Mundial do Turismo (OMT) apontou que a pandemia Covid-19 cortou um bilhão de viagens, somente no ano de 2020. No primeiro trimestre de 2021, o declínio foi de 85%. E, em um cenário mais otimista, tinha previsto retorno aos níveis pré-pandemia para 2023 (OMT, 2021). Dados mais recentes indicam que, em 2023, no Brasil, os dados se equipararam aos patamares de pré-pandemia, e superaram em 3% as estimativas previstas pela OMT, para o país (MTur, 18/1/2024).

¹⁸ Essa atenção está principalmente alicerçada nas diretrizes de ação evangelizadora da Igreja, em seus documentos (CNBB, 2019, Doc. 109), e presente no Documento de Aparecida, elaborado na Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, ocorrida em 2007 (CNBB, Ap., 2007).

e se possibilita a revelação. É no seu interior que, vencidas as barreiras sociais, o ser humano se mostra melhor e os outros melhor o (re)conhecem. A hospitalidade concretiza-se na expressão mais visível: inicialmente no convite à aceitação; e, num segundo momento, entrando na casa para ficar e partilhar a mesa, na comensalidade (Correia, 2014).

Correia (2014) explica que as raízes da hospitalidade remontam às origens da própria História humana. E sustenta que a hospitalidade é transversal a toda a história bíblica¹⁹ e em boa parte da literatura de todos os tempos e lugares. A hospitalidade é tida por ele como uma das características fundamentais do ser humano, e sua importância decorre do fato de manifestar e potenciar o que mais e melhor caracteriza a humanidade.

3.2 A IGREJA COMO LUGAR SAGRADO

Para a Igreja Católica, *santuário* é um espaço sagrado. Constitui-se o lugar, a casa que acolhe em nome da Igreja (Lakeland, 2013) e, portanto, um lugar de hospitalidade. Segundo o Código de Direito Canônico (n. 1230), o santuário é “uma igreja ou outro lugar sagrado onde os fiéis, por motivo de piedade, em grande número acorrem em peregrinação, com a aprovação do Ordinário (bispo) do lugar”. Assim sendo, os santuários constituem-se pelo reconhecimento da autoridade da Igreja, em decorrência da expressão da religiosidade dos fiéis que, espontaneamente, acorrem a esses lugares.²⁰ Geralmente, os santuários possuem objetos simbólicos que contribuem para o atrativo devocional religioso.

Por *santuário*, associado ao conceito religioso, compreende-se um local sagrado, para onde, por devoção, afluem peregrinos de diversas regiões. A origem da palavra *santuário* vem do latim *sanctuarium*, de *sanctus*, que diz respeito a *santo* (Mattai, 1993).

O termo *santuário* também está relacionado ao conceito ecológico, que determina um lugar protegido, com a ajuda humana, para grupos de animais selvagens, com o objetivo de reunir condições favoráveis à preservação da espécie, principalmente as protegidas por lei ou em perigo de extinção (Poel, 2013a).

No caso do Santuário, objeto deste estudo, seu principal aspecto é o sentido religioso; entretanto, o mesmo está inserido em área rural e existe a preocupação da autoridade da Igreja

¹⁹ Na história bíblica, a hospitalidade se revela assunto vasto e complexo, presente no Antigo e Novo Testamentos. Sua importância mostra-se em grande número de relatos. Para maior aprofundamento do assunto, ver Correia (2014, p. 225-289).

²⁰ O Código de Direito Canônico (CDC) estabelece que, para aprovar os estatutos de um santuário diocesano, a instância competente é o Ordinário do lugar, no caso o bispo; para os estatutos de santuário nacional, compete à Conferência Episcopal e, para um santuário internacional, compete somente à Santa Sé (CDC, c. 1232).

para que se preservem os recursos naturais, tais como a vegetação, a água e o silêncio, condição primordial para que o Santuário mantenha suas características atrativas ligadas ao aspecto religioso. Nesse sentido, os relatos das aparições de Nossa Senhora sempre estiveram ligados a situações que envolvem a água. Em diversas situações, surgiram fontes onde ela apareceu. Em *Caravaggio*, na Itália, é mais um caso dessa natureza, tanto que, naquele lugar, Nossa Senhora é nominada como Nossa Senhora da Fonte, por ter surgido uma fonte no local em que ela pôs seus pés. Esse dado consta no relato da aparição, e o fato é considerado milagre.

Segundo Merlotti, no estudo realizado (Otávio Rocha) sobre o mito do padre entre descendentes de imigrantes italianos, os

[...] católicos encontraram-se diante de objetos e coisas sagradas, [...] que se constituíam matéria da confecção dos sacramentos e sacramentais, por exemplo - a água e o sal para o Batismo, o óleo para o Batismo, Crisma, Ordem e Unção dos Enfermos, o pão e o vinho para a Eucaristia, a palavra fiel para o Matrimônio, a palavra de perdão para o sacramento da Penitência (1979, p. 37).

As práticas religiosas que são celebradas na Igreja, num lugar privilegiado e considerado sagrado, fazem parte da cultura dos imigrantes italianos no Sul do Brasil, como se observa em diversos estudos. Segundo Mircea Eliade (1972, p.123-124), “é através da experiência do sagrado, portanto, que se despontam as ideias de realidade, verdade e significação”.

4 RELIGIOSIDADE POPULAR NA COMUNIDADE DO SANTUÁRIO

Religiosidade, de modo geral, consiste em uma série de ações, que tem como objetivo a reflexão dos valores éticos que apresentam algum significado religioso. Tais ações servem como uma espécie de avaliação moral da dedicação que aquela pessoa possui a respeito da religião. A religiosidade faz aproximações de sentido com termos, tais como: fé, devoção, crença, piedade, santidade.

A religiosidade popular, de que trata este capítulo, se ocupa com a expressão da fé com marcas provenientes do catolicismo. Reporta-se, portanto, ao catolicismo popular, considerando que muitos conteúdos e várias manifestações externas de religiosidade podem ser encontrados, em outros construtos religiosos.

Ao longo do tempo e em diferentes culturas, os fiéis católicos, sejam eles membros do clero, religiosos, teólogos, leigos eruditos, sejam pessoas comuns com escasso conhecimento científico, viveram, significaram e exprimiram de muitos modos suas expressões religiosas. O conceito de religiosidade popular, com o substantivo “religiosidade” adjetivado como popular, remete à reflexão da existência de formações religiosas não populares. Observa-se assim que ocorre uma religiosidade popular, que se manifesta em proximidade com a religião oficial.

O uso da expressão “religiosidade popular” passa a ocorrer, após o Concílio Vaticano II, mais especificamente a partir de 1970, quando se manifestou uma tensão entre pastoral de conjunto ou pastoral orgânica e a vida de fé dos cristãos, também manifestada nos santuários (Beckhäuser, 2007).

Poel (2013b) chama a atenção que, ao se abordar a religiosidade, é necessário levar em conta questões de ordem cultural/religiosa (cristão/pagão), de ordem social/econômica (rico/pobre) e de ordem social/política (nas relações de poder: senhor/escravo). Tais questões quase sempre se misturam, quando é tratada a relação entre sacerdotes e leigos, entre negros e brancos, entre jovens e velhos, entre acadêmicos e analfabetos.

Na perspectiva de Poel (2013b), a definição de religiosidade popular se relaciona com a experiência religiosa de comunidades pobres, socialmente oprimidas e culturalmente marginalizadas, em que a vivência comunitária da religião acontece na comunidade eclesial de base e com características próprias.

Na religiosidade popular, o povo age com grande espontaneidade e autonomia, utiliza linguagem simples e de grande sabedoria; possui visão cristocêntrica; forte tradição oral com muitas coisas decoradas; pouco clerical; respeito para com o santuário; é ligada à vida, pouco sentimentalista, sem dualismo; pobreza, analfabetismo, provisoriedade, poucos livros; fé em Deus; convicção católica, apostólica, romana;

comportamento natural diante de imprevistos e emoções; senso comunitário (leilões, procissões, cantar juntos); valorização da festa; comportamento integral (p. ex., doentes são tratados com remédio, reza e simpatias) (Poel, 2013a, p. 891).

Na religiosidade popular se encontram a angústia dos que sofrem e a esperança dos que experimentam a companhia de Deus, em todas as horas do dia. Esta companhia é relacionada com a família, a saúde, o trabalho, os sonhos e os sofrimentos dos homens e das mulheres. Além de representar um acervo histórico, a religiosidade popular é manifestação de vida, é uma cultura religiosa.

A religiosidade popular, na fé católica, é expressão de uma realidade muito concreta, em que as pessoas a alimentam enquanto tiver sentido em suas vidas. “A religiosidade está no cotidiano. O povo age com liberdade, criatividade, alegria, sinceridade e do seu jeito, com sua vasta simbologia e cultura muito original” (Poel, 2013a, p. 891).

Esse autor observa que a religiosidade popular não deve ser defendida como a religião oficial desvirtuada e mal-entendida, ou da permanência de traços do paganismo ou, ainda, daquilo que se fazia antigamente na Igreja oficial, mas enfatiza que muitos elementos da religiosidade oficial estão perfeitamente integrados na religiosidade popular. Para exemplificar, faz menção à aceitação da fé e da religião: cita a visita do papa ao Brasil, em que o povo estava nas ruas, observa o expressivo interesse em batizar os filhos, e que há importante apreciação em celebrações, como, por exemplo, as cerimônias da Semana Santa.

Para Poel (2013a), o Brasil se tornou um país católico, principalmente pela ação dos leigos portugueses. Segundo ele, a religião da metrópole foi introduzida na colônia, de forma compulsória. Foram construídas capelas, organizadas irmandades, Santas Casas de Misericórdia e instituídos santuários de romarias. Muitas expressões da vida e da religião atual dos pobres, no Brasil, têm origem nas diferentes tradições regionais da cultura portuguesa.

De acordo com documentos eclesiais (Celam, Doc. Puebla, 1979),

[...] a religiosidade popular é o conjunto de crenças, atitudes e expressões religiosas adotadas por um povo (parágrafo 444) e vividas preferencialmente pelos pobres e simples, mesmo que abarque todos os setores sociais (447). A religião do povo latino-americano é expressão da fé católica; é um catolicismo popular; é matriz cultural do continente da qual nasceram os novos povos (445). A religiosidade do povo constitui um acervo de valores que responde com sabedoria cristã às grandes incógnitas da existência (448). A igreja popular congrega multidões, especialmente em santuários e em festas populares, onde a mensagem evangélica chega ao coração das massas, oportunidade pouco aproveitada pastoralmente (449) (Poel, 2013a, p. 892).

Beckhäuser (2007), por sua vez, define religiosidade popular como uma modalidade devocional, que manifesta uma maneira de como o cristianismo se encarna nas diversas culturas

e etnias, sendo assim vivido e manifestado no povo. Também compreendida por *pietade popular*, sua prática se expressa em gestos rituais, atos de culto, relatos e celebrações, constituindo aos santuários seu maior campo de atuação.

Em geral, a palavra *pietade* e a expressão *religiosidade popular* são usadas como equivalentes, inclusive nos documentos do magistério da Igreja Católica. Entretanto, um estudo mais aprofundado acerca do fenômeno religioso compreende existir distinção entre elas. Por *religiosidade*, entende-se todo e qualquer tipo de expressão religiosa, independentemente de ser cristão ou não. A expressão *religiosidade popular* busca “expressar mais os conteúdos da fé ou da prática religiosa” (Beckhäuser, 2007, p. 48). Seu sentido se aproxima da religião natural manifestada pelos povos primitivos, pelas religiões pagãs: a religião como aplacação da divindade, religião da culpa, da expiação, da bênção e, conseqüentemente, da salvação. A religiosidade popular está ligada às necessidades básicas do ser humano relacionadas à vida, ao sustento, à saúde, à felicidade. Em síntese, é a religião da salvação no seu sentido terreno e eterno. Neste nível das religiões naturais, verifica-se, em todos os povos e nas grandes religiões, o fenômeno que envolve as peregrinações a lugares sagrados ou a santuários.

Quanto ao emprego da expressão *pietade popular*,²¹ refere-se mais ao modo de viver a religião e está mais ligada ao modo de o povo manifestar sua fé cristã. Na perspectiva de Beckhäuser (2007), toda expressão religiosa cristã, inclusive e especialmente a Liturgia, deveria ser popular e expressar a pietade do povo. E, por vários motivos históricos, sobretudo pela cristalização hierática, hierárquica e monástica da Sagrada Liturgia, a Liturgia deixou de ser popular, motivando o povo simples a elaborar uma expressão memorial paralela à sua fé cristã. Essa forma de expressar a fé foi nomeada pelo Concílio Vaticano II de *pietosos exercícios* ou *exercícios de pietade* do povo de Deus.²² São exercícios de religião em que o povo expressa sua pietade, uma vez que já não conseguia, na expressão própria de toda a Igreja, a Sagrada Liturgia.

A religiosidade e pietade popular, santuários e romarias se constituem desafios litúrgicos e pastorais. Esses desafios devem levar em conta o sentimento profundo e sensível à expressão da oração do povo. Para Beckhäuser (2007, p. 15), “tanto os piotosos exercícios do

²¹ A elaboração da pietade popular envolve um processo complexo. Na realidade latino-americana, entram elementos das religiões naturais dos índios e dos afros. Dessa forma, a pietade popular vem misturada com a religiosidade natural e que permaneceu popular. Beckhäuser (2007) analisa que, ao falar a respeito de pietade popular, pensa-se nas expressões religiosas cristãs e católicas, cultivadas por suas comunidades com os piotosos exercícios e com práticas religiosas das igrejas particulares, referidas no Concílio. Esse autor ressalta, entretanto, que até os dias atuais, não existe clareza a respeito da relação entre estes exercícios de pietade e a Sagrada Liturgia.

²² *Sacrosanctum Concilium* (Documento do Concílio Vaticano II, que trata da Liturgia), parágrafo 13.

povo cristão, como as práticas religiosas das Igrejas particulares, devem ser organizados de maneira que condigam com a Sagrada Liturgia, dela de alguma forma derivem e para ela encaminhem o povo”.

Esse autor observa que, na intenção de levar os fiéis a uma participação ativa, a prática litúrgica não levou em consideração que essa prática é apenas uma das condições para a vivência nos mistérios celebrados, enquanto se apresenta importante a participação consciente e plena da vivência religiosa. Beckhäuser (2007), que seguiu vida religiosa de espiritualidade franciscana, se identifica como fruto de uma comunidade de fé que se expressava, sobretudo, pelas devoções populares²³ e delas se alimentava.

Mattai (1993), por sua vez, define a religiosidade popular como a religiosidade típica das classes excluídas do ter, do poder e do saber. Sua prática inclui gestos rituais, atos de culto, peregrinações e festas, relatos e celebrações. Estas são realidades que as classes populares consideram como próprias e distintas das que caracterizam a religiosidade oficial ou a de outras classes, no que diz respeito à linguagem, aos gestos concretos, à intensidade emocional e participativa.

Na análise desse autor, o caráter popular dessa religiosidade também pode ser inferido, a partir de seus modelos organizativos da cultura tradicional (associações profissionais e irmandades) e das formas de gestão secular, que, embora não excluam a mediação sacerdotal nos atos culturais de caráter sacramental, rejeitam as ingerências de tipo clerical. Mattai (1993) classifica a religiosidade popular, sem, contudo, pretender fazer uma lista exaustiva.

Parece que as formas da religiosidade popular, especialmente as do tipo latino-meridional, podem reduzir-se às seguintes: práticas mágico-supersticiosas, que não raras vezes se unem a ritos cristãos (feitiçarias, mau olhado e coisas parecidas); culto acentuado a Nossa Senhora e aos santos, o qual encontra sua expressão típica nas festas às vezes de muita duração; peregrinações aos santuários: cultos e ritos de caráter sentimental, de preferência os celebrados por ocasião de importantes acontecimentos biológicos da existência (nascimento, fecundidade e morte); cultos extra litúrgicos dirigidos a pessoas mortas ou ainda em vida àquelas a quem se atribuem poderes especiais (Mattai, 1993, p. 1001).

A religiosidade popular evidencia a exigência de atos de piedade, em estabelecer relação com Deus, que, em primeiro lugar, exercem função tipicamente cultural. Nesse sentido, “longe de considerar Deus como valor supremo e princípio incondicional, o povo o contempla como

²³ O Mistério de Jesus Cristo se apresenta muito rico de simbologia. Certas circunstâncias, como fatos e lugares, são capazes de realçar aspectos peculiares do mesmo. Santuários, peregrinações ou romarias seriam alguns desses fatos e lugares, que podem acentuar a vivência do mistério da fé professada (Beckhäuser, 2007).

poder que pode dobrar-se em benefício mediante determinadas habilidades e mediações” (Mattai, 1993, p. 1001). Essa atitude utilitarista, embora não exclui o que há de mais genuinamente espiritual e religioso da dedicação desinteressada, está muito presente na religiosidade popular. Outra função que se manifesta nessa religiosidade é a resposta que ela dá à exigência da “impetração de favores materiais e espirituais e da ostensiva manifestação de gratidão por parte dos que creem haver sido ouvidos em suas orações e haver obtido a ‘graça’” (p. 1001).

Consciente do potencial renovador e revolucionário relativo à imaginação, à fantasia e à utopia do cristianismo popular, o poder político tentou enquadrá-lo na dinâmica do consenso e reduzi-lo à condição de instrumentalização para fins conservadores. Assim sendo, “a religião popular, embora representasse até certo ponto elevação até o divino, contribuía para manter a gente do povo quieta e disciplinada” (Mattai, 1993, p.1006). Mattai ressalta ainda que, com a emergência dos meios de Comunicação Social, recurso contemporâneo para buscar o consenso popular, o Estado passou a demonstrar menor interesse pelo antigo instrumento de controle.

Mattai (1993) conduz a análise de três aspectos, do ponto de vista teológico, para a caminhada da religiosidade popular, pós-Concílio Vaticano II. O primeiro aspecto diz respeito à interpretação da religiosidade popular *à luz do Evangelho*, em que há a condenação das ambiguidades à religiosidade formal exterior e hipócrita das classes e das camadas que, naquele tempo, ostentavam o poder. Em uma interpretação contemporânea, uma fé renovada questiona, incessantemente, a religião em que se encarna, como complexo de crenças, ritos e comunidades.

Um segundo aspecto, na perspectiva da renovação teológica, é que suas novas correntes oferecem fermento de cultivo propício à redescoberta de valores espirituais inseridos na religiosidade popular. O Concílio Vaticano II reconhece, em seus documentos: o lampejo de verdade das diversas religiões; aceita, em determinadas condições, o pluralismo litúrgico-cultural, e estimula buscar sínteses entre fé e religião, entre o profano e o sagrado, entre a vida cotidiana e a vida festiva.

E, no terceiro aspecto, Mattai (1993) analisa a contribuição de uma religiosidade popular renovada para a comunidade eclesial. O autor considera que a relação entre religiosidade popular e religiosidade oficial proporciona fecundidade para o crescimento da fé para toda a Igreja e para a comunidade civil.

4.1 A ORGANIZAÇÃO DAS CAPELAS NA COLÔNIA ITALIANA

O programa de colonização adotado no Rio Grande do Sul se caracteriza, principalmente, pela audácia e coragem dos pioneiros que, sob a orientação de alguns engenheiros, se embrenhavam floresta a dentro e demarcavam as colônias. Para fundar os núcleos coloniais, escolhiam locais que correspondessem à finalidade. No modelo conhecido, nesses núcleos havia uma igreja, uma casa canônica, um local de poder e outras instituições que garantiam a existência do povoado. Pela retomada do projeto de colonização pelo governo imperial, o mesmo

[...] se empenhou em promover o povoamento das colônias Conde d’Eu e Dona Isabel, colônias já demarcadas, e também fundar uma terceira colônia chamada “Fundos de Nova Palmira, cujos limites eram os Campos de Cima da Serra, as colônias de Nova Petrópolis, Nova Palmira e Picada Feliz (Herédia, 2017, p. 44).

No Rio Grande do Sul, na ocupação da terra havia a demarcação de “Linha”, que consistia em um traçado estreito que cortava a floresta através de todo acidente geográfico, unindo dois pontos quaisquer tomados como ponto de partida e de chegada. À direita e à esquerda desta “Linha”, dividiam o terreno em lotes numerados, geralmente com 200 metros de frente e 2 km de fundo, posteriormente distribuídos aos colonos (D’Apremont; Gillonnay, 1976, p. 22).

No plano da imigração, o Estado fornecia os utensílios mais necessários e alguns cereais para o primeiro ano, especialmente sementes. O terreno era cedido ao colono mediante uma contribuição a longo prazo. Isolados nas florestas, os colonos encontravam grandes desafios para levar avante a construção de uma cabana e iniciar, imediatamente, o trabalho de roça e plantio. Necessitavam abater árvores, talhar rústicas tábuas para construir os primeiros abrigos para as famílias. Depois disso, decorria o abate e a queima do mato para o plantio, que no ano seguinte era ampliado. Aos poucos, os colonos aperfeiçoavam seus instrumentos de trabalho e reconstruíam suas moradias em melhores condições.

O primeiro grande grupo de italianos chegou ao Rio Grande do Sul em 1875 e 1876, período em que se originou a fundação dos Municípios de Caxias do Sul, Garibaldi e Bento Gonçalves. Pouco depois, a onda emigratória penetrava mais e alcançava Alfredo Chaves (atual Veranópolis), Encantado, Monte Vêneto (atual Cotiporã), Antônio Prado, Capoeiras (atual Nova Prata), Nova Bassano, Nova Esperança (atual Vespasiano Correa). O conjunto desse grupo colonial formou o que se denominou o núcleo colonial italiano. Simultaneamente, um

novo grupo foi formado, no centro do estado, próximo ao Município de Santa Maria, denominado de Núcleo Colonial Silveira Martins (D’Apremont; Gillonnay, 1976).

O Rio Grande do Sul, não obstante as dificuldades do começo, teve bom desfecho na colonização. Segundo Herédia (2017, p. 36), a proposta de colonização pretendia “criar condições econômicas, políticas e sociais, desenvolvendo uma nova mentalidade que permitisse ao país superar todos os obstáculos decorrentes de sua formação inicial”. D’Apremont e Gillonnay (1976) avaliam que este estado teve bom êxito na colonização, apesar das dificuldades de seu começo. Os colonos ficaram numa situação material bem melhor daquela que gozavam na Europa. De modo geral, “os colonos vivem felizes, gozam de bem-estar, possuem bens móveis e imóveis” (D’Apremont; Gillonnay, 1976, p. 24). Ao compararem com a imigração italiana, do mesmo período, em São Paulo, nos trinta anos subsequentes, esses autores afirmam que os colonos italianos do Rio Grande do Sul tiveram menos acumulação econômica individual que os de São Paulo.

No aspecto da prática da religião, os capuchinhos franceses tiveram papel importante na formação religiosa das colônias italianas no estado. Chegaram e, primeiramente, se estabeleceram em Conde d’Eu, posteriormente denominada de Garibaldi, em 18 de janeiro de 1896. Os primeiros a chegar foram os padres Bruno de Gillonnay e Léon de Montsapey (D’Apremont; Gillonnay, 1976). Em 1897, fundaram um convento em Nova Trento, localidade que, posteriormente, foi denominada Flores da Cunha, a 65 km a nordeste de Garibaldi. Este convento serviu de noviciado para a Missão do Rio Grande do Sul, com capacidade para abrigar até 30 religiosos. Em seguida, foi fundado o convento em Esperança, atual Vespasiano Correa.

4.2 A RELIGIOSIDADE DOS IMIGRANTES ITALIANOS

De Boni e Costa (1984) contextualizam a importância que a religiosidade teve para os grupos de imigrantes, que se estabeleceram no Rio Grande do Sul. Sustenta que o abalo sofrido pelos grupos imigrantes atinge seu mundo cultural, no qual está inserida também a religião. No caso da imigração italiana, como de grande parte da imigração europeia, principalmente do final do século XIX, tratava-se de pessoas provenientes de um meio agrário, com uma cosmovisão sacral. Para esses imigrantes, o fator religioso assumia um papel mais relevante do que para indivíduos de ambientes urbanos secularizados, de tempos mais atuais.

Na perspectiva de De Boni e Costa (1984), com os imigrantes italianos ocorre um fenômeno geral das imigrações, que é a importância assumida pela religião, como fator de identificação cultural, em uma nova situação, embora tenha ocorrido também nas colonizações

alemã e polonesa. Na organização escolar da colônia, observa-se que o fato de os imigrantes italianos utilizarem a linguagem do dialeto vêneto não significou apego intencional à sua cultura, pois muitos não conheciam a língua oficial de seu país, ao mesmo tempo em que faltava ao grupo a consciência de pátria consolidada, uma vez de a recente tinha sido unificada, e ainda de forma anticatólica. Esses imigrantes, abandonados no meio da floresta, corriam o risco do acaboclamento, fato que ocorreu com outros grupos, em outras regiões do Brasil. Naquele momento, o fator que lhes permitiu a reconstrução de seu mundo cultural, devidamente adaptada, foi a religião, caminho que transcorreu longo e complexo (De Boni; Costa, 1984).

O sistema de colonização implementado pelo governo brasileiro colocava esses imigrantes em lotes rurais e não em pequenos povoados, como estavam habituados na Itália. Dessa forma, surgem as capelas como comunidades espontâneas de relações primárias.

Estas capelas evoluíram da finalidade de culto para a vida social e cultural. O termo capela deixou de significar apenas igreja, no sentido de templo, para significar um conjunto de elementos: Igreja, cemitério, escola, salão de festas e campo de esportes. Mantém-se com um significado mais amplo e geográfico. Capela, para muitos, era a Igreja com as dependências acima descritas, mas também incluía as famílias associadas e a região geográfica em que residiam estas famílias (Galioto, 1976).

Durante a semana, o tempo era exigido pela luta diária por sobrevivência, o domingo era oportuno para o encontro social. O respeito pelo sagrado proibia ao colono, nos domingos, dedicar-se ao trabalho, mas, na floresta, entretanto, era escassa outra maneira de passar o tempo. O domingo era o pior dia da semana para o imigrante, pois a ociosidade dava espaço para rememorar as recordações da pátria, as solenidades sacro-sociais que estariam ocorrendo em seu país de origem. O sentimento de solidão e de saudade levava o colono a visitar o vizinho, para que, juntos, partilhassem as lembranças de sua terra distante, o que perderam e seus caminhos futuros. Como eram pessoas fortemente marcadas por uma tradição sacral, o consolo foi procurado na religião.

De Boni e Costa (1984) traçam o retrato da formação primária daquilo que veio a ser os primeiros encontros de oração em comum e que se transformaram na grande oração da imigração, repetida na partida, no porto de embarque, nas sofridas jornadas marítimas, no local de desembarque e, diariamente, no silêncio da própria residência: a récita do terço.²⁴ Foi essa oração devocional, rezada muitas vezes sob uma árvore, com alguma imagem ou gravura de

²⁴ O terço é uma prática de devoção mariana que consiste na recitação seriada de orações, com o auxílio de uma corrente de contas. O terço constitui-se de uma das partes do Rosário. Um Rosário possui quatro conjuntos de mistérios: gozosos, dolorosos, gloriosos e luminosos, que contemplam a vida de Jesus Cristo.

santo colocada entre galhos, que serviu como centro visual desse culto rústico. Dessa forma, o reencontro no domingo seguinte acontecia ao natural. Repetiam as orações, agregavam-se outros vizinhos, transmitiam-se notícias, liam-se cartas, e, em pouco tempo, institucionalizou-se o domingo em torno da religião e da reconstrução do mundo cultural do imigrante.

Para atender à piedade católica, tornava-se necessário um local apropriado para o culto. Em função disso, os colonos decidiram construir uma capela. As obras das capelas foram realizadas pelos próprios colonos, comandados, geralmente, por um pedreiro ou carpinteiro de maior experiência. A essa obra dedicavam-se com exclusividade, enquanto os demais revezavam-se como auxiliares, e o grupo todo, em mutirão, cuidava das terras do mestre de foram seguindo modelos arquitetônicos das igrejas de vilarejos italianos, aos quais somou-se, posteriormente, por influência dos capuchinhos franceses, o gótico transalpino (De Boni; Costa, 1984).

As capelas exerceram papel importante na socialização. Os espaços rurais e urbanos se apresentaram com características diversas e marcados por relações e funções cada vez mais interligadas. A casa do colono italiano, no Rio Grande do Sul, manifestava um ponto de apoio para um modo de vida inconfundivelmente rural, pois constituiu-se de elementos relacionados com o meio e com a atividade agrícola autônoma e permanente.

Azevedo (1975), ao escrever a respeito dos anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul, relata que a moradia e os implementos agrícolas estavam dispostos de maneira a permitirem o máximo de rendimento social e econômico, no contexto mais largo e compreensivo de travessão.²⁵ O travessão constituiu o “polo imediato de convergência e de coordenação da vida nos lotes, a unidade de referência para indicar a localização” (Azevedo, 1975) e as distâncias das colônias e do grupo primário de integração étnica e familiar.

A capela funcionava como centro de recreação e reunião no pavilhão anexo à copa, em que alguns colonos se juntavam à noite para conversar, jogar cartas, em torno de alguns copos de vinho. A capela era, ainda, o órgão dominador dos instrumentos de controle social, da moralidade, da cooperação e da atribuição de *status* (Azevedo, 1975).

A construção de igrejas era produto da cotização de todos, constituindo-se em um movimento de solidariedade. Em alguns casos, ocorria motivos de disputas quanto a materiais a serem empregados, o lugar a escolher para a construção, ou, ainda, quanto à decisão de

²⁵ Travessão ou Linha era uma estrada em linha reta, com aproximadamente 13 km de comprimento. A colônia era dividida em travessões ou linhas, que se dividiam em lotes rurais. Margeavam esta estrada os lotes coloniais, em forma de retângulo, tendo uma frente de, aproximadamente, 250 metros, por 1 km de fundos, onde encontrava-se com os lotes de outra linha (De Boni; Costa, 1984, p. 80).

comprar o primeiro sino, construir a escola. Azevedo (1975) descreve que a capela assumia um papel aglutinante da vizinhança, como local de culto.

Cada linha ou travessão sentia-se na obrigação de construir seu pequeno templo, pois não o ter equivalia a se reconhecer como inferior aos vizinhos. Por um lado, se a decisão de ter a própria capela unia os habitantes da linha, os passos posteriores eram passíveis de provocar cisões, muitas vezes marcadas por violência.

A primeira questão a ser resolvida era o local da construção, que se tornaria o ponto central da linha. Várias eram as ofertas de um pequeno terreno para tal fim, encobrando o desejo de prestígio do oferente. Determinado o local, surgiam questões sobre materiais a serem empregados (madeira, tijolos, pedras) e a disputa para a escolha do padroeiro. Cada qual ou grupo desejava que prevalecesse o nome do santo padroeiro de sua localidade de origem. Muitas vezes, ocorria a construção de duas, ou até mais capelas na mesma linha; também podia haver dois ou mais patronos para a mesma igreja. De Boni e Costa (1984) sustentam que a capela não significou apenas o local de culto, mas uma organização espontânea que se tornou o centro social da linha e ponto de referência.

A capela, organizada pelos próprios colonos, foi dirigida por eles que, zelosos, muitas vezes desentenderam-se com a autoridade eclesiástica – padre ou bispo – em defesa de direitos dos quais se recusavam a abdicar. A direção da capela cabia aos fabriqueiros escolhidos pelos próprios sócios, sendo que eram sócios praticamente todos os habitantes da linha, dada a coerção social exercida. A função dos fabriqueiros, líderes das capelas, não se restringia apenas à vida da igreja. Esses exerciam importantes tarefas sociais e comunitárias.²⁶ Sua autoridade era relevante, cabendo-lhes não apenas a administração financeira da capela, mas também a gestão dos demais negócios do grupo, para exercer, de fato, uma liderança inquestionável na vida da comunidade.

De Boni e Costa (1984, p. 112) observam que, após a construção da capela, a comunidade se via envolvida em novos investimentos, tais como adornar a igreja, comprar alfaias, construir um altar, adquirir bancos, encomendar imagens, dentre outras providências. Também surgia a necessidade de construir um campanário, de adquirir sinos, os quais, inicialmente, eram “importados geralmente da França ou da Alemanha”. O cemitério era outra

²⁶ Os fabriqueiros orientavam relevantes funções na comunidade: “Se em alguma família alguém adoecesse, com longa enfermidade, os fabriqueiros designavam pessoas que, principalmente, durante a noite, deveriam permanecer na casa do doente. Se era homem, escalavam senhores, e no caso de mulheres, escalavam senhoras. O mesmo era feito com relação ao trabalho: os fabriqueiros convocavam todas as pessoas disponíveis da comunidade e, em poucos dias, era feito o plantio, ou a limpeza, ou a colheita da safra” (Fochesatto, 1977, p. 29).

questão importante e considerado local sagrado, anexo à igreja. Muitas vezes, seu estabelecimento precedia a própria capela. De Boni e Costa (1984) sustentam que também essa questão causava desentendimentos. No campo santo, eram sepultados os que haviam morrido em comunhão com a Igreja. Nele, havia um canto para as crianças não batizadas e, num espaço extramuros, eram sepultados os não católicos, os maçons mortos sem se reconciliarem com a Igreja.

O interesse pela construção do salão de festas, em todas as capelas, superou o da escola. A vida social da linha, à medida que crescia, também exigia um local apropriado para as reuniões, uma vez que as residências particulares se tornavam pequenas para atender à necessidade. Surgiram os salões, de madeira ou alvenaria, com amplos espaços para atender a mais de uma centena de pessoas, com muitas mesas e cadeiras; uma grande copa para venda de bebidas e doces; uma ampla cozinha e churrasqueira; lavatórios e sanitários. Os autores observam que eram raros os bailes na imigração italiana. O salão se destinava, especialmente, à festa do padroeiro local e servia, nos demais dias santos, para encontro dos colonos que nele passavam a tarde jogando cartas e bochas e tomando alguma bebida.

Ao aportarem no Rio Grande do Sul, os imigrantes italianos não dispunham de acompanhamento de sacerdotes. Os poucos padres que lhes davam atendimento eram insuficientes para a celebração das cerimônias dominicais. Assim sendo, os colonos sentiram a necessidade de resolver da melhor maneira possível uma questão que para eles tinha vital importância. Recorreram a um elemento do grupo que possuísse autoridade moral, para assim presidir o culto. Bernardino d'Apremont, filósofo capuchinho, qualificou tal indivíduo de *padre-leigo*. De Boni e Costa (1984) apontam que tal decisão já havia sido tentada antes pelos imigrantes alemães dos dois credos, bem como pelos luso-brasileiros com seus *rezadores*.

Os critérios para a escolha desses indivíduos eram os mais variados. Costa (1975) descreve que as qualificações incluíam alguém que tivesse um livro de Vésperas ou Missal, ou que, na Itália, tivesse sido sacristão ou pertencesse ao coro paroquial, ou mesmo que tivesse um pouco mais de cultura e conhecesse rudimentos do latim. Observa ainda, que, eventualmente, o padre-leigo, ou *capelão-leigo*, era também o líder social do grupo. Este exercia tarefas por tempo determinado, enquanto o padre-leigo permanecia indefinidamente no cargo, especialmente quando não havia outro elemento com suficiente prática e conhecimentos religiosos para substituí-lo.

A organização e a vida comunitária da capela eram estimuladas pela expectativa de um dia terem um padre e de a capela se tornar paróquia, o que lhes fornecia um *status* privilegiado, uma vez que a escala de valores sociais, que repercutia em seu contexto, era a dos valores

religiosos. Apenas construídas as primeiras casas nos centros coloniais, os colonos concorriam na disputa pela fixação da sede de um futuro curato. Quando, finalmente, as disputas eram resolvidas pela autoridade eclesiástica, o local que tivera a sorte de ser escolhido se desenvolvia e progredia. Pouco a pouco, fundava-se a escola, o colégio, as associações, os corais, as bandas de música, e o povoado se tornava um ambiente cheio de vida (Barea, 1925).

A presença do clero, junto aos imigrantes, era periódica e não atingia toda a população. Nos primeiros tempos, regularmente, as colônias italianas eram visitadas por jesuítas alemães, aos quais, na época, estava confiada a maioria das paróquias teutas e limítrofes. Os jesuítas não dirigiram paróquias de italianos, pois estes chegavam em grandes levadas, e os padres eram em pequeno número. De Boni e Costa (1984) descrevem que o primeiro sacerdote a acompanhar os imigrantes italianos foi o padre Bartolomeu Tiecher, que seguiu com um agrupamento de 700 tirolezes, seus contemporâneos, no ano de 1875. No dia 21 de março de 1876, rezou a primeira missa para os colonos de Conde d'Eu, atual Garibaldi e, em 30 de setembro, para os de Dona Isabel, atual Bento Gonçalves. Consta que sua atividade se devia a uma decisão pessoal e não a uma determinação da Igreja italiana ou brasileira. A história mostra que, por muitos anos, os colonos continuaram mais ou menos abandonados (De Boni; Costa, 1984).

O clero secular italiano há décadas tinha representantes no Rio Grande do Sul, a pedido das autoridades eclesiásticas. Quando do início da imigração, o bispo de Porto Alegre, cuja diocese compreendia toda a Província e Santa Catarina, procurou novos padres nas dioceses italianas. Consta que alguns se prontificaram a vir e assumiram as paróquias de Caxias do Sul (1880), Bento Gonçalves (1884), Antônio Prado (1900), Nova Prata, Farroupilha e São Marcos. Dentre as ordens religiosas, os palotinos alemães foram os primeiros a atender aos imigrantes italianos (1886), em Caxias do Sul, e, posteriormente, a região italiana próxima a Silveira Martins. Os capuchinhos franceses (1896) se radicaram, inicialmente, em Garibaldi e, em seguida, em Veranópolis e Flores da Cunha e, mais tarde, em Marau. Sua presença foi marcada pela introdução do estilo gótico nas construções de igrejas e pelas publicações que originaram o Correio Riograndense.

Os capuchinhos exerceram importante papel em favor da instrução nas colônias, e das pregações, através de Missões Populares. D'Apremont e Gillonnay (1976, p. 159) relatam que “[...] de modo geral, os missionários Capuchinhos do Rio Grande do Sul sempre se prontificaram a ajudar aos senhores Vigários, em tudo o que lhes era possível. Não só nas colônias, mas até fora daquela região”. Portanto, representavam um suporte aos vigários, quando estes necessitavam se ausentar e quando necessitavam auxiliar nas confissões.

De Boni e Costa (1984) descrevem que, em 1896, chegaram também os carlistas italianos, os quais dirigiram, temporariamente, diversas paróquias da região da imigração e a eles se deve a fundação das cidades de Nova Bassano e Sarandi. Em 1899, instalaram-se, em Fazenda Souza e Ana Rech (Caxias do Sul), os monges camaldulenses, que, em 1925, voltaram para a Itália. Em 1915, os padres passionistas passaram a dirigir a paróquia de Nova Pompéia, ano elevada à Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia, no Município de Pinto Bandeira, direção que se mantém com a mesma congregação religiosa até hoje.

Esses autores acrescentam que, nos anos de 1898 a 1915, por insistência do clero, congregações religiosas na área da educação também se estabeleceram na região: as Irmãs de São José (França), e os Irmãos Maristas, também franceses, que se estabeleceram em Garibaldi; os Irmãos Lassalistas, que fundaram o Colégio do Carmo, em Caxias do Sul; e as Irmãs Missionárias de São Carlos, que se fixaram em Bento Gonçalves. Com essas presenças, inicia-se um novo período em relação ao processo educacional, que também, em atividade paralela, passaram a administrar hospitais.

O padre desempenhou importante função e desfrutou de importante *status* entre os imigrantes. O padre usufruía de maior conhecimento na localidade, pois, muitas vezes, era o único indivíduo que tinha educação superior e o prestígio dos poderes sobrenaturais da religião. Em função disso, sua palavra, mesmo em assuntos profanos, influenciava decisivamente, e suas bênçãos e maldições ainda, atualmente, são consideradas proferidas por Deus.

A experiência da organização comunal das capelas é algo que exige um estudo mais amplo. Entretanto, suas linhas gerais de desenvolvimento histórico mostram um processo latente, quando não manifesto, de uma oposição entre os colonos e a autoridade eclesiástica. As capelas demonstraram pouca preocupação com regulamentos e grande plasticidade, ao se adaptarem às diversas exigências. À medida que a autoridade eclesiástica foi atingindo as populações do interior, houve também tentativas de colocar as capelas sob a jurisdição dos vigários e da Cúria Diocesana. A liderança passou a ser exercida pelo padre, e este, muitas vezes, exerceu, simultaneamente, a função de desagregador de uma comunidade, sacrificando-a a um esquema jurídico importado e superado de organização paroquial (De Boni; Costa, 1984).

De Boni e Costa interpretam que faltou sensibilidade à hierarquia da Igreja para compreender, em sua amplitude, o alcance da organização religiosa surgida entre os imigrantes. Segundo os autores, a verdadeira causa estaria no conceito de Igreja dominante na época, que fora herdado do Concílio de Trento e reforçado pelo Vaticano I e por toda uma teologia, que

colocava o leigo não como parte de uma estrutura, mas como elemento passivo, como Igreja discente, a quem competia ouvir e executar ordens, sem o menor poder decisório.

A partir da década de 1960, esse conceito adquire um sentido renovado. A Igreja procura se redefinir e tenta mobilizar forças, em um mundo secularizado e urbanizado. Busca a superação das estruturas vigentes, para que surja uma nova Igreja, emergida das bases, mas sendo necessária a presença ativa de todos para que se realize. Essa perspectiva se encontra nos documentos do Concílio Vaticano II, realizado entre 1962 a 1965.

Passados 149 anos da imigração, a Diocese de Caxias do Sul conta com 73 paróquias, que reúnem 1005 comunidades-Igreja, em 32 municípios situados na região nordeste do estado (Diocese de Caxias do Sul, 2024).

4.3 A CAPELA COMO INSPIRAÇÃO DE COMUNIDADE

Na perspectiva de De Boni e Costa (1984), as capelas da imigração italiana poderiam ser evocadas como verdadeiras comunidades, surgidas do povo e por ele dirigidas, pelas quais a Igreja local se constituiu de modo efetivo como comunidade de fé e de caridade e expressaram uma homogeneidade sociocultural, dificilmente encontrável em outras circunstâncias. Reforçando esse modelo, os autores resgatam também a figura do padre-leigo, como guia religioso amadurecido dentro do grupo e pelo grupo escolhido. Battistel (1981, p. 69) descreve que o padre-leigo era, por muitos, chamado de *sacristão* e, em algumas capelas era também chamado de: *prete del mato* (padre do mato), *prete de scapoera* (padre de capoeiras) e *el nostro prete* (o nosso padre). Entretanto, essas expressões tinham conotação irônica, uma vez que os sacristãos exerciam certas funções do padre, sem terem sido ordenados.

Entretanto, Azevedo (1975) avalia que os sociólogos e geógrafos têm tido dificuldade em definir e delimitar as comunidades no Brasil, em vista da superação dos contornos territoriais pelos laços de família e pela teia extensa de parentelas e clientelas, como abordam Barros (1957), Smith (1958; 1967). Azevedo caracteriza que, nos domingos e dias santos, em torno de cinquenta a setenta famílias encontram-se em comunidade, sob o controle do padre e dos fabriqueiros da igreja. Ocorre um controle formal nas sedes das colônias, exercido pela administração da diretoria ou da Comissão de Terras e com o apoio de força policial. Esse controle era exercido na zona rural, através da *Sociedade da Capela*, organização que engajava os moradores da área e administrada pela autoridade do padre e pelos fabriqueiros responsáveis pelo conjunto de bens da igreja: o templo, o cemitério, a copa, a escola e o culto, mantido pelas contribuições dos fiéis.

A proximidade entre o colono e o padre, particularmente, quanto a seu modo comum de vida, resulta em simpatia recíproca; o sacerdote cria o ambiente de segurança necessário ao ajustamento do imigrante às suas condições de vida e exerce, junto com os agentes da sociedade, inclusive o controle social pelos critérios das relações de trabalho, da interação societária, da moralidade individual e coletiva, que caracterizavam determinadas sociedades camponesas, como descreve Azevedo (1975), considerando estudos de Arensberg e Kimball (1940) e Cresswell (1969).

A religião se expressou na imigração italiana com a característica de religião popular. A comparação entre os tipos de vivência religiosa do luso-brasileiro e do imigrante italiano e seus descendentes, feita geralmente por um clero formado sob influência europeia, se expressa por relegar a forma luso-brasileira considerada impregnada de superstições e por julgar, favoravelmente, a vivência religiosa dos imigrantes. A consequência deste juízo de valor foi a pressão do catolicismo da imigração, como paradigma de comportamento religioso ao mundo luso-brasileiro. De Boni e Costa (1984, p. 122) avaliam, sob o ponto de vista sociológico, que essas duas formas de religião se classificam como um catolicismo popular de cunho agrário. Esses autores observam que “as grandes religiões do mundo se defrontam sempre com um sério problema: o da ameaça de diluição dentro de sua cultura”. Constatam que cada religião surgiu como crítica e negação de determinados valores de seu mundo; no decorrer do tempo, porém, passou a confundir-se com a sociedade que ajudou a modificar. O excesso de enculturação tende a transformar a religião em simples cultura, sob a forma de veículo transmissor de religiosidade popular.

Dessa forma, a fé, ao se incorporar, excessivamente à cultura, perde seu específico, enquanto o meio social, tende a confundir-se com a comunidade de fé. Embora na teoria seja possível fazer uma distinção entre sagrado e profano, e certos valores sociais pareçam, à primeira vista, não sacrais, o mundo de normas e valores profanos precisa legitimar-se pelas normas e pelos valores do sagrado, visto que este é, de fato, o único sistema de referência da sociedade.

De Boni e Costa (1984) consideram estudos de Camargo (1967, p. 388-422) que analisa trabalhos de diversos autores a respeito do catolicismo popular-rural-brasileiro e o identifica com normas e valores da sociedade agrária. Para esse autor, o catolicismo rural caracteriza-se por uma ampla gama de atributos, tais como: identificação entre os valores religiosos e sua expressão normativa e os da sociedade inclusiva; tendência à legitimação religiosa de valores, normas e papéis predominantes na sociedade inclusiva; espelhamento da coletividade católica na estrutura social, que a constitui um dos principais meios de expressão simbólica das posições

de *status* ou classe; vida social com atividades ligadas ao lazer e à diversão, permeada por valores religiosos; exteriorização do escasso conteúdo litúrgico e sacramental das práticas religiosas predominantes, em comparação às práticas da religião oficial; ênfase das rezas coletivas e festas dos Santos; expressão de piedade popular; realização de rezas e procissões de caráter propiciatório, ligadas à produção agrícola, à pecuária, e aos fenômenos da natureza; prestação de culto às almas; atribuição de importância ao culto aos santos, especialmente aos padroeiros, dentre outras (Camargo, 1967 *apud* De Boni e Costa, 1984).

De Boni e Costa observam ainda que o catolicismo popular brasileiro se caracteriza por forte ritualismo e, em muitos casos, identifica-se com o catolicismo popular latino-americano, ambos provenientes de um mesmo processo de transplantação cultural e exploração colonial. Esse ritualismo, ao invés de insistir na linguagem teológica de conversão, apresenta importância fundamental à presença física nas cerimônias e à realização mecânica dos atos religiosos.

Nesse contexto, o critério de pertença à religião verifica-se pela assistência, ao que o grupo classifica, como relevante, o que inclui, geralmente, “peregrinações, procissões e solenes festividades, ligadas quase sempre a fenômenos naturais” e, normalmente, marcadas pela “tendência do movimento” (De Boni; Costa, 1984, p. 123), que Galilea (1969, p. 57) denomina de “*tendência motriz* do catolicismo popular”. O rito possui uma eficácia transcendente e encerra em si algo de misterioso, que, quando fielmente executado em seus componentes mímicos, em suas palavras sagradas, e na ordem cronológica prevista, revela-se com efeito automático. Além disso, o pragmatismo da fé popular modifica o sentido litúrgico dos ritos, voltando-se para as necessidades e os interesses imediatos (De Boni; Costa, 1984).

De Boni e Costa compreendem que a religião vivida pelos imigrantes italianos se distingue da luso-brasileira, por haver maior contato com a vida litúrgica oficial da Igreja, decorrente, principalmente, da maior presença de sacerdote entre os fiéis. Outro aspecto a observar é que, entre os imigrantes, não existe, ao menos em tal escala, a visão fatalista da existência, tal como se encontra no meio luso-brasileiro. O italiano não chegou a sofrer a desilusão histórica de luta infrutífera por uma vida melhor. Ao contrário, por uma série de fatores, conseguiu galgar em pouco tempo a condição de possuir pequena propriedade, com o domínio de técnica mais aperfeiçoada, fato que contribuiu para melhorar a situação familiar e ter perspectivas mais promissoras aos filhos.

De Boni e Costa (1984) descrevem que a grande devoção litúrgica do imigrante não foi a missa, mas a oração do terço (rosário), prática trazida da Itália. Esse, foi companheiro inseparável na viagem marítima e nos dias de solidão e abandono. A família do imigrante tinha o costume de rezá-lo todas as noites e, aos domingos, reuniam-se na capela para a oração em

comum com os demais. Merlotti (1979), em pesquisa em uma comunidade, no interior de uma região de imigração italiana, no nordeste do Rio Grande do Sul, constatou que o terço continuava a ser a devoção mais comum entre os velhos imigrantes. A ânsia e a procura de auxílio nas situações de dificuldade motivava o imigrante à busca de bênçãos. Para esses, a missa era considerada a bênção de maior potência. Entretanto, também apelavam para outras religiões e superstições, porém de modo mais secreto, pois esses procedimentos eram condenados pelo grupo, como identifica Merlotti (1979).

O controle formal nas sedes das colônias ocorria sob a administração civil e leiga da diretoria ou da Comissão de Terras, com o apoio de uma força policial armada, que, inicialmente, era de dois ou três soldados e que chegou a ser (em Caxias do Sul) de até cinquenta soldados de linha, comandados por um capitão. Azevedo (1975) relata que, em 1878, esta força estava reduzida, por falta de verba, a dez praças e a um alferes, contingente insuficiente para conter a boa ordem e fazer respeitar a autoridade em um núcleo, que agregava 4.000 pessoas. No interesse da moralidade pública, exigia-se o fechamento das casas comerciais às 21 horas, e os bailes se realizavam mediante prévia autorização e com a presença de um funcionário da colônia. Azevedo descreve que essas prescrições eram geralmente cumpridas pelos próprios colonos, nos primeiros anos.

Azevedo salienta que esse controle ocorria na zona rural, através da *Sociedade da Capela*, organização que envolvia os moradores da área e era administrada sob a autoridade do padre, pelos fabriqueiros ou responsáveis pela *fábrica*, ou seja, pelo conjunto de bens da igreja, que eram o templo, o cemitério, a copa, a escola e o culto mantido pelas contribuições dos fiéis. O responsável pela capela encarregava-se das festas do santo padroeiro, dos preparativos para matrimônio, das procissões, dos enterros, das providências urgentes em caso de crimes, de desastres, de incêndios e de providenciar suporte solidário às famílias em situação de enfermidades. Além disso, em conformidade com o Estatuto das Capelas Filiais, emitido pelo bispo da diocese, era responsável pela vigilância moral em relação aos bailes, geralmente reprimidos e em relação aos jogos e a outras festividades, como também deveria prestar socorro aos atingidos por acidentes ou outros infortúnios.

O cargo de fabriqueiro era nomeado a quatro ou cinco homens, que o cobiçavam como indicativo de prestígio e fonte de poder na vizinhança rural. Essa função era provida pelo vigário, que os designava a seu juízo ou aceitava a indicação da assembleia da Sociedade da Capela. O padre exercia, diretamente, e por aquele meio, forte autoridade sobre o grupo, ao mesmo tempo que se identificava com ele, em função de sua origem familiar que, normalmente,

provinha de família de colonos, pelo falar do dialeto, pela frequência às casas e pelo convívio na *copa*, onde partilhava atividades e alimentação com os colonos.

Azevedo (1975) sustenta que o padre era o agente de mais força e influência na autoridade civil. Além da assistência espiritual a uma população imensamente religiosa, o padre era o mais poderoso elemento de ordem, moralidade e estabilidade para os colonos. Por esse motivo, os chefes de Comissões de Terras da imigração, encarregados de estabelecê-las, aproveitavam-se dele como auxiliar indispensável para conseguir que os imigrantes recém-chegados povoassem os núcleos novos, se dedicassem ao trabalho agrícola com perseverança e não abandonassem sua casa (Azevedo, 1975).

Azevedo descreve que um alto funcionário dessa Comissão reconheceu a vantagem que provinha para o estado a presença dos padres, como importantes auxiliares para organizar a vida nas colônias italianas. Com esse apoio reconhecido, os colonos reclamavam mais a existência de padre e da igreja, do que da escola e dos professores. Do estreito contato entre o colono e o padre e, particularmente, de seu modo comum de vida, resulta uma simpatia recíproca e uma autoridade moral incontestada sobre o colono.

A consciência de comunidade manifestava-se na solidariedade em determinados momentos e em certo orgulho de pertencer à mesma. Azevedo (1975) descreve que o núcleo de condensação, a *capela*, transformou-se em vilas e cidades, cabeças de distritos e de municípios, modificado ao longo dos decênios pelo acréscimo da serraria, da sede da cooperativa agrícola, de casas comerciais, de habitações, do ginásio, do seminário, do convento, da hospedaria, da oficina mecânica e de outras estruturas e órgãos. É importante assinalar que essa vizinhança rural, constituída em torno das capelas, vem a ser uma experiência inteiramente nova de agrupamento espacial, de adaptação ecológica, de relacionamento social para os imigrantes habituados, na Itália, à existência de pequenos burgos com densas habitações e população concentrada, e que trabalhavam a terra muito mais subdividida do que a alheia e para todos. Nas colônias do Rio Grande do Sul, o imigrante se ressocializa como proprietário e convive com iguais numa sociedade homogeneamente estruturada e sem classes, de pequenos agricultores, ainda que uns ou outros tivessem mais recursos econômicos e viessem a acumular diferentes excedentes de produção.

Os ritmos da vida na sociedade rural obedecem a um ritmo que se relaciona com a própria estrutura técnico-econômica do sistema estabelecido. Redfield (1955) compara que o pulsar da vida se assemelha a uma sístole e uma diástole. Dois ritmos se manifestam: um dependente das necessidades agrícolas e talvez dos impulsos aglutinantes para a sociabilidade, que reúne as pessoas para algumas horas de trabalho e de jogo; e o outro ritmo é o ciclo anual,

quando suas pulsações aproximam lares mais amplamente dispersos para uma variedade de interesses e propósitos.

Azevedo (1975) contextualiza que para as sedes coloniais afluía importante fluxo de população, particularmente nos domingos e dias santificados, para o culto, a troca na feira e encontros com amigos e parentes. Muitos dirigem-se para essas sedes, cotidianamente, à medida de suas necessidades para compras, reparos de ferramentas e para a entrega de produtos a estabelecimentos localizados nos povoados. Quanto ao ritmo anual, este decorre do modo de utilização da terra e da tecnologia empregada. Desde o início da colonização, o colono produzia, em seu lote de terras, aproximadamente, todos os produtos agrícolas de que necessitava para o consumo de sua família e os que cultivava para comercializar. Dessa maneira, a cultura agrícola era diversificada, não existindo extensas monoculturas. O ritmo das atividades e das pausas era praticamente comum ao conjunto de agricultores. Esses eram pequenos criadores de aves, de porcos, de gado bovino, de muares e de equinos. Estes últimos, além de serem utilizados na tração de carretas, no transporte de cargas e de montaria, também eram bens comercializáveis.

Outro fator do ritmo de vida era o sistema de rotação das culturas, segundo o qual, num mesmo lote e numa mesma área do lote, as lavouras se sucediam, ciclicamente, no correr do ano, umas de cultura perenes e outras, anuais ou periódicas. Dessa forma, em cada lote ou estabelecimento associavam-se os dois tipos de cultura.

O calendário social e religioso na colônia derivava do ritmo do trabalho. Os casamentos ocorriam, normalmente, em dois ou três períodos anuais de maior frequência e se relacionavam com a atividade agrícola e com as prescrições canônicas. Normalmente, nos meses de janeiro e fevereiro, quando ocorria certa folga nas atividades rurais, como a que antecedia a safra da colheita da uva. O período de maior número de casamentos era nos meses de junho e julho, fase de menor atividade no campo e de mais recursos financeiros, devido à venda das safras de uva, milho e batata (Azevedo, 1975).

O agricultor e o sacerdote católico italiano trouxeram para o Rio Grande do Sul o costume que os acompanhou na migração e se incorporou à sociedade, que se constitui da bênção das culturas, das primícias e do sustento do *cura*²⁷ rural, ao menos em parte, com os frutos da terra, como refere Azevedo (1975). Como recompensa ao sacerdote, no tempo da safra os colonos lhe traziam trigo, uva, batata-inglesa, farinha de milho, frutas e verduras. Além disso, cada lar rural contribuía com uma quantia fixa para a manutenção do padre e do culto. Fazia

²⁷ Na literatura eclesiástica, *cura* é o mesmo que pároco, abade ou prior, isto é, sacerdote que *cura almas*, com a obrigação de assegurar a uma comunidade de fiéis os serviços da palavra, da liturgia e da caridade (Falcão, 2020).

parte dos deveres dos paroquianos, membros da sociedade da capela - como estabeleciam seus estatutos, em caso de infortúnio -, ajudar a família do sócio na plantação, fazer a limpeza da roça na colheita, reconstruir casa destruída e fornecer o indispensável à família sinistrada ou impossibilitada de trabalhar.

Funções de orientação e controle social, exercidas pelo padre, nos povoados, em colaboração com a autoridade civil, passaram a ser cumpridas, no regime das capelas filiais, pelo sacerdote com os fiéis. Isso ocorria num ambiente democrático de combinações e acordos, dispondo aos fiéis certa margem de participação em algumas decisões, tais como: fixação de valores de taxas para cobertura de transporte e despesas com o culto (Azevedo, 1975, p. 193).

5 ITALIANIDADE, IDENTIDADE, SENTIMENTO DE PERTENÇA

Como viviam os imigrantes italianos, quando chegaram ao Rio Grande do Sul e construíram suas comunidades? Que valores trouxeram e como se organizaram? Que identidade carregavam? Algumas dessas questões já foram respondidas, anteriormente. Nessa direção, este capítulo trata da relação existente entre a comunidade que se constituiu em torno do Santuário de N. Sra. de *Caravaggio*, a influência da cultura italiana e da ruralidade e a construção de uma identidade de pertencimento ao local.

No estudo, comunidade foi entendida como forma de viver, associada ao território, às relações de vida e à coesão social nos quais está entrelaçada. A ruralidade é uma construção social contextualizada, com uma natureza reflexiva, resultado de ações dos sujeitos que internalizam e externalizam, através dessas ações, sua condição sociocultural herdada de seus antepassados. Nesta ruralidade, está expressa a capacidade destes sujeitos de se adaptarem às novas condições resultantes das influências externas.

Medeiros (2017) afirma que a ruralidade responde aos elementos que sustentam um processo que envolve território e identidade. O território relaciona-se com o contexto físico e social, no qual acontece o processo, e a identidade se atém ao que é vivenciado pelos agentes sociais.²⁸ Essa ruralidade em que há uma indiferenciação entre o espacial, o social e o cultural, seja do urbano, seja do rural, “exprime-se numa construção de novas identidades, unidas em torno de práticas, valores e do sentimento de pertença” (Moreira; Graviria, 2002 *apud* Medeiros, 2017, p. 186).

O *rural* também é visto como um modo particular de utilização do espaço e da vida social. Kayser (1990), em seus estudos, supõe a compreensão dos contornos, das especificidades e das representações do espaço rural, entendido, ao mesmo tempo, como espaço físico, que faz referência à ocupação do território e aos seus símbolos, lugar onde se vive, particularidades do modo de vida e referência identitária, bem como lugar de onde se vê e se vive o mundo, isto é, a cidadania do homem rural e sua inserção nas esferas mais amplas da sociedade.

²⁸ Na identidade territorial, os diversos grupos, social e politicamente organizados, polarizam suas posições e defendem o espaço agrícola como um espaço produtivo e, por vezes, como um espaço de preservação ambiental. Como consequência deste impacto, surge a resignificação do *rural*, termo substituído por *meio ambiente* a ser preservado como um bem para todos. Para Wanderley (2000, p. 101), “diferentemente do *rural*, o *meio ambiente* se refere a um modelo, não em vias de desaparecimento, mas em emergência e em conflito com o modelo econômico dominante”.

Do ponto de vista sociológico, ao se abordar o “rural”, aponta-se para duas características consideradas fundamentais. A primeira, é a relação específica dos habitantes do campo com a natureza, com a qual o homem lida diretamente, sobretudo por meio de seu trabalho e do seu hábitat. Trata-se, sem dúvida, das representações do espaço natural e do espaço construído, visto que a “natureza rural”, precisamente porque é rural, também é “objeto de múltiplas atividades e usos humanos, é a menos natural possível” (Mathieu; Jollivet, 1989, p. 15). A segunda, caracteriza-se pelas relações sociais, definidas por Mendras (1976) como “relações de interconhecimento”, as quais resultam da dimensão e da complexidade restritas das “coletividades” rurais. Destas relações decorrem práticas e representações particulares a respeito do espaço, do tempo, do trabalho e da família, principalmente.

Nesse sentido, pode-se afirmar que os imigrantes que construíram sua vida ficaram muito próximos desse conceito de rural, de estar perto da natureza, de conviver, inclusive, com o isolamento. Portanto, essas comunidades rurais foram os locais onde os imigrantes se instalaram e se constituíram como grupo social.

Mela (1988, p. 50) compreende *comunidade* como “um sistema integrado de relações sociais estendidas a todos os campos basilares da experiência social”, diferenciado de *associação*, esta entendida como lugar de interesses específicos. Para caracterizar *comunidade*, esse autor explica três tipos de agrupamentos: 1) *a unidade territorial* que compreende os vários tipos de comunidade desde a base espacial, de comunidade de vizinhança àquela nacional; 2) *a unidade com interesses conscientes sem organização definida*, a que inclui agregados como classes sociais e multidões; 3) *a unidade com interesse consciente e com organização definida*, a que inclui grupos primários, como clubes, Igrejas ou estados.

Para Mela (1988), a existência de uma comunidade depende da compreensão de dois elementos: o primeiro, é um elemento ecológico e refere-se à localidade ou área de assentamento de um determinado conjunto de sujeitos sociais; o segundo, é um elemento de cunho psicossociocultural e é suscetível ao falar de um sentimento de pertencimento à comunidade. Considerados, individualmente, cada um dos fatores é necessário, mas não é suficiente para o estabelecimento de uma comunidade. Esta se cria apenas quando o território é percebido como um conjunto de condições, um ambiente específico, que desafia um grupo humano a dar respostas particulares, e que desenvolve um sentimento particular de coesão e apego ao lugar, sentimento que pode ser transmitido e aprendido por meio do processo de socialização.

Ao comparar desempenhos comunitários, Putnam *et al.* (1993) observaram que regiões situadas mais ao Norte da Itália tiveram desenvolvimento superior às do Sul daquele país,

embora as condições básicas e o governo eram os mesmos. Naquelas regiões ao norte, os melhoramentos ocorreram graças a um contexto social que forjou laços horizontais e ligações sólidas, com vistas à solidariedade, e que geraram fundamentos cívicos nessas comunidades. Dentre as localidades que compõem o Norte da Itália está a Região do Vêneto, de onde veio grande parte dos imigrantes italianos, que se estabeleceram em Farroupilha-RS, nas últimas três décadas do século XIX (Bertuol, 1950) e, especificamente, a região que diz respeito à presente pesquisa.

O significado de comunidade cívica estaria na aquisição do direito de cidadania pela via da vida comunal e pelo crescente interesse por questões referentes à vida pública. Alguns elementos a caracterizam, tais como: o empenho cívico que denota participação ativa na vida comum, o senso de igualdade política medido pela propensão a estabelecer relações horizontais de reciprocidade e cooperação; solidariedade, confiança e tolerância, estabelecidos através do respeito e da estima pelos concidadãos, e o impulso associativista como compromisso em construir estruturas de cooperação. Dentre outros indicadores, a pesquisa revelou dois tipos ou modelos de cidadãos na sociedade, que, com variabilidade de concretude, explicariam os comportamentos mais comuns: “o *familista amoral*, ou que se mobiliza exclusivamente visando interesses pessoais ou do grupo familiar e o *agregador congênito*, que está sempre supondo possibilidades de uma atuação coletiva, visando o bem comum” (Putnam, 1993 *apud* Baiardi, 1997, p. 386).

5.1 OS IMIGRANTES QUE SE INSTALARAM NO TERRITÓRIO DO SANTUÁRIO

Para a formação identitária, a identidade se constrói em torno de elementos de positividade, que agreguem as pessoas em torno de atributos e características valorizadas, que rendam reconhecimento social a seus detentores. Pesavento (2005) afirma que assumir uma identidade implica encontrar gratificação com seu endosso. A identidade deve apresentar um capital simbólico de valoração positiva, atrair a adesão, ir ao encontro das necessidades mais intrínsecas do ser humano de adaptar-se, e ser reconhecido socialmente. Mais do que isso, a identidade responde, também, a uma necessidade de acreditar em algo positivo que o indivíduo possa se considerar como pertencente. Enquanto construções imaginárias de sentido, as identidades fornecem uma compensação simbólica a perdas reais da vida. Pesavento (2005) considera que identidades, tidas como gloriosas, confrontam e suprem carências na vida social e material.

Zanini (2006) comenta que a familiaridade proporcionada pela imagem espacial das coisas se traduz também em pertencimentos. Essa autora relata a observância de como os imigrantes trouxeram da Itália para a região de colonização do Estado do Rio Grande do Sul uma forma de disposição espacial e como esta foi sendo repassada às gerações sucessivas e, contemporaneamente, reproduzida em formas miniaturizadas. O pertencimento se revela também por meio do domínio espacial das imagens, seja na disposição arquitetônica e paisagística, seja nos objetos. A casa se mostrou fundamental para se observar como os descendentes efetuaram a elaboração de sua italianidade, o que ela representa individualmente e em que está assentada. Nesse processo de avaliação de uma determinada ordem estética do mundo, os descendentes buscam se atualizar naquilo que compreendem ser autêntico e originalmente italiano (Zanini, 2006).

Zanini (2006) compreende que a cultura, no interior de uma arena interétnica, é um elemento a ser considerado, dinamicamente, e não como fonte imutável de pertencimento grupal. “Os símbolos culturais existem em um tempo específico de determinada sociedade, podendo desaparecer ou se transformar” (Zanini, 2006, p. 204). Essa autora sustenta que, em estudos que envolvem a compreensão da italianidade, não existem símbolos culturais definitivos e imutáveis que possam ser considerados definidores de italianidade ou de brasilidade. Esses são construídos e inventados no encontro e no confronto. Argumenta a importância de observar, nos contextos interativos, os sinais diacríticos que cada grupo utiliza para delimitar suas fronteiras simbólicas e não se esse ou aquele símbolo é potencialmente revelador de uma tradição autêntica, baseada em uma originalidade historicamente comprovada. A importância está em que o “simbolismo esteja na tradição e seja compartilhado pela coletividade, mesmo que esta tradição possa ser, em alguns aspectos, inventada (Hobsbawn e Ranger, 1997) ou híbrida (Canclini, 1996), o que em nada desmerece a sua legitimidade” (Zanini, 2006 p. 204).

Zanini (2006, p. 207) diz que “para expressar italianidade é fundamental que os indivíduos se percebam vinculados a uma trajetória de grupo portador de uma história passada, compartilhada e visualizada positivamente”. A italianidade se caracteriza por mesclas de pragmatismo com valorações, sentimentos e elementos selecionados nos contextos de fronteiras. Nesse sentido, no Brasil, a italianidade se constitui um sentimento de pertencimento baseado numa origem que dialogou, historicamente, com vários períodos da vida regional e nacional, cada uma a seu modo. De acordo com Santos e Zanini (2009), o ápice simbólico dessa expressão ocorreu no pós-festejos do Centenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, em 1975, quando já havia uma elite intelectual e econômica capaz de gerar uma argumentação

silogística acerca de si mesma, ressaltando a significativa contribuição desse grupo para o desenvolvimento e a riqueza do estado.

Na formação da italianidade, verifica-se que a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, e isso é variável conforme o lugar que se ocupa, sendo que esse lugar muda conforme as relações com outros meios.

A italianidade possibilita, assim, a interseção entre os indivíduos e a sociedade, entre o indivíduo individual e o coletivo, entre o mundo do eu e o mundo dos outros, o mundo do rural e do urbano, o mundo da tradição e da modernidade entre o mundo da natureza e o mundo da cultura. Ela situa, posiciona e orienta e é também produto de todas essas conjugações. O domínio da memória grupal se transforma num instrumento eficaz para o processo de vitimização da cultura. É pela reconstrução da memória coletiva que a etnicização, enquanto uma estratégia de sobrevivência e busca por poder, mantém-se ativa e significativa (Zanini, 2006, p. 207).

Azevedo (1975) descreve que os imigrantes, nos agregados constituídos pelos núcleos coloniais, antes mesmo do relacionamento com a sociedade brasileira e com os colonos de outras origens, defrontaram-se com o desafio de sua própria identidade. Os colonos, na sua maioria, são católicos, e, quando atendidos por sacerdotes italianos, se unificam em um único bloco. Entretanto, são herdeiros de uma tradição de pequenos grupos étnicos, em que os diferentes dialetos e a autonomia municipal a que estão inseridos lhes proporcionam suporte com certo vigor. Azevedo observa que mesmo a unificação nacional alcançada na década de 1960 não apagaría ainda os sentimentos localistas e regionalistas.

Decó (1994, p. 30),²⁹ relata que “era um costume entre os imigrantes italianos de se agruparem em famílias de uma mesma localidade ou Província, e se estabelecerem, aqui no Brasil, em lotes próximos por motivos de língua, parentesco e convivência fraterna”. Nesse estudo, constam os registros de fundação de algumas das comunidades que originaram as capelas e que estavam integradas à sede que veio constituir o Santuário N. Sra. de *Caravaggio*, em Farroupilha-RS. Nesses registros, em que constam os assentamentos das famílias e lotes ocupados, quando receberam os títulos provisórios e após os títulos definitivos das terras, é possível identificar parentescos, localidades de origem e dados de atividades que desenvolveram no local, nas primeiras décadas da imigração.³⁰

Por muito tempo, o clero que acompanhava os imigrantes exerceu o papel de sustentar as tradições e lembranças da Itália, como uma de suas missões, considerando-se civilizador e

²⁹ Autor do estudo realizado na microrregião de colonização italiana de Linha Palmeiro, situada parte em Bento Gonçalves e parte em Farroupilha-RS.

³⁰ Conforme dados mais atuais, coletados em entrevistas em 2018 (Schvarstzhaupt, 2018), bem como nesta pesquisa, verifica-se que se mantém a descendência, no local, da maioria das famílias nessas comunidades.

promotor do progresso religioso e espiritual, do desenvolvimento da arte, da instrução e da assistência e, ao mesmo tempo, um dos mais eficazes liames de união entre imigração e a mãe-pátria. “A Igreja Católica, na zona italiana, exerce uma ação aculturativa e assimilativa, sem perder suas vinculações com as tradições dos colonos, das quais é guardiã” (Azevedo, 1975, p. 219).

A italianidade, como expressão de uma consciência coletiva contribuiu para consolidar um modo global de vida e favoreceu a constituição de uma identidade étnica própria, diante da sociedade nacional. Essa consciência coletivo-identitária exerceu função determinante na preservação do complexo colonial nesta região, estrutura que perdura por mais de um século.

Santos e Zanini (2009) defendem que o importante, para compreender a invocação da italianidade desses imigrantes, são os sinais diacríticos que o grupo utiliza para delimitar suas fronteiras de pertencimento, a construção de tradições e de sentidos para essas tradições. As hibridizações entre “íalo-brasileiros” e “íalo-gaúchos”, como defendem essas autoras, são negociadas nos contextos interativos, de acordo com situações que se estabelecem. Nesse contexto, em alguns momentos é mais lucrativo se denominar simplesmente de italiano, lombardo, íalo-gaúcho e assim por diante.

Essas autoras consideram ser relevante, do ponto de vista das discussões acerca da(s) italianidade(s), ter em mente a ascensão econômica e política de parcela da população de migrantes e descendentes que enriqueceu. Nesse sentido, há versões a respeito da trajetória dos “italianos no estado”, que se tornam hegemônicas e legítimas, de tal modo que se transformam quase uma história oficial, na qual são ressaltadas dificuldades e a união do grupo e apagadas ou minimizadas as dissensões. Na história oficial da imigração e do povoamento do Rio Grande do Sul, faz-se presente a descrição de “virtudes que são pensadas como *inatas* dos imigrantes trabalhadores, honestos, bons católicos, criativos, persistentes, apegados à família e a poupadores” (Santos; Zanini, 2009, p. 35).

5.2 A IDENTIDADE E A CULTURA RELIGIOSA ITALIANA

As identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas. A representação atua, simbolicamente, para classificar o mundo e nossas relações no seu interior (Hall, 1997a). Na formação da identidade, os povos partilham o local e diversos aspectos da cultura, em sua vida cotidiana.

A identidade se mostra relacional e, para existir, depende do que está fora dela, ou seja, de uma outra identidade que ela não é, que difere de si, mas que, no entanto, fornece as

condições para que ela exista. A construção da identidade pode ser tanto simbólica quanto social. Woodward (1996) indica que a luta para afirmar as diferentes identidades tem causas e consequências materiais, como, por exemplo, em conflitos entre grupos em guerra, na turbulência e fatalidade social e econômica que a guerra traz. A identidade também pode ser marcada pelas diferenças entre grupos étnicos, as quais são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares e momentos particulares.

Com frequência a identidade envolve reivindicações essencialistas sobre quem pertence e quem não pertence a determinado grupo identitário, no qual a identidade é vista como fixa e imutável.

Algumas vezes essas reivindicações estão baseadas na natureza, em algumas versões da identidade étnica, na “raça” e nas relações de parentesco. Com mais frequência, entretanto, essas reivindicações estão baseadas em alguma versão essencialista da história e do passado, na qual a história é construída ou representada como uma verdade imutável (Woodward, 1996, p. 13).

A identidade é relacional e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades, como pode-se verificar na afirmação de identidades nacionais com sistemas representacionais como, por exemplo, a Bandeira Nacional. Condições sociais e materiais também se vinculam à identidade. No caso de um grupo ser, simbolicamente, marcado como o inimigo ou como tabu, isso provocará efeitos reais, pois o grupo será socialmente excluído e terá desvantagens materiais.

O social e o simbólico se constituem dois processos diferentes; porém, cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades. A marcação simbólica, por sua vez, constitui-se meio pelo qual se dá sentido às práticas e às relações sociais, definindo inclusão ou exclusão ao grupo.

Woodward (1996) refere que existem duas tensões relacionadas ao fato de se estabelecer o conceito de identidade: o essencialismo e o não essencialismo. O essencialismo pode fundamentar suas afirmações tanto na História quanto na Biologia. Por outro lado, os movimentos étnicos ou religiosos ou nacionalistas, frequentemente, reivindicam uma cultura ou uma história comum como fundamento de sua identidade.

Para compreender o que faz da identidade um conceito tão central, Woodward alerta que é necessário examinar as preocupações contemporâneas com questões de identidade em diferentes níveis. Em nível global, existem preocupações com as identidades nacionais e com as identidades étnicas. Em um contexto mais local, existem preocupações com a identidade pessoal, bem como com as relações pessoais e com a política sexual. Diante de indicadores de

uma crise atual de identidade, como sugere Woodward (1996, p. 17), isso implica “examinar a forma como as identidades são formadas e os processos que estão envolvidos”, e também “perguntar em que medida as identidades são fixas ou, de forma alternativa, fluídas e cambiantes”.

A identidade inscreve-se no circuito da cultura. Nesse sentido, Hall (1997b) justifica que, ao se examinar sistemas de representação, é necessário analisar a relação entre cultura e significado. Para Woodward (1996), compreende-se os significados envolvidos nesses sistemas diante de alguma ideia sobre quais posições de sujeitos eles produzem e como os sujeitos podem ser posicionados em seu interior. Assim sendo, o foco tratado se desloca dos sistemas de representação para as identidades produzidas por aqueles sistemas.

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornem possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas, e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (Woodward, 1996, p. 17).

A ênfase na representação e o papel-chave da cultura, na produção dos significados que permeiam todas as relações sociais, levam a uma preocupação com a identificação (Nixon, 1997). Todas as práticas de significação, que produzem significados, envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído. A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade (Woodward, 1996, p. 19).

As mudanças e as transformações globais nas estruturas políticas e econômicas, no mundo contemporâneo, colocam em relevo as questões de identidade e as lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais e étnicas. As identidades construídas pela cultura são contestadas sob formas particulares no mundo contemporâneo. Hall (1997b) argumenta que, ao se afirmar uma determinada identidade, pode-se buscar legitimá-la por referência a um suposto e autêntico passado, que poderia validar a identidade que reivindicamos. Nessa perspectiva ainda, ao se expressar demandas pela identidade no presente, os movimentos nacionalistas buscam a validação do passado em termos de território, cultura e local.

Para Woodward (1996, p. 25), mesmo que o passado reconstruído pelas identidades atuais seja apenas imaginado, ele “proporciona alguma certeza em um clima de mudança,

fluidez e crescente incerteza”. Essa autora ainda argumenta que, para a constituição de identidade, é importante reconhecer que a luta e a contestação estão concentradas na construção cultural de identidades, fenômeno que está ocorrendo em diferentes contextos.

A afirmação política das identidades exige alguma forma de autenticação. Essa autenticação, frequentemente, é feita por meio da reivindicação da história do grupo cultural em questão. Woodward (1996) sugere alguns questionamentos a respeito. Pode-se perguntar: Há uma única verdade histórica a ser recuperada? Há um passado nacional autêntico que possa ser utilizado, para sustentar e definir essa nacionalidade, como sendo a identidade de um determinado período na História? Pode-se questionar qual é a história que pesa e de quem é? Tendo em vista a pluralidade de posições que, naturalmente, irão surgir nessa busca de identidade, questiona-se, também, qual herança histórica teria validade? Ou ainda, há risco de sermos levados a uma posição relativista de igualar as diferentes versões, mas separadas? Woodward traz presente a argumentação de Mohanty (1989, *apud* Woodward, 1996, p. 27), que utiliza a oposição entre “história” e “histórias”, para justificar que a celebração da diferença poderia levar a ignorar a natureza estrutural da opressão.

A segunda concepção de identidade cultural, apresentada por Woodward (1996, p. 28), implica “uma questão tanto de ‘tornar-se’ quanto de ‘ser’”. Isso não significa que a identidade tenha um passado, mas implica reconhecer que, ao reivindicá-la, a reconstruímos e que, além disso, o passado traz uma constante transformação. Nessa perspectiva, Hall (1990) argumenta que esse passado é parte de uma comunidade imaginada, uma comunidade de sujeitos que se apresentam como *nós*. Essa identidade, segundo esse autor, não seria uma identidade que estaria fixada na rigidez da oposição binária, tal como a dicotomia *nós/eles*, mas que, embora seja construída por meio da diferença, o significado não é fixo, mas leva em conta a fluidez da identidade. Ao tomar a identidade uma questão de *tornar-se*, aqueles que a reivindicam não se limitariam a ser posicionados por ela, mas seriam capazes de posicionar a si próprios e de reconstruir e transformar as identidades históricas, herdadas de um suposto passado comum.

No tocante à produção de sentido da identidade, Durkheim compreende que é por meio da organização das coisas, de acordo com sistemas classificatórios, que o significado é produzido. Os sistemas de classificação oferecem ordem à vida social por meio de falas e rituais. Esse autor argumenta que “sem símbolos os sentimentos sociais teriam uma existência apenas precária” (Durkheim, 1954, p. 1912 *apud* Woodward, 1996, p. 41).

Durkheim, utilizando a religião como modelo, mostrou que as relações sociais são produzidas e reproduzidas por meio de rituais e símbolos, os quais classificam as coisas em dois grupos: as sagradas e as profanas. Não existe nada inerentemente ou essencialmente

“sagrado” nas coisas. Os artefatos e as ideias se tornam sagrados apenas porque são simbolizados e representados como tais. Durkheim (1954) sugeriu que as representações, que se encontram nas religiões “primitivas” (fetiches, máscaras, objetos rituais e totêmicos), eram consideradas sagradas, porque corporificavam as normas e os valores da sociedade, o que contribuía para unificá-las culturalmente. Durkheim argumenta que se quisermos compreender os significados partilhados que caracterizam os diferentes aspectos da vida social, temos que examinar como eles são classificados, simbolicamente.

No aspecto da vida social, por exemplo, esta é estruturada por tensões entre o sagrado e o profano. Por meio de rituais ocorrem as reuniões coletivas dos movimentos religiosos ou as refeições em comum, fatos em que o sentido é produzido. É é nesses momentos que ideias e valores são, cognitivamente, apropriados pelos indivíduos. Durkheim sustenta que a religião é algo eminentemente social, e que as representações religiosas são representações coletivas que expressam realidades coletivas. “Os ritos constituem uma maneira de agir que ocorre quando os grupos se reúnem, sendo destinados a estimular, manter ou recriar certos estados mentais nesses grupos” (Durkheim, 1954, *apud* Woodward, 1996, p. 42).

O sagrado, aquilo que é colocado à parte, é definido e marcado como diferente em relação ao profano. Desta forma, o sagrado está em oposição ao profano. As formas pelas quais a cultura estabelece fronteiras e distingue a diferença são cruciais, para compreender as identidades.

[...] a cultura, no sentido dos valores públicos, padronizados, de uma comunidade, serve de intermediação para a experiência dos indivíduos. Ela fornece, antecipadamente, algumas categorias básicas, um padrão positivo, pelo qual as ideias e os valores são higienicamente ordenados. E, sobretudo, ela tem autoridade, uma vez que cada um é induzido a concordar por causa da concordância dos outros (Douglas, 1966, p. 38-39 *apud* Woodward, 1996, p. 42).

A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra e estabelece distinções. Woodward (1996) sustenta que cada cultura tem suas próprias e distintas formas de classificar o mundo. Pela construção de sistemas classificatórios, a cultura nos proporciona os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados. Entre os membros de uma sociedade há certo grau de consenso de como classificar as coisas, a fim de manter alguma ordem social. Esses sistemas partilhados de significação é o que se compreende por *cultura*.

II PARTE

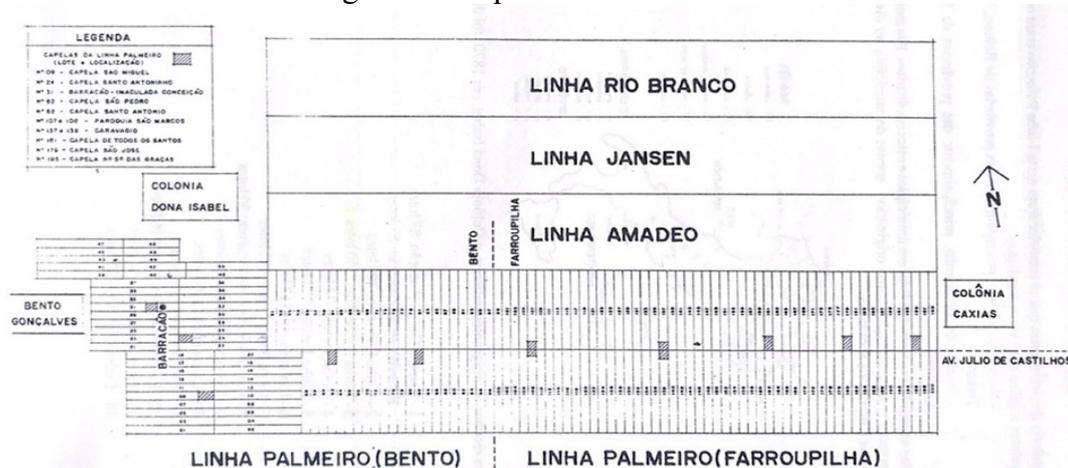
HISTÓRIA E MEMÓRIAS

6 A HISTÓRIA DO SANTUÁRIO

Os imigrantes que se estabeleceram nas imediações do atual Santuário chegaram ao local nos anos de 1875 a 1884 (Decó, 1994, p. 33). Os imigrantes adquiriram os lotes rurais nas localidades da Linha Palmeiro e Linha Jansen, respectivamente, 1º e 2º distritos de Farroupilha-RS, e em Mato Perso, atual 4º distrito do Município de Flores da Cunha-RS.

A Linha Palmeiro compreendia 200 lotes rurais e abrangia as zonas desde a localidade de Barracão, próxima a Bento Gonçalves-RS, até perto de Caxias do Sul-RS, com as capelas São Pedro, São Marcos e Nossa Senhora de *Caravaggio*, na mesma linha. Bertuol (1950) descreve que, quando chegou a leva de colonizadores que se estabeleceu em *Caravaggio*, as terras da Linha Palmeiro já haviam sido ocupadas, anteriormente, por imigrantes, que haviam embarcado em *Le Havre*, na França, em 30 de novembro de 1876. Este, portanto, chegaram 15 dias antes e ocuparam os lotes até o número 125, onde o Angelo Lucáora, de Fonzaso, ergueu seu primeiro casebre. Pela ordem numérica, “os novos imigrantes foram distribuídos pelas colônias números 126 a 164” (Bertuol, 1950, p. 97).

Figura 1 - Mapa da Linha Palmeiro



Fonte: Decó (1994, p. 31). A localidade de *Caravaggio* se localizou na Linha Palmeiro. A Linha Palmeiro, do lote 1-99 fazia parte da Colônia Dona Isabel, e os lotes de 100-200 faziam parte de Nova Vicenza, distrito da Colônia Caxias.

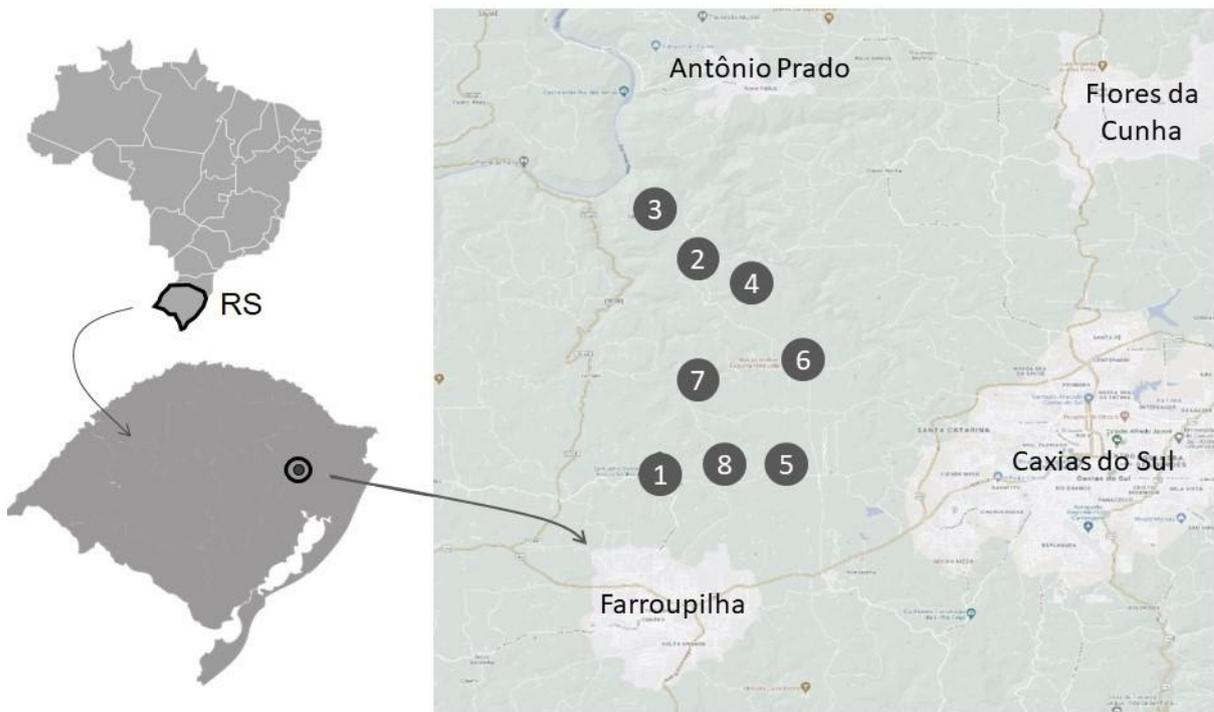
Os demais lotes rurais, correspondentes às capelas: N. Sra. das Dores, N. Sra. de Monte Bérico, São Tiago, Santa Juliana, e São Victor e Santa Corona, foram ocupados até 1884, como refere Decó (1994, p. 33).

De acordo com Decó (1994, p. 30), na Linha Palmeiro, “por volta de 1880, todos os lotes foram ocupados”. Na época, pertenciam parte à Colônia Dona Isabel e parte à Colônia Caxias. “Com as emancipações administrativas, que ocorreram a partir de 1890, alguns

territórios mudaram de administração, é o caso da Colônia Caxias que se emancipou em 1890” (Herédia, 2017, p. 50) e Colônia Dona Isabel, na mesma data, enquanto Farroupilha se emancipou apenas em 1934 (Decó, 1994, p. 18-19), se mantendo, até então, como distrito de Caxias do Sul.

O mapa da Figura 2 mostra a localização do Santuário N. Sra. de *Caravaggio* no contexto de País, estado e município.

Figura 2 – Localização do Santuário N. Sra. de *Caravaggio*, em Farroupilha-RS e Capelas que constituem a paróquia



Legenda:

- | | |
|---|--|
| 1 – Santuário Nossa Senhora de Caravaggio | 5 – Capela São José |
| 2 – Capela Santa Juliãna | 6 – Capela Nossa Senhora de Monte Bérico |
| 3 – Capela São Vitor e Santa Corona | 7 – Capela Nossa Senhora das Dores |
| 4 – Capela São Tiago | 8 – Capela Todos os Santos |

Fonte: Mapa adaptado pela autora (2022).

Movidos pela religião, os imigrantes italianos fundaram capelas e expressaram sua crença de forma a dar expressão e sentido a sua vida, diante dos desafios que encontraram no novo destino pátrio (Bertuol, 1950; Zorzi, 1986). Por aproximações de vizinhança e condições geográficas, se agruparam e formaram *sociedades*, que se caracterizaram por capelas. A capela-sede, N. Sra. de *Caravaggio*, aglutina as expressões de fé das comunidades das capelas próximas. Nos primeiros anos de assentamentos, nutriam a expectativa de terem um sacerdote que os atendesse, com residência fixa no local, pois os que os atendiam vinham de lugares distantes.

A partir de registros no Livro de Tombo³¹ do Santuário e, posteriormente, da Paróquia N. Sra. de *Caravaggio*, era composta pelas sete capelas, que, ao longo do tempo, sempre apresentaram vida própria e realizaram práticas bastante semelhantes, individualmente; ao mesmo tempo, compartilharam momentos de ritos religiosos em comum, na capela-sede.³²

Apesar de as capelas terem vivido cinquenta anos desvinculadas, institucionalmente, de sua capela-sede de origem - o atual Santuário (1968-2018) -, mesmo assim, mantiveram práticas de ajuda nos momentos festivos e de necessidades, bem como expressaram práticas religiosas nas grandes festas litúrgicas, por meio de celebrações em comum.

Para melhor expressar momentos da existência das comunidades das capelas e sua relação com o Santuário, foi proposta uma divisão, na linha do tempo, em períodos históricos. São cinco períodos: o primeiro, compreende a fundação da primeira capela (sede) até a data de sua elevação à categoria de Santuário (1878-1921); o segundo, corresponde ao período da elevação da sede a Santuário, até o jubileu de sua autonomia como paróquia (1921-1943); o terceiro, dos 50 anos de sua autonomia até o ano em que o Santuário é desvinculado da paróquia e constituído, institucionalmente, independente (1943-1968); o quarto período abarca o desmembramento do Santuário, em relação à paróquia, até a reaproximação das capelas à gestão do Santuário (1968-2018), e o quinto, trata o período da contemporaneidade (2018-2024).

6.1 DA FORMAÇÃO DA CAPELA À ORGANIZAÇÃO DO SANTUÁRIO (1878-1921)

A capela-sede, N. Sra. de *Caravaggio*, é a primeira a se constituir naquele território. Em 1879, foi construído o primeiro oratório, nas dimensões aproximadas de 3m x 4m, que, em seguida, foi ampliado para comportar a presença de 100 pessoas ou mais, que correspondiam à população local da época. Os moradores se organizaram e se articularam com rapidez para construir um templo que lhes desse mais força, o que proporcionaria maiores possibilidades dessa comunidade se tornar sede paroquial (Bertuol, 1950).

³¹ Livro de Tombo é um livro tipicamente canônico, onde são lançados atos e fatos significativos de valor histórico e acontecimentos e/ou procedimentos administrativos de maior relevância, que vão se desenvolvendo no cotidiano das pessoas jurídico-canônicas. Deve ser redigido pelo pároco. Nele devem ser registrados acontecimentos relevantes da comunidade paroquial. Deve ser guardado, cuidadosamente, no arquivo de papéis e Atas da paróquia.

³² Os registros históricos das capelas constam nos Livros de Tombo. Primeiramente, no Livro de Tombo do Santuário (LT Sant), quando faziam parte da Paróquia N. Sra. de *Caravaggio*, que integrava, inclusive, a capela-sede, que se constituiu o Santuário; e, de 1968 a 2018, em Livro de Tombo próprio das capelas (LT Cap). Nesse período, tal paróquia teve o Santuário desmembrado, e suas capelas seguiram com vida própria, porém sem sede paroquial. O atendimento era realizado, nos finais de semana, por um pároco designado, que residia em outro local, distante dessas capelas.

Bertuol observa que havia disputas entre a capela-sede de *Caravaggio* e a vizinha, distante 3 km, a Capela São Marcos, que reivindicava o posto de liderança. Os dois lugares disputavam local para a construção de uma igreja de maior impacto. Entretanto, um ano após, em 1890, a comunidade da Capela de *Caravaggio*, constituída de 22 famílias, edificava em alvenaria o prédio do antigo Santuário, adiantando-se a de São Marcos (Bertuol, 1950, p. 103). As demais capelas surgem nos anos seguintes, com pouca diferença de tempo de fundação entre elas. Algumas com datas imprecisas, mas com registros de existência que marcam períodos, como se pode constatar mais adiante, a partir de registros no Livro de Tombo do Santuário.

A Capela de *Caravaggio*, a partir dos esforços de seus moradores, conseguiu o privilégio de manter-se como sede. E, após diversas visitas pastorais e reivindicações das comunidades das capelas, o arcebispo de Porto Alegre, Dom Cláudio Ponce de Leão, autoridade eclesiástica do Rio Grande do Sul na época, a elevou à categoria de curato (paróquia) e nomeou-lhe o primeiro pároco, o padre Carmine Fasulo. O mesmo tomou posse em 14 de março de 1893, com a responsabilidade de estabelecer os limites do curato (LT Sant, n. 1, p. 1v).

Em acordo com os padres João Menegotto, ex-vigário da Paróquia de Santo Antônio, de Bento Gonçalves-RS, e Júlio Leonardelli, ex-pároco de Nova Pompéia (atual Pinto Bandeira-RS), define-se a circunscrição da nova paróquia que é denominada Paróquia N. Sra. de *Caravaggio*.

A Figura 3 mostra a marcação das Linhas e dos Distritos, conforme atualização de 1987, em seus registros. O referido mapa faz parte do acervo cartográfico da Prefeitura Municipal de Farroupilha-RS, cedido para este estudo.

Figura 3 – Mapa do Município de Farroupilha: sede e distritos



Fonte: Prefeitura de Farroupilha (2020).

O Quadro 3 demonstra os limites geográficos das Linhas em que residiam os imigrantes, nas capelas vinculadas ao então curato N. Sra. de *Caravaggio*, em 1893.

Quadro 3 – Terras pertencentes à Paróquia N. Sra. de *Caravaggio* (1893)

Local	Lote(s) (início)	Lote(s) (final)
Terras pertencentes ao Município de Bento Gonçalves-RS, localizadas de oeste a leste		
1) Linha Palmeiro	Do rio Burati, inicia com o n. 50, inclusive	Até o n. 200, final da mesma linha
2) Linha Amadeo	Do n. 12, inclusive	Até o n. 81, inclusive, final da mesma linha
3) Linha Jansen	Do n. 38, inclusive	Até o n. 179, final da mesma linha
4) Linha Rio Branco	Do n. 12, inclusive	Até o n. 87, final da mesma linha
5) Linha Colombo	Sobra composta por 10 lotes coloniais	
Terras pertencentes ao Município de Caxias do Sul, ³³ Mato Perso		
1) Linha Hortência	Composta por 54 lotes coloniais	De leste a oeste, encontra-se com a Linha Jacinto, do Curato de Nova Pompéia
2) Linha 13 de Maio	Composta por 20 lotes coloniais	De leste a oeste, paralela com a Linha Hortência, encontrando-se com as Linhas Colombo e Jacinto
3) Linha 4 de Setembro	Composta por 26 lotes coloniais	De sul a norte. No fundo, inicia paralela com o n. 10 da Linha 13 de Maio
4) Linha Entre Rios	Composta por 26 lotes coloniais	De leste a oeste. É paralela à Linha 13 de Maio

Fonte: Elaboração da autora (2020).

O ano de 1899 marca um fato considerado milagroso: o “milagre da chuva”. Esse evento passa a ser celebrado todos os anos, com a participação das comunidades das capelas vinculadas ao Santuário e as demais, próximas. Nos seis meses que antecederam a data de 2 de fevereiro de 1899, ocorreu uma grande estiagem na região. Nesse dia, após peregrinação de grande público ao Santuário, para pedir a intercessão da Santa pela chuva, por meio de cânticos e orações, ocorreu importante quantidade de chuva, no final da tarde. A chuva veio de forma repentina e inexplicável pelos observadores do clima daquela época, pois o céu estava limpo e uma pequena nuvem apareceu no horizonte pelo meio da tarde e, com brevidade, choveu intensamente, como relata Bertuol. O episódio ficou marcado como o “milagre da chuva”. (BertuoL, 1950, p. 131) e é recordado, atualmente, como uma memória viva pelos descendentes daqueles que participaram o momento.

A partir daquele ano, a data de 2 de fevereiro passou a ser celebrada como cumprimento de um voto à N. Sra. de *Caravaggio* por sua intercessão pela chuva. Os registros notificam, desde os primeiros anos deste fato, a ocorrência de peregrinações nessa data. Moradores das capelas vinculadas à sede, bem como de localidades próximas, se deslocavam em peregrinação

³³ Em 1893, a localidade de Flores da Cunha constituía o 2º distrito de Caxias do Sul. Sua emancipação ocorreu em 24 de maio de 1924.

a pé, e, com cânticos e orações, iam até o Santuário, para participar de missa festiva, agradecendo pela intercessão da Santa. Consta que os moradores da sede iam ao encontro das procissões na entrada do povoado e, no final do evento, as acompanhavam com cânticos até a saída do povoado (LT Sant, n. 1). Esse acolhimento, relatado em diversos momentos, caracteriza uma das marcas de hospitalidade do lugar, já na sua origem.

Nas primeiras décadas da colonização na região, no dia 2 de fevereiro, era a festa religiosa mais importante realizada no local, que passou a ser denominada *Romaria Votiva*. A importância dessa data e de sua celebração adquiriu *status* relevante, de forma que a população local passou a celebrar com mais afinco outra data, o dia 26 de maio, dia da aparição de N. Sra. de *Caravaggio* à camponesa Joaneta, no prado de *Mazzolengo*, *Caravaggio*, no Norte da Itália (LT Sant, n. 1).

Bertuol (1950) enfatiza que os devotos foram compreendendo e dando significado à data da aparição da Santa, motivo a ser celebrado com mais esmero. Considerado um lugar diferenciado pelas graças alcançadas no local, *Caravaggio* foi adquirindo expressão e reconhecimento das autoridades eclesiásticas.

Na data de 21 de julho de 1900, o arcebispo de Porto Alegre, Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão, elevou o curato de *Caravaggio* à categoria de paróquia, agregando 17 capelas sob sua jurisdição (LT Sant, n.1, p. 4v-5). Nos anos imediatamente seguintes, destacam-se algumas ações na paróquia, tanto na sede como nas capelas. Ocorre a compra de três sinos, a criação da escola paroquial em 1903 e regulares visitas pastorais dos bispos em exercício. Nessas visitas, ocorreriam diversas orientações ao pároco, para a gestão da paróquia e do serviço pastoral, tais como: regulamentação dos imóveis pertencentes às capelas; instruções para os registros de nascimentos, de casamentos, de óbitos; acervo sistemáticos dos fatos e documentos eclesiásticos no Livro de Tombo, e provisionamento anual da paróquia (sede e capelas).

Até a emancipação de Caxias (1890) e de Farroupilha (1934), a Linha Palmeiro³⁴ pertencia ao Município de Bento Gonçalves, antiga Colônia Dona Isabel. Após 1934, parte da Linha Palmeiro passa a pertencer ao novo Município de Farroupilha.³⁵

³⁴ A Linha Palmeiro possuía 28 km de extensão, começando na localidade de Barracão (atual cidade de Bento Gonçalves-RS, e se estendia até a Colônia Nova Vicenza (atual cidade de Farroupilha-RS), possuía 200 lotes. Mediam 220 metros de frente por 2.200 metros de fundos. *Palmeiro* era o sobrenome de um funcionário do governo, responsável pelo assentamento nas terras devolutas do governo imperial (De Boni; Costa, 1984, p. 29).

³⁵ No ano de 1934, uma comitiva de 35 pessoas, liderada por Ângelo Antonello, representando as comunidades de Nova Vicenza, Nova Milano, Vila Jansen e Nova Sardenha, entrega uma petição ao então interventor federal no estado, José Antônio Flores da Cunha, em que reivindica a emancipação. Acolhendo tal pedido, é criado o Município de Farroupilha, através do Decreto Estadual n. 5.779, de 11 de dezembro de 1934, com território

O padre Ângelo Donato, nomeado para administrar a nova paróquia, registra uma breve história daquela freguesia,³⁶ antes de se tornar paróquia.³⁷

É importante ressaltar que o atendimento religioso no local, entre os anos de 1876 e 1913, e nas comunidades que se constituíram e formaram capelas vinculadas à sede, Capela Nossa Senhora de *Caravaggio*, era realizado por padres da Paróquia Santo Antônio, da Colônia Dona Isabel (atual Bento Gonçalves), jurisdição a que pertencia³⁸ (LT Sant, n.1, p. 1).

Padre Donato relata as nomeações, a permanência e as ações dos padres que estiveram no curato de *Caravaggio*. Observa-se que ocorreram constantes trocas de padres, sendo que diversos destes permaneceram por curto espaço de tempo. Alguns se destacaram nas ações empreendidas, como é o caso do padre Henrique Domingos Poggi, nomeado cura em julho de 1899. Donato descreve que, na administração desse sacerdote, houve um aumento considerável nas ações empreendidas, tais como: maior frequência aos sacramentos de confissão e comunhão; organização e implantação do Apostolado da Oração, em que foi instituído o piedoso exercício em honra ao Sagrado Coração de Jesus, nas primeiras sextas-feiras de cada mês, e foram colhidas muitas esmolas para a Santa Infância. Existia uma grande dívida contraída pela compra dos sinos da Igreja Matriz e edificação da torre, e esse padre percorreu a paróquia pedindo doações em dinheiro e produtos coloniais. Conseguiu importante contribuição dos colonos, o que possibilitou o pagamento das despesas feitas nos anos de 1897 a 1899, bem como possibilitou o suprimento de paramentos litúrgicos para a Igreja Matriz (LT Sant, n.1, p. 4v).

O padre Ângelo Donato também destaca a atuação do padre João Baptista Rossi, nomeado vigário da paróquia de *Caravaggio*, em abril de 1907. Esse padre visitou todas as famílias e coletou dados importantes a respeito dos moradores locais. Com as contribuições financeiras recebidas dos colonos, mandou construir um colégio e convidou as Irmãs do Imaculado Coração de Maria para auxiliar na paróquia. Naquele ano de 1907, conta que houve

desmembrado dos Municípios de Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Montenegro (Prefeitura de Farroupilha, 2020).

³⁶ *Freguesia*, embora tenha origem eclesiástica (do latim *fili Ecclesiae* = filhos da Igreja ou “fregueses”), é o nome usado para designar a circunscrição civil, que, normalmente corresponde à *paróquia*.

³⁷ O padre Ângelo Donato se dispôs a escrever uma breve história da vida eclesiástica e comunitária do local, que inicia em 1876, com a chegada dos imigrantes. Registra que até a data de sua função, no local, não havia registros no Livro de Tombo. Dentre suas atribuições, designadas pela autoridade da Igreja, estava a de criá-lo. O que existia eram algumas anotações em folhas soltas, que ajudaram a compor a história (LT Sant, n. 1, p. 6v). O religioso relata sua fundação, elevação canônica e nomeações de padres (párocos e vigários) que, durante vinte e dois anos (1876-1913), administraram a freguesia, em observância ao prescrito nos decretos da Pastoral Coletiva dos Bispos, do ano de 1910 (LT Sant, n. 1, p. 1).

³⁸ A Paróquia Santo Antônio, em Bento Gonçalves-RS, foi elevada a santuário em 1934 (Paróquia Santo Antônio, 2020).

muitos doentes na paróquia. Os registros apontam que o padre João Baptista Rossi os visitou e, muitas vezes, percorria as estradas debaixo de chuva torrencial. E, ele próprio, foi acometido de grave doença e, em poucos meses, em março de 1909, veio a falecer.

Em substituição a esse padre, retorna o padre Carmine Fasulo, que já havia administrado essa paróquia, tomando posse em 5 de maio de 1909. Entretanto, esse religioso renunciou, voluntariamente, à paróquia, em 11 de abril de 1911, seguindo para a capela São Marcos, que a considerou como sede. Consta, nos registros do Livro de Tombo do Santuário, que, para substituir o padre Carmine Fasulo em *Caravaggio*, foi nomeado o padre Antônio Marcelino, sacerdote italiano, que tomou posse em 13 de abril de 1912, tendo permanecido na função por quatro meses. Durante sua administração, foram realizados trabalhos de restauração no assoalho da igreja matriz, pago o novo altar e pintada a capela do Sagrado Coração de Jesus.

Por alguns meses, aconteceram diversas sucessões de padres no local; quando por último é designado a administrar o curato de *Caravaggio* o padre Ângelo Donato. Esse padre permaneceu no local até 23 de julho de 1917 (LT Sant, n. 1, p. 14). Em seus registros (LT Sant, n. 1, p. 1), consta que, anterior à sua nomeação em 1913, havia sido nomeado um cura (padre Carmine Fasulo), que tomou como sede a Capela São Marcos, quando de fato a sede era a Capela N. Sra. de *Caravaggio*. Percebe-se que houve uma disputa para constituir a definição e a manutenção da sede. Os moradores integrantes das capelas se mantiveram vinculados à Paróquia N. Sra. de *Caravaggio*. Estes manifestaram muita resistência e encaminharam reivindicações ao bispo, para garantir o vínculo de suas capelas com a paróquia e com a manutenção do território. A Figura 4 – Mapa Territorial das Linhas e dos Travessões, identifica os limites de Farroupilha, e a Linhas e os Travessões das proximidades, no território de colonização italiana.

As capelas se constituíam centros de animação comunitária, inspiradas nos costumes trazidos da Itália; grupamentos em que se realizavam atividades sociais, esportivas e religiosas. “Sua construção era uma exigência do próprio grupo social, surgindo da necessidade de as pessoas se encontrarem, de manifestarem sua fé, sua união ao redor do mesmo espírito patriótico, sob o argumento de que eram todos italianos: *siamo tutti italiani*”?.? (Decó, 1994, p. 30). A capela e a bodega formavam o centro de atração e de encontros aos domingos à tarde. O domingo era um dia especial para os colonos: pela manhã, com a melhor roupa, procuravam ir à missa.

A Igreja Santo Antônio, em Bento Gonçalves-RS, era a única igreja matriz da Linha Palmeiro até 14 de março de 1893, quando foi criado o curato de *Caravaggio* (Decó, 1994, p. 104). No Livro de Tombo do Santuário, em registro de 1893 (LT Sant, n. 1, p. 1v-2), e conforme o Quadro 4, consta que, na Linha Palmeiro, existiam seis capelas; na Linha Amadeo, uma; na Linha Jansen, sete; na Linha Hortência, duas; e, na Linha entre Rios, uma capela.

Quadro 4 - Capelas da Paróquia N. Sra. de *Caravaggio*, em 1893

Linha	Capela
Linha Palmeiro	1. Capela São Pedro Apóstolo
	2. Capela Santo Antônio de Pádua
	3. Capela São Marcos Evangelista
	4. Capela Todos os Santos
	5. Capela São José
	6. Capela N. Sra. das Graças
Linha Amadeo	7. Capela São Valentim
Linha Jansen	8. Capela N. Sra. de Lourdes
	9. Capela Sagrado Coração de Jesus
	10. Capela São João Batista
	11. Capela São Paulo Apóstolo
	12. Capela N. Sra. da Assunção
	13. Capela N. Sra. das Dores
	14. Capela N. Sra. de Monte Bérico
Linha Hortência	15. Capela São Tiago Apóstolo
	16. Capela Santa Juliana Virgem e Mártir
Linha Entre Rios	17. Capela São Victor e Santa Corona

Fonte: Elaboração da autora (2020).

A distância era significativa e para aquele local os colonos iam a pé ou a cavalo. A partir dessa data, podiam participar da missa dominical em *Caravaggio*, o que facilitava a prática religiosa. Não havendo essa possibilidade, o colono ia à capela para rezar o terço, diante de alguma imagem de um santo, geralmente de Nossa Senhora. Decó (1994) salienta que, ao toque do sino, todos eram conclamados para o terço, fechavam a bodega e suspendiam o jogo de bochas.

Além da Matriz dedicada à N. Sra. de *Caravaggio*, localizada na Linha Palmeiro, existiam dezessete capelas no curato de *Caravaggio* (LT Sant, n. 1, p. 1v). No ano de 1913, ocorre a elevação da Capela São Marcos à categoria de paróquia, que agregou seis capelas próximas,⁴⁰ provocando seu desligamento da Paróquia de *Caravaggio*. O padre Carmine Fasulo, que era pároco dessa paróquia, passou a assumir a nova paróquia. E, para *Caravaggio*, é designado o padre Ângelo Donato, que é nomeado cura⁴¹ (pároco),⁴² em 31 de dezembro de 1913 (LT Sant, n. 1, 1913-1958).

A partir de 1º de janeiro de 1914, restaram dez capelas pertencentes à Paróquia N. Sra. de *Caravaggio*, conforme mostra o Quadro 5. O padre Ângelo Donato, ao assumir a função nessa mesma data, realiza um inventário da paróquia, com registros detalhados do patrimônio material da capela-sede e das demais capelas a ela vinculadas (LT Sant, n.1, p. 2v).

Quadro 5 – Bens imóveis da Paróquia N. Sra. de *Caravaggio*, em 1914

(continua)

Capelas	Bens patrimoniais
Capela-sede, Igreja Matriz N. Sra. de <i>Caravaggio</i> ⁴³	- Um terreno, com área de 1.050 m ² , no lote n. 138 - Um terreno, com área de cerca de 6.600 m ² , do lote n. 139, sobre a qual está construída a igreja, a torre e a casa canônica - Uma parte do lote n. 138, com área de 916,50 m ² . Sobre o imóvel, existia uma edificação de madeira, pintada, para atividade de um colégio paroquial - Um terreno com área de 1.575 m ² , dos lotes n. 134 e n. 135. Sobre esse imóvel, encontrava-se o cemitério da sede paroquial
1. Capela Todos os Santos ⁴⁴	Um terreno com área de 4.105 m ² , com uma capela de madeira (lote 161)
2. Capela São José ⁴⁵	Um terreno com área de 1.369 m ² , do lote n. 178. Consta no registro a existência de uma capela de madeira
3. Capela N. Sra. das Graças ⁴⁶	Um terreno com área de 900m ² , no lote n. 175, adquirido no ano de 1905. Consta no registro a existência de uma capela de madeira
4. Capela N. Sra. da Assunção ⁴⁷	Um terreno com área de 1.125m ² , localizado no lote n. 100, da Linha Jansen, doado por Domenico e Giovanna Gatti. Consta no registro uma capela construída de material (alvenaria), em bom estado
5. Capela N. Sra. das Dores ⁴⁸	Um terreno com área de 1.100m ² , localizado no lote n. 130, da Linha Jansen. Consta o registro de uma capela de madeira e uma torre também em madeira

⁴⁰ Passam a integrar a Paróquia São Marcos as Capelas São Pedro Apóstolo, Santo Antônio de Pádua; São Valentim; N. Sra. de Lourdes; Sagrado Coração de Jesus.

⁴¹ Na literatura eclesiástica, *cura* é o mesmo que pároco, abade ou prior, isto é, sacerdote que *cura almas*, com a obrigação de assegurar a uma comunidade de fiéis os serviços da palavra, da liturgia e da caridade (Falcão, 2020).

⁴² *Pároco* é o presbítero a quem o bispo diocesano confiou uma paróquia para, sob a autoridade episcopal, lhe assegurar o serviço pastoral como pastor próprio, desempenhando o tríplex múnus de ensinar, santificar e governar os paroquianos, com a cooperação de outros presbíteros e diáconos e com a ajuda dos leigos (Falcão, 2020).

⁴³ Cf. LT Sant, n 1, p. 2v.

⁴⁴ Cf. LT Sant, n. 1, p. 3v.

⁴⁵ Cf. LT Sant, n. 1, p. 3v.

⁴⁶ Cf. LT Sant, n. 1, p. 3v.

⁴⁷ Cf. LT Sant, n. 1, p. 3v.

⁴⁸ Cf. LT Sant, n. 1, p. 3v.

(conclusão)

6. Capela São Paulo Apóstolo ⁴⁹	O terreno onde está a capela pertence aos menores do falecido Ângelo Roman. A capela não tem sociedade e acha-se na Linha Jansen
7. Capela N. Sra. de Monte Bérico ⁵⁰	Um terreno com área de 2.500m ² , localizado no lote n. 154, da Linha Jansen. Consta no registro a existência de uma capela construída em alvenaria
8. Capela São Tiago Apóstolo ⁵¹	Um terreno com área de 1.200m ² , doado por palavra por Antônio Ferronato; Um terreno de 400m ² , doado por palavra, pelo falecido Francisco Zili, onde está localizado o cemitério. Consta, no registro, a existência de uma capela construída em madeira e uma torre também em madeira e um sino
9. Capela Santa Juliana ⁵²	Um terreno com área de 6.600m ² , e cemitério. O terreno localizado no lote n. 38, da Linha Hortência, do município de Caxias do Sul, foi doado por Antônio e Thereza Varaschin, no ano de 1895
10. Capela São Victor e Santa Corona ⁵³	Um terreno com área de 1.467m ² , localizado no lote n. 1, da Linha Entre Rios, adquirido por compra no ano de 1897. Consta no registro a existência de uma capela de madeira e um sino sem campanário

Fonte: Elaboração da autora (2020), adaptado de LT Sant (n. 1, p. 1, v-2).

O padre Ângelo Donato também registra a criação da nova Paróquia São Marcos, originada da capela de mesmo nome, e que, inicialmente, fazia parte da Paróquia N. Sra. de *Caravaggio*. A nova paróquia teve aprovação do Arcebispo Metropolitano de Porto Alegre, Dom João Becker, conforme Portaria de 30 de dezembro de 1913. Sua primeira denominação foi *Freguesia de São Marcos de Nova Veneza* (LT Sant, n. 1, p. 6v).

A partir da criação da Paróquia São Marcos, a constituição da Paróquia N. Sra. de *Caravaggio* passa a ter a delimitação geográfica, conforme o descrito no Quadro 6 (LT Sant, n. 1, p. 7).

Quadro 6 – Delimitação da Paróquia N. Sra. de *Caravaggio*, em 1914

Limites geográficos da Paróquia N. Sra. de <i>Caravaggio</i> , em 1º jan.1914	
Local/Lote inicial	Lote final
Linha Palmeiro, do lote 128, inclusive	Até o lote n. 200
Linha Amadeo, do lote n. 43	Até o lote n. 81
Linha Jansen, do lote n. 93, inclusive	Até o lote n. 179
Toda a Linha Hortência, 53 lotes coloniais	
Toda a Linha 13 de Maio, 20 lotes coloniais	
Toda a Linha 4 de Setembro, 26 lotes coloniais	Terras do Município de Caxias
Toda a Linha Entre Rios, 20 lotes coloniais	Terras do Município de Caxias

Fonte: Elaboração da autora (2020).

⁴⁹ Cf. LT Sant, n. 1, p. 3v.

⁵⁰ Cf. LT Sant, n. 1, p. 3v.

⁵¹ Cf. LT Sant, n. 1, p. 3v.

⁵² Cf. LT Sant, n. 1, p. 3v.

⁵³ Cf. LT Sant, n. 1, p. 4.

As dez capelas que permaneceram integradas e passaram a constituir a Paróquia N. Sra. de Caravaggio, a partir de 1º de janeiro de 1914, são: 1) Capela N. Sra. de *Caravaggio* (sede); 2) Todos os Santos; 3) São José; 4) N. Sra. das Graças; 5) N. Sra. da Assunção⁵⁴; 6) São Paulo Apóstolo; 7) N. Sra. das Dores; 8) N. Sra. de Monte Bérico; 9) São Tiago Apóstolo; 10) Santa Juliana; 11) São Victor e Santa Corona, conforme Quadro 7. Naquela ocasião, é nomeado seu primeiro fabriqueiro,⁵⁵ Attilio Meneghel, e o sacristão⁵⁶ Augusto Rombaldi (LT Sant, n. 1, p. 7).

Quadro 7 – Capelas da Paróquia N. Sra. de *Caravaggio*, a partir de 1º jan.1914

Localidades	Capelas
Linha Palmeiro	Capela N. Sra. de <i>Caravaggio</i> (sede)
	Capela Todos os Santos
	Capela São José
	Capela N. Sra. das Graças
Linha Jansen	Capela São Paulo Apóstolo
	Capela N. Sra. da Assunção
	Capela N. Sra. das Dores
	Capela N. Sra. de Monte Bérico
Linha Hortência	Capela São Tiago Apóstolo
	Capela Santa Juliana
Linha Entre Rios	Capela São Victor e Santa Corona,

Fonte: Elaboração da autora (2020).

A vida religiosa das comunidades das capelas seguiu com intensas atividades e envolvimento de todas as famílias, como se pode constatar em registros dos padres, nos Livros de Tombo, destacando-se que todas as famílias locais professavam a religião católica. Há um acompanhamento permanente dos bispos em suas gestões, com avaliações gerais do andamento de atividades, tanto na capela-sede como nas demais.

As visitas pastorais de bispos, com uma equipe de padres que os acompanham, aconteciam, periodicamente, quase que anualmente. Todas as capelas eram visitadas. A população acolhia o bispo com muita disposição. Grande público se deslocava para as entradas dos povoados ou proximidades das capelas, para saudar sua chegada e participavam, ativamente, das atividades realizadas no período da visita.

Além do acolhimento aos fiéis, o bispo e sua equipe ofereciam formação doutrinal e esclarecimentos de questões de fé, no seguimento cristão. Eram atendidas confissões e

⁵⁴ A Capela N. Sra. da Assunção não constava nos registros do ano de 1893.

⁵⁵ *Fabriqueiro*, designa aquele que é responsável por administrar o patrimônio e os rendimentos de uma paróquia católica, bem como seus bens e imóveis (Michaelis, 2020).

⁵⁶ *Sacristão* é aquele que tem a seu cargo a limpeza, o arranjo e a guarda da igreja, especialmente da sacristia; aquele que ajuda o sacerdote na missa e nos ofícios divinos (Michaelis, 2020).

ministrado o Sacramento da Crisma, em todas as capelas. O bispo avaliava a conservação do estado das edificações das capelas, a condição das alfaias, dos objetos litúrgicos, do sacrário, a fim de que tudo apresentasse a melhor dignidade. Certificava-se da execução dos provisionamentos para fabriqueiros e demais obrigações, que envolviam o serviço pastoral. Percebe-se que as visitas constituíam importante estímulo para o seguimento das comunidades, na caminhada de fé local.

A prática devocional era constante em todas as capelas, ao mesmo tempo que seus membros participavam ativamente da vida da capela-sede, fortalecendo as principais festividades que nela aconteciam. A vida intensa rendia à capela-sede a distinção de reconhecimento como lugar de devoção popular, pois, além das comunidades locais, muitos peregrinos são para lá atraídos, para pedir e agradecer graças. A devoção à N. Sra. de *Caravaggio* vai sempre atraindo mais público a cada ano.

A romaria votiva é mencionada nos registros do Livro de Tombo do Santuário, de todos os anos, a partir de sua primeira edição em 1899. Compreendida como um compromisso de gratidão à Santa pelo “milagre da chuva”, o evento vai se fortalecendo cada vez mais e dando sentido ao reconhecimento de celebrar a data da aparição da Nossa Senhora à camponesa Joaneta, em *Caravaggio*, na Itália, em 26 de maio de 1432, que anos após vai se tornar o evento principal de celebração no Santuário.

Em 26 de maio de 1921, a sede de *Caravaggio* é elevada à categoria de Santuário pelo arcebispo de Porto Alegre, Dom Cláudio José Ponce de Leão (LT Sant. n.1, p. 18).

6.2 DA ELEVAÇÃO A SANTUÁRIO À FORMAÇÃO DA PARÓQUIA (1921- 1943)

O ano de 1921 foi um ano marcante para o Santuário, pela distinção de ser reconhecido como lugar de expressão da religiosidade popular. O fluxo de fiéis em grande número proporcionou importância e reconhecimento de forma que a autoridade eclesiástica o distinguiu como “Santuário”.

O padre Santo Dal Bosco registra que, em março daquele ano, são realizados importantes trabalhos de reforma na igreja matriz, executados sob a direção de três importantes profissionais: José Trevisan, chefe dos pedreiros; Victor Bartelle, chefe dos marceneiros e Antônio Cremonese, pintor e decorador, que executou as obras de pintura das cenas da aparição, nas paredes do presbitério no templo⁵⁷ (LT Sant, n.1, p. 18v-19v).

⁵⁷ Essas pinturas, no Santuário antigo, passaram por restauro, em 2012.

Em 26 de maio de 1921, na festividade da aparição da Santa, na Itália, e que posteriormente veio a ser chamada de “Romaria N. Sra. de *Caravaggio*”, o arcebispo de Porto Alegre, Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão, emite decreto atribuindo a essa capela-sede a categoria de Santuário (LT Sant, n.1, p. 18v).

Em outubro de 1921, porém, há o registro do padre Dal Bosco, em que descreve um conflito envolvendo a disputa de sede e de mudanças de território. Dal Bosco descreve o teor do documento endereçado ao bispo e assinado pelos fabriqueiros de todas as capelas, os quais “protestam energicamente contra qualquer mudança de sede e limites da paróquia” (LT Sant, n. 1, p. 19v-20).

No início de 1922, tomou posse como novo pároco o padre Thiago Bombardelli. Este viu a necessidade de promover missões na paróquia, fato que implementou. A prática de missões foi significativa na religiosidade dessas comunidades, como ficou constatado, nos registros locais, dos anos que se seguem. A população da sede e das capelas foi aderindo, significativamente, a esses momentos de espiritualidade e formação religiosa. Os freis capuchinhos⁵⁸ auxiliavam na condução desses momentos de pregações, confissões e celebrações.

O padre Thiago Bombardelli, pároco naquele período, fez registro da construção da Catedral Metropolitana de Porto Alegre,⁵⁹ que estava ocorrendo naquela época. Em 15 de junho de 1922, convocou todos os fabriqueiros da matriz e das capelas da paróquia a se reunirem para discutir sobre o valor com o qual a paróquia poderia contribuir, anualmente, para aquela construção. Ficou estabelecido o valor de cada família, contribuição que foi encaminhar àquela obra (LT Sant, n. 1, p. 20v-21).

Nos anos de 1924 a 1926, constam registradas diversas peregrinações ao Santuário, provindas das capelas da paróquia e de outras próximas. As peregrinações se repetem ano após ano. É mencionado o acolhimento das peregrinações, por parte dos fiéis da sede, que iam ao seu encontro para alcançá-las, na altura da Cruz das Missões, que estava instalada na entrada do povoado. Também é relatado que o rito da despedida ocorria com o acompanhamento dos fiéis da sede, que seguiam com cânticos, até o ponto em que tinham sido colhidos (LT Sant, n.1, p. 24v-25).

⁵⁸ Os capuchinhos pertencem à Ordem religiosa dos Franciscanos, vinculada à Igreja Católica, fundada em 1209, por Francisco de Assis. Entre elas incluem-se a Ordem dos Frades Menores, a Ordem de Santa Clara e a Terceira Ordem de São Francisco. A forma e a regra de vida de todo franciscano consistem em viver o Evangelho de Jesus Cristo.

⁵⁹ A Catedral Metropolitana Madre de Deus, de Porto Alegre, iniciou sua construção em 1921 e teve sua inauguração em 1986.

Desde a década de 1920, em diante, constam diversos registros a respeito de escolas de canto para a animação litúrgica. Os moradores da matriz e de capelas se esmeravam para cantar nos momentos litúrgicos. A *Schola Santorum* é citada diversas vezes, pois agregava cantores em suas respectivas capelas (LT Sant, n. 1, p. 23v-25).

As devoções ao Sagrado Coração de Jesus (nas primeiras sextas-feiras do mês), e ao Imaculado Coração de Maria (Filhas de Maria), as missões com o auxílio de freis capuchinhos e a instituição do Pio Sodalício Santa Teresinha do Menino Jesus, eram eventos que movimentavam intensamente a vida religiosa nas comunidades, tanto no Santuário como nas capelas. Ressalta-se que, no estatuto do Pio Sodalício (masculino e feminino) estava previsto o estabelecimento de coros de cânticos para atender às necessidades litúrgicas (LT Sant, n.1, p. 41-42v). Conforme esses registros, grande número de participantes, sistematicamente, se reunia para obter formação em canto litúrgico.

Os acessos ao Santuário foram adquirindo novos percursos. Nas primeiras décadas da colonização, a estrada de acesso de Porto Alegre à sede de *Caravaggio* tinha outro percurso, com opção de chegar, primeiramente à Capela São Marcos. Os registros mostram que os bispos, em suas visitas pastorais, primeiramente visitavam a Capela São Marcos e só depois iam para a capela-sede: o Santuário.

A emancipação de Farroupilha, em 1934, proporcionou a abertura de nova estrada, que passava próxima à sede municipal. O lugarejo de *Caravaggio*, que reunia já algumas casas comerciais, sofreu um declínio, pois se distanciava da principal via de acesso, que passava a ser a mais trafegada. *Caravaggio* passou a ser, então, um lugar mais reservado, em relação ao tráfego de vias de transporte entre os municípios da região. Primeiramente, foi com a estrada de ferro e, posteriormente, com a abertura da estrada rodoviária. Ao longo do tempo, os registros mostram que houve um esforço das lideranças locais, que procuravam manter o Santuário como um lugar de recolhimento, de cultivo da espiritualidade e oração, mas reservado do fluxo intenso da vida econômica.

O Santuário seguiu atraindo, dada a expressão da religiosidade. Em 1938, na *Romaria Votiva* de 2 de fevereiro, foi registrada solene missa com acompanhamento de orquestra e procissão dos fiéis. No final do evento, foi ressaltado o grande êxito da banda musical ao animar os festejos e ter prestado incentivo aos integrantes a participarem, assiduamente, das festas religiosas da paróquia.

Em 18 de dezembro de 1942, o padre Teodoro Portolan foi nomeado vigário de *Caravaggio* (LT Sant, n. 1, p. 50). Na gestão desse padre, foi desenvolvido o projeto e realizada a execução do novo Santuário. Para implementar esse objetivo, o religioso idealizou e

implementou diversas ações na comunidade, de forma a dar condições de desenvolvimento aos paroquianos e, com isso, ajudar na construção do Santuário (LT Sant, n.1, Pasa, 2013). Esse envolvimento congregou a participação da comunidade da sede, das demais comunidades, que formavam as capelas da paróquia, dos peregrinos e dos devotos da Santa.

Em 26 de maio de 1943, ocorreu a celebração dos cinquenta anos da elevação da freguesia de *Caravaggio* à categoria de Paróquia (curato).

6.3 DE PARÓQUIA À DESVINCULAÇÃO DO SANTUÁRIO (1943-1968)

A população das comunidades ligadas à Paróquia N. Sra. de *Caravaggio*, ao longo das gerações, considerou-se pertencente ao Santuário. Ao longo da História,⁶⁰ os padres que lá atuaram relataram as ações dos moradores das capelas, na defesa de manter a capela do Santuário como sua sede e seu Santuário. Com a vinda do padre Teodoro Portolan, o sonho de templo mais amplo, para acolher melhor os peregrinos, ficou ainda mais fortalecido.

O padre Teodoro Portolan se caracterizou por ser um líder espiritual e empreendedor dinâmico. Teve sua formação com os padres jesuítas no Seminário Centro de Espiritualidade Cristo Rei, em São Leopoldo-RS. Pasa (2013), ao escrever sobre a vida e obra desse padre, salientou a satisfação que os jesuítas, através de formação, lhe proporcionaram, bem como a importante contribuição religiosa e cultural dos membros daquela congregação religiosa, no aprimoramento das iniciativas apostólicas da paróquia e da vocação mariana no Santuário.⁶¹ O padre Teodoro Portolan se empenhou em criar condições aos moradores locais para melhor comercializarem seus produtos e, assim, contribuírem com a construção do novo Santuário de *Caravaggio*, templo atual, mostrado na Figura 5.

⁶⁰ Principalmente registrada nos Livros de Tombo do Santuário.

⁶¹ Conforme registros nos Livros de Tombo do Santuário, padres jesuítas contribuíam no atendimento aos peregrinos, nas romarias, e também em períodos em que buscavam descanso no Santuário.

Figura 5 – Imagem do Santuário N. Sra. de *Caravaggio*



Fonte: Rádio Miriam, de *Caravaggio* (2022).

Um dos primeiros passos foi implementar a iluminação elétrica na sede de *Caravaggio*. Em seguida, necessitava preparar o terreno sobre o qual seria construído o Santuário, pois o solo era de rocha bruta e necessitava detonações; a *avenida* principal de acesso ao Santuário necessitava ser ampliada e exigia negociação com os moradores locais. E a estrada de acesso do Município de Farroupilha-RS ao Santuário necessitava de ações de infraestrutura do governo estadual, que prontamente atendeu (Pasa, 2013, p. 77-79).

O padre Teodoro Portolan implementou obras de suporte e desenvolvimento social necessárias para que a edificação do Santuário pudesse acontecer. Implantou duas olarias, duas pedreiras, um britador, engenho e serraria. Em 1945, viabilizou a criação de uma cooperativa, a Cooperativa Agrícola Mixta Palmeiro Ltda., para dar incentivo à comunidade, tendo à frente Avelino Antônio Pasa, nascido em *Caravaggio*, em 1913. Este também teve sua formação com os jesuítas, em São Leopoldo e, posteriormente, adquiriu experiência profissional na atividade comercial. Outros serviços foram agregados, e outros moradores locais se empenharam em desenvolver ferramentas para as diversas demandas agrícolas a serem comercializadas na cooperativa (Pasa, 2013, p. 104). O êxito dessa cooperativa foi imediato e, em seguida, foram criadas duas filiais: uma em Monte Bérico e outra em Mato Perso, comunidades de capelas abrangidas e pertencentes à Paróquia N. Sra. de *Caravaggio*.

Em 1953, o padre Teodoro Portolan considerou importante viabilizar a construção de um hotel, porque percebia que era importante proporcionar algum conforto aos visitantes, pois muitos chegavam a pé, cansados da viagem, doentes e pobres. De hotel, em 1959 passou a restaurante, tornando-se tradicional por sua culinária e por seus pratos regionais com qualidade. Na época, fundou também o Instituto Santa Maria Goretti, que agregava uma série de entidades de caráter tipicamente agropecuário, destinadas a fornecer alimentos e, no setor industrial, a produzir material para as construções, como tábuas e esquadrias ou simplesmente, produtos para serem comercializados na área de alimentação e vestuário (Pasa, 2013).

No período para a construção do Santuário (1943-1963), muitas ações foram empreendidas para divulgar sua construção e captar doações para a obra. A imagem de N. Sra. de *Caravaggio* foi levada em peregrinações, ao visitar diversos lugares: Garibaldi, Montenegro, Caxias, Gramado, Canela, Torres, Lages, São Joaquim, Faria Lemos, Cotiporã, Bento Gonçalves, Muçum, Triunfo, Dois Lajeados, São Valentim, Bento Gonçalves (LT Sant, n. 1, p. 62-63; 71-74). A cada visita de Nossa Senhora, era registrada a presença de grande público e notáveis manifestações de piedade. Muitas pessoas participavam do Sacramento da Comunhão.

De julho a agosto do ano de 1950, foram registradas diversas romarias àquele Santuário, com um público crescente, principalmente nos finais de semana. Tratativas foram implementadas para ampliar a divulgação da Romaria de 26 de maio, na imprensa de Porto Alegre e de Caxias do Sul. Mesmo com a construção do novo Santuário, a vida religiosa seguiu intensamente, nas devoções tradicionais do Apostolado da Oração, inclusive aos homens, às Filhas de Maria, à Liga do Menino Jesus, dentre outras atividades (LT Sant, n.1, p. 68v-69).

Em 20 de novembro de 1951, foi sepultado, na Catedral Diocesana de Caxias do Sul, o bispo diocesano Dom José Baréa. Em 6 de dezembro de 1952, tomou posse o novo bispo da diocese, Dom Benedito Zorzi (LT Sant, n.1, p. 74v). E em 21 de novembro de 1956 foi inaugurada a Rádio Miriam, de *Caravaggio*, para atuar a serviço do Santuário e da cidade de Farroupilha (Zorzi, 1986, p. 55). A rádio foi um grande impulso na divulgação da programação religiosa e de interesse comum da comunidade, constituindo-se importante instrumento para divulgar as ações nas capelas e alimentar a fé dos peregrinos, nos diversos lugares de abrangência da rádio.

Em 3 de fevereiro de 1963, ocorreu a inauguração do novo Santuário. A cerimônia foi transmitida pela Rádio Miriam, de *Caravaggio*, e pela Rádio Esmeralda, de Vacaria (LT Sant, n. 2, p. 33v-34). Naquele ano, foram organizadas diversas agremiações religiosas (FAG, JACM,

JACF).⁶² Nesse período, passou a ser registrada, com ênfase, a celebração anual do Dia do Colono, no mês de julho, ocasião de festa intensa, com missa solene, almoço, brincadeiras esportivas diversas e canções coloniais, que reunia grande público (LT Sant, n. 2, p. 38v-39).

As visitas domiciliares das capelinhas sempre foram estimuladas. No mês de outubro, zeladoras de capelinhas das Capelas levam ao Santuário as capelinhas de sua região, com a imagem de N. Sra. de *Caravaggio*.⁶³ Nessa ocasião, todas as zeladoras participam de reunião, em que ocorria formação religiosa.

6.4 DA DESVINCULAÇÃO DO SANTUÁRIO DA PARÓQUIA À SUA REINTEGRAÇÃO (1968- 2018)

A Paróquia N. Sra. de *Caravaggio*, a partir de 26 de maio de 1968, por ato oficial do bispo Dom Benedito Zorzi, tem o Santuário desvinculado de seu território. O Santuário passa a existir, juridicamente, independente. O território que constitui as sete capelas, a partir de 1968, sem o território da comunidade/capela-sede, passou a ser a nova circunscrição da paróquia, mantendo o mesmo nome, isto é, Paróquia N. Sra. de *Caravaggio*. O Apêndice C apresenta uma linha de acontecimentos, na história da comunidade que constitui a região do Santuário.

O Santuário, que, historicamente, era a capela-sede, passou a existir como Santuário Diocesano. Aos moradores da sede, foi-lhes permitido optarem por manter-se vinculados à comunidade do Santuário, se o desejassem, conforme consta no documento diocesano desse ato (LT Cap, n. 1, p. 2).

O primeiro pároco a gerir a Paróquia N. Sra. de *Caravaggio*, após a desvinculação do Santuário, foi o padre Oscar Bertoldo, que permaneceu na função, de 26 de maio de 1968 a 22 de dezembro de 1970. Esse religioso registra, no Livro de Tombo, que a paróquia, na prática, já vinha tendo atuação independente do Santuário, desde o mês de fevereiro de 1968. As ações dessas capelas passaram a ser descritas desde 26 de março daquele ano (LT Sant, n. 1, p. 4-5v).

O Quadro 8 demonstra as capelas integrantes da paróquia e localidade a que passaram pertencer, a partir de 1968 até os dias atuais, e a respectiva distância, em relação ao Santuário.⁶⁴

⁶² FAG: Frente Agrária Gaúcha; JACM: Juventude Agrária Católica Masculina; JACF: Juventude Agrária Católica Feminina.

⁶³ As capelinhas domiciliares têm a imagem da Nossa Senhora de *Caravaggio*, tanto da sede (Santuário) como das capelas que integram a paróquia de mesmo nome e objeto desta pesquisa.

⁶⁴ As distâncias foram coletadas, a partir de dados do *Google Maps*.

Quadro 8 – Capelas da Paróquia N. Sra. de *Caravaggio*, de 1968 até hoje e distâncias para chegar ao Santuário

Localidades	Capelas	Distância/Santuário
Linha Palmeiro	Capela Todos os Santos	2,9 km
	Capela São José	5,7 km
Linha Jansen	Capela N. Sra. das Dores	7,5 km
	Capela N. Sra. de Monte Bérico	12,5 km
Na Linha Hortência	Capela São Tiago Apóstolo	15,3 km
	Capela Santa Juliana	15,9 km
Na Linha Entre Rios	Capela São Victor e Santa Corona	22,9 km

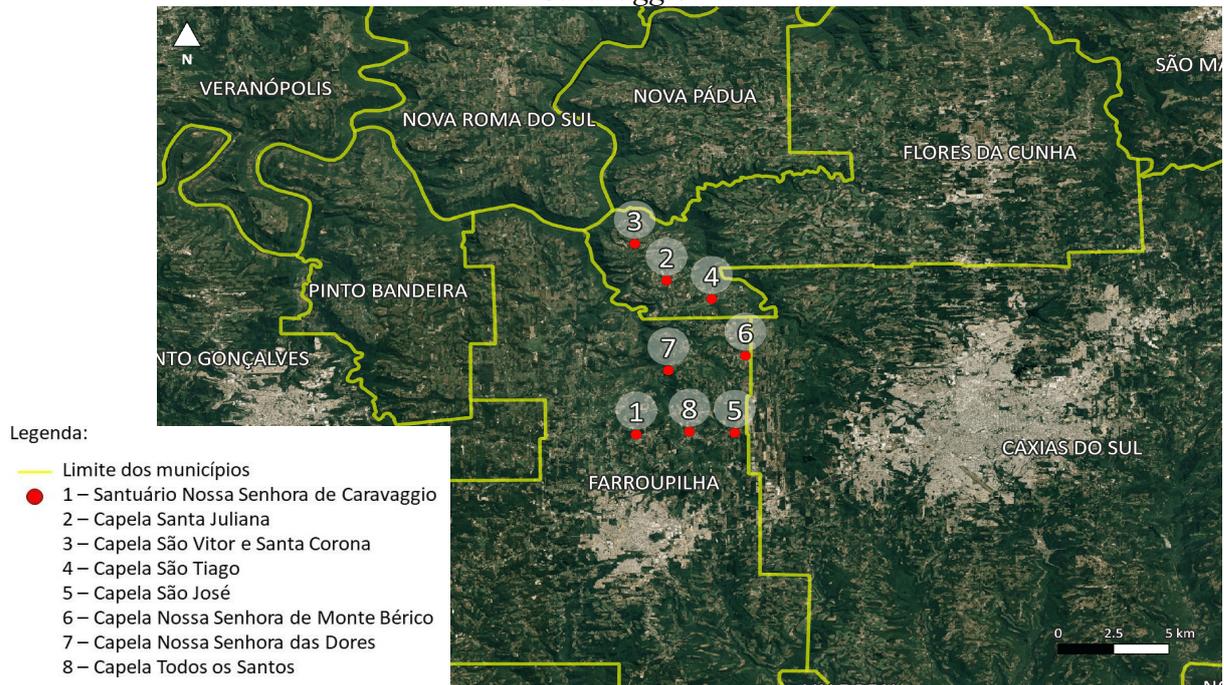
Fonte: Elaboração da autora (2020).

No período de sua gestão, o religioso registra, no Livro de Tombo, as atividades realizadas na paróquia, então constituída pelas sete capelas: Santa Juliana, São Tiago, São Victor e Santa Corona, N. Sra. de Monte Bérico, N. Sra. das Dores, São José e Todos os Santos. Esses registros compreendem festividades realizadas durante o ano litúrgico: batismos, preparação e ministração de Sacramentos da Eucaristia e Crisma, festas dos santos padroeiros, festas das solenidades da Igreja (Páscoa, Natal, *Corpus Christi*, Finados), devoções aos santos protetores das capelas, visitas pastorais dos bispos, trocas de párocos, nomeação de líderes das comunidades. Também realizou registros de sua participação em reuniões do clero de sua região, bem como as diocesanas.

O padre Oscar Bertoldo relatou que sua atuação, na gestão das capelas, visava levar soluções para os problemas locais dessas comunidades, de forma que todos os integrantes participassem da melhor maneira para o bem comum (LT Cap, n.1, p. 4).

Na Figura 6 apresenta-se o mapa com a marcação da localização das capelas que formam a Paróquia N. Sra. de *Caravaggio*.

Figura 6 – Mapa de localização do Santuário e das sete capelas da Paróquia N. Sra. de *Caravaggio*



Fonte: Elaboração da autora (2021). Imagem coletada através do aplicativo Google Maps.

As capelas possuem sua vida própria, entretanto, estão organizadas em forma de rede de comunidades, tendo o padre/pároco como o líder articulador de toda a ação pastoral que nelas acontece.

As comunidades das capelas da paróquia demonstram participar ativamente das festividades no Santuário. No caso da Festa Votiva (Romaria Votiva), que ocorre em 2 de fevereiro, há registros anuais que mostram uma prática de participação assídua com grande número de participantes dessas sete capelas na romaria, seguindo a pé, em peregrinação, até o Santuário (LT Cap, n.1, p. 11).

As reuniões nas capelas ocorrem para tratar de assuntos da comunidade, mas também há ocasiões em que são reunidas lideranças de outras capelas próximas, para tratar de assuntos comuns de suas comunidades, ou para realizar encontros pastorais de formação. Percebe-se que ocorre o cuidado de revezar os locais de encontros, de forma a proporcionar rodízio em sediar tais reuniões.

A gestão das capelas, ao longo do tempo, como pode ser constatado pelos sistemáticos registros, no Livro de Tombo paroquial, sempre foi exercida de forma integrada e colaborativa. Suas lideranças buscaram estabelecer o planejamento anual, para fixar as datas de todas as atividades a acontecerem no ano, visando ter um consenso e favorecer a escolha das datas comemorativas em cada capela, a fim de não conflito com nas datas. Observavam que as datas

estivessem de acordo com as entressafras agrícolas, para favorecer tais atividades. Outro aspecto era a fixação de datas das festas dos santos padroeiros, em fins de semana, distintas uma capela da outra. Dessa forma, oportunizam a participação de uns na festa de outros.

Seguindo o costume tradicional, também os párocos que exerceram essa função, na paróquia, procederam aos registros das atividades de forma sistemática, deixando evidentes os acontecimentos tradicionais que ocorriam, regularmente, ao longo de todo o percurso da vida das capelas. As festas do calendário litúrgico da Igreja seguiram conforme o costume. A maioria dos padres registrou, semanalmente, as atividades que ocorriam em cada capela (missas, santos, reuniões, decisões da comunidade...) e visitam, periodicamente, todos seus moradores. Alguns padres realizam levantamentos estatísticos com dados, como o número de famílias, população, faixa etária, e até indicadores de produção agrícola.

O Quadro 9 mostra o nome dos párocos e períodos, nos quais atuaram na paróquia, bem como os bispos, na gestão naqueles períodos. É importante mencionar que, embora não tivessem vínculo formal, as comunidades das capelas da paróquia sempre se mantiveram colaborando com o Santuário em suas atividades, tais como: serviços nas romarias, atendimento aos peregrinos em todos os momentos, acolhimento nas diversas formas (liturgias, serviços organizacionais, estruturas...).

Quadro 9 – Padres da Paróquia N. Sra. de *Caravaggio* (1968-2024)

(continua)

Bispos	Ano	Pároco responsável
D. Benedito Zorzi (1952-1983)	1968 a 16 fev.1970	1) Padre Oscar Bertoldo ⁶⁵
	fev. 1970 a 1973	2) Padre Marcelino Rizzon (vigário) ⁶⁶ ; Padre Teodoro Webber (15/3/1970) ⁶⁷
	1973	3) Padre Alcindo Trubian (substituiu, temporariamente, o Padre Teodoro Webber ⁶⁸
	1973	4) Padre Teodoro Webber ⁶⁹
D. Cândido Maria Bampi bispo auxiliar (1957-1978)	1974 (jan./dez.)	5) Padre Adelino Formolo ⁷⁰
	1975 (jan...)	6) Padre Luiz José Benin ⁷¹
	1976 (fev.1976 a 28 fev.1977)	7) Padre Teodoro Portolan ⁷²
	1977 (28 fev.1977 a 10 fev.1980)	8) Padre Antonio Pasa
	10 fev.1980 a 6 mar.1983	9) Padre Ivo Adamatti ⁷³

⁶⁵ Cf. LT Cap, n.1, p. 2.

⁶⁶ Cf. LT Cap, n.1, p. 27.

⁶⁷ Cf. LT Cap, n.1, p. 28.

⁶⁸ Cf. LT Cap, n.1, p. 35.

⁶⁹ Cf. LT Cap, n.1, p. 35.

⁷⁰ Cf. LT Cap, n.1, p. 36.

⁷¹ Cf. LT Cap, n.1, p. 38v.

⁷² Cf. LT Cap, n.1, p. 45v.

⁷³ Cf. LT Cap, n.1, p. 58v; LT Cap, n.1, p. 74.

(conclusão)

D. Paulo Moretto (1983-2011)	6 mar.1983 a 30 dez.1999	10) Padre Ulderico Dall'Ó ⁷⁴
	30 dez.1999 a 4 fev. 2013	11) Padre Agostinho Mazzotti ⁷⁵
D. Alessandro Ruffinoni (2011-2019)	4 fev. 2013 a 2 dez. 2013	12) Padre Constante Pasa ⁷⁶
	2 dez. 2013 a 31 dez. 2015	13) Padre Jorge Parisotto ⁷⁷
	31 dez. 2015 a 12 dez. 2018	14) Padre Almir José Risson ⁷⁸
	12 dez. 2018 a 8 set. 2019	15) Padre Gilnei Fronza – Reitor do Santuário ⁷⁹
D. José Gislon (2019...)	8 set. 2019 a 26 fev. 2022	Padre Gilnei Fronza – Reitor do Santuário ⁸⁰
	26 fev. 2022 a atualmente	16) Padre Ricardo Fontana – Reitor do Santuário

Fonte: Elaboração da autora (2024).

A formação religiosa nas capelas demonstra ser efetivamente solicitada. Percebe-se que houve um grande empenho em fortalecer missões populares, momentos de avivamento das comunidades, bem como ocorreu empenho em seguir a tradição litúrgica e celebrar datas importantes, em comunhão com toda a Igreja. Nos registros em Livro de Tombo, consta a realização de todas as festas religiosas que ocorriam nas capelas: casamentos, bodas, ordenações sacerdotais de padres - que nasceram nas regiões das capelas -, festividades relativas ao ano litúrgico, batismos, primeiras comunhões e crismas, festas dos santos padroeiros, festas das devoções da Igreja: Páscoa, Natal, Capelinhas, Finados, Nossa Senhora sob o título de suas devoções: Saúde, Rosário, Dores; Sagrado Coração, *Corpus Christi*. Também constam registros de enterros, com indicação de nome e local.

As comunidades das capelas da paróquia demonstram participar ativamente das festividades no Santuário. No caso da Festa Votiva (Romaria Votiva), que ocorre em 2 de fevereiro, há registros anuais que mostram uma prática de participação assídua com grande número de participantes dessas sete capelas na romaria, seguindo a pé, em peregrinação, até o Santuário (LT Cap, n.1, p. 11).

As reuniões nas capelas ocorrem para tratar de assuntos da comunidade, mas também há ocasiões em que são reunidas lideranças de outras capelas próximas, para tratar de assuntos comuns de suas comunidades, ou para realizar encontros pastorais de formação. Percebe-se que

⁷⁴ Cf. LT Cap, n. 1, p.74-86.

⁷⁵ Cf. LT Cap, n. 1, p. 86-87.

⁷⁶ Cf. LT Cap, n. 1, p. 87-89v.

⁷⁷ Cf. LT Cap, n.1, p. 90.

⁷⁸ Cf. LT Cap, n.1, p. 96.

⁷⁹ Cf. LT Cap, n.1, p. 99.

⁸⁰ Cf. LT Cap, n.1, p. 99.

ocorre o cuidado de revezar os locais de encontros, de forma a proporcionar rodízio em sediar tais reuniões.

Os párocos, designados para essa função na paróquia constatavam insatisfação nos moradores das capelas, por de terem sido desvinculados da gestão do Santuário. Como é o caso do padre Adelino Formolo, que, ao assumir a paróquia, registra suas impressões. Em 3 de março de 1974, esse padre, nomeado capelão da Igreja São José do Desvio Rizzo e vigário da Paróquia N. Sra. de *Caravaggio*, descreveu as dificuldades encontradas, ao assumir a Paróquia N. Sra. de *Caravaggio*. O padre Adelino Formolo assim escreveu:

Estou instando que o problema de atendimento às Capelas de Caravaggio é bastante difícil. Estão acostumados a terem missa todas as semanas. Os padres do Seminário, meus antecessores, podiam atender melhor porque não tinham paróquia. Pedi o auxílio aos padres de Caravaggio para me ajudarem, atendendo três capelas mais próximas à Sede (Santuário). O que não é concebível é que as Capelas tenham sido desligadas da Sede. Se o Vigário ou Reitor do Santuário não queria atender as Capelas, que, nesse caso, tivesse colocado um padre em Caravaggio com o compromisso de atender as Capelas. É uma grave injustiça cometida contra aqueles moradores das Capelas. Eles que tanto fizeram e estão fazendo pelo Santuário, se sentem humilhados em não poderem recorrer aos padres do Santuário e terem que recorrer a Caxias ou Desvio [Rizzo], etc. De qualquer forma, espero que esta situação seja passageira e que tudo volte ao antigo sistema: Santuário é a Sede da Paróquia e não Desvio Rizzo. Em todas as Capelas existe uma reclamação de que os fabriqueiros estão mal orientados. Os padres não querem se envolver nos “negócios materiais” das Capelas e não davam explicação nenhuma. Resultado: os fabriqueiros faziam e desfaziam como bem lhes aprouvesse. Aplicavam o dinheiro ou emprestavam como bem lhes fosse do agrado. Como não faziam nada para melhorar, só querendo receber juros, o povo diminuiu as ofertas e as festas quase não davam lucro. O meu trabalho foi convencer os fabriqueiros que deveriam aplicar o dinheiro naquilo que fosse mais necessário. Não adianta guardar o dinheiro a juros (LT Cap, n.1, p. 35-36. Registro do padre Adelino Formolo, 1974).

Quanto à formação religiosa, constata-se que havia importante empenho dessa oferta pelo Santuário, principalmente enquanto as capelas estavam diretamente sob sua gestão. Ocorriam retiros para a formação por categoria e idade (homens, mulheres, moças, rapazes, crianças). Inclusive foi construída no local uma Casa de Retiros, que foi bastante utilizada, inclusive para a formação do clero, em que se reuniam os padres da diocese para atualizações constantes da vida espiritual (LT Sant, n.1 a 4).

Em todas as regiões de abrangência dessas comunidades, a atividade econômica predominante constituía-se da agricultura, com a produção de uvas, hortifrutigranjeiros e leite, dentre outros. O Quadro 10 apresenta dados quantitativos das famílias residentes em cada uma das capelas, no período de 1977 a 1995, coletados pelos próprios padres, em levantamentos realizados em visitas pastorais domiciliares, nos respectivos anos, e registrados no Livro de Tombo da Paróquia.

Quadro 10 - Famílias das sete capelas, Paróquia N. Sra. de *Caravaggio* (1977 - 1995)

Capela / ano	1977	1978	1981	1984	1990	1992	1995
Santa Juliana	70	70	80	113	101	115	110
São Tiago	27	25	29	39	32	33	33
São Victor e Santa Corona	20	20	21*	27	25	35	39
N. Sra. de Monte Bérico	68	60	60	79	73	79	63
N. Sra. das Dores	39	40	37	43	42	46	48
São José	27	35	28	34	38	30	38
Todos os Santos	47	38	50	57	58	62	nc*
Total	298	288	305	392	369	400	-

Fonte: Elaboração da autora (2020). Dados de 1977, LT Cap, n.1, p. 48; Dados de 1984, LT Cap, n.1, p. 75; informado em anotação página complementar, ano 1982. (*) nc = não consta.

Da mesma forma, foram coletados, pelos padres, dados do número de habitantes das comunidades destas capelas, também no período de 1977 a 1995, conforme Quadro 11 (ano de 1977, LT Cap, n.1, p. 48; ano de 1984, LT Cap, n.1, p. 75; ano 1990, LT Cap, n.1, p. 79-80).

Quadro 11 - Habitantes das sete capelas, Paróquia N. Sra. de *Caravaggio* (1977-1995)

Capela / ano	1977	1978	1981	1984	1990	1992	1995
Santa Juliana	417	359	nc	483	480	499	393
São Tiago	151	166	nc	149	141	142	134
São Victor e Santa Corona	86	121	nc	116	127	134	123
N. Sra. de Monte Bérico	346	349	nc	264	345	331	320
N. Sra. das Dores	218	207	nc	195	166	179	182
São José	157	173	nc	139	146	129	131
Todos os Santos	246	184	nc	231	239	216	Nc
Total	1.621	1.559		1.577	1.644	1.630	

Fonte: Elaboração da autora (2020), com dados do Livro de Tombo *Capelas*.

A economia da região da paróquia é fundamentalmente agrícola, caracterizada, principalmente, pela produção de uva, hortifrutigranjeiros e leite. Os dados no Quadro 12 mostram levantamento realizado em 1978, pelo padre Antônio Pasa (LT Cap).

Quadro 12 - Produção agrícola nas sete capelas, Paróquia N. Sra. de *Caravaggio*, em 1978
(continua)

Capelas	Produtos	Unidades
Santa Juliana	Leite: litros/dia	241
	Uva: kg/ano	3.372.000
	Fruteiras (pés)	18.250
São Tiago	Leite: litros/dia	95
	Uva: kg/ano	1.548.000
	Fruteiras (pés)	2.000
São Victor e Santa Corona	Leite: litros/dia	-
	Uva: kg/ano	890.000
	Fruteiras (pés)	600

(conclusão)

N. Sra. de Monte Bérico	Leite: litros/dia Uva: kg/ano Fruteiras (pés)	560 1.682.000 22.910
N. Sra. das Graças	Leite: litros/dia Uva: kg/ano Fruteiras (pés)	204 1.008.000 12.430
São José	Leite: litros/dia Uva: kg/ano Fruteiras (pés)	231 691.000 11.200
Todos os Santos	Leite: litros/dia Uva: kg/ano Fruteiras (pés)	152 698.000 14.100

Fonte: Elaboração da autora (2020).

O Quadro 13 mostra uma provisão de fabriqueiros para as capelas, com o nome dos moradores eleitos em dezembro de 1977, na função de diretoria/fabriqueiros de suas respectivas capelas.

Quadro 13 - Diretoria das sete capelas, Paróquia N. Sra. de *Caravaggio*, em 1977

Capelas	Diretoria/Fabriqueiros
Santa Juliana	Giardelino Luiz Gasparetto, Elso Luiz Ferronato e Felipe Ceccato
São Tiago	Benvenuto Censi, Honorino Luiz Casa
São Victor e Santa Corona	Ernesto De César, Ângelo Lovison e Armando Lovison
N. Sra. de Monte Bérico	José Verona, Pedro Zamboni e Germano Crócoli
N. Sra. das Dores	Euclides Dal Pizzol, Geraldo Roman e Avelino De Bona
São José	Adair Mario Perini, Rui Perini e Alcides Perini
Todos os Santos	Santo Balbinot, Antonio Bristol e Pedro Calábria

Fonte: Elaboração da autora (2020). Dados coletados no Livro de Tombo *Capelas* (LT Cap, n.1, p. 51v).

O Quadro 14 apresenta a diretoria das capelas, no ano de 1995.

Quadro 14 - Diretoria das sete capelas, Paróquia N. Sra. de *Caravaggio*, em 1995

Capelas	Fabriqueiros
Santa Juliana	Evaristo Deon, Julio Gaio e Artur Basso
São Tiago	Balduíno Casa, Dérico Arsego, Gilberto Crócoli e Valdir Dalla Rosa
São Victor e Santa Corona	Marcelo Gasparetto, Cristiano Pane e Oscar Garbin
N. Sra. de Monte Bérico	Antônio Dartora, Oscar Crócoli e Carlito Colussi
N. Sra. das Dores	Dilmar Roman, Paulo Maziero e Luiz Fabro
São José	Ladair Perini, Gilmar Perini e Pedro Gajardo
Todos os Santos	Vilson Galafassi, Nestor De Bona, Gilmar Dalla Costa, Enedir Calábria e Luiz Carlos Verona

Fonte: Elaboração da autora (2020). Dados coletados no Livro de Tombo *Capelas* (LT Cap, n.1, p. 83v).

O santo padroeiro principal dá nome à capela, e os demais se agregam, formando uma comunidade de proteção, que tem presente as identidades escolhidas pelos devotos, por ocasião de sua fundação. Esses santos, escolhidos para dar proteção, têm raízes históricas nas regiões

próximas em que os imigrantes fundadores viviam na Itália. A vida desses santos encontrou sintonia com as necessidades vividas pelos imigrantes, em meio às necessidades humanas que vivenciaram, principalmente, na chegada aos locais de fixação. No caso das devoções à Nossa Senhora, os títulos aos quais é reverenciada também encontram eco em aparições e/ou em situações que motivaram a origem da devoção.

As datas comemorativas dos padroeiros são celebradas de acordo com a programação de cada capela, próximo à data do respectivo santo, porém o calendário desses eventos é decidido em conjunto com as demais capelas, para evitar a ocorrência de festas em mesmas ocasiões, o que impediria que as comunidades participassem, efetivamente. Assim, os moradores das capelas têm a condição de participar das festas, integrando-se, mutuamente.

Outro aspecto que essas comunidades observavam, na formulação desse calendário, bem como ainda o fazem, é a questão da safra agrícola. Procuravam conciliar momentos mais favoráveis para não implicar dificuldades de colheita, pois, nessas ocasiões, os serviços demandados para as festas prejudicariam a atividade agrícola, como é o caso da colheita da uva, um dos principais produtos da região.

O Quadro 15 apresenta os santos padroeiros das respectivas capelas.

Quadro 15 - Festas de padroeiros das sete capelas, Paróquia N. Sra. de *Caravaggio*

Capela	Santos padroeiros	Data litúrgica	Data da festa local (por aproximação)
Santa Juliana	Santa Juliana (Nicomédia) Santa Lúcia (Luzia)	16/2 13/12	março (final) dezembro (início)
São Tiago	São Tiago N. Sra. Auxiliadora	25/7 24/5	julho (próximo a 25) outubro
São Victor e Santa Corona	São Victor e Santa Corona	14/5	maio (início)
N. Sra. de Monte Bérico	N. Sra. de Monte Bérico São Vicente (de Paulo) Santo Antônio	25/8 27/9 13/6	agosto janeiro (início) junho (início)
N. Sra. das Dores	N. Sra. das Dores São Paulo	15/9 26/1	setembro
São José	São José	19/3	abril (início)
Todos os Santos	Todos os Santos São Luiz Gonzaga São Liberal	1/11 21/6 27/4	(*) abril (final)
(*) Na data de 1º de novembro não é realizada festa comemorativa, em virtude de a data estar próxima a de Finados, que ocorre em 2 de novembro. Para a população local, as homenagens aos mortos têm preferência a do próprio padroeiro.			

Fonte: Elaboração da autora (2020).

O padre que atendia essas capelas exercia função importante, além da religiosa, ao longo do tempo. Historicamente, desde a fundação, o padre visitava as famílias regularmente. Há registros de que, em determinadas épocas, as visitas aconteciam anualmente, como ocorre

atualmente. Em outros períodos, a assiduidade era mais esporádica. Entretanto, alguns padres exerceram papel fundamental na liderança local, pelo auxílio e desenvolvimento de lideranças no serviço agrícola, como em reivindicar melhores condições de mercado para seus produtos, bem como em dar instruções de produção e de comercialização. Elaboravam levantamentos do número de famílias, habitantes, dados de produção agrícola, em cada capela.

Verifica-se, ao longo do tempo, que as famílias nutriam grande respeito e admiração por seus líderes religiosos; eram tidos como referência para a condução da vida familiar. Embora a tecnologia agrícola tenha chegado àquelas regiões e os próprios agricultores, atualmente, busquem soluções por iniciativas próprias, os padres mantêm essa respeitabilidade, pois lhes garantem a continuidade da manutenção da religião aos seus descendentes.

6.5 DA REINTEGRAÇÃO À ATUALIDADE (2018-2024)

D. Alessandro Ruffinoni, bispo em exercício na época, reintegrou a Paróquia N. Sra. de *Caravaggio* sob a administração do reitor do Santuário, em 12 de dezembro de 2018. Como referido anteriormente, essas sete capelas formaram uma paróquia desligadas do Santuário. Essa reintegração causou grande contentamento aos moradores das capelas. Na ocasião, esse assunto não estava em discussão pelas comunidades, embora aguardassem, continuamente, ser novamente reintegradas à gestão do Santuário. A decisão de D. Alessandro Ruffinoni surpreendeu a todos, inclusive o reitor da época, o padre Gilnei Fronza.

Quando entrevistado em 2018, em minha pesquisa de mestrado no Santuário, D. Alessandro Ruffinoni havia demonstrado grande preocupação em garantir a continuidade adequada do atendimento aos serviços do Santuário. O número de peregrinos estava aumentando, e a comunidade local (sede) era pequena para atender às necessidades do Santuário. Embora as comunidades das capelas ajudassem quando solicitadas, havia a preocupação de quem assumiria, efetivamente, as responsabilidades no atendimento ao grande número de visitantes.

A formalização do vínculo das capelas, Paróquia N. Sra. de *Caravaggio*, com o Santuário, renovou o ânimo dessas comunidades, que sempre se sentiram pertencentes a ele. Em entrevistas realizadas com alguns moradores das capelas, o pensamento era coletivo em afirmar que o Santuário era deles, que ajudaram a construí-lo. Na memória desses moradores, está a presença dos antepassados que ajudaram a construir as edificações anteriores e que deram origem à edificação atual, mais recente, e que muitos dos que ajudaram a construir ainda vivem.

Além disso os moradores atuais contribuem nas melhorias que, constantemente, estão ocorrendo no Santuário.

Talvez o maior acontecimento naquelas comunidades, após o ano de 2018, tenha sido o fato de a paróquia, que compõe suas capelas, estar formalmente reintegrada ao Santuário e sob a gestão de seu reitor. O sentimento de pertencimento ao Santuário ficou ainda mais fortalecido.

Outros fatos importantes também contribuíram para a história do Santuário, neste período mais recente, somando-se à rotina das práticas que, historicamente, acompanham a história da Igreja e a vida do próprio Santuário. O público sempre expressivo e em crescimento marcou o período anterior à pandemia. Com o isolamento social instituído pelas autoridades governamentais, o Santuário se reinventou. Os fiéis, embora impedidos de visitá-lo, presencialmente, utilizaram as mídias sociais para pedir e oferecer orações. Embora sem público presencial, as celebrações aconteciam com portas fechadas e com número restrito de participantes, de forma a garantir os cuidados e, ao mesmo tempo, proporcionar que a oração chegasse ao lar das famílias.

Por dois anos não ocorreram as romarias presenciais (2020 e 2021). Porém, as romarias ocorreram de forma virtual. Em 26 de maio de 2020, dia da aparição, é anualmente celebrada a Romaria de *Caravaggio*. Os números ultrapassaram um milhão de acesso de devotos a conteúdos publicados pelas mídias, sobre o Santuário no *Facebook*, *Instagram* e *Youtube*. Os dados indicaram que, nos últimos 30 dias, que antecederam a data de 28 de maio daquele ano, o alcance desses três veículos de comunicação somados registrou 3.742.937 acessos. E, no sábado, domingo e na terça-feira, dias da romaria, os mesmos veículos somados tiveram 1.187.986 acessos (Vatican News, 28/5/2020).

Em 2022, ocorreu a retomada da romaria em torno de 26 de maio de forma presencial. Em sua 143ª edição, a Romaria de *Caravaggio* recebeu um público presencial de, aproximadamente, 105 mil peregrinos nos quatro dias da festa. Mais de 1.600 voluntários trabalharam nos diversos setores, formando uma rede de serviços no atendimento aos romeiros. Ao todo, foram celebradas 36 missas de quinta-feira a domingo, tendo ocorrido duas campais. Um grande número de sacerdotes esteve envolvido abençoando, confessando, presidindo as celebrações e acolhendo os peregrinos. Religiosas, ministros da eucaristia, grupos de liturgia e cantos, nas diversas instâncias - civis, militares, públicas, religiosas e de comunicação -, contribuíram para a realização do evento. Todas as celebrações foram transmitidas ao vivo, com imagem, pela página do Santuário de N. Sra. de Caravaggio no *Facebook*, *Youtube* e *Instagram*, além de cobertura fotográfica no *site* e nas redes sociais. A Rádio Miriam, de *Caravaggio*, realizou a cobertura ao vivo, com programas especiais, entrevistas, fotos, vídeos e a transmissão

de celebrações. A TV Canção Nova realizou a transmissão da celebração, no horário das 10h30min, no dia 26 de maio, em rede nacional, para todo o Brasil e Portugal (Rádio Miriam, *Caravaggio*, 2022).

Os conteúdos de transmissões ao vivo, vídeos, fotos, as matérias, *stories* e diversos conteúdos transmitidos pelo *site*, *Youtube*, *Instagram* e *Facebook* alcançaram, nos dias da festa, pelo menos dois milhões de usuários e 450 mil visualizações. Considerado todo o mês de maio, foram quatro milhões de pessoas alcançadas e 286 mil visualizações (Rádio Miriam, *Caravaggio*, 2022).

A Rádio Miriam, de *Caravaggio*, constituiu-se um importante veículo de comunicação na história do Santuário, atingindo grande público. Idealizada por D. Benedito Zorzi, segundo bispo da Diocese de Caxias do Sul, a emissora completou 65 anos de fundação em 21 de novembro de 2021. D. Benedito Zorzi desejava aumentar o número de peregrinos com a propagação das transmissões religiosas da radiodifusão católica, em *Caravaggio*. A presença dessa rádio, no centro religioso da diocese, garantia a divulgação constante dos eventos religiosos e o contato educativo com os fiéis. Idealizava importante meta de formação cristã da família, da educação religiosa e solidária dos ouvintes, com a Rádio Miriam⁸¹ em operação. Somado a isso, projetava influenciar a permanência da população na zona rural. O envolvimento da rádio com os problemas da comunidade visava, auxiliá-la a tornar possível a subsistência fora do meio urbano. Com a emissora, a Igreja atingia os lares e levava seus ensinamentos, propiciando a divulgação dos problemas que afligiam seus fiéis e contribuía com possibilidades de soluções.

Com o Concílio Vaticano II, em 1965, a nova orientação eclesial passou a exigir um empenho da Igreja Católica, na divulgação de sua prática religiosa, por meio dos veículos de comunicação. A Rádio Miriam, de *Caravaggio*, foi constituída para a missão de evangelizar, através da divulgação e promoção dos valores éticos e evangélicos, tendo presente a cultura e a religiosidade do povo cristão, especialmente a devoção à N. Sra. de *Caravaggio*. A referida rádio mantém-se com princípios básicos de fidelidade ao Evangelho, identificada com os valores da cultura regional, com a lealdade aos ideais de seus fundadores e às orientações diocesanas. A Rádio ainda assegura parceria com instituições sociais em ações que promovam o bem comum; emprenha-se no aprimoramento constante da sua programação e de seus comunicadores, buscando praticar veracidade, em toda sua grade de programação e manter a interação com o público ouvinte.

⁸¹ Sua potência foi sendo gradativamente ampliada. A partir de 15 de junho de 2022, o sinal AM 1.160 deu lugar ao sinal FM 95.7, levando aos seus ouvintes informações, orientações, entretenimento, serviços e religiosidade.

A Rádio Miriam tem o compromisso de prestar um serviço público de informação e formação de qualidade à comunidade regional e internautas, motivando a reflexão acerca das grandes questões que afetam a comunidade. Como instrumento de comunicação, empenha-se em promover o Santuário de *Caravaggio*, e tudo o que diz respeito: à Diocese de Caxias do Sul, à Coordenação de Pastoral, às pastorais, aos movimentos da Igreja Católica e às comunidades e contribuir com as iniciativas que visam à promoção do bem comum.

A Rádio se empenha na relação permanente com a comunidade, com o interior e a cidade, mantendo a comunicação como meio de propagação da paz, como meio na defesa da cidadania e dos direitos das pessoas, na construção de uma sociedade mais justa e fraterna, como meio de formação religiosa, cultural e econômica e em defesa do meio ambiente.

7 A HISTÓRIA DAS SETE CAPELAS

A formação das capelas, na colonização italiana, como também na região do Santuário, ocorreu como um processo de unificação de esforços, em que se estruturou a vida social, religiosa, recreativa, moral e econômica de comunidades rurais. Essas capelas foram fundadas nos primeiros anos da chegada dos imigrantes italianos no local e estiveram ligadas à capela-sede, que se tornou o Santuário. A data de sua fundação de cada uma não é precisa; porém, os registros nos Livros de Tombo do Santuário apontam que surgiram nos primeiros anos da chegada dos imigrantes no local, no início de 1876. As ocupações dos lotes foram ocorrendo, posteriormente, àquele ano, nos terrenos de maior dificuldade de acesso, localizados mais ao norte do Santuário, tendo a capela São Victor e Santa Corona mais distante. Nessa capela, consta um registro, no Livro de Tombo do Santuário, de que, em 1897, em levantamento patrimonial realizado, já havia uma capela e um sino no local.

As capelas dessa região foram construídas no centro das Linhas e tiveram a função de organizá-la socialmente, pois, em torno delas, foram edificadas a escola, o cemitério e o salão paroquial, que integrava os moradores de cada localidade. Cada capela escolhia um padroeiro principal, que dava nome à capela.

A capela e a bodega atraíam a comunidade para os encontros aos domingos à tarde, nos grupamentos sociais. O domingo era marcado por uma refeição diferenciada da semana, incluía sopa de *agnolini*, carne *lessa*, crem, risoto e galinha *al menarosto*. Vestiam a melhor roupa para participar da missa dominical que, regularmente, ocorria pela manhã. Para isso, andavam a pé ou a cavalo por vários quilômetros, até chegarem à sede paroquial de Santo Antônio, em Bento Gonçalves-RS. Na época, essa era a igreja matriz da região, que perdurou até 14 de março de 1893, quando foi criado o curato de *Caravaggio*, que significava a paróquia em formação. A partir desse fato, os moradores dessas capelas podiam participar da missa dominical em *Caravaggio*, reduzindo, consideravelmente, a distância.

Para os moradores das capelas rurais, o domingo era um dia especial, envolvido pelo espírito religioso e sacral. Não havendo possibilidade de missa, esses moradores iam até a capela, para rezar o terço diante de alguma imagem de um santo ou, geralmente, uma imagem de Nossa Senhora. O toque do sino conclamava para a récita do terço, momento em que fechavam as bodegas e interrompiam o jogo de bochas. Era costume os homens postarem-se no lado direito de quem olha para o altar, e as mulheres, no lado esquerdo, prática que ainda perdura em algumas comunidades rurais.

Na prática da oração, as mulheres respondiam a segunda parte da ave-maria, e o terço era finalizado com o canto de Ladainhas de Nossa Senhora. Essa oração era rezada e cantada em latim, apesar de acharem que era em italiano (LT Sant, n. 1).

Os fabriqueiros, ainda atualmente, têm a autoridade de pessoas sérias, na condução dos destinos da comunidade/capela. Estes são eleitos por assembleia dos sócios da comunidade/capela, por um período de um ano e passam pela aprovação do pároco. Costumam tomar posse nos primeiros dias do ano.

Os sócios das capelas têm o direito de usar a capela em benefício das famílias, para realizarem batismos, casamentos, a primeira eucaristia, catequese e atos fúnebres, sem despesas. Nessa sociedade, está incluída a obrigação de contribuir com uma quota estipulada em dinheiro ou em produtos alimentícios, como milho, trigo e outros produtos agrícolas, conforme o estabelecido.

Historicamente, segundo Decó (1994), talvez a maior contribuição que ofereciam consistia em oferecer ajuda mútua, em caso de doenças, ou seja, a de passar a noite do lado de um enfermo, lavrar a roça de um vizinho acamado, levantar a casa queimada de algum associado e dar assistência com roupas e alimentos para mães que ganhavam seus bebês, atitudes que perduram nos dias atuais.

As sete capelas que integram a Paróquia N. Sra. de *Caravaggio* estão localizadas em zona rural, estando a mais próxima (Capela Todos os Santos) a uma distância de 2,9 km do Santuário, e a mais distante (Capela São Victor e Santa Corona), a 22,9 km. Atualmente, quatro destas capelas pertencem ao Município de Farroupilha-RS (Todos os Santos, São José, N. Sra. das Dores e N. Sra. de Monte Bérico) e as outras três (São Tiago, Santa Juliana e a São Victor e Santa Corona) pertencem ao Município de Flores da Cunha-RS. Sua fundação ocorreu entre os anos de 1879 e 1893, quando os respectivos territórios pertenciam à Colônia Caxias.

Com a emancipação dos Municípios de Caxias do Sul (1890), Bento Gonçalves (1890), Flores da Cunha (1924) e por último Farroupilha (1934), essas capelas, embora passassem pela administração municipal de sua jurisdição, enquanto pertencentes aos municípios da época, mantiveram o vínculo religioso com o Santuário, independentemente de seus limites territoriais municipais (LT Sant, n.1, 1876-2018; LT Cap, 1968-2018).

As três capelas que estão no território do Município de Flores da Cunha (Santa Juliana, São Tiago, e a São Victor e Santa Corona) constituem o atual distrito de *Mato Perso*. Crocoli (2003) faz referência ao nome *Mato Perso*, território que agrega as terras das Linhas Hortência, Treze de Maio, Quatro de Setembro e Entre Rios. Segundo esse autor, essas terras foram

medidas alguns anos mais tarde, devido a seu difícil acesso e às condições geográficas definidas por rios e montanhas.

Um grupo de agrimensores, partindo da Colônia Dona Isabel (Bento Gonçalves), chegou até o arroio Biazus, que desce pelas terras da Capela Todos os Santos, enquanto outro grupo fazia a medição de terras desde Caxias e chegaram ao rio Tega; imaginando tratar-se do mesmo rio, pensaram ter se encontrado (Crócoli, 2003). Entretanto, na prática, sobraram as terras das linhas acima mencionadas, que foram medidas posteriormente.

Por esse motivo, a população local falava nas “Colônias do Mato Perso”, que quer dizer *mato perdido*, esquecido pelos agrimensores entre os arroios Tega e Biazus. Crocoli (2003, p. 16) menciona que nos “livros de escrituração do cartório de registro de imóveis de Caxias do Sul, já em 1915 constava o nome ‘Mato Perso’, entre parênteses, após as palavras ‘Território Novo’, para indicar mais precisamente a localização geográfica do lote rural”.

Desde os primeiros anos da imigração, a maioria dos colonizadores, da região das sete capelas, dedicou-se à agricultura. O comércio e os empreendimentos surgiram da necessidade de articulação para a autossuficiência, em virtude da distância com os centros comerciais da época. A agricultura se baseou na mão de obra familiar, na pequena propriedade e na produção de todos os gêneros de consumo necessários para a manutenção. Os produtos mais cultivados eram o trigo, o milho e as videiras. Com esses alimentos, garantiam os tradicionais, oriundos dos costumes de sua terra de origem, tais como: o pão, as massas, o vinho, a farinha de milho para a polenta e os grãos para a engorda dos suínos, bem como com os produtos derivados tais como: a banha, o toucinho e as carnes embutidas.

Para o consumo, plantavam, principalmente, arroz, batata-inglesa, batata-doce, amendoim, aipim, soja, feijão e aveia, e o excedente da produção comercializavam em São Sebastião do Caí. Havia horta, pomar e jardim em todas as propriedades. Na horta, eram cultivados *radicci*,⁸² tomate, temperos verdes, chás; dentre as árvores frutíferas, destacavam-se: laranjeiras, bergamoteiras, ameixeiras e videiras. Com o passar dos anos, a produção foi sendo modernizada e ampliada, e a comercialização passou a ser realizada em escala e para outros destinos comerciais.

O território em que se localizaram possui características geográficas bastante adversas para a agricultura, por situarem-se em região de encostas íngremes e vales em garganta. Para o acesso, no início da imigração, havia extrema dificuldade. Acrescido a isso, a mata era fechada.

⁸²*Radicci*, na língua italiana, significa raízes. Da gastronomia típica da Itália, é uma salada verde de pequenas folhas lisas e amargas, temperada apenas com vinagre caseiro de vinho tinto e que acompanha pratos como galeto, massa e polenta.

Não havia estradas. Os acessos construídos levavam unicamente às colônias que ocupavam. Para quaisquer necessidades, tinham que ir para a região mais central, que, no início, era a capela-sede (atualmente o Santuário). Esta, nas primeiras décadas da imigração, formou um lugar central de alguns serviços, que davam suporte às necessidades dos seus imigrantes.

7.1 CAPELA SANTA JULIANA

A Capela Santa Juliana, Figura 7, localiza-se em região de vales e montanhas, na localidade de Mato *Perso*, região agrícola, pertencente ao 4º distrito do Município de Flores da Cunha. Registros da época indicam que, por volta de 1890, foram demarcadas essas terras e estabelecidos os primeiros colonizadores. Alguns dos pioneiros foram as famílias Balbinot, Giacomini, Basso, Ferronato, Marchet, Zanella, Giacomelli, Molinetti, Muraro, De David, Balén, Gasparetto, Pandolfi, Lazzari, Pitt, Da Riva, Varaschin e Grifante (Santuário de *Caravaggio*, 2020; Vailatti, 2017).

Figura 7 - Imagem da Capela Santa Juliana



Fonte: Acervo da autora (2021).

O surgimento da capela ocorre após os assentamentos. O padre Carmine Fasulo, em 1893, delimita a circunscrição da Paróquia Nossa Senhora de *Caravaggio* e menciona a existência dessa capela (LT Sant, n.1, p.1v). Nesse registro, é mencionado o patrimônio de um terreno com área de 6.600 m² e cemitério. O terreno, localizado no lote n. 38, da Linha Hortência, que na época pertencia ao Município de Caxias do Sul, foi doado por Antônio e Thereza Varaschin, no ano de 1895.

Registros históricos indicam que, inicialmente, foi construído um pequeno oratório e nele colocada a imagem de gesso de Santa Juliana, que teria sido doada por Bernardo Pitt e a esposa Giuliana Beardo, por volta do ano 1906 (Santuário de *Caravaggio*, 2020). A motivação teria sido uma graça alcançada, pela cura de forte depressão em Giuliana.

Entre outras santas de mesmo nome, esta da devoção local é Santa Juliana de Nicomédia, que viveu entre os anos de 285 a 304, em Nicomédia, atualmente, Izmit, Turquia. Juliana de Nicomédia foi uma cristã que não aceitou se casar com um jovem pagão a quem estava prometida. “Ela foi torturada e trancada em um calabouço por conta da recusa. Lá, recebeu a visita do demônio em forma de anjo, que tentou persuadi-la a se casar e renunciar a Deus. Como ela não se deixou enganar, o diabo sumiu envergonhado” (Flórez; Risco, 1772).

Tida como santa e mártir, a devoção a ela está associada à castidade, à pureza e à doença. Suas datas de celebração, em 16 de fevereiro e 28 de junho, fazem memória do dia de sua morte e do dia do traslado de suas relíquias, respectivamente.⁸³ Sua imagem é representada com o diabo acorrentado. Conta o relato que Juliana foi agraciada com a intervenção divina e amarrou o demônio a seus pés. Em alusão a isso, as efígies da Santa, geralmente, a representam com o diabo preso por uma corrente. A Martirologia Romana, a esse respeito, expressa que, na prisão, Juliana visivelmente lidou com o diabo. Flórez e Risco (1772, p. 812) citam a expressão em latim *palam cum diabolo conflixit*, significando “abertamente entrou em confronto com o diabo”.

Posteriormente, a escultura de gesso foi substituída por uma de madeira. Essa identificação pode ser confirmada pelas características da composição da imagem, bem como pelos registros nos livros relacionados à capela e de relatos atuais. Algum tempo depois, foi construída uma modesta igreja em madeira e inaugurada em 1º de junho de 1940. Na época, foi adquirida outra imagem de Santa Juliana, esculpida também em madeira pelo artista Neno Riva. Em 1953, ergue-se a atual torre, com mais de cinco mil blocos de pedra e 32 m de altura, em substituição a de madeira, de 1918, que abrigava o sino de 470 kg, fundido em Garibaldi, por João Bellini (Santuário de *Caravaggio*, 2020; Vailatti, 2017, p. 17).

Na década de 1950, a comunidade adquiriu mais área de terras para a construção do salão comunitário. Nesse imóvel, ocorreram várias ampliações construtivas até atingir as atuais dimensões, que proporcionam amplo e confortável espaço para a realização de festas.

Dentre as atividades realizadas pela comunidade, destaca-se o tradicional *Magnar di Polenta*, que ocorre todos os anos, no mês de maio. Esse evento surgiu, quando a localidade de

⁸³ Santa Juliana de Nicomédia também é reverenciada pela Igreja Ortodoxa grega, porém, no dia 21 de dezembro (Flórez e Risco, 1772).

Mato Perso se tornou distrito do Município de Flores da Cunha-RS, em 30 de março de 1990.⁸⁴ Para marcar e homenagear essa conquista, a comunidade decidiu criar esse evento com o propósito de celebrar essa data anualmente.

Na capela Santa Juliana, a festa em honra à padroeira é realizada no final de março. A imagem da Santa tem lugar de destaque no altar. Segundo um dos moradores do local, o agricultor descendente dos primeiros imigrantes, Júlio Conte, em depoimento ao jornal *O Florense*, conta que a imagem da Santa é uma releitura feita há mais de 100 anos pelo escultor Nino Rigo, a partir de uma trazida da Itália pela família Pitt, que, além do sonho de viver no *paese della cuccagna* (país da abundância) trouxe tal devoção às terras do município (Jornal O Florense, 2015).

Em 1995, a comunidade de Santa Juliana era formada por, aproximadamente, 110 famílias, perfazendo uma população de 393 habitantes. Os dados especificados no Quadro 16 constam em registro no Livro de Tombo das Capelas entre os anos de 1977 a 1995.

Quadro 16 - Capela Santa Juliana: famílias e população (1977-1995)

Ano	1977	1978	1981	1983	1990	1992	1995
Nº de famílias	70	70	80	113	101	115	110
Total da população	417	359	Nc	483	480	499	393

Fonte: Organizada pela autora (2020). Dados extraídos do Livro de Tombo das Capelas.

A região, em que está localizada essa capela, é essencialmente agrícola e, no ano de 1978, desenvolvia as atividades principais de produção de uva, leite e frutas, como mostra o Quadro 17.

Quadro 17 - Capela Santa Juliana – produção: leite, uva e frutas, em 1978

Capela	Produto	Unidade
Santa Juliana	Leite: litros/dia	241
	Uva: kg/ano	3.372.000
	Fruteiras: pés	18.250

Fonte: Elaboração da autora (2020). Dados extraídos do Livro de Tombo das Capelas.

Uma das principais festas que ocorrem na comunidade é o *menarosto*, promovida pelo Clube de Mães do local. O *menarosto* é um processo de preparo de carnes inspirado na culinária italiana, que consiste em assar carnes sem ter contato direto com as chamas e a fumaça (somente brasas); para isso é utilizado um rolete de espetos que gira lentamente, para que as

⁸⁴A criação do 4º distrito de Flores da Cunha (Mato Perso) foi especificada na lei Orgânica Municipal de Flores da Cunha, em 30 de março de 1990 (Título V, Artigo 191) (Vailatti, 2017, p. 90).

carnes assem por igual. Todo o processo de cozimento leva, aproximadamente, cinco horas. Os imigrantes utilizavam carnes de caça disponíveis na época e movimentavam o rolete, manualmente, por meio de uma manivela, um pedal ou até por roda d'água. O termo *menarosto* significa *levar o assado*, no sentido de girar o assado feito em espetos rotativos. Esse prato, na gastronomia da época, não era uma refeição comum, mas feita em ocasiões especiais, quando as famílias se reuniam para festejar o sucesso nas caçadas. Desde 10 de agosto de 2010, o *menarosto* foi instituído como prato típico oficial de Flores da Cunha, por meio da Lei Municipal n. 2.831 (Jornal Pioneiro RBS, 2010).

A capela Santa Juliana é a sede do distrito de Mato Perso. Este distrito, como já referido anteriormente, além da capela Santa Juliana, que é a mais populosa, agrega as comunidades das capelas São Tiago e a São Victor e Corona. Em 1990, quando da elevação de Mato Perso à condição de distrito, sua população era de aproximadamente dois mil habitantes (Vailatti, 2017, p. 90).

7.2 CAPELA SÃO VICTOR E SANTA CORONA

A Capela São Victor e Santa Corona, situa-se na Linha Entre Rios, localidade de Mato Perso, 4º distrito do Município de Flores da Cunha, a 22,9 km do Santuário N. Sra. de *Caravaggio*. É uma região agrícola caracterizada, principalmente, pela produção vitivinícola.

Essa capela possuía como bem patrimonial um terreno com área de 1.467 m², localizado no lote n. 1, da Linha Entre Rios, adquirido por compra no ano de 1897. Naquele ano, já constava a existência de uma capela de madeira, um sino e um campanário (LT Sant, n. 1, p. 4). A capela existente foi completamente destruída por um forte vendaval, na tarde de 6 de agosto de 1932 (LT Sant, n.1, p. 34v), porém deixando intacto o campanário. Naquele mesmo ano, foi erguida uma nova capela também de madeira, no mesmo lugar que a anterior. Em 1935, foi feito o altar-mor por José Golo,⁸⁵ em Caxias do Sul, depois transportado até o local.

Por quase trinta anos, a capela de madeira resistiu às intempéries. Porém, quando a madeira começou a apodrecer e a cobertura não mais suportava a chuva, os moradores se reuniram com o padre Teodoro Portolan, responsável pelo Santuário, e lhe solicitaram ajuda. José Gaio relata à Vailatti (2017, p. 275) que, na ocasião, não dispunham de recursos para obras. Diante disso, o padre Teodoro Portolan “resolveu disponibilizar toda a arrecadação de uma das

⁸⁵José Golo, artista caxiense em marcenaria, também construiu o altar-mor da Catedral Santa Teresa, em Caxias do Sul, bem como o altar da Capela São Tiago, também de Mato Perso.

festas realizadas em *Caravaggio* para a comunidade de São Victor e Santa Corona, para levantar fundos para a construção de um novo templo”.

Em 8 de março de 1964 é inaugurada a capela (Figura 8) em alvenaria, a qual ainda se encontra no local, atualmente. A bênção da nova capela foi realizada pelo padre Teodoro Portolan, que representou o bispo da diocese de Caxias do Sul, e com a presença também do padre Luiz Pasa e grande número de paroquianos (LT Sant, n. 2, p. 46v).

Figura 8 - Imagem da Capela São Victor e Santa Corona



Fonte: Acervo da autora (2021).

José Gaio, fabriqueiro na ocasião da construção da capela, relata que a madeira da capela anterior foi utilizada como andaimes, na construção da atual. Os construtores foram os pedreiros Fernando Meneguzzo e Luiz Garbin, com a ajuda dos moradores da localidade, que, através de revezamento, cada família disponibilizava a mão de obra necessária. Os bancos foram doados pelo Santuário N. Sra. de *Caravaggio*.

A devoção aos santos Victor e Corona, refere-se a dois mártires cristãos, que, segundo o Martirológio Romano, juntos sofreram o martírio. Borrelli (2019) aponta que estudos hagiográficos envolvendo esses dois santos mártires são muito complexos. Há muitas celebrações nos calendários, e martirologistas antigos, latim, grego e copta fazem-lhes menção. De acordo com fontes gregas, o fato aconteceu na época do imperador Antonino (138-161). De acordo com os coptas, no entanto, teria sido na época de Diocleciano (243-313), e o

Martyrology romano os comemora em 14 de maio. Quanto à localização exata, apenas consta que aconteceu na Síria.

Borelli (2019) apresenta que, no *Ilustre Certamen*, texto escrito por um diácono da Igreja de Antioquia no século IV, Vittore era um soldado cristão da Cilícia. Durante a perseguição a Marco Aurélio, ele foi denunciado ao prefeito Sebastiano e submetido à tortura. Enquanto ele sofria, apesar de sereno na fé, a esposa de um de seus companheiros de armas, cujo nome era Corona (equivalente em latim ao nome Stefania), que ainda não tinha dezesseis anos, declarou que ela também era cristã e o encorajou. Ela foi presa e submetida a um breve interrogatório, após o que foi amarrada pelos pés às copas, e dobrada no chão, por duas palmeiras e esquartejada. Vittore, no entanto, foi decapitado. Seus restos mortais são mantidos em Feltre, a partir do século IX. A festa litúrgica desses santos, celebrada no mesmo dia, é 14 de maio.

Na capela, constam as imagens de São Victor e de Santa Corona, ambas esculpidas em madeira de angico. Esses santos são padroeiros da comunidade, festejados no mesmo dia, no mês de outubro. Outros santos também fazem parte do devocionário da comunidade: São Roque, com imagem em gesso, doada por volta do ano 1950, por uma devota, por uma graça alcançada; a Imaculada Conceição, com imagem também em gesso, doada por volta de 1964, por Armando Lovison, em agradecimento por ter sobrevivido a uma mordida de cobra; Santo Antônio, imagem em gesso, a mais antiga da capela e Nossa Senhora Auxiliadora, imagem também feita em gesso.

A área de terras em que foi construída a igreja atual, bem como o salão comunitário, foi doada por Ernesto Gasparetto.⁸⁶ O salão comunitário, em alvenaria, foi construído em 1976, com capacidade para 600 pessoas, em substituição ao anterior, que era de madeira e comportava 100 pessoas. Tal obra foi realizada por construtores da própria comunidade, que se revezavam para fornecer a mão de obra necessária.

7.3 CAPELA SÃO TIAGO

A Capela São Tiago localiza-se no Travessão Hortência, em Mato Perso, 4º distrito do Município de Flores da Cunha-RS, e dista, aproximadamente, 15,3 km do Santuário. Sua festa é celebrada pela Igreja em 25 de julho. Relatos da história local indicam que a primeira capela

⁸⁶ Ernesto Gasparetto nasceu em 1928, na localidade da Capela São Victor e Santa Corona e, entre seus filhos, três se tornaram religiosos: padre Itacir, Irmã Ivete e Irmã Idete, todos inseridos na Congregação dos Pobres Servos da Divina Providência.

em honra a São Tiago foi construída por volta de 1891, com a denominação de “San Jacob Maior”. Posteriormente, passou a ser Capela São *Giacomo* e, por volta de 1970, seu nome foi aportuguesado para Capela São Tiago. O terreno para a construção da primeira capelinha, erguida em madeira, foi doado por Giuseppe De Bastiani e sua esposa Maria Domênica Casagrande, em 26 de abril de 1891. Dez anos após, por volta de 1901, foi construída uma nova capelinha de madeira com campanário (Crocoli, 2003, p. 72; Santuário de *Caravaggio*, 2018).

Crocoli (2003, p. 74) menciona que o sino existente no local, desde os primeiros anos do século XX, traz impressos, em sua superfície externa, perfeitamente visíveis, os dizeres *Libera nos Domine a fulgure et tespestate. Fu Gio di Bassano Nel 1900 Opera di Pietro Colbachini*. A primeira frase, em latim, traduzida para o português, significa: “Livrai-nos, Senhor, do raio e da tempestade”. A segunda frase, segundo detalhamento de Crócoli, refere-se ao projeto técnico do sino, com a abreviatura do responsável por sua confecção, o local de residência do mesmo, o ano de fabricação e o nome da empresa em que foi fundido “Gio, Bassano, ano de 1900, Fundação Colbacchini”.

Crocoli descreve os primeiros proprietários oficiais dos lotes da Linha Hortência, território da Capela São Tiago: Benedetto Favaron, Angelo Volpato, Giovanni De Martini, Domenico Bertocco, Atilio Zanela, Marcello Zanela, Vittorio Dalla Rosa, Pietro Dalla Rosa, Bortolo Ortigara, Luigi Pagnussat, Giuseppe Dalla Rosa, Valentino De Bastiani, Gerolamo De Bastiani, Antonio Dalla Cort, Antonio Casato, Pietro De Bastiani, Giovanni Pagnussat, Francesco De Bastiani, Giuseppe Bissegò, Alessandro Geron, Giuseppe De Bastiani, Dalla Corte, Antonio Ferronato, Angelo Zilli, Giovanni Battista, Carlo Dalla Corte, Pietro Verona, Valentino Canton, Pietro Casagrande, Santo Muraro e Eugenio Bellandi (Crocoli, 2003, p. 19). Eram 31 proprietários que receberam a escritura dos lotes com números 1 a 29, entre os anos de 1891 a 1897.

A atual capela, Figura 9, foi inaugurada em 11 de fevereiro de 1951, pelo bispo Dom José Baréa (LT Sant, n.1, p. 67). Sua construção ocorreu em forma de mutirão, com a participação dos associados coordenados por pedreiros. No Livro de Tombo do Santuário (n.1, p. 67) é feita menção especial aos esforços de Firminio Zilli para a concretização da obra, a qual foi realizada em alvenaria e com arte.

Figura 9 - Imagem da Capela São Tiago



Fonte: Acervo da autora (2021).

Com a madeira da capela antiga, foi construído um pequeno salão comunitário. Havendo a necessidade de melhorar o espaço social, o novo salão foi construído e inaugurado em 25 de setembro de 1977 (LT Cap, n.1, p. 49). Na época, a comunidade era formada por cerca de trinta famílias. Em janeiro de 2018, a comunidade contava com 56 famílias (Rádio Miriam, *Caravaggio*, 2020).

As famílias vivem, basicamente, da agricultura, produzindo uva, pêssego, ameixa, morango, tomate, alho, cebola, dentre outros. Em meados de julho, é realizada a festa em honra ao padroeiro. Na semana anterior, é realizada a Caminhada dos Peregrinos de São Tiago.⁸⁷ Em outubro, acontece a festa em honra à Nossa Senhora Auxiliadora.

A devoção a São Tiago⁸⁸ (o Maior), filho de Zebedeu e de Salomé, irmão mais velho do evangelista João, aparece entre os seguidores de Jesus, desde o começo de sua pregação pública (Bíblia, Mt 4, 21-22). A festa em honra ao santo é celebrada pela Igreja Católica, no dia 25 de julho. Um dos doze apóstolos escolhidos por Jesus Cristo, Tiago é representado vestido como um peregrino ou como um soldado montado em um cavalo branco, em atitude de luta. São Tiago é padroeiro da Espanha e de sua cavalaria, assim como dos peregrinos, veterinários, equitadores e de várias cidades do mundo. Atualmente, a Catedral de Santiago de Compostela,

⁸⁷ Inspirada no Caminho de Santiago de Compostela (Espanha), esta caminhada de, aproximadamente, 20 quilômetros, parte do centro do Município de Flores da Cunha-RS, e segue até a Capela São Tiago, interior do mesmo município. Inclui cerimônia religiosa na chegada à capela e almoço festivo. É realizada sempre no mês de julho. Foi instituída pela Lei Municipal n. 2.412, de 14 de julho de 2004 (Vailatti, 2017, p. 266).

⁸⁸ O nome *São Tiago* vem das palavras *Sant Iacob*, do hebraico *Jacob (Ya'aqov)*. Significa “aquele que vence”, “o vencedor”. É uma versão do nome Jacó, que se escreve com “b” no final, em algumas línguas como o inglês e o sueco (Dicionário de Nomes Próprios, 2021).

na Espanha, é considerada o principal santuário dedicado ao santo e para onde milhares de pessoas peregrinam todos os anos, motivadas a percorrer o Caminho de Compostela (Acidigital, 2019).

7.4 CAPELA N. SRA. DE MONTE BÉRICO

A Capela N. Sra. de Monte Bérico se localiza na Linha Jansen, no 2º distrito do Município de Farroupilha-RS, a uma distância de 12,5 km do Santuário N. Sra. de *Caravaggio*. No Livro de Tombo do Santuário (LT Sant, n.1, p. 1v-2), consta que, no ano de 1893, quando do inventário da paróquia, essa capela já existia em alvenaria, com uma área de 2.500 m², localizado no lote 154 daquela Linha (LT Sant, n.1, p. 3v).

Nos anos de 1925 e 1926, o padre Santo Dal Bosco, na época pároco da paróquia com sede no Santuário, registra, no Livro de Tombo, terem ocorrido duas peregrinações no dia 18 de outubro daqueles anos, provindas da Capela de N. Sra. de Monte Bérico ao Santuário de N. Sra. de *Caravaggio*. Essas duas peregrinações foram organizadas por Domingos Ferronato (LT Sant, n.1, p. 23v, 24 e 25). Percebe-se que a capela possui uma vida religiosa bastante participativa. Há registros de missões populares, no decorrer dos anos, realizadas por freis capuchinhos, com grande número de confissões e comunhões.⁸⁹ Observa-se que as missões geraram revitalização na comunidade, como demonstram os registros.

Em 19 de outubro de 1958, foi inaugurada a torre construída em alvenaria e abençoada por dom Cândido Maria Bampi, bispo auxiliar da Diocese de Caxias do Sul. A Figura 10 mostra a atual Capela de N. Sra. de Monte Bérico e a torre do campanário.

⁸⁹ Foram realizadas missões durante os dias 19 e 22 de julho de 1934, auxiliadas por um frei capuchinho. Houve 377 confissões e 500 comunhões (LT Sant, n.1, p. 38).

Figura 10 - Imagem da Capela N. Sra. de Monte Bérico



Fonte: Acervo da autora (2021).

Entre as atividades da Capela, consta o registro em ata de uma reunião para ampliação do salão da comunidade. Observa-se a organização e o conhecimento dos estatutos estabelecidos pelos sócios da capela (LT Cap, n.1, p. 54v-55). No documento consta a necessidade de compra de terreno, melhorias a serem feitas, valores implicados, quotas com as quais cada sócio deve participar e condições de pagamento. Também é levado em conta que as famílias, nas quais há mais casais e pessoas viúvas, que estes contribuam com valor menor que os outros e, ainda, quem tiver dificuldades de efetuar o pagamento, que faça contato com a diretoria da capela, para negociar por dias de serviço ou mais prazo para o pagamento. No Quadro 18, estão relacionados os nomes dos sócios que decidiram pela ampliação do salão comunitário, da capela, em 1978. É mencionado que o total de associados, na ocasião, era de 56, porém nem todos assinaram naquele momento.

A diretoria em exercício, nessa ocasião, era: José Verona, Pedro Zamboni e Germano Crocoli. Para ajudar na diretoria, foi indicado e efetivado o sócio Onorino Signori. Em 1979, foi reeleita a mesma equipe de diretoria (LT Cap, n.1, p. 58v).

O Quadro 18 mostra a relação dos sócios da Capela N. Sra. de Monte Bérico, que formalizaram a ampliação do salão comunitário, em 1978 (LT Cap, n.1, p. 55).

Quadro 18 – Sócios da Capela N. Sra. de Monte Bérico, em 1978

(continua)

Nome dos sócios	
1. Germano Crocoli	24. Antoninho Mugnol
2. Paulino Colussi	25. Casemiro Mugnol
3. Constantino Merlin	26. Antônio Gasparet
4. Cílio Bertuol	27. Teresinha Danuso
5. Warolli Danuso	28. Irineu Danuso

(conclusão)

6. Lourenço A. Crocoli	29. Ladi Dal Pizzol
7. Onorino A. Signori	30. João Schiochet
8. Elói A. Signori	31. Alberto Crocoli
9. José Verona	32. Sadi Verona
10. Carlos Lume	33. Victorio A. Basso
11. Celoso Lume	34. Constante Callegari
12. Antônio Bertuol	35. Clávio Callegari
13. Carlos Lume	36. Ida Luiz Zanella
14. Maria Callegari	37. Angelo Meggiolaro
15. Avelino Verona	38. Iracildo Madalosso
16. Rosalido Schiochet	39. Pedro Ceccato
17. Siro Dall’Agnol	40. Angelo Callegari
18. Agostinho Mugnol	41. José Tres
19. Isaac Callegari	42. Antoninho Dal Pizzol
20. Leonir Callegari	43. Plínio Bampi
21. Salvador Bertuol	44. Pedro Zamboni
22. Rialdo Verona	45. Ricco Basso
23. Valério Dall’Agnol	46. Oscar Crócoli

Fonte: Elaboração da autora (2020).

A origem da devoção à N. Sra. de Monte Bérico, no local, remete ao santuário do século XV, de mesmo nome, na Itália. Os imigrantes, daquela localidade, a elegeram por devoção. Aducci (2003) apresenta que ocorria, naquele tempo, em Vicenza, uma horrível peste. A Virgem Maria teria aparecido naquela região, no ano de 1426, a uma mulher do povo, muito boa e piedosa, que estava rezando com todo o fervor diante de uma velha cruz colocada no monte Bérico, e disse-lhe que os habitantes de Vicenza ficariam livres da peste, se erigissem naquele morro uma igreja em sua honra. Entretanto, somente após uma segunda aparição, que ocorreu dois anos depois da primeira, as autoridades se convenceram das palavras da vidente, e, no dia 25 de agosto de 1428, foi colocada festivamente a pedra fundamental da igreja. Aducci (2003) descreve que iniciaram depressa os trabalhos. O ardor e o zelo dos trabalhadores aumentaram ainda mais quando, conforme a promessa de Nossa Senhora, viram brotar uma fonte no meio da rocha. Consta que a peste ia diminuindo à proporção que a igreja ia sendo construída. Três meses depois estava concluída a igreja, desaparecendo o flagelo da peste.

Para se chegar ao local, dois caminhos conduzem ao santuário: uma escada de pedra, de 194 degraus, construída em 1596, e uma larga estrada, aberta muito mais tarde, ao longo da qual existem 150 pequeninas capelas correspondentes às 150 contas do Rosário. No atual altar-mor - obra de arte moderna dos anos de 1926-1928 -, está a antiga imagem de Maria, protegida por um manto de mármore, debaixo do qual estão várias figuras ajoelhadas, procurando, sob o manto (aberto) de Nossa Senhora, a sua proteção. A devoção relacionada a essa imagem é considerada milagrosa e se espalhou por muitos lugares (Aducci, 2003).

7.5 CAPELA N. SRA. DAS DORES

A história da comunidade da Capela N. Sra. das Dores inicia com a chegada de imigrantes italianos, no ano de 1880. As famílias Batista e de Catarina Roman trouxeram da Itália a imagem de N. Sra. das Dores, juntamente com um crucifixo de madeira, dentro de uma barrica e um sino que ficou em São Leopoldo. Após estabelecidos na localidade, várias pessoas se encarregaram de buscá-lo (Rádio Miriam, *Caravaggio*, 2018).

Quando do inventário realizado pelo padre Ângelo Donato, em 1913, consta o registro dos bens dessa capela, que eram um terreno com área de 1.100 m², localizado no lote n. 130, da Linha Jansen, uma capela e uma torre, ambas em madeira (LT Sant, n. 1, p. 3). Os primeiros padres que atenderam a comunidade foram Santo Dal Bosco e Albino Agazzi.

Registros escritos são escassos a respeito desta capela. Nos próprios Livros de Tombo, tanto do Santuário quanto da paróquia, quando a integravam somente as sete capelas (1968 a 2018), aparecem pouquíssimas citações. Os Livros de Tombo a incluem entre fatos de outras capelas. As famílias Fagherazzi, Balbinot, Dal Pizzol, Scalabrin, Roman e Giacomini eram algumas das famílias dessa comunidade, no ano de 1937.⁹⁰

A devoção à N. Sra. das Dores tem sua origem na sensibilidade de piedosa compaixão do povo cristão, expressa no quadro da Pietá: N. Sra. das Dores recebe no colo o filho morto retirado da cruz. Sgarbossa e Giovanini (2009) descrevem que esse momento se reveste da incomensurável dor de uma paixão humana e espiritual única: a conclusão do sacrifício de Cristo, cuja morte na cruz é o ponto culminante da redenção. Uma vez que a morte de Cristo está implícita, como em embrião, desde os primeiros momentos de sua existência humana, a compaixão está implícita no início, quando Maria responde ao apelo de Deus com a expressão “faça-se em mim segundo a tua palavra” (Bíblia, Lc 1,38). Como mãe, Maria assume implicitamente os sofrimentos de Cristo, em cada momento de sua vida. A imagem da Pietá, típica da arte gótica e do Renascimento, cuja obra mais conhecida é a escultura de Michelangelo, exprime um dos importantes momentos das dores da Virgem Maria (Sgarbossa; Giovanini, 2009).

⁹⁰ Um relato de fato, que teria acontecido em 1937, menciona que, alguns moradores dessa capela, teriam participado de caça a uma nuvem de gafanhotos que assolou aquela localidade. Ao relato, a descrição de uma foto indica o nome dos caçadores. São eles: Frederico Fagherazzi, Abel Balbinot, Estevão Dal Pizzol, Caetano Scalabrin, Henrique Roman, Luiz Fagherazzi e Ângelo Giacomini. Essa indicação aponta algumas famílias que constituíam aquela comunidade, naquele ano (Jornal O Farroupilha, 24 jul. 2020).

Essa devoção fixou, simbolicamente, as sete dores da *corredentora*,⁹¹ correspondentes a outros tantos episódios narrados pelo Evangelho: a profecia do velho Simeão, a fuga para o Egito, a perda de Jesus aos 12 anos, durante a peregrinação à Cidade Santa; o caminho de Jesus para o Gólgota, a crucificação, a deposição da cruz e a sepultura (Bíblia, Lucas).

Como o objeto do martírio de Maria é o martírio do Redentor, desde o século XV encontram-se as primeiras celebrações litúrgicas acerca da compaixão de Maria aos pés da cruz, colocada no tempo da Paixão ou logo após as festividades pascais. A Ordem dos Servitas, inteiramente dedicada à devoção de Nossa Senhora, em 1667 obteve a aprovação da celebração litúrgica das sete Dores da Virgem. Durante o pontificado do papa Pio VII, a dita celebração foi introduzida no calendário romano e lembrada, no terceiro domingo de setembro.⁹²

Com o título de N. Sra. das Dores, os católicos honram a dor de Maria. É junto à Cruz que a Mãe de Jesus crucificado se torna a mãe do corpo místico nascido da cruz (Sgarbossi; Giovanini, 1983).

Os santos padroeiros da capela são a própria N. Sra. das Dores, que é a principal e que lhe dá nome, e também São Paulo. Inclui-se a estas, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus,⁹³ celebrada na primeira sexta-feira de cada mês.

Em 1971, foi construída a nova capela, Figura 11. O padre Adelino Formolo registra que houve uma discordância quanto ao local de sua construção, tendo algumas famílias resistido e negligenciado a contribuição financeira para a construção. Passados três anos, essas famílias reconsideraram e disponibilizaram os pagamentos atrasados, que correspondiam a mil tijolos por família (LT Cap, p. 37v).

⁹¹ Na Mariologia da Igreja Católica, *corredentora* se refere ao papel da Virgem Maria no processo de redenção e salvação. É aquela que colabora com a redenção. Redenção é o ato de redimir ou remir, que significa libertação, reabilitação, reparo, salvação.

⁹² O papa Pio X fixou a data definitiva de 15 de setembro, conservada no novo calendário litúrgico, que mudou o título da festa, reduzida à simples memória: não mais Sete dores de Maria, mas menos especificadamente e mais oportunamente: Virgem Maria Dolorosa.

⁹³ A devoção ao Sagrado Coração de Jesus iniciou no Santuário N. Sra. de *Caravaggio*, em 11 de junho de 1915 (LT Sant, n. 1, p. 10v). E a licença eclesiástica para a prática da Adoração Eucarística, no Santuário, é formalizada em 14 de dezembro de 1918 (*Idem*, p. 16).

Figura 11 - Imagem da Capela N. Sra. das Dores



Fonte: Acervo da autora (2021).

O novo salão comunitário foi inaugurado em 1981. Na ocasião, estiveram presentes diversas autoridades, dentre elas o então prefeito de Farroupilha-RS e diversos padres. Em levantamento realizado nesse ano pelo pároco da época, padre Ivo Adamatti, 37 famílias compunham a comunidade (LT Cap, p. 64v-66).

Dados atuais indicam que a comunidade da capela se mantém organizada com equipe administrativa, grupo de liturgia e canto, catequese e jovens, capelinha domiciliar, clube de mães e esporte. As famílias preservam a fé e os princípios herdados dos antepassados. Todos os anos celebram a padroeira com intensa preparação, que inclui almoço, sorteios e recreação. A celebração da missa é o momento mais importante das festividades.

7.6 CAPELA SÃO JOSÉ

A Capela São José é uma das mais antigas da Linha Palmeiro e teria surgido na mesma época em que imigraram os primeiros colonizadores que ocuparam as terras do local. A data de sua fundação é imprecisa; porém, de acordo com Decó (1994, p. 112), consta nos arquivos de casamento da paróquia de Bento Gonçalves (Ex-colônia Dona Isabel), o registro do “casamento de Domingos Damin com Maria Mulinet que aconteceu no dia 22 de novembro de 1883, na capela São José”.

Essa capela foi inicialmente construída em madeira, no lote n. 180, que era de Fiorenzo Silochi, onde, atualmente, está localizado o cemitério (Decó, 1994, p. 33). Em 1932, em um terreno doado pelas famílias Agostinho e Antônio Bertuol, proprietários do lote n. 179, foi construída a atual capela (Figura 12), em alvenaria (p. 112).

Figura 12 - Imagem da Capela São José



Fonte: Acervo da autora (2021).

As primeiras famílias residentes na comunidade da Capela São José, foram: Luigi Lanfredi, Luigi Sarzi, Giuseppe Ghidini, Giovanni Ghidini, Emilio Ghidini, Giacomo Balbinot, Ferrante Ghidini, Andrea Scolari, Gevasio Dall’Agnol, Angelo Gaiardo, Bernardo Sbardelott, Antonio Dall’Agnol, Ventura Bertuol, Santo Fabiani, Domenico Damin, Antonio Basei, Angelo e Giuseppe Sbardelott, Giovanni Sbardellott, Giovanni Frecia, Giovanni Canei, Giovanni Menta, Francesco Menta, Antônio Cassol, Angelo Bertuol, Fiorenzo Silocchi, Angelo Bernardi, Giacomo Bernardi, Enrico Bernardi, Francesco Gozzi, Giovanni Gozzi, Giuseppe Beduschi, Andrea Galafassi, Giuseppe Focchi, Vittorio Noal e Pietro Noal (Decó, 1994, p. 113-114). A relação dessas famílias consta na lista dos proprietários provisórios, em 1884, e, depois, definitivos em 1895, nos registros no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

Decó observa ainda que a Capela São José se constitui uma das maiores da Linha Palmeiro por sua extensão territorial, com 23 lotes de 48 hectares cada um, correspondentes aos lotes n.166 ao 188, dessa Linha (p. 114). O autor salienta que essa capela, do ponto de vista histórico e sociológico, talvez seja a mais importante de todas as da Linha Palmeiro, por ser a sede administrativa da Sociedade Italiana *Di Mutuo Soccorso Enrico Millo*.

O estatuto dessa sociedade, escrito em italiano, contém 51 artigos em seis capítulos. Tinha como sede e local de reuniões a Capela São José e/ou a Capela Todos os Santos. O estatuto da associação estabelecia quem poderia fazer parte da sociedade, deixava expresso quem não poderia se associar, no caso: quem possuía alguma doença incurável e os que exerciam alguma profissão “indecorosa”. Em seu primeiro artigo, instituiu a finalidade da Sociedade: *Lo scopo di questa Societá è l’istruzione, l’unione, la fratellanza ed il soccorso in*

*caso di malattia o d'impotenza al lavoro*⁹⁴ (Decó, 1994, p. 57). Além dessa finalidade, como também ocorria com as demais sociedades similares, “procurava defender e proteger os imigrantes contra abusos e maus tratos por parte das autoridades brasileiras”.

Decó (1994, p. 63) enfatiza que, em muitos povoados, linhas e travessões, em regiões de colonização italiana do Rio Grande do Sul, foram fundadas sociedades com a finalidade de promover “união e fraternidade entre os imigrantes, como também assistência e ajuda aos agricultores impossibilitados de trabalhar”. Além da Sociedade *Enrico Millo*, Decó apresenta mais dezenove sociedades do gênero, fundadas no estado do RS, de 1871 a 1915, sendo que a maioria delas foi fundada, antes da virada do século.

Essas associações deram sustentação às escolas étnico-comunitárias italianas no Rio Grande do Sul, as quais exerceram importante papel na vida dos imigrantes. Além do socorro mútuo, agregaram as funções de instrução, divertimento e recreação de seus sócios. As condições morais dos pretensos associados era exigida pela maioria das associações. Os sócios que, no ato de sua admissão, enganassem a sociedade, ou os que depois de serem admitidos praticassem ações indignas e indecorosas, e os que fossem processados e condenados judicialmente por atos infames eram expulsos da sociedade (Decó, 1994; Luchese; Kreutz; Xerri, 2014). “As Associações foram importantes centros de difusão e construção de laços de pertencimento (*italianità*) e difundiram a escolarização, apesar de não ter sido unanimidade” (Luchese; Kreutz; Xerri, 2014, p. 216).

Na vida devocional da Igreja, São José foi inserido no Calendário Litúrgico romano em 1479.⁹⁵ Sua festa é celebrada no dia 19 de março. No ano de 1870, São José foi declarado oficialmente como o Patrono Universal da Igreja. O autor desta declaração foi o papa Pio IX. No ano de 1889, o papa Leão XIII, num de seus importantes documentos, exaltou as virtudes de São José. O papa Bento XV declarou São José como o patrono da justiça social. Para ressaltar a grande qualidade e o poder de intercessão de São José como “trabalhador”, o papa Pio XII instituiu uma segunda festa em homenagem a esse santo, a festa de “São José Operário”, que acontece no dia primeiro de maio, data em que, no Brasil, atualmente, é feriado nacional em

⁹⁴ Em tradução para o português tem-se: O objetivo desta Sociedade é a educação, união, fraternidade e ajuda em caso de doença ou de impossibilidade para o trabalho.

⁹⁵ A respeito da devoção a São José, as fontes biográficas são escassas, como mostram os relatos bíblicos do Novo Testamento e também como sustentam Sgarbossa e Giovannini (2009). Os Evangelhos de Mateus e de Lucas apenas o mencionam, e os apócrifos não são fontes confiáveis. Os Evangelhos descrevem que José era descendente do rei Davi; fato relevante que é afirmado dele indica que viveu de forma justa e que era casado com Maria. A tradição popular conta que eram muitos os aspirantes a se casarem com Maria, e todos os jovens pretendentes a esse casamento teriam deixado seus bastões para ter um sinal. E o sinal apareceu no bastão deixado por José, que, prodigiosamente, floresceu. Na cultura da época, os demais pretendentes reconheceram a preferência de Maria por José.

homenagem ao dia do trabalhador. São José é invocado também como o padroeiro dos carpinteiros. Na arte cristã, ele é representado com um lírio na mão, representando a vitória dos santos e, às vezes, com o menino Jesus ou nos braços, ou ensinando a Ele a profissão de carpinteiro (Cruz Terra Santa, 2020).

7.7 CAPELA TODOS OS SANTOS

A Capela Todos os Santos localiza-se na Linha Palmeiro, no 1º distrito de Farroupilha. É a mais próxima do Santuário de *Caravaggio*, a uma distância de 2,9 km. A comunidade que constituiu a capela teve os primeiros moradores, a partir do ano de 1876, com a chegada dos imigrantes italianos.⁹⁶ As primeiras famílias desse território da capela, em número de 24, estavam distribuídas em 13 lotes, com 48,4 ha em cada lote. Eram as famílias de Pelegrino Cortina, Giovanni Molin, Girolomo Troici, Carlo Bonetti, Antonio Molin, Domenico Biasus, Antonio Balbinot, Vittorio Biasus, Giovanni Biasus, Luigi Balbinot, Luigi Biasus, Ferdinando Panazzolo, Luigi Vasoler, Anselmo Adono, Bortolo Bertuol, Vittore Cassol, Vincenzo Balbinot, Domenico Damin, Orlando Bango, Giovanni Bertuol, Felipe Cassol, Agostino Zanella, Domenico Vazzoler e Andrea Anselmo.⁹⁷

Decó (1994) escreve a respeito da história dessa capela, a partir de relato obtido de Henrique Antonio Galafassi, residente no lote 161, da Linha Palmeiro, neto do imigrante italiano Andrea Galafassi e Domicia Balabene. Segundo Galafassi, com a atual, Figura 13, foram construídas três capelas. Essas famílias construíram a primeira capela no lote 164, a uns 400 m acima de onde, atualmente, encontra-se o cemitério, em terras que, em 1894, pertenciam a Bortolo Bertuol. A data precisa é desconhecida. A segunda capela também foi construída no mesmo lote, um pouco abaixo da primeira, ao lado do atual cemitério e mais próxima à estrada carroçável. A atual capela, a terceira da história religiosa dessa comunidade, foi construída em alvenaria e inaugurada em 1971, no lote 161, cujo terreno foi doado pela família de Henrique Antonio Galafassi.

⁹⁶ Os irmãos, Felipe e Vittore Cassol (este último, bisavô da autora da presente pesquisa), chegaram ao local em 1876, conforme consta na documentação de entrada no Brasil, e dados obtidos no Ofício de Registro Civil de Nova Prata-RS.

⁹⁷ A relação destas primeiras famílias aparece em lista do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, em registros de concessão de títulos provisórios de terras em 1884, e em títulos definitivos, em 1895 (Decó, 1994, p. 119).

Figura 13 - Imagem da Capela Todos os Santos



Fonte: Acervo da autora (2021).

Em 2019, a comunidade da Capela Todos os Santos possuía, aproximadamente, 70 famílias (Rádio Miriam, *Caravaggio*, 2019). A capela é constituída pela igreja, pelo salão paroquial, pelo cemitério, pelos capitéis e pelo campo de futebol. A grande festividade anual ocorre em novembro, ocasião em que é realizada a festa em honra à N. Sra. da Saúde. A comunidade optou por celebrar a festa na capela em outras datas e não no dia 1º de novembro, que é o dia litúrgico indicado pela Igreja para celebrar o dia de Todos os Santos, aos quais é dedicada a capela. Por ser a data muito próxima ao Dia de Finados (2 de novembro) a comunidade opta por celebrar outras festas devocionais de seus outros padroeiros: N. Sra. da Saúde, São Luiz Gonzaga e São Liberal.

Como as demais localidades agrícolas próximas, a região da Capela Todos os Santos vive, basicamente, da produção de uva, pêssego, ameixa, maçã, morango, verduras, dentre outras. A comunidade também é sede de algumas indústrias que auxiliam no desenvolvimento regional (Rádio Miriam, *Caravaggio*, 23 ago. 2019).

A devoção à festa de Todos os Santos se refere à promessa de Deus de dar a eterna bem-aventurança aos pobres no espírito, aos mansos, aos que sofrem e aos que têm fome e sede de justiça, aos misericordiosos, aos puros de coração, aos pacíficos, aos perseguidos por causa da justiça e a todos os que recebem o ultraje da calúnia, da maledicência, da ofensa pública e da humilhação, como refere o Evangelho de Mateus (Bíblia, Mt 5, 1-12).

Os santos foram pessoas fiéis ao projeto cristão e, em virtude disso, alcançaram a distinção de “santos” (Sgarbossa; Giovannini, 2009). Os santos creram na promessa de Cristo a despeito das fáceis seduções do mal e das aparentes derrotas do bem. Alegram-se pela recompensa atribuída a alguém, incompreensivelmente misericordioso e generoso, a quem

compreendem Deus. Nesse sentido, a Igreja militante, unida pelo indissolúvel vínculo da caridade com os filhos que passaram para a outra dimensão de vida na fé, honra-os com particular distinção e solenidade.

A origem da festa hodierna de Todos os Santos remonta ao século IV. Em Antioquia, celebrava-se uma festa por todos os mártires no primeiro domingo depois de Pentecostes. A celebração foi introduzida em Roma, na mesma data, no século VI; cem anos após, era fixada no dia 18 de maio pelo papa Bonifácio IV, simultaneamente com o dia da dedicação do Panteão à Nossa Senhora e a todos os mártires. Sgarbossa e Giovannini abordam que, naquele dia, durante a missa, caía uma chuva de rosas vermelhas. Consta que, no ano de 835, esta celebração foi transferida pelo papa Gregório IV para o dia 19 de novembro, provavelmente por comodidade, como refere João Beletth no século XII, isto é, porque, após a colheita do outono, era mais fácil arrecadar comida e bebida para a grande multidão de peregrinos que acorriam a Roma naquela oportunidade (Sgarbossa; Giovannini, 2009).

A Capela Todos os Santos, além da devoção que lhe dá nome, tem outros dois santos devocionais: São Luís Gonzaga e São Liberal. Luís nasceu em 9 de março de 1568, no castelo de sua família em Castiglione delle Stiviere, entre Brescia e Mântua, no Norte da Itália, que era então parte do Ducado de Mântua. Era filho de Ferrante Gonzaga (1544-1586), marquês de Castiglione, e Marta Tana di Santena, filha de um barão da família piemontesa Della Rovere. Sua mãe era uma dama de companhia para Isabel, esposa de Filipe II, da Espanha.

Em 1729, o papa Bento XIII declarou Luís Gonzaga o santo padroeiro dos jovens estudantes. Em 1926, ele foi nomeado padroeiro de toda a juventude cristã pelo Papa Pio XI. Devido ao modo como morreu, ele foi considerado um santo padroeiro das vítimas da peste. Por sua compaixão e coragem, diante de uma doença incurável, Luís Gonzaga tornou-se o patrono de pacientes com Aids e de seus cuidadores.

Na arte, São Luís é mostrado como um jovem vestindo batina preta e sobrepeliz, ou como um pajem. Seus atributos são um lírio, referindo-se à inocência; uma cruz, referindo-se à piedade e ao sacrifício; uma caveira, referindo-se à sua morte precoce e um rosário, referindo-se à sua devoção à Virgem Maria (*Santuario Basilica San Luigi Ganzaga*, 2021).

A devoção a São Liberal remonta a uma lenda que, segundo Rambaldo degli Azzoni Avogari (1716-1790), estudioso de Treviso, teria sido composta no século X, também explorando elementos retirados das lendas de outros santos, e é preservado em um manuscrito do final do século XIV e em vários compêndios, alguns dos quais anteriores ao manuscrito. Conta que São Liberal (*Liberale*), nascido em Altino, de família pertencente ao Ordo

Equester,⁹⁸ foi educado na fé cristã por Eliodoro, primeiro bispo da cidade. Ao estudo da doutrina cristã, às orações prolongadas e às mortificações duras da carne, ele combinou a assistência aos pobres e enfermos e a ação vigorosa para sustentar a coragem dos crentes, converter pagãos e arianos e se opor ao seu *bullying*. Todos os dias ele comparecia à santa missa e todos os domingos ele comungava.

Crescendo a oposição de pagãos e arianos, Eliodoro confiou seu assento ao bispo Ambrósio e retirou-se para as ilhas da lagoa. Liberale, depois de algum tempo, preocupado com a incapacidade de Ambrósio de lidar com pagãos e hereges, decidiu ir em busca de Eliodoro, mas primeiro quis pedir orientação a Deus. Ainda, conforme relato de sua vida, enquanto rezava na catedral, adormeceu e, durante o sono, seu anjo da guarda apareceu-lhe na forma de um homem de aparência resplandecente, que o encorajou e predisse sua morte. Liberale visitou uma última vez as igrejas da cidade e dos arredores; foi a Castrazone onde havia uma igreja dedicada a São Lorenzo. Não encontrando maneira de chegar à ilha onde Eliodoro estava, ele parou nesse lugar levando uma vida de eremita; mas, atingido por uma doença grave, ele morreu pouco depois, em 27 de abril. O clero e as pessoas do local o enterraram naquela igreja dentro de uma arca de mármore.

Segundo Rombaldo degli Azzoni Avogari, o corpo de São Liberale, como o dos mártires Teonisto, Tabra e Tabrata teria sido trazido a Treviso pelos habitantes de Altino, quando, em 452, sob a ameaça dos hunos de Átila ou, mais tarde, dos lombardos, muitos se refugiaram naquela cidade, em cuja diocese Altino e seu território também ficaram, definitivamente, incorporados (Daniele, 2021).

Desde o surgimento do município livre, no séc. XII, Liberale, cavaleiro de Altino, havia sido proclamado patrono de Treviso, embora os apóstolos Pedro e Paulo continuassem sendo os padroeiros daquela Catedral. Liberali foi o padroeiro de Castelfranco Veneto desde o início, pelos cidadãos enviados de Treviso em 1199 para fundar aquele castelo. Seu túmulo, em Treviso, está na cripta da Catedral, e sua festa ocorre no dia 27 de abril. A iconografia mais antiga o representa vestido com uma saia longa semelhante ao vestido litúrgico e uma túnica mais curta semelhante ao *colobium*⁹⁹ ou à *tunicela* ou à dalmática.¹⁰⁰ O pintor renascentista

⁹⁸ *Ordo Equester* = ordem equestre romana. Essa ordem formava a mais baixa das duas classes aristocráticas da Roma antiga, estando abaixo da ordem senatorial (*ordo senatorius*). Um membro desta ordem era conhecido como um equestre (*eques*), que, em latim, significa qualquer pessoa (a *equus*), mas, neste contexto, tem o significado específico de “cavaleiro”. No período tardio da república (338-30 a.C.) os senadores e seus filhos se tornaram uma elite não oficial, dentro da ordem dos cavaleiros.

⁹⁹ Em português, *colóbio* é túnica greco-romana sem mangas ou de mangas exíguas, usada como traje eclesiástico.

¹⁰⁰ Vestimenta antiga. Espécie de túnica usada pelos dálmatas e adotada pelos romanos, composta de uma longa peça de pano, com uma abertura circular ao centro, por onde se introduzia o pescoço, a fim de que cada metade da peça cobrisse, respectivamente, frente e costas, descendo até a altura dos calcanhars.

Giorgione, na famosa tela da Catedral de *Castelfranco*, o representa coberto de armadura segurando a bandeira da cidade em suas mãos (Daniele, 2021).

8 FALAS DOS ENTREVISTADOS NA PESQUISA

O presente capítulo apresenta fragmentos de falas dos entrevistados, as quais foram agrupadas e que fazem associação aos temas: hospitalidade, religiosidade popular e sentimento de pertença. Essas falas, retiradas das entrevistas transcritas, compõem os Quadros 19 a 27, constantes nas páginas que seguem, de 134 a 209. Os agrupamentos, por temática, buscando sínteses, contribuiu para a definição das categorias analíticas.

Os Quadros 19, 20 e 21, contribuíram para as aproximações das falas e sínteses em relação à hospitalidade das comunidades da região da pesquisa. Na sequência, os Quadros 22 a 24 reuniram as falas e sínteses relacionadas à religiosidade popular, construída na comunidade; e os Quadros 25 a 27 agruparam as falas e respectivas sínteses com aderência ao sentimento de pertença, presente na vida coletiva da comunidade.

A seguir, o Quadro 19, na primeira coluna, reuniu falas que fizeram aproximações à hospitalidade, destacando pontos fortes que formaram as sínteses lançadas na segunda coluna desse quadro. Posteriormente, a partir dessas sínteses, o Quadro 20, na segunda coluna, evidenciou palavras ou expressões que resultaram na síntese propriamente dita. E o Quadro 21 resultou das principais expressões que se destacaram nas falas e que definiram a categoria.

Quadro 19 - Falas associadas à hospitalidade

(continua)

Falas	Pontos fortes: Síntese
“A história do Santuário foi marcada pelos imigrantes italianos, por alguns padres que souberam ser sensíveis a esta devoção, que apoiaram, incentivaram o povo, seja nos projetos, na construção da capela, no primeiro Santuário. Isso fez com que a construção de uma capela, que se tornou o primeiro Santuário, que ainda hoje, reformado, reestruturado, bonito, está ainda lá e ainda hoje muita gente vai lá neste Santuário pequeno, porque é mais recolhido, tem menos movimento, e é mais concentrado na devoção à Nossa Senhora” (AE2, 73 anos).	A história é marcada pelos imigrantes italianos Padres são sensíveis a esta devoção A Capela se tornou o primeiro Santuário
“O pessoal visita muito <i>Caravaggio</i> , e dizem: - Eu chego lá e sinto a paz” (MS5, 45 anos).	O lugar que oferece paz
“A comunidade de <i>Caravaggio</i> é formada por poucas famílias, que, praticamente, são elas que em tudo acolhem os peregrinos, a parte externa [material]: almoço, a limpeza e outros serviços que o Santuário oferece. A comunidade de <i>Caravaggio</i> tem a responsabilidade, assumiu, são muitos anos. Isso é uma questão que devemos, também, pensar um pouco como renovar também, porque a certo ponto a família pode ficar cansada. E, anos depois... sempre no almoço, sempre na cozinha, sempre limpando ao redor, sempre atendendo, preparando a romaria... tem a Romaria Votiva. São todos momentos em que mais fortemente a comunidade de <i>Caravaggio</i> está envolvida” (AE2, 72 anos).	A comunidade de <i>Caravaggio</i> é formada por poucas famílias As famílias se comprometem com o acolhimento dos peregrinos As famílias se envolvem nos diversos serviços do Santuário

(continuação)

<p>“Existe uma capela de ex-votos. Agora, parece-me que ela foi transformada, mas lá tinha um testemunho de tanta gente, desde 1879, que receberam favores. Doenças, filhos que nasceram problemáticos, depois encontraram as graças, a força... Então é um testemunho lá que se marca ao longo desses séculos” (AE8, 65 anos).</p>	<p>Há a capela de ex-votos, desde 1879 Graças alcançadas</p>
<p>“A dedicação gratuita é também um dos fatores que marca muito quem colabora com o Santuário. Eram em torno de mil pessoas trabalhando, quase que cem por cento, tudo gratuitamente, para atender bem os romeiros. E, durante o ano, então, menos; mas, aos finais de semana, sempre contávamos sessenta, setenta, oitenta pessoas ajudando para receber bem a cada um. A maioria fazendo de uma forma gratuita” (AE8, 65 anos).</p>	<p>Dedicação gratuita</p>
<p>“Se eles não tivessem a fé, em pouco tempo, cento e quarenta anos da imigração, eles não teriam transformado esta região no que é hoje. Aqui em <i>Caravaggio</i>, no segundo ano, já acontecia a construção da primeira capelinha para poderem rezar. Para a construção da igreja antiga, as pessoas se juntaram para fazer os tijolos no domingo. As crianças participavam. Foi construída a olaria, atrás do Santuário, e, no domingo, depois do terço, porque não tinha missa, porque não tinha padre... Eles traziam os tijolos em fila indiana, quem podia. Quem podia pegar um tijolo pegava o tijolo e levava” (MS4, 61 anos).</p>	<p>Fé e mobilização comunitária gratuita, no serviço à Igreja</p>
<p>“A fé é que fez a comunidade de <i>Caravaggio</i>. A comunidade acabou sendo formada nesse seio de ajudar, de acolher... que quando pedia era atendida. E fica esse vínculo com as pessoas que vêm e rezam. E quando você vê alguém que chega, até praticamente sem força pra chegar e vem e você ajuda, você também está participando, e aí então esse vínculo faz com que não se perca isso” (MS4, 61 anos).</p>	<p>A fé fez a comunidade de <i>Caravaggio</i> Ajudar, acolher o peregrino forma vínculo que não se apaga</p>
<p>“No Evangelho diz: - Faça a teu irmão o que gostaria que fizesse a ti. A gente vê muitas vezes aqui no restaurante, vêm pessoas que não têm condições de pagar o almoço, e a gente dá o almoço. Alguns deles vêm vendendo, até pessoas de outras religiões também, eles vêm com santinhos que não são da igreja católica, mas a gente acaba dando almoço, porque a gente tem aqui e vê que eles não têm condições. Depois de algum tempo, as pessoas voltam, vêm e agradecem. Então ajuda a tocar o coração” (MS4, 61 anos).</p>	<p>Solidariedade com quem tem necessidades. As pessoas retornam e agradecem Ajuda a tocar o coração</p>
<p>“A comunidade de <i>Caravaggio</i> ela se sente quase dona do Santuário. Tem um lado positivo, porque desde a fundação dedicaram tempos e tempos. Anos atrás, por exemplo, quando iam a cavalo, tinham famílias que eles acolhiam o cavalo, davam o feno para o cavalo. As pessoas conseguiam dormir dentro de suas casas, conseguiam fazer as refeições também dentro das casas. Até nas estalagens onde tem o feno para os animais, quanta gente que dormia. Então, ao longo de todos estes cento e trinta e oito anos, se eu não me engano, as famílias sempre se colocaram à disposição da grande romaria ao Santuário de <i>Caravaggio</i>” (AE3, 52 anos).</p>	<p>A comunidade se sente dona do Santuário, pertencente Famílias à disposição da romaria</p>
<p>“O pessoal das comunidades também, vem ali, trabalham, ajudam no Santuário, ajudam os padres. Tem a parte também de ministros da eucaristia, dos cantos, da liturgia. É tudo um empenho de toda a comunidade” (MS5, 45 anos).</p>	<p>Pessoas das comunidades ajudam nos diversos serviços do Santuário</p>
<p>“E a gente contava de fato. São cento e cinquenta e poucas famílias, um grande grupo que, realmente, durante o ano e, especialmente, nas romarias, saía cedo de suas casas, quantas vezes com geadas, ter já alimentado seus bichinhos, tirado o leite de suas vaquinhas, feito tudo o que tinha de madrugada para às cinco e meia, de repente, estar no Santuário, para ajudar o dia inteiro até de noite. Um dia, dois dias, três dias” (AE3, 52 anos).</p>	<p>Famílias expressam dedicação ao Santuário Sentem-se responsáveis por ajudar no Santuário</p>

(continuação)

<p>“Então, essa partilha daqueles que prestam atenção, de muitos anos, como as romarias elas vão acontecendo. É lógico que nós não chegamos ao que os Atos dos Apóstolos dizem sobre uma comunidade perfeita, onde tinham tudo em comum, onde repartiam os seus bens... apesar de que, em muitas coisas, o pessoal de <i>Caravaggio</i> tem colaborado com coisas, com viveres, com trabalho, com dedicação, e tudo isso mantém não só o Santuário, mas mantém toda aquela estrutura que precisa. Quanta gente que dias antes roçando, preparando comidas, preparando aquelas lonas, aqueles furgões, as limpezas ao redor, dentro do Santuário. Quanta dedicação!” (AE3, 52 anos).</p>	<p>Colaboração com viveres, trabalho e dedicação</p>
<p>“Há uma grande equipe que se chamava “comunidade de <i>Caravaggio</i>”, que sempre ajudou a orientar, estimular e manter esse vínculo com o Santuário” (AE3, 52 anos).</p>	<p>A comunidade de <i>Caravaggio</i> ajuda a manter vínculo com o Santuário</p>
<p>“Precisamos nos irmanar, precisamos nos ajudar. E as religiões poderiam colaborar muito para isso” (AE4, 59 anos).</p>	<p>Precisamos nos irmanar, nos ajudar</p>
<p>“Hoje, fala-se de um encontro é <i>Caravaggio</i>... é <i>Caravaggio</i>. É tudo <i>Caravaggio</i>. Realmente é um centro. É o centro da diocese [de Caxias do Sul], é um centro mariano” (AE8, 65 anos).</p>	<p><i>Caravaggio</i> é o centro [espiritual] da Diocese de Caxias do Sul</p>
<p>“A pessoa que consegue descobrir a vocação da solidariedade, ela por si só é uma pessoa feliz, porque a ação que ela pratica, aquilo que ela faz, simplesmente está emprestando os braços para Maria, está emprestando os braços para Jesus, para interagir na comunidade. Jesus não vem aqui cuidar das romarias, nem Nossa Senhora! Quem cuida da romaria, quem cuida da acolhida são as pessoas. E, para fazer o quê? Para trabalhar para o reitor? Não! Tem uma passagem bíblica em que Jesus se perdeu numa peregrinação. E, quantas crianças se perdem aqui numa romaria... Jesus, ele acompanha... Eu gosto de olhar a caminhada dos peregrinos: o peregrino carrega a família, carrega a fábrica, carrega o trabalho...” (MS3, 73 anos).</p>	<p>Vocação para a solidariedade</p> <p>A solidariedade contribui para a pessoa ser feliz</p> <p>Emprestar os braços a Jesus e à Maria, para interagir na comunidade</p> <p>O peregrino “traz” a família, a fábrica, o trabalho</p>
<p>“Quando o Santuário foi concluído, eu já tinha uns 15/16 anos. Conheci o mestre de obra que mais trabalhou. Era um ex-goleiro profissional lá do Atlântico de Erechim. Deixou de jogar futebol, veio para cá. O Santuário, fazem mais de cinquenta anos que foi construído, e o material... conheço o material. Não era material de primeira, não, mas ele não tem um trinco. Tinha a equipe de pedreiros, a equipe de carpinteiros e os moradores da comunidade aqui de <i>Caravaggio</i> que davam suporte. [...] O voluntário ele é um instrumento na mão de Deus, que faz a diferença na comunidade. Se ele entra, se começa a trabalhar, ele vai ver esse resultado: ele faz o trabalho dele, trabalha na comunidade, não vira santo, fica normal, mas o trabalho dele brota! E, com certeza, se nós olharmos Caxias do Sul, olharmos Farroupilha, a construção das igrejas, a construção da faculdade, a construção dos hospitais, a construção das escolas...” (MS3, 73 anos).</p>	<p>O voluntário é um instrumento na mão de Deus, que faz a diferença na comunidade</p>
<p>“As escolas, hoje a escola é responsabilidade do governo, construir escolas. A prefeitura conseguia o material básico e eram os moradores que as construíam... que cuidavam do pátio” (MS3, 73 anos).</p>	<p>Os moradores ofertavam sua mão de obra, para construir as escolas e cuidar do pátio</p>
<p>“O governo vinha com um grupo para abrir uma estrada e os moradores iam fazendo os trabalhos de apoio, de fazer espontâneos... Então, essa doação, que a pessoa tem a virtude, ou tem a felicidade de a pessoa como se diz “cair a ficha”, de abraçar essa causa, ela é tão nobre, tão importante, mesmo sendo espontânea como qualquer profissional, como qualquer pessoa nobre, não precisa dar muito... Dar um pouco!” (MS3, 73 anos).</p>	<p>Os moradores iam fazendo trabalhos de apoio, espontâneos</p>

(continuação)

<p>“O planejamento é feito pelo reitor, e ele tem uma equipe de fabriqueiros que ajudam durante o ano e para a romaria. A Mitra, o Bispado, eles também ajudam a fazer a programação. Na festa, é aumentado o número de pessoas. São mais de mil pessoas que ajudam entre policiais, pessoas que ajudam na Eucaristia. Aí vem ministros, não só daqui da localidade, mas de fora também, porque da localidade nem atuam na festa. Aí, os outros ajudam na parte de fazer comida, ajudar servir, de vender... Há várias tendas para vender objetos religiosos, atender os lanches... Mais os padres, enfim, somando tudo dá mais de mil pessoas que ajudam na romaria, para poder acolher as pessoas que vêm, no final de semana da Festa” (MS4, 61 anos).</p>	<p>O planejamento é realizado pelo reitor, pela equipe eclesiástica do Santuário e da diocese, e representantes da comunidade (fabriqueiros)</p> <p>Mais de mil pessoas ajudam com serviços voluntários</p>
<p>“Os padres eram uma referência de ajuda, porque eles tinham mais conhecimento. E, naquela época, tinha famílias com muitas dificuldades, principalmente que eram famílias que tinha muitos filhos. E daí, também além dos muitos filhos, como tinha pouca medicina, muitos morriam sem saber o porquê. Então era assim uma maneira de ajudar a manter os filhos sempre unidos” (MCSJu1, 78 anos).</p>	<p>Os padres constituíram-se uma referência de ajuda</p> <p>Havia famílias com muitas dificuldades e com muitos filhos</p> <p>Ausência da medicina</p>
<p>“A capela Santa Juliana... Eu fui várias vezes [nas romarias]. Eu ficava a noite inteira cozinhando churrasco, fazendo pastéis, coisa assim, pra servir os fiéis que vinham ao Santuário de <i>Caravaggio</i>. Era uma grande ajuda que a gente fazia. Às vezes, nós ficávamos três dias. Tinha uma escala de serviços. O Santuário organizava. Eles diziam: - Tal capela está organizada em tal lugar. Depois, lá tem outro lugar. Vender coisas religiosas... tem muitas coisas pra fazer. A gente sempre ia fazer, ajudar... só ajudar. Nunca se pensava em querer ganhar alguma coisa. Nada. Não tinha nada disso aí. Não existia essa coisa aí” [de interesse próprio] (MCSJu1, 78 anos).</p>	<p>Ajudar nas romarias: a noite inteira passada para cozinhar alimentos, até durante três dias</p> <p>A escala de serviços era organizada pelo Santuário</p> <p>Ajuda gratuita, sem interesse de ganho</p>
<p>“Nas festas, elas [capelas] ajudam sempre, todos os anos. Agora não, porque terceirizaram o restaurante, mas, antes, ajudavam. Por exemplo, nós íamos sempre trabalhar lá na festa de <i>Caravaggio</i>, na questão da comida. Tinha um bar [tenda] e nós ajudamos lá vários anos como voluntários. Ajudávamos a vender. Nós trabalhávamos nas bancas [tendas] para vender comida” (MCSJu3, 78 anos).</p>	<p>As capelas ajudam nas festas todos os anos</p>
<p>“Os padres são muito dedicados ao trabalho aí no Santuário de <i>Caravaggio</i>. Eles são muito bem organizados. Eles ajudam muito as pessoas e estão fazendo bem mais vezes missas nas comunidades” (MCSJu1, 78 anos).</p>	<p>Os padres são muito dedicados ao trabalho</p>
<p>“Uma vez, o padre como liderança, ele era, de certa forma, como delegado de polícia, como professor. O padre era um líder que, na falta dos outros, ele ocupava o espaço. Mas as coisas foram mudando com o tempo. Hoje, acho que, graças a Deus, nesse aspecto, nós estamos melhor” (AE9, 80 anos).</p>	<p>Antigamente, os padres exerciam importante liderança além da religiosa: social, política e econômica</p>
<p>“As capelas, foram elas que construíram o Santuário. Aqui de São Victor, quanto a gente trabalhou. Não tinha nada quase. Construímos a igreja, o salão, campo de futebol. A parte do futebol precisava tudo. Não tinha banheiro, não tinha nada. Naquela época, não foi fácil. Toda a mão de obra era tudo, gratuitamente. Trabalhar para ver crescer. Precisava. É bom ter uma boa capela, uma boa comunidade. As capelas sempre ajudaram” (MCSVC2, 84 anos).</p>	<p>Foram as capelas que construíram o Santuário</p> <p>Toda a mão de obra era gratuita</p>
<p>“Mudou muito o atendimento dos padres. Os padres de hoje estão atendendo bem as comunidades. Antigamente, tínhamos que ir de véu na cabeça, manga comprida, não podia usar calça comprida. Os padres reclamavam. E quanto ao número de filhos, eles queriam que as famílias tivessem muitos filhos. Controlavam quantos filhos a gente tinha. Diziam que era pecado não ter filho. E advertiam não querer dar a comunhão” (MCSVC3, 77 anos).</p>	<p>Os padres atendem bem as comunidades, atualmente</p> <p>Antigamente, os padres controlavam a vida privada (vestimenta, número de filhos...)</p>

(continuação)

<p>“Os padres são bem acolhedores. Atualmente, os padres atendem o que diz respeito à religião. Quanto a outras ações, tem os sindicatos, tem a Ibravim e outros que ajudam nas orientações técnicas. Mas estamos muito bem atendidos quanto à religião. Estamos muito bem servidos” (MCST1, 64 anos).</p>	<p>Os padres foram e são acolhedores Os padres atendem, no que diz respeito à religião</p>
<p>“Queriam que as capelas caíssem fora do Santuário, mas o padre Teodoro Portolan, que foi aquele que fez tudo ali, ele disse assim: - uma paróquia sem as capelas é uma árvore sem ramos. Então, eu acho que ele disse tudo. Foi uma época, não sei porque que o bispo [Dom Benedito Zorzi] queria que o Santuário ficasse livre, sem as capelas. Mas, então, nós aqui de Mato Perso [as autoridades da igreja queriam a vinculação]; lá em Otávio Rocha, ninguém queria, porque o que fizeram as capelas pelo Santuário... Bom, quem fez o Santuário foram as capelas. Lá também ajudaram, o centro lá. Mas, mais foram as capelas que ajudaram. Fizeram tudo ali. Mas, agora eles estão atendendo bem” (MCST2, 83 anos).</p>	<p>Houve descontentamento na separação das capelas da sede (Santuário) A autoridade da Igreja desejava que as capelas de Mato Perso se vinculassem a Otávio Rocha Foram as capelas que mais ajudaram na construção do Santuário</p>
<p>“Naquela época, eu lembro que, quando começou a construção do Santuário novo, eu tinha 5/6 anos. Quando eu estive lá, eu tinha 10 anos, mas já estava começado, em andamento. O padre Teodoro Portolan, quando começou o Santuário, ele passava nas capelas e dizia assim: - Vocês me ajudam? Todo mundo queria ajudar. Então ele colocou assim, por exemplo: - Vocês me assinam... A tua família faz quinze, vinte mil quilos de uva. Não dá para me dar três por cento daquilo que tu ganhas? Me assina aqui que depois eu vou buscar o dinheiro, quando eles [compradores da uva] pagam. E todo mundo aceitava. Assim foi que ele fez isso aí! Não foi por ganhar dinheiro de fora, não. Ele demorou bastante para construir o Santuário [1946-1963]” (MCST2, 83 anos).</p>	<p>O padre Teodoro Portolan pedia ajuda importante das famílias para a construção do Santuário Porcentagem na produção de uva era como contribuição cobrada, diretamente, na venda do produto As famílias concordavam em contribuir</p>
<p>“Quando precisa serviço, iam todas as capelas ajudar. Antes de fazer a igreja - eu soube depois porque eu era pequeno ainda -, eu soube que eles detonaram porque era um monte de laje [basalto]. Até, na detonação, acharam uma vertente de água que ainda tem lá. Então, ele pedia para o povo ir lá e levar embora as pedras. Então, todo mundo, quem tinha caminhão - tinha dois, três caminhões aqui -, todas as famílias iam, levavam embora e colocavam ali na estrada principal ali. Era uma descida, então levantaram com as pedras que levaram de lá” (MCST2, 83 anos).</p>	<p>Todas as capelas ajudavam nos serviços ao Santuário Na construção do Santuário, todas as famílias ajudavam com serviços, além de produtos da terra</p>
<p>“As sete capelas sempre ajudaram o Santuário” (MCST2, 83 anos).</p>	<p>As sete capelas sempre ajudaram o Santuário</p>
<p>“No Santuário, eu sinto muito amor. Sinto muita paz quando vou lá. Eu sinto assim quando entro no Santuário, não dá nem vontade de sair. Eu sinto uma paz interior que eu tenho a impressão que não encontro em outra igreja. Aqui nas capelas, quando eu vou, para mim não é a mesma coisa. Lá [no Santuário] é um lugar de muita paz” (MCNSMB1, 60 anos).</p>	<p>Sentimentos de amor, paz e bem-estar no Santuário</p>
<p>“A liderança dos padres, nos primeiros tempos aqui da imigração, eles foram muito importantes. A gente lembra de histórias que minha mãe contava, desde lá atrás, dos primeiros padres. Nossa, eu acho que os padres foram muito importantes, como o padre Oscar [Bertoldo], o padre Teodoro [Portolan]. A gente ouviu a história deles. Eu acho que é fundamental o padre estar à frente da gente para a gente ter a religião” (MCNSMB1, 60 anos).</p>	<p>Importância dos padres para liderar e conduzir a espiritualidade religiosa É fundamental ao padre trabalhar para garantir a religião</p>
<p>“Meu pai e meu avô contavam como foi quando construíram o Santuário. Dizem que eles pegavam areia no rio na Busa [localidade da Capela Todos os Santos]. Ajudavam todos em mutirão para construir o Santuário” (MCNSD1, 42 anos).</p>	<p>A história da construção do Santuário, relata que ajudavam todos em mutirão para construí-lo</p>

(continuação)

<p>“Já no início de minha infância, já existiam só estas sete capelas que tem hoje ligadas ao Santuário. O padre Homero Rui Rossi foi quem destacou [desvinculou] as sete capelas da matriz, do Santuário. E, em 2018, voltamos todas para o Santuário de novo. Porque nós éramos atendidos por um vigário que morava em Caxias. Ele vinha nos finais de semana. Agora, são os padres do Santuário que vêm atender. Voltamos de novo como era antes. Desde quando o Santuário começou, essas capelas sempre ajudaram o Santuário, com ajuda financeira e com trabalho. No início, naquela época, não tinha nem betoneira. Eu me lembro bem que ia pra aula em <i>Caravaggio</i>, na escola das Irmãs religiosas, e lembro bem do Santuário, desde quando colocaram as primeiras pedras de alicerce. Todo mundo ajudava. De qualquer jeito, todo mundo ajudava. Mão de obra mais de tudo. Atualmente, continua a ajuda. Se precisa, continua, as pessoas ajudam” (MCTS1, 85 anos).</p>	<p>O padre Homero Rui Rossi desvinculou as sete capelas do Santuário</p> <p>Em 2018, as sete capelas foram reintegradas ao Santuário</p> <p>As sete capelas ajudaram o Santuário, desde o início, financeiramente, e com trabalho</p> <p>Todos ajudam o Santuário</p> <p>Quando o Santuário necessita, as capelas continuam ajudando</p>
<p>“Eu estou envolvido na vida da Igreja como ministro da Eucaristia há 45 anos; na liturgia, quarenta e seis a quarenta e sete anos. Então eu penso o seguinte: eu sou um líder que, se eu não participo e começo me isolar, muita gente vai se espelhar. Quando tem crianças na Igreja, eu chego e cumprimento, dou um abraço. Por quê? Porque eu sou um líder, ali na frente, e quero que elas se espelhem comigo, pelo meu exemplo de vida. Porque eu comecei bem criança, comecei como sacristão. Então que essas crianças também participem da vida da comunidade, que amanhã ou depois sejam um líder, uma pessoa que serve a comunidade. E nós precisamos da juventude, das crianças” (MCTS2, 63 anos).</p>	<p>Destaca-se a importância do papel do líder na capela</p> <p>O líder é referência para os demais se espelharem</p> <p>O líder pode ser referência para as crianças, na continuidade da fé e do serviço à Igreja</p>
<p>“O sacerdote, além de celebrar a missa, de atender confissões, de dar conselhos, também se preocupa com a organização social e econômica dos seus habitantes, porque tudo isso deve ser um todo, que vai caminhando de ‘mãos dadas’, para que, realmente, a vivência pessoal, familiar e comunitária, ela se torne um todo” (AE6, 85 anos).</p>	<p>Os sacerdotes, além das funções religiosas, empenham-se na organização social e econômica dos habitantes</p>
<p>“[As Capelas] não só colaboraram, mas continuam colaborando, porque realmente se sentem ligadas ao Santuário N.Sra. de <i>Caravaggio</i>. Continua viva na mente deles essa devoção e continuam também colaborando em todos os sentidos: nas romarias, eles continuam vindo aqui ajudando, continuam sempre confirmando presença, em tudo aquilo que é necessário e, quando lhe é pedida colaboração, estão sempre disponíveis. Sempre disponíveis no sentido de ajudar, fazer com que o centro aqui, a comunidade de N. Sra. de <i>Caravaggio</i>, realmente seja um lugar onde eles também se sintam bem, juntamente com aqueles que vêm de outros lugares, manifestando sua devoção e sua fé (AE6, 85 anos).</p>	<p>As capelas continuam colaborando, em todos os sentidos, e se sentem ligadas ao Santuário</p> <p>A comunidade se empenha para que o lugar seja um lugar onde eles também se sintam bem, juntamente com aqueles que vêm de outros lugares, manifestando sua devoção e sua fé</p>
<p>“A gente era muito devoto de N. Sra. de <i>Caravaggio</i>. E a gente se coligou assim em ajudar o Santuário de <i>Caravaggio</i>. E o padre também incentivava a gente. Na época, vinham pessoas de lá [Santuário] rezar missas aqui, e eu me lembro que o padre vinha de lá a cavalo, até a nossa comunidade. Vinha para rezar missa, enterros, coisas assim... Então, a gente começou a fazer aquela vivência de juntos... a gente continuou dessa maneira, e nós não conseguia mais se desligar, porque eles ajudavam muito. E eles [Santuário] estavam precisando de ajuda. E o padre era sempre ligado ao Santuário de <i>Caravaggio</i>” (MCSJu, 78 anos).</p>	<p>Há muitos devotos de N. Sra. de <i>Caravaggio</i></p> <p>Há grande incentivo dos padres do Santuário</p> <p>O padre visitava a cavalo as comunidades</p> <p>Não conseguiam se desligar do Santuário, porque os padres ajudavam muito</p>

(continuação)

<p>“As capelas foram desligadas da sede [Santuário], mas se mantiveram ligadas [pela devoção e pela ajuda]. A gente não conseguia se desligar. A gente precisava mesmo... porque a gente era muito devoto de Nossa Senhora, ela sempre ajudou muito nós” (MCSJu, 78 anos).</p>	<p>Não conseguiam se desligar Devoção à Nossa Senhora</p>
<p>“[As capelas] Santa Juliana, São Tiago e São Victor fazem a mesma função, não fazem diferença não, porque, às vezes, eles faziam assim... Capela Santa Juliana ia ajudar o Santuário de <i>Caravaggio</i>; no próximo dia, digamos assim, o padre dizia, orientava... é a Capela de São Victor; na próxima, São Tiago. Vamos dizer, [capela] Monte Bérico, vamos dizer Todos os Santos. Eram divididos os serviços. Esse procedimento ocorreu, mesmo quando as capelas estiveram separadas do Santuário [1968-2018]. O padre vinha [nas capelas] e pedia ajuda... Tanto por cento, vamos supor, do trigo, tanto por cento da uva... E a gente dava pra eles. E mais, também, entrar com o trabalho” (MCSJu1, 78 anos).</p>	<p>Havia escala de serviços das capelas, na ajuda ao Santuário As capelas colaboravam com ajuda: produtos agrícolas e trabalho</p>
<p>“A liderança dos padres sempre se demonstrou importante. Agora nem tanto na questão da agricultura, por causa que tem os sindicatos que ajudam mais agora. Mas existiu a liderança dos padres também nisso. E a liderança dos padres para poder formar mais cursos, pra poder incentivar as pessoas a fazerem cursos, eles sempre incentivaram” (MCSJu2, 69 anos).</p>	<p>A liderança dos padres era constante. O incentivo dos padres era para a formação em cursos</p>
<p>“A fê... tu dando teu melhor pra Deus, ele te retribui em saúde, em paz, em bem. Então, eu acho, assim, que não tem outra coisa melhor: ajudar” (MCSJu2, 69 anos).</p>	<p>Fé Retribuição Ajudar</p>
<p>“Se a gente vai lá e contribui com alguma coisa, a gente está fazendo o que os nossos antepassados ensinaram para nós. Um pouco, um pouco menos, as outras famílias aqui das capelas contribuem. Aqui na região italiana, é assim: todos ajudam” (MCSJu2, 69 anos).</p>	<p>Reproduzem o ensinamento dos antepassados: contribuem Os italianos têm a cultura de ajudar a Igreja</p>
<p>“Eu diria que [a liderança dos padres] foi muito grande, ao longo dos anos. Eu diria: em primeiro lugar, ele é uma pessoa instruída. Em segundo lugar, ele representa a Igreja, representa o bispo. E, na formação das capelas, toda sua cultura tem toda uma tradição que vem de muito longe. E o padre ali, ele vai ser um líder. Um líder não só religioso, mas, por exemplo, das associações rurais, da formação de grupos de esportes, nas promoções na área agrícola, vendas. Vira e mexe, hoje talvez nem tanto, porque eu estou fora há, praticamente, trinta anos, mas, no meu tempo e antes, praticamente, não se fazia nada sem a presença do padre. Uma que o padre visitava muito as famílias. Por exemplo, praticamente, houve época em que o padre visitava, fazia a bênção das casas, no mínimo uma vez por ano. Então, ele visitava as famílias, abençoava as casas, abençoava as lavouras, abençoava os animais, promovia atos religiosos contra chuva de pedras, atos religiosos para que viesse chuva. Então, ele é uma figura, eu diria, não apenas religiosa, mas uma figura que vai exercer uma liderança muito grande, praticamente, sobre toda a vida da comunidade” (AE9, 80 anos).</p>	<p>A liderança dos padres foi muito importante ao longo do tempo O padre era uma pessoa instruída e também representava importante instituição: a Igreja O padre é um líder não só religioso, mas também para a vida na comunidade (vida econômica e social)</p>
<p>“As devoções nas capelas, cada um tinha lá... por exemplo, a São Victor e Corona. Eram dois. Mas acima desses dois estava lá em cima do morro <i>Caravaggio</i>. A mesma coisa era lá em Santa Juliana. Tinha lá a santa, mas, em cima do morro... Havia uma diversidade entre as capelas, mas eu diria que quem unia essa diversidade da religiosidade local era o Santuário de <i>Caravaggio</i>” (AE9, 80 anos).</p>	<p>A devoção à N. Sra. de <i>Caravaggio</i> unia a diversidade da religiosidade local das capelas</p>

(continuação)

<p>“Por devoção, com tradição, por compromisso, sempre, sempre, sempre ajudaram o Santuário [mesmo no período que foram separadas juridicamente] (AE9, 80 anos).</p>	<p>As capelas ajudaram o Santuário, interruptamente, por devoção, tradição e compromisso</p>
<p>“Em fevereiro, eles fazem uma festa [a Romaria Votiva] e todas as capelas vão participar. Na capela de Santa Juliana, tem o Clube de Mães que leva pãezinhos para distribuir para as pessoas. É o Clube de Mães que paga, que organiza, que distribui. E, também, vão participar lá. As comunidades das sete capelas, todas, de alguma forma, ajudam também” (MCSJu3, 68 anos).</p>	<p>Em fevereiro, eles fazem uma festa [a Romaria Votiva] e todas as capelas vão participar e ajudar</p>
<p>“Sempre tem incentivo: os grupos têm quem distribui a comunhão, quem vai ajudar [em outros serviços]. Têm várias coisas em que um grupo maior vai mais à frente” (MCSJu3, 68 anos).</p>	<p>Há incentivo para os grupos ajudarem nos serviços</p>
<p>“Os corais [das capelas] que vão uma vez por mês cantar em missas no Santuário. Nas Romarias Votivas de 2 de fevereiro, o pessoal vai lá com os carros, tratores [equipamentos agrícolas]. E participam das romarias [maio]” (MCSJu4, 56 anos).</p>	<p>Corais das capelas cantam nas missas do Santuário Ajudam nas romarias (Votiva e de maio)</p>
<p>“Todas as sete capelas são boas para ajudar. Todas elas fazem parte do Santuário. Nunca dão para trás” (MCSVC2, 84 anos).</p>	<p>Todas as sete capelas ajudam o Santuário.</p>
<p>“Quando tem uma festa aqui na nossa capela, São Victor e Santa Corona, nós largamos os convites nas outras capelas, para que venham festejar aqui em nossa capela, trazer um dinheirinho aqui. Então, nós também temos que fazer parte da outra comunidade. E assim vamos nos ajudando. Vamos nos mantendo todo mundo firme, em pé. Não adianta: sem o dinheirinho não dá para viver. E, ainda, ajudar a família se precisa. Força e ajudar para levantar, porque tem gente fraca dentro da comunidade que precisa de incentivo. Como o meu vizinho, aqui, nem o seu mesmo não atendia. Vamos se ajudar, vamos trabalhar porque precisa de dinheirinho para poder se manter. Para acompanhar, tem que ter uma graninha. E ele está indo, está indo bem” (MCSVC2, 84 anos).</p>	<p>Participar nas festas de outras comunidades é ajuda mútua Ajudam os membros que estão em dificuldade e necessitam de incentivo</p>
<p>“A gente vai cantar lá e está sempre cheio em <i>Caravaggio</i>. Cada hora tem uma missa [nos fins de semana]. E está cheio sempre. Os santos aqui também vieram da Itália. O sino de nossa capela também veio da Itália” (MCSVC2, 84 anos).</p>	<p>Participam do coral, nas missas do Santuário Os santos de devoção locais vieram da Itália</p>
<p>“No Santuário, eu me sinto bem, eu me sinto em casa. A gente se sente bem. É a nossa paróquia. E tanto é que teve um tempo que os padres residiam em Caxias e atendiam as nossas capelas. Era paróquia de <i>Caravaggio</i>, mas residiam em Caxias. Hoje, o próprio Santuário nos atende, e a gente se sente bem com isso. E eu me sinto em casa também porque eu me lembro que nossos avós diziam, e os pais também, que ajudaram a construir a igreja, e o padre chegava lá e dizia: - Vamos lá, tem que ajudar na mão de obra, tem que ajudar nos custos. E todo mundo ajudou. O Santuário é nossa casa. Quanto ao pertencimento, a gente se sente responsável pelo bom acolhimento e bem-estar das pessoas que visitam o Santuário. Como a gente sente que é a nossa casa, a gente se preocupa também que lá se faça um bom trabalho” (MCST3, 61 anos).</p>	<p>Sentimento de pertença: avós e pais ajudaram a construir o Santuário O Santuário é como sua casa Sentimento de pertença e responsabilidade pelo acolhimento e bem-estar dos peregrinos</p>
<p>“A gente vê que a Igreja recebe bem as pessoas. Quando a gente vai ao Santuário, sempre é bem recebido lá. Os padres lá são bem legais, conversam com as pessoas, sempre que a gente precisou, também. Os padres sempre receberam a gente muito bem lá. A gente só ouve elogios das pessoas lá vão; eles agradecem que vão. Eu acho que eles recebem muito bem. E, também, sempre que a gente vai, a gente é bem recebido lá. O padre nos conhece, vem cumprimentar” (MCNSMB1, 60 anos).</p>	<p>Sempre ocorrer bom acolhimento no Santuário. As pessoas elogiam o atendimento e agradecem O padre conhece, vem cumprimentar</p>

(continuação)

<p>“Nós acolhíamos as pessoas. Mas não é sempre que a gente vai para lá agora. Nas festas maiores, a gente foi muitas vezes para lá ajudar e, quando eles chamam, praticamente a gente vai. Mais a gente ajudava na comida: preparar as coisas para comer” (MCNSMB4, 75 anos).</p>	<p>Ajuda ao Santuário nas romarias e quando necessitam: acolhimento das pessoas e fazer a comida</p>
<p>“Em <i>Caravaggio</i>, a gente vai lá e parece que a gente fica mais leve. A gente vai na igreja velha, depois vai na igreja nova, fica uma grande paz. Sente-se uma grande paz” (MCNSD1, 42 anos).</p>	<p>O Santuário proporciona grande paz</p>
<p>“Foi sempre ajudado nos serviços ao Santuário. A gente ajuda <i>Caravaggio</i>. E <i>Caravaggio</i> ajuda aqui, quando temos festa aqui também. A gente tem conhecidos, leva os ingressos e convida a virem aqui. Um ajuda o outro. Tem meu primo aqui, que a mulher dele é de <i>Caravaggio</i>. Aí ele vem seguido aqui, e aí a gente é conhecido. Eu tenho colegas meus aqui na empresa Balbinot que foram fabriqueiros aí. Se eles pedem que precisam para alguma coisa... E também no colégio de <i>Caravaggio</i>, a gente faz mutirão e vai ajudar” (MCNSD1, 42 anos).</p>	<p>Ajuda aos serviços no Santuário</p> <p>Ajuda mútua nas festas: <i>Caravaggio</i> e capelas</p> <p>Há ajuda mútua nas necessidades</p>
<p>“Eu me sinto parte do Santuário. O Santuário é um lugar bonito, agradável de se estar, a gente se sente mais perto de Deus, a gente se sente mais perto da Mãe de <i>Caravaggio</i>, a gente vai lá sempre quando precisa pedir, quando precisa agradecer também, porque não é só pedir. Quando a gente recebe a graça, tem que saber que tem que voltar lá para agradecer a graça que a gente alcançou. Então, é um sentimento de gratidão por a gente ter o Santuário tão perto de nós” (MCNSD2, 58 anos).</p>	<p>Sentimento de pertencimento ao Santuário</p> <p>Proximidade com Deus e com Nossa Senhora</p> <p>Sentimento de gratidão por ter o Santuário próximo</p>
<p>“Nossa ajuda ao Santuário ocorre quando tem as romarias. Tem os ministros da Eucaristia que vão lá ajudar também, quando a gente pode contribuir com as leituras, os batizados agora são feitos lá, os casamentos agora são feitos lá. Então, é um lugar bonito para um batizado, para um casamento! A gente se sente mais abençoado, eu penso. O Santuário requer diariamente ajuda, não é como aqui na capela que é só sábado ou domingo. Lá, é todos os dias. E é bem grande o movimento” (MCNSD2, 58 anos).</p>	<p>Ajuda ao Santuário nas romarias e em escalas à liturgia</p> <p>Sentimento de ser mais abençoado no Santuário</p>
<p>“A ligação que temos com o Santuário, as capelas, é familiar, eu diria. Quando eles nos solicitam para colaborar na confecção dos tapetes de <i>Corpus Christi</i>, por exemplo, as sete capelas participaram e foi um belo trabalho conjunto que a gente realizou lá. E, entre nós das sete capelas, acontece um intercâmbio, eu diria. Porque quando a gente tem uma promoção festiva aqui, uma promoção, por exemplo, de uma festa de padroeira, a nossa missão é entregar ingressos para todas as sete capelas. Quando eles têm, nós também participamos. E, então, é um intercâmbio, uma troca-troca. Dessa forma, eu diria, é um ambiente muito bom que a gente tem e que deve continuar se mantendo, porque um depende do outro: comunidade sozinha não vive” (MCTS1, 85 anos).</p>	<p>Ligação familiar entre o Santuário e as sete capelas</p> <p>E, entre nós das sete capelas, acontece um intercâmbio: solidariedade nas festas e nas necessidades</p> <p>Um depende do outro: comunidade sozinha não viv</p>
<p>“O que tem uma maior união entre as sete capelas é a festa das capelinhas que visita as famílias, mensalmente. Então, todos os anos, a gente vai fazendo um rodízio. Por exemplo, esse ano é em nossa comunidade, o ano que vem será em São José, depois em Monte Bérico e vai seguindo. Ali une as sete capelas, naquele evento da Festa das Capelinhas” (MCTS1, 85 anos).</p>	<p>A Festa das Capelinhas é um momento de maior união entre as sete capelas</p> <p>Há rodízio anual de celebração da Festa das Capelinhas, nas sete capelas</p>
<p>“Eu disse um dia, o padre não pode chegar, entrar na igreja, vestir a indumentária para rezar a missa e se colocar sentado lá atrás, para esperar o horário de rezar a missa. O padre deve se misturar com o povo. Tem que ir lá conversar com o povo. Estão fazendo isso agora. Porque as pessoas têm medo do padre, às vezes. Porque o padre, às vezes, as pessoas não sabem como falar com eles. Eu digo que o padre é uma pessoa igual a nós. Ele tem um exemplo</p>	<p>O padre deve se misturar com o povo.</p> <p>Os padres acolhem na porta da igreja, cumprimentam,</p>

(continuação)

<p>de vida diferenciado, ele tem um comportamento também diferenciado, mas a conversa dele conosco é a mesma de nós conversar entre nós. Então, eles começaram a chegar na escadaria da porta da igreja, cumprimentam, perguntam quem é, desejam que sejam bem-vindos... Então, isso faz com que a comunidade se sinta valorizada, e que o povo também perca aquele medo do padre. As crianças também” (MCTS2, 63 anos).</p>	<p>perguntam quem é e dão boas-vindas</p> <p>O acolhimento faz com que a comunidade se sinta valorizada</p> <p>O acolhimento faz com que adultos e crianças percam o medo do padre</p>
<p>“A gente vai a <i>Caravaggio</i> e sente que é uma igreja maior, a gente se sente incluído. Os mesmos padres que estão lá são os mesmos padres que conversam com a gente todas as semanas. A gente vai numa missa em São Tiago, Monte Bérico, em Todos os Santos... é o mesmo padre. Então ele é mais família, mais próximo” (MCSVC1, 49 anos).</p>	<p><i>Caravaggio</i> é uma igreja maior, há o sentimento de inclusão</p> <p>Os padres são os mesmos que visitam as capelas; existe o sentimento de proximidade</p>
<p>“Tem a festa não só dos padroeiros, mas tem jantar para reunir os jovens. Tem o esporte, tem uma marca bastante importante aqui. Todas as capelas tem... por exemplo, em Santa Juliana tem o Esporte Clube Corinthians, tem o ginásio do Corinthians para os jovens se reunirem. Participam de campeonatos, torneios do município, regionais, torneios de futsal... que estimulam os jovens a ficarem. Se busca os que estão morando na cidade, se convida para participarem. Tem esse estímulo a permanecer” (MCSVC1, 49 anos).</p>	<p>As festas dos padroeiros, nas comunidades, envolvem os jovens nos serviços</p> <p>Esportes envolvem os jovens com campeonatos</p>
<p>“Tudo está indo bem em nossa comunidade. A gente se quer bem. Todo mundo se gosta. A gente se conhece, se conversa” (MCSVC3, 77 anos).</p>	<p>Há boa convivência na comunidade</p>
<p>“O que eu mais gosto é jogar cartas. Agora estamos em seis. Está bem certo o número. Se faltar alguém, vai estragar o jogo. Jogamos todos os domingos. Almoço e, a uma e meia da tarde, já vamos jogar cartas e ficamos até às seis da tarde jogando” (MCNSMB2, 86 anos).</p>	<p>Atividades de lazer: jogar cartas</p> <p>Há importante socialização</p>
<p>“O que se destaca na nossa capela é o acolhimento, quando as pessoas vêm para cá. Quando as pessoas vêm aqui, todas se sentem bem e sempre voltam. Nossa comunidade é humilde. Não tem ninguém melhor que ninguém. Não têm pessoas que querem ser melhores que as outras: - Ah! eu fiz uma casa, tem que fazer um casão. Eu comprei um carro e tem que comprar uma <i>camionetona!</i> Nós somos pessoas humildes e sabemos acolher as pessoas, sabemos receber as pessoas e por isso que elas sempre voltam” (MCNSD2, 58 anos).</p>	<p>O acolhimento na comunidade é um ponto forte</p> <p>Pessoas humildes que acolhem bem e, assim, as pessoas sempre voltam</p>
<p>“Na questão de ajuda, em uma ocasião eu disse ao padre: - Padre, quando precisar de gente para trabalhar, só avisa o Perini, que eu me encarrego de unir toda a capela e eu levo todos para ajudar.</p> <p>Aqui, na outra comunidade, eu disse para os homens que estavam aí construindo: - Quando precisar de transporte de caminhão, não precisa pagar frete, me avisem, me procurem que eu faço o serviço para vocês” (MCSJo2, 85 anos).</p>	<p>A ajuda mútua entre as capelas existe para serviços da comunidade</p> <p>Demonstração de espírito de solidariedade é sempre vista</p>
<p>“As capelas São Victor e Corona, Santa Juliana e São Tiago são próximas entre si. Ali tem o futebol, porque se reúnem as três comunidades; têm jogadores que jogam; tem bem mais gente. Ali sim eles fazem bastante atividade. Mas, aqui, na Capela Todos os Santos acabou, não temos mais o futebol” (MCTS1, 85 anos).</p>	<p>Capelas São Victor e Corona, Santa Juliana e São Tiago são próximas entre si e fazem atividades esportivas em conjunto</p>

(continuação)

<p>“A capela Todos os Santos é uma comunidade unida, trabalhadora, que se reúne quando precisa. Nas missas é a comunidade daqui mesmo que participa. Mas, no domingo, tem gente que desce do centro de Farroupilha, eles passam também lá no salão, embaixo na sombra. Ficam ali. Têm dois restaurantes” (MCTS1, 85 anos).</p>	<p>Comunidade é unida e trabalhadora</p> <p>Aos domingos, recebe visitantes do centro de Farroupilha</p>
<p>“Aqui, na comunidade, ela é hospitaleira; quando há uma pessoa, por exemplo, doente, a gente procura se ajudar. Se há necessidade de serviço, de mão de obra, de serviço braçal a gente faz, presta à família. Também, se há necessidade de campanha financeira, também a gente faz” (MCTS1, 85 anos).</p>	<p>Comunidade hospitaleira: ajuda mútua diante de necessidades</p>
<p>“Hoje vai-se a <i>Caravaggio</i> muito pela devoção, pela hospitalidade, pela fé. Não se vai para Caravaggio para comer nem cachorro quente, nem xis, ou tomar refrigerante ou fazer bagunça. Então realmente, hoje, há muita gente, o lugar dele é <i>Caravaggio</i>, eles gostam de lá, não gostam de outro lugar. A gente respeita, apesar de que a comunidade é muito importante. Mas realmente, cada um que chega lá e sai, sai renovado, sai modificado” (AE8, 65 anos).</p>	<p>Vai-se a <i>Caravaggio</i> muito pela devoção, pela hospitalidade, pela fé</p> <p>Cada um que chega lá sai renovado, sai modificado</p>
<p>“A vocação da solidariedade é uma vocação tão importante como a vocação para o sacerdócio, como a vocação para a vida religiosa. E quando a pessoa faz por espontaneidade as coisas aparecem, as coisas andam, se multiplicam... O voluntário nunca trabalha sozinho. O voluntário trabalha em equipe. Tem uma equipe que trabalha e, lá pelas tantas, precisa reformar a escola, precisa reformar um ambiente ou cuidar de um idoso, ou providenciar que o idoso seja bem cuidado... Aí, lá pelas tantas, consegue isso, consegue aquilo, consegue o médico que cuidar dele... para ser voluntário, não precisa ser médico. Consegue o médico que cuida dele, consegue roupa, consegue, enfim... Por quê? Porque sempre tem que ter essa espontaneidade, saber que eu estou emprestando os meus braços para alguém interagir comigo” (MS3, 73 anos).</p>	<p>Vocação da solidariedade</p> <p>Voluntário trabalha em equipe</p> <p>Voluntário se solidariza com a necessidade do outro, na espontaneidade</p>
<p>“Talvez falte acrescentar que a Palavra de Deus é sempre tremendamente importante para a hospitalidade, nunca podem faltar palavras de carinho, palavras de atenção, palavras de verdade. Porque também uma pessoa pode ir, no sentido religioso, e estar iludida que vai encontrar tudo, e que tudo se resolve. A Palavra de Deus ela é muito mais profunda e ela tem que ser mastigada, vivida e amada ao longo do ano, ao longo da vida” (AE3, 52 anos).</p>	<p>A palavra de Deus é importante para a hospitalidade</p>
<p>“Algumas vezes a gente precisou ser um tanto até duro, digamos assim, com romeiros, para que eles não se desanimassem. Então, sendo quase que um apoio. Com alguns, tivemos que ser duros para alertá-los de erros, digamos assim, de <i>trappole</i> [armadilha], diz no italiano, de alguma coisa que podia estar se encontrando ou se encontrar depois, no caminho errado. Com alguns tivemos que ser tremendamente caridosos, para expulsar maldades, digamos assim, não exorcismos, como foram feitos ao longo da História, mas com que a pessoa se encontrasse com Deus e, a partir disso, ela tivesse uma perseverança verdadeira na sua fé” (AE3, 52 anos).</p>	<p>Há a necessidade de ser tremendamente caridosos para expulsar maldades</p> <p>Ajudar a pessoa a se encontrar com Deus e, a partir disso, ela tem uma perseverança verdadeira na sua fé</p>
<p>“A gente sabe que a Sagrada Escritura, dentro das qualidades da Bíblia, e que o Evangelho enaltece, é ser hospitaleiro” (AE4, 59 anos).</p>	<p>O Evangelho enaltece o “ser hospitaleiro”</p>
<p>“Fazer acontecer algo que favoreça que o povo, chegando aqui [no Santuário], possa encontrar resposta do que tanto procura” (AE4, 59 anos).</p>	<p>Oferecer condições para que o povo encontre respostas ao que procura</p>
<p>“Tudo o que procuro fazer: as reformas, as construções, os melhoramentos, a troca de som, a mudança de banheiros... é porque eu quero favorecer que o povo, chegando aqui, encontre as condições necessárias para seu momento de oração, seu momento de expressão de fé” (AE4, 59 anos).</p>	<p>Oferecer condições para a experiência de fé</p>

(continuação)

<p>“É a acolhida da pessoa não apenas do corpo, de dizer: - Seja bem-vindo! Pode sentar aqui! Mas é muito mais: a acolhida das angústias, a acolhida de um choro se precisar, de sorriso, a acolhida da pessoa integral. Hospitalidade é dizer... no fundo... é dizer, sem dizer: <i>Não te conheço! Não sei teu nome, mas você é minha irmã, meu irmão.</i> Irmã pela fé, irmã por ser pessoa... a questão da dignidade. Aí a hospitalidade não tem raça, não tem classe social, não tem estilo de roupa, ou sei lá. É quem está aí. Então a hospitalidade é com quem chega. Aquele que chegou deve ser acolhido não apenas no seu corpo, mas na sua integralidade. Eu diria, sobretudo, no seu desespero, na sua angústia. Hospitalidade é acolher a pessoa especialmente quando sofre. E o sofrimento aí varia. Eu falaria da questão dos sentidos: falta do sentido da vida, falta de esperança. Hospitalidade é acolher as pessoas como vêm, hoje, no seu ser completo” (AE7, 37 anos).</p>	<p>Hospitalidade é o acolhimento da pessoa que chega, na sua integralidade (angústia, choro, sorriso, desespero, sofrimento...)</p>
<p>“Quem vai a <i>Caravaggio</i>, quem vai à romaria vai perceber espíritos, evangélicos, católicos, luteranos... pessoas mais diversas. Mas a quem nós estamos acolhendo é o próprio Deus na pessoa do irmão. Então, acolher a dignidade da pessoa, isso é que importa. [...] As pessoas, elas querem olhar nos olhos, o toque, o abraçar...[...]. Então, aí você sente muita lágrima que corta, que cai dos olhos... muitas pessoas com problemas, com doenças, com enfermidades” (AE8, 65 anos).</p>	<p>Acolher a todos, na diversidade Acolher a Deus, na pessoa que chega ao Santuário</p>
<p>“Lá em Caravaggio em fui atendido bem. Eu somo para o Santuário, mesmo sendo anônimo. Se eu faço o processo contrário, mesmo sendo anônimo, eu faço um desserviço do maior tamanho contra o Santuário, contra a Igreja” (MS3, 73 anos).</p>	<p>Somo [acrescento] para o Santuário, mesmo sendo anônimo</p>
<p>“A hospitalidade da Igreja, toda a hospitalidade é atender bem a pessoa. Na Igreja, eu acho que deveria ser tratado não como hospitalidade, mas como acolhimento. Porque a pessoa que está passando por dificuldade, ela tem que ser mais do que ser bem atendida. A pessoa que está atendendo esta pessoa que está chegando e vem buscar uma intercessão de Nossa Senhora para Deus, por causa dos seus problemas, ela precisa ser acolhida, ser ouvida, não só no sentido de bom-dia, tudo bem, mas sim que a pessoa possa estar ali, se colocar ao lado e se fazer um apoio para que essa pessoa possa... se ela chegou até aqui ela está precisando. Acho que abrange mais de que só vou atender bem a pessoa e eu fiz a minha parte. Não, a minha parte é poder conduzir, porque, por maior que seja o problema que a pessoa tenha, sempre vai ter alguém que tem um problema maior que ela. E se essa pessoa for bem acolhida, se sentir bem, ela sentir uma extensão de Nossa Senhora, um braço lhe ajudando” (MS4, 61 anos).</p>	<p>Toda a hospitalidade é atender bem a pessoa Na Igreja, hospitalidade é acolhimento A pessoa precisa ser acolhida, ser ouvida, é conduzir a pessoa... é ser um braço que ajuda</p>
<p>“O que o nosso Santuário tem? Ele não tem nenhuma pintura, não tem nada. Quando você entra no Santuário, você vê o Sacrário ao centro e a cruz; à direita tem Nossa Senhora, e à esquerda tem o Sagrado Coração de Jesus. É o que tem no Santuário, que é o que importa. Não tem outro atrativo. Comparando com a Igreja de São Pelegrino, a pessoa entra lá e se deslumbra, não com o que veio buscar, mas com o que está pintado por alguém, que é muito lindo... Aqui você não tem isso. A pessoa chega e o que encontra? Encontra Nossa Senhora. Tem aqui as Irmãs de São Carlos, que atendem durante o período de todo o dia. Elas passam informações. E sempre tem um padre à disposição. Então isso ajuda, que, na maioria das igrejas, você vai, você encontra a igreja vazia, sem ninguém, e em muitas a igreja também está fechada, e você não consegue nem entrar. Esse é o grande diferencial. Quando você entra na igreja, você só tem Nossa Senhora e Jesus. E as pessoas para acolher, para atender” (MS4, 61 anos).</p>	<p>Simplicidade arquitetônica e artística do Santuário: só tem Nossa Senhora e Jesus. E as pessoas para acolher, para atender (Nossa Senhora, Jesus, Irmãs e padres)</p>
<p>“A gente nota que, quando a gente faz um trabalho de doação, a gente se sente bem e quando está atendendo alguém e vê que caminhou vinte, trinta quilômetros, e vem a pé, muitas vezes... Aí você nota assim... aquele que vem caminhando é uma pessoa que está de tênis.... mas aquela pessoa que vem pagar</p>	<p>Quando a gente faz um trabalho de doação, a gente se sente bem</p>

(continuação)

<p>uma promessa, ela vem caminhando de pés descalços... ela vem com a criança no colo... Não tem como você não se solidarizar. Ver que essa pessoa está vindo porque precisa, ou está vindo para agradecer. Você está ajudando... o seu pagamento, no fim, é esta coisa boa que você leva para casa: eu ajudei a fazer a Festa” (MS4, 61 anos).</p>	<p>Solidariedade com aquele que sofre</p>
<p>“É um espaço que todo mundo ajuda a preparar. Na verdade, é uma ajuda comunitária, uma ajuda total que, quando as pessoas vêm, se sentem bem, se sentem acolhidas” (MS5, 45 anos).</p>	<p>Colaboração comunitária As pessoas se sentem acolhidas</p>
<p>“O povo pouco se preocupa se aqui ele vai encontrar conforto. Essa é um pouco minha preocupação, com o conceito de turismo religioso, porque o turismo religioso ele pode ser sofisticado, mas existe o turismo religioso em que as pessoas encomendam excursão e vão participar, sem se preocupar se lá tem restaurante, tem lancheria, tem banheiro... o pessoal quer uma resposta que faça mudar de vida, que responda àquelas situações mais angustiantes da sua vida. Por isso que eu digo que o Santuário de <i>Caravaggio</i>, ele não nasceu pronto, ele vai se formando, ele está sendo concebido. Está acontecendo uma gestão a partir de tudo isso, a partir do seu crescimento... A intenção não é sofisticar, é sim permitir que as pessoas façam o seu encontro com aquilo que é o necessário” (AE4, 59 anos).</p>	<p>Conceito de turismo religioso: existe o turismo religioso em que as pessoas encomendam excursão sem se preocupar com as estruturas físicas O Santuário ainda está sendo concebido</p>
<p>“A hospitalidade da Igreja se manifesta na solidariedade” (MS3, 73 anos).</p>	<p>Hospitalidade da Igreja e solidariedade</p>
<p>“Nós precisamos de uma orientação, porque pessoas disponíveis, pessoas voluntárias, que eu diria rasgam o coração de vontade de ajudar. Nós somos ricos de pessoas. Só que, muitas vezes, a gente pode até cometer alguns deslizos por ser simples demais ou por não entender bem o processo. [...] na Igreja, se corre até um perigo grande, porque para o peregrino, o atendente é parte do Santuário” (MS3, 73 anos).</p>	<p>Orientação, para acolher bem Ricos de pessoas Para o peregrino, o atendente é parte do Santuário</p>
<p>“A hospitalidade no Santuário se caracteriza não só pela presença dos sacerdotes, que todos os dias estão aqui acolhendo aqueles que vêm rezar, vêm pedir algum conselho, vêm pedir o sacramento da confissão, mas, é uma realidade que perpassa essa fronteira, porque todos os que vêm aqui vêm para que realmente se sintam atendidos pela devoção à N. Sra. de <i>Caravaggio</i>, fazendo seus pedidos, mas a organização, seja por parte do sacerdote, seja por parte da comunidade, sempre há esse acolhimento. O acolhimento, ele é amplo. Todos aqueles que vêm aqui se sentem acolhidos” (AE6, 85 anos).</p>	<p>Hospitalidade pelo atendimento espiritual, pelos padres e pelo serviço de acolhimento da comunidade Acolhimento amplo Todos que visitam o Santuário se sentem acolhidos</p>
<p>“Após o Concílio Vaticano II [1962-1965], o incentivo propriamente do ecumenismo, a aproximação de outras crenças religiosas, a Igreja facilitou muito isso. Então, aqui a busca, no Santuário, por outros segmentos religiosos também acontece. Claro, nós, como sacerdotes, estamos aqui para ajudar as pessoas da melhor maneira possível. Isso aconteceu no passado, está acontecendo no presente momento. Porque, o que se quer é fazer com que essa devoção à N. Sra. de <i>Caravaggio</i> possa se tornar um meio, um caminho para que as pessoas se aproximem da verdade, se aproximem de Deus, que é Jesus: Caminho e Verdade da Vida. Porque sabemos que Ele [Jesus] é aquele que dá sentido às peregrinações, dá sentido às buscas, porque N. Sra. de <i>Caravaggio</i>, ou Nossa Senhora de qualquer outro título que nós invocamos, ela é apenas um meio, é aquela que nos ajuda a nos aproximar de Deus, de seu filho Jesus Cristo” (AE6, 85 anos).</p>	<p>Ecumenismo, aproximação de outras crenças no Santuário Nossa Senhora se tornou um caminho, um meio para que as pessoas se aproximem da verdade, de Deus Jesus dá sentido às peregrinações</p>

(continuação)

<p>“Todos os que vêm aqui, nem todos são católicos, mas todos vêm com a intenção de buscar o melhor para sua vida, a orientação verdadeira, o sentido da própria vida. O que nós queremos é que as pessoas se sintam bem, vivam bem, tenham a saúde do corpo, da mente e do espírito. Isso sempre em vista da ajuda de Nossa Senhora” (AE6, 85 anos).</p>	<p>Todos os que vêm ao Santuário, nem todos são católicos</p> <p>Queremos que todos se sintam bem, tenham saúde do corpo, da mente e do espírito</p>
<p>“O local do Santuário é um local privilegiado! Nós estamos rodeados de agricultores, rodeados de árvores, rodeados de plantações... Enfim, é um ambiente que favorece. Tem um ambiente muito amplo, onde as pessoas se sentem bem. Não só vêm aqui para entrar na igreja, no Santuário, mas também se sentem bem, caminhando lá fora, contemplando a natureza, o horizonte. Todos nós sabemos que, nós seres humanos, precisamos de ambientes saudáveis, ambientes favoráveis. Isso é o que nós encontramos aqui. Por isso, essa zona rural, onde nós estamos localizados, aqui em <i>Caravaggio</i>, ela é favorável, sem dúvida nenhuma, à fé e à devoção popular em honra à N. Sra. de <i>Caravaggio</i>” (AE6, 85 anos).</p>	<p>Local privilegiado: agricultores, árvores, plantações</p> <p>Ambiente muito amplo onde as pessoas se sentem bem</p> <p>Contemplação da natureza</p> <p>A zona rural é favorável, sem dúvida nenhuma, à fé e à devoção popular em honra à N. Sra. de <i>Caravaggio</i></p>
<p>“Eu me sentia muito bem ajudando no Santuário, porque eu estava fazendo um trabalho muito útil. Eu estava demonstrando que, quando a gente está trabalhando em conjunto com as famílias, em conjunto com o Santuário, era uma obra que a gente sentia que era bom” (MCSJu1, 78 anos).</p>	<p>Sentir-se bem ajudando o Santuário</p> <p>Trabalhar em conjunto com as famílias</p>
<p>“A hospitalidade nas comunidades (sede e capelas) se manifesta no espírito religioso, de fé, se imaginando se eles tivessem no lugar dessas pessoas. A necessidade das pessoas se encontrarem facilitava a hospitalidade, porque não tinha outra maneira fora da igreja. Tu vais dar uma olhada, por exemplo, as capelas essas, o que elas têm: tem a capela, tem a escola, tem o salão, tem o campo de futebol, tem o cemitério. Tudo em torno da capela. Aliás, o que os historiadores não falam, pelo menos aqui na nossa região de Caxias, a presença da Igreja Católica, ela foi fundamental. Os primeiros hospitais, os primeiros asilos. A maioria dos jovens não sabe o que foi o orfanato Santa Teresinha, não sabe o que foi o Abrigo de Menores São José. O orfanato Santa Terezinha, uma ação da Igreja acolhendo meninas abandonadas. O Abrigo de Menores São José: o trabalho dos padres Josefinos, tendo à frente aquele padre que foi beatificado há pouco, o padre João Schiavo. Fazendo o quê? Acolhendo as pessoas. Os hospitais também. Dando uma olhada... os hospitais aqui de nossa região: o Pompéia tem origem da Igreja; o Saúde, hoje não é mais da Igreja, mas começou com a Igreja. Vamos dar uma olhada em São Marcos, a Igreja; Farroupilha, a Igreja. E, assim, praticamente a presença da Igreja, no sentido do atendimento das pessoas, é uma coisa fundamental que parece que a nossa região esquece” (AE9, 80 anos).</p>	<p>A hospitalidade se manifesta no espírito religioso, de fé</p> <p>As pessoas se imaginam no lugar do “outro”, daquele que está sofrendo, passando por dificuldades</p> <p>A presença da Igreja Católica foi fundamental, nos primeiros hospitais e asilos</p> <p>Acolhimento das pessoas</p> <p>Hospital Pompéia, Saúde, Orfanato Santa Teresinha, Abrigo de Menores São José. A maioria dos jovens não sabe o que foi o orfanato Santa Teresinha, Hospitais de São Marcos, de Farroupilha, dentre outros dos municípios da diocese</p>
<p>“Igreja Católica, praticamente todas as paróquias elas têm atendimento a um número “x” de famílias. Quem é que ajuda? Não é o padre que vai lá. Claro que o padre pede pra ti, pede pra mim e manda alguém levar lá. Acredito que essa hospitalidade se deveu também a isto lá neles, e a outras paróquias aqui na região também. Nós tínhamos um bispo aqui em Caxias, Dom Benedito Zorzi. Este bispo pode ter defeitos, todos nós temos, mas ele deve ter ido para o céu com bota e tudo, porque esse cara se metia em tudo. A Universidade [UCS], ele levou junto o Hermes Weber, levou junto o Virvi Ramos, que são os três fundadores, mas ele que liderou, ele que liderou. Os hospitais, então... Naquele</p>	<p>As paróquias atendem famílias necessitadas</p> <p>O padre incentiva a ajuda</p> <p>A hospitalidade vivenciada pela prática de ajudar</p> <p>O bispo Dom Benedito Zorzi desenvolveu muitas</p>

(continuação)

<p>tempo, [o município de] Torres era [da Diocese] de Caxias também. Ele criou lá em Torres um hospital, criou uma rádio, porque lá não tinha nada. Essa presença da Igreja faz parte também da própria mística cristã: o atendimento aos mais necessitados. Depois dizem: a Igreja recuou! Não, ela continua fazendo, mas o estado começou a assumir. Hoje quantas instituições temos da prefeitura, do estado, do governo federal. Mas isso é uma coisa recente, não é uma coisa de sempre” (AE9, 80 anos).</p>	<p>iniciativas: fundação da Universidade (UCS); Hospital e rádio em Torres, entre outras...</p> <p>Presença da Igreja faz parte da mística cristã: o atendimento aos necessitados</p>
<p>“Tenho colegas que eu admiro. Um que foi meu colega, que estive praticamente um ano junto, que está lá. O homem vive praticamente no confessionário, ouvindo as pessoas. Na questão do atendimento religioso, o Santuário tem” (AE9, 80 anos).</p>	<p>Hospitalidade religiosa</p>
<p>“Por hospitalidade entendo que as pessoas ajudam, acolhem, e dão um jeito de tratar bem. Todas as pessoas que chagam lá são acolhidas da maneira melhor possível” (MCSJu3).</p>	<p>Hospitalidade: pessoas que ajudam, acolhem e dão um jeito de tratar bem</p>
<p>“Hospitalidade é receber bem as pessoas que vêm em nossa comunidade, em nossa casa, os visitantes. Se percebe essa hospitalidade no acolhimento das pessoas, sem olhar quem é a pessoa. Todos são atendidos” (MSJu4, 56 anos).</p>	<p>Hospitalidade é receber bem as pessoas</p> <p>Acolher incondicionalmente</p>
<p>“Hospitalidade é receber bem as pessoas, acolhê-las. É enxergar a pessoa. Hospitalidade é acolher bem a pessoa, enxergar a pessoa em suas necessidades. A pessoa tem que ser sentida, tem que ser ouvida” (MCSVC1, 49 anos).</p>	<p>Hospitalidade: acolher, enxergar, sentir e ouvir a pessoa</p>
<p>“A hospitalidade no Santuário hoje, por exemplo, você chega no Santuário, e o padre está ali na porta do Santuário recebendo. A receptividade está mais amigável. As pessoas estão chegando e conversam com o padre. Ele está no meio da população, no meio das pessoas. Então, eu acho que isso faz com que as pessoas visitem mais, se sintam mais próximas. E também eu vejo que eles incentivam mais a participação, tanto da festa votiva, essa do dia 2 de fevereiro, e a de 26 de maio, em que acontecem as novenas preparatórias” (MCSVC1, 49 anos).</p>	<p>O padre acolhe na porta do Santuário</p> <p>O padre está no meio dos fiéis</p> <p>Os padres incentivam a participação nas novenas, romarias...</p>
<p>“As nossas capelas, por exemplo, elas são convidadas a participar, aconteceu assim nos últimos anos. Cada dia da novena uma capela é responsável pela organização da missa, os cantos, a liturgia. Então traz as pessoas da paróquia próximas e acolhe os demais também. Acho que isso tem sido bem bom” (MCSVC1, 49 anos).</p>	<p>Capelas são convidadas a participar nas liturgias (organização da missa, cantos, liturgia)</p>
<p>“A gente vai a <i>Caravaggio</i> e sente que é uma igreja maior, a gente se sente incluído. Os mesmos padres que estão lá são os mesmos padres que conversam com a gente todas as semanas. A gente vai numa missa em São Tiago, Monte Bérico, em Todos os Santos... é o mesmo padre. Então ele é mais familiar, mais próximo” (MCSVC1, 49 anos).</p>	<p><i>Caravaggio</i> é uma igreja maior, há sentimento de inclusão</p> <p>Os padres são os mesmos que visitam as capelas; sentimento de proximidade</p>
<p>“O serviço das capelas, no restaurante do Santuário, era um momento também de receber as pessoas. Nas primeiras festas votivas, cada comunidade era responsável em levar comida, inclusive. Quando não tinha ainda o restaurante, tinham as barracas com comidas e vendiam para quem vinha. De madrugada, durante o dia... Depois construíram o restaurante. Eram as pessoas das comunidades que faziam a comida, enfim, para acolher” (MCSVC1, 49 anos).</p>	<p>Restaurante do Santuário: momento de receber as pessoas</p> <p>Primeiras festas votivas: cada comunidade das capelas era responsável em levar comida, inclusive</p>

(continuação)

<p>“Eu me sinto parte do Santuário. Fé, devoção, a crença. Deus, Nossa Senhora, minha padroeira, eu tenho Nossa Senhora para mim. A gente veio de uma família muito religiosa. O pai tem uma irmã que é freira. Eu tenho um mantra para mim que é: - Nossa Senhora, vá na minha frente, resolva por mim o que eu não consigo resolver sozinha. Sempre em todas as situações. E sempre deu muito certo para mim, em tudo. Eu ensino para os meus filhos isso. A gente tenta passar. A gente tem uma família muito religiosa de cantores, digamos assim. A gente sempre cantou na igreja. Na capela São Victor, a gente sempre cantou” (MCSVC1, 49 anos).</p>	<p>Sentimento de pertença ao Santuário</p> <p>Fé e devoção à Nossa Senhora</p> <p>Transmissão da fé e devoção aos filhos</p> <p>Família de cantores que canta na igreja</p>
<p>“Hospitalidade é acolher bem, da melhor maneira” (MCSVC3, 77 anos).</p>	<p>Hospitalidade é acolher bem</p>
<p>“Hospitalidade é o acolhimento das pessoas. É muito boa a hospitalidade aqui. Acho que as pessoas aqui acolhem muito bem, é muito boa” (MCST1, 64 anos).</p>	<p>Hospitalidade é o acolhimento das pessoas</p>
<p>“Hospitalidade é receber a gente bem, sem coisa contra. É uma hospitalidade boa, sempre” (MCST2, 83 anos).</p>	<p>Hospitalidade é receber a gente bem, sem coisa contra</p>
<p>“Na hospitalidade, teria coisas que poderia até mudar, olhando atrás, não só na frente. Porque na frente é fácil de olhar, mas olhar o que fizeram atrás para acompanhar. Olhando para trás, foi o começo, porque o que fizeram lá atrás, se é o dia de hoje dificilmente eles fazem. Hoje, teria mais possibilidade, mais dinheiro, se pode dizer. Naquela época, não tinha dinheiro, mas fizeram coisas das quais podem se orgulhar” (MCST2, 83 anos).</p>	<p>Na hospitalidade, também olhar para os exemplos deixados, que são motivos de orgulho</p> <p>No passado, com recursos mais escassos foram feitas muitas coisas</p> <p>Atualmente, existem mais recursos econômicos</p>
<p>“Hospitalidade é todo o acolhimento que a gente dá a qualquer pessoa, qualquer ser humano, às pessoas que nos procuram, enfim, que elas se sintam bem no nosso meio” (MCST3, 61 anos).</p>	<p>Hospitalidade é todo o acolhimento à pessoa, para que se sintam bem</p>
<p>“Na nossa região, uma das mais hospitaleiras, é a Igreja Católica, que acolhe todo mundo. Todo mundo se sente bem. Nós, na nossa região, a gente tenta fazer o melhor, para que isso se mantenha vivo nos dias de hoje” (MCST3, 61 anos).</p>	<p>A Igreja Católica é uma das mais hospitaleiras</p> <p>A Igreja Católica acolhe todo mundo</p>
<p>“A gente vai lá e a gente se sente bem e todos dizem a mesma coisa. Eu acho que as pessoas que estão lá também, elas tentam fazer o melhor, para que todos se sintam em casa. Seria a casa da mãe” (MCST3, 61 anos).</p>	<p>A gente se sente bem no Santuário</p> <p>Todos dizem a mesma coisa</p> <p>A casa da mãe</p>
<p>“Hospitalidade é receber bem as pessoas” (MCNSMB1, 60 anos).</p>	<p>Hospitalidade é receber bem as pessoas</p>
<p>“Hospitalidade é ser gentil com o próximo, com qualquer pessoa que te visite ou que precise da gente. Ser gentil, ser educado, ser fraterno” (MCNSMB3, 50 anos).</p>	<p>Hospitalidade é ser gentil, educado, fraterno com qualquer pessoa que visite ou precise de ti</p>
<p>“A Igreja pratica a hospitalidade. A partir das celebrações dos próprios padres, que acolhem bem as pessoas na Igreja, todas as campanhas que são feitas para ter evangelização. Tudo isso é uma maneira de demonstrar. Quem visita o Santuário é muito bem recebido” (MCNSMB3, 50 anos).</p>	<p>Hospitalidade no Santuário: quem visita o Santuário é muito bem recebido</p>

(continuação)

<p>“Quando a gente participa de alguma atividade diferenciada, como 2 de fevereiro, os padres chegam na porta para receber o povo. Eles vêm na porta receber as pessoas. E eles mencionam bastante, citam bastante nas celebrações as comunidades. É uma maneira de ser gentil com as pessoas” (MCNSMB3, 50 anos).</p>	<p>Os padres recebem as pessoas na porta do Santuário Há gentileza dos padres com as pessoas</p>
<p>“Hospitalidade é como a gente recebe, acolhe as pessoas. Acolher é receber bem as pessoas” (MCNSD2, 58 anos).</p>	<p>Hospitalidade é acolher, receber bem as pessoas</p>
<p>“No Santuário, sempre tem padre esperando-nos na porta; ou quando nós vamos lá, para contribuir com as missas, a gente acolhe as pessoas, e de outra forma ele nos retribui. A gente também se sente acolhido, quando a gente está lá. Então, eu acho que é recíproco: quando a gente acolhe, a gente é acolhido também” (MCNSD2, 58 anos).</p>	<p>No Santuário, o padre acolhe na porta Hospitalidade é acolhimento recíproco</p>
<p>“A gente é sempre muito bem acolhido. Sempre tem alguém nos esperando, o padre na porta, oferece as bênçãos. Se a gente vai para o restaurante a gente é acolhido, se a gente vai para as lojinhas dos objetos religiosos, sempre tem uma pessoa muito atenciosa que nos atende. Então, somos sempre muito bem acolhidos” (MCNSD2, 58 anos).</p>	<p>No Santuário, o padre acolhe na porta Sentimento de bom acolhimento</p>
<p>“Hospitalidade é acolher as pessoas, querer bem, respeitar” (MCSJo1, 87 anos).</p>	<p>Hospitalidade é acolher as pessoas, querer bem, respeitar</p>
<p>“São muito bem acolhidos os peregrinos que vão à <i>Caravaggio</i>. São muito bem acolhidos pelos padres, por todo o pessoal ali, restaurantes e o que tem ali. São bem acolhidos. Cada vez tem mais peregrinos. Lá não tem dia de semana. Dia de semana a domingo está sempre cheio. E os padres são muito acolhedores” (MCSJo1, 87 anos).</p>	<p>Os peregrinos são bem acolhidos no Santuário Frequência semanal intensa de peregrinos</p>
<p>“Quem ia de noite para <i>Caravaggio</i>, passavam aqui na frente, pediam água, banheiro... Até um café a gente dava. Depois tiraram a romaria à noite, e ficou só de dia. [...] O que eu dei de pousada para professora que tinha que dar aula aqui nas escolas da colônia, padres que vinham quando as capelas eram destacadas do Santuário. Os padres vinham de Caxias atender as capelas. Vinham no sábado. Quantos padres ‘pousaram’ na minha casa!” (MCSJo1, 87 anos).</p>	<p>Hospitalidade dada aos peregrinos, ofertando água, café, uso de banheiro Hospitalidade dada à professora e padres, no atendimento às capelas</p>
<p>“Querida, eu quero muito bem o povo ali do Santuário. E sempre, sempre tem gente! Sábado e domingo é tudo lotado lá na frente [no estacionamento]” (MCSJo1, 87 anos).</p>	<p>Bem querer à equipe do Santuário Movimento intenso de peregrinos, nos sábados e domingos</p>
<p>“Entendo que a comunidade é uma hospitalidade. É um trabalhar junto, porque a comunidade é tudo. Eu digo que a primeira família é a minha e a segunda é a comunidade. Dentro dessa comunidade tem a hospitalidade” (MCTS1, 85 anos).</p>	<p>A comunidade é uma hospitalidade</p>
<p>“Hospitalidade é a forma como a gente acolhe as pessoas. Hospitalidade é um respeito que a gente tem de acolher as pessoas, de cumprimentar, de desejar até um bom-dia, boa-tarde” (MCTS1, 85 anos).</p>	<p>Hospitalidade é a forma como a gente acolhe as pessoas, é um respeito de acolher, cumprimenta</p>

(continuação)

<p>“Muita ligação com o Santuário não tive mais, com a pandemia. A gente se isolou inclusive na própria comunidade [da capela]. Mas, no Santuário, antes que acontecesse a pandemia, nós na festa de 26 de maio, fazia mais de trinta a trinta e cinco anos, não lembro bem, mas eu era bem rapazinho ainda, que nós trabalhávamos em todas as festas. Então ofereciam para trabalhar no que era necessário. A gente fazia de tudo. Agora, perante as outras pessoas, eu nem sei lhe dizer, não posso afirmar alguma coisa. Mas, ali, eles ofereciam um ambiente para trabalhar. Agora, quando que a gente vai lá para trabalhar e é bem acolhido e tudo o mais” (MCTS1, 85 anos).</p>	<p>Ajudavam nas festas de 26 de maio há mais de 35 anos</p> <p>O trabalho era no que fosse necessário</p> <p>A gente vai lá para trabalhar e é bem acolhido</p>
<p>“A nossa comunidade aqui, os sócios sempre estiveram unidos. Eu gostaria que continuasse assim do jeito que ela está. Todo mundo ajuda. Briga aqui no lugar, que eu lembro entre nós aqui da comunidade, nunca aconteceu. Em 1979, deu um vendaval, era uma terça-feira. O vendaval levou todo o telhado. Fizemos todo o trabalho, fizemos a cobertura de novo” (MCSJo2, 85 anos).</p>	<p>União e respeito entre os membros da comunidade</p> <p>Todos ajudam nos momentos de necessidades (doenças, temporais)</p>
<p>“Por hospitalidade eu entendo que a gente saiba ouvir o que as pessoas desejam. Serem ouvidas é o que elas desejam, participar, comunicar para a Igreja; e desejam ser compreendidas pela Igreja nessa hora que elas vão à romaria. O que elas mais desejam é a compreensão e o acolhimento. Elas não chegam lá para serem julgadas, mas elas desejam ser compreendidas pela Igreja” (AE1, 86 anos).</p>	<p>Hospitalidade é ouvir o que as pessoas desejam e querem comunicar à Igreja</p> <p>As pessoas desejam a compreensão e o acolhimento pela Igreja</p>
<p>“Acolhimento é proporcionar que a pessoa possa dizer o que ela sente, o que ela espera. Ela não busca outra coisa a não ser o acolhimento, ou seja, esse momento em que ela expressa o que ela sente, o que ela sofre, o que, aliás, é muito próprio do Santuário de <i>Caravaggio</i>” (AE1, 86 anos).</p>	<p>Acolhimento é proporcionar que a pessoa diga o que ela sente, o que espera, o que ela sofre</p>
<p>“Muitas pessoas dizem: - A última vez que me confessei foi quando fui para <i>Caravaggio</i>. Então, pude conversar com o padre. Foi uma conversa mais profunda e mais pessoal do que aquela que eu tenho na paróquia. Encontrei o padre, encontrei o bispo... tive uma conversa muito pessoal na qual eu manifestei o que eu estava vivendo naquele momento, o que eu vivia. Encontrei acolhimento, porque o padre me escutou, o padre sentiu o que eu estava vivendo. O acolhimento não foi um julgamento que o padre fez de minha pessoa, foi o que eu pude expor, ou seja, no Santuário de <i>Caravaggio</i>, eu encontrei, da parte do padre, o acolhimento. O acolhimento que não é julgamento, é escutar” (AE1, 86 anos).</p>	<p>Acolhimento na escuta</p> <p>No Santuário, encontrar o acolhimento do padre que escuta</p>
<p>“No acolhimento ao peregrino, o primeiro de tudo é o sacramento da reconciliação, da penitência, onde a pessoa pode falar. Se a Igreja tivesse a preocupação maior de anunciar a Palavra... é uma grande coisa, mas ela tem como primeira preocupação não a de ensinar, mas a de ouvir. Antes de fazer um sermão para a pessoa, ela está lá para escutar” (AE1, 86 anos).</p>	<p>O acolhimento ao peregrino no sacramento da reconciliação: ouvir, escutar</p> <p>A Igreja tem a função principal de ouvir, escutar a pessoa</p>
<p>“A aparição de N. Sra. de <i>Caravaggio</i> é uma coisa muito importante! A pessoa, às vezes, não vai lá ‘em busca de’, mas é Nossa Senhora ‘que vai ao encontro de’. Como para Joaneta; ela não pediu a Nossa Senhora ‘me ajuda’, mas Nossa Senhora foi ao encontro de Joaneta” (AE1, 86 anos).</p>	<p>O ensinamento da aparição de N. Sra. em <i>Caravaggio</i> foi a de ir ao encontro de Joaneta</p>
<p>“Hospitalidade da Igreja é uma palavra muito ampla, não é só acolher na porta da igreja, não é só distribuir os folhetos, mas a hospitalidade tem um sentido muito amplo, como acolher bem não só na porta da igreja, mas também na casa paroquial, através da secretária, através das pessoas que estão ao redor do padre também. Não é só o padre que acolhe, é a comunidade também” (AE2, 73 anos).</p>	<p>Hospitalidade da Igreja é o acolhimento por parte das autoridades da Igreja e também da comunidade</p>

(conclusão)

<p>“Acolher bem é evangelizar! É atrair a simpatia da pessoa que às vezes está chegando perto da igreja através do padre, através da secretária, através de alguém que a acolhe bem! Se bem acolhida, ela pode ser uma pessoa que vai, depois, continuar vivendo e participando melhor da comunidade. Acolhida também é através das pastorais sociais, ajudar os mais pobres. Nem todas as paróquias têm este esquema de acolhida dos pobres, não só aqueles que vão na igreja, não só aqueles que vão pedir para batizar, que vão pedir o enterro, que vão pedir sacramentos, mas também as pessoas que às vezes têm vergonha de pedir, mas que são necessitadas, humanamente falando” (AE2, 73 anos).</p>	<p>Acolher é atrair a simpatia da pessoa que está chegando perto da Igreja, através das pessoas que a acolhem bem.</p> <p>Acolher as pessoas que buscam e também aquelas que têm vergonha de pedir, mas que estão necessitadas</p>
<p>“O nosso Santuário é um bonito santuário, tem bastante espaço, mas ainda precisamos fazer muita coisa para acolher bem, porque a festa de <i>Caravaggio</i> acontece em período invernal, ou perto do inverno. E, em geral, é chuva ou é frio que acontece em dias de romaria, de maneira que a acolhida ao peregrino, a parte exterior, porque a parte espiritual me parece que a gente procura atender bem, com as forças que temos na diocese, com os padres que temos. A parte física, a parte externa, a parte humana precisaria melhorar, para que o peregrino, chegando no Santuário, não só no dia da romaria, mas também nos outros dias, possa ter um lugar para poder descansar, evitar ficar no sol, na chuva; que o peregrino não seja obrigado a entrar logo dentro do Santuário” (AE2, 73 anos).</p>	<p>A festa de <i>Caravaggio</i> acontece em período invernal, ou perto do inverno.</p> <p>Acolhimento espiritual, bom atendimento</p> <p>Acolhimento material exige mais investimento em soluções de conforto, para o descanso do peregrino</p>

Fonte: Elaboração da autora (2024).

O Quadro 20 apresenta a síntese da síntese, que caracteriza a hospitalidade exercida na região do Santuário, como referido anteriormente, manifestada na sede do Santuário e em suas sete capelas. A síntese da síntese vai evidenciar as características manifestadas na prática da hospitalidade vivida no local. Na sequência, no Quadro 21, as expressões destacadas definem a primeira categoria.

Quadro 20 – Sínteses das falas associadas à hospitalidade

(continua)

Síntese	Síntese da síntese
<p>História marcada pelos imigrantes italianos Padres sensíveis a esta devoção Capela que se tornou o primeiro Santuário</p>	<p>História dos imigrantes italianos Padres sensíveis à devoção Capela N. Sra. de <i>Caravaggio</i> tornou-se Santuário</p>
<p>Lugar que oferece paz</p>	<p>Santuário: lugar de paz</p>
<p>Comunidade de <i>Caravaggio</i> é formada por poucas famílias As famílias se comprometem no acolhimento aos peregrinos As famílias se envolvem nos diversos serviços do Santuário</p>	<p>Comunidade de <i>Caravaggio</i>: poucas famílias Acolhimento aos peregrinos As famílias e os serviços do Santuário</p>
<p>Capela de ex-votos, desde 1879 Graças alcançadas</p>	<p>Capela de ex-votos, desde 1879 Graças alcançadas</p>
<p>Dedicação gratuita</p>	<p>Dedicação gratuita</p>
<p>Fé e mobilização comunitária gratuita no serviço à Igreja</p>	<p>Fé e gratuidade</p>
<p>A fé fez a comunidade de <i>Caravaggio</i> Ajudar, acolher o peregrino forma vínculo que não se apaga</p>	<p>A fé fez a comunidade de <i>Caravaggio</i> Acolhimento ao peregrino forma vínculo</p>

(continuação)

Solidariedade com quem tem necessidades As pessoas retornam e agradecem Ajuda a tocar o coração	Solidariedade com necessitados As pessoas retornam e agradecem Os peregrinos ajudam a sensibilizar o coração
Comunidade sente-se dona do Santuário, pertencente Famílias à disposição da romaria	Sentimento de pertença ao Santuário Famílias colaboram nas romarias
Pessoas das comunidades ajudam nos diversos serviços do Santuário	Comunidades [capelas] ajudam nos serviços do Santuário
Famílias expressam dedicação ao Santuário Se sentem responsáveis a ajudar no Santuário	Famílias se dedicam ao Santuário Famílias: ajuda no Santuário
Colaboração com viveres, trabalho, dedicação	Gratidão com doação de produtos e serviços
Comunidades de <i>Caravaggio</i> ajudam a manter vínculo com o Santuário	Comunidades [capelas] ajudam no vínculo ao Santuário
Precisamos nos irmanar, nos ajudar	Santuário: lugar de expressão de amor e solidariedade
Caravaggio é o centro [espiritual] da Diocese de Caxias do Sul	Santuário: centro da fé na Diocese
[Despertar para a] vocação da solidariedade Solidariedade contribui para a pessoa ser feliz Emprestar os braços a Jesus, e Maria para interagir na comunidade O peregrino “carrega” a família, a fábrica, o trabalho	Solidariedade Solidariedade e felicidade Fé e devoção promovem a comunidade O peregrino carrega a memória da vida
O voluntário é um instrumento na mão de Deus, que faz a diferença na comunidade	Voluntariado: instrumento de Deus
Os moradores ofertavam sua mão de obra para construir as escolas e cuidar do pátio	Tradição do voluntariado
Os moradores iam fazendo trabalhos de apoio, espontâneos	Tradição do voluntariado
Planejamento é realizado pelo reitor, equipe eclesial do Santuário e diocese, e representantes da comunidade (fábriqueiros) Mais de mil pessoas ajudam com serviços voluntários	Planejamento em equipe Voluntariado expressivo
Os padres eram uma referência de ajuda Famílias com muitas dificuldades e com muitos filhos Ausência de medicina	Liderança dos padres Famílias com poucos recursos Carência da medicina
Ajuda nas romarias: noite inteira cozinhando alimentos, até três dias Escala de serviços organizada pelo Santuário Ajuda gratuita, sem interesse de ganho	Famílias ajudavam nas romarias Santuário organizava escalas de serviços Trabalho voluntário
As capelas ajudam nas festas todos os anos	Capelas ajudam nas festas
Os padres são muito dedicados ao trabalho	Liderança dos padres
Antigamente, os padres exerciam importante liderança além da religiosa: social, política e econômica	Liderança dos padres: religiosa e social
As capelas foram elas que construíram o Santuário Toda a mão de obra era tudo gratuitamente	As capelas foram decisivas na construção do Santuário Serviço voluntário

(continuação)

Padres atendem bem as comunidades atualmente Antigamente, os padres controlavam a vida privada (vestimenta, número de filhos...)	Bom atendimento dos padres Antigamente, os padres controlavam a vida privada
Padres acolhedores Padres atendem no que diz respeito à religião	Padres acolhedores Padres atendem à religião
Descontentamento da separação das capelas da sede (Santuário) A autoridade da Igreja desejava que as capelas de Mato Perso se vinculassem a Otávio Rocha Foram as capelas que mais ajudaram na construção do Santuário	Descontentamento quando da desvinculação das capelas Autoridade da Igreja, na época, não acolheu a vontade das capelas A ajuda das capelas foi a mais significativa, na construção do Santuário
Padre Portolan pedia ajuda importante das famílias para a construção do Santuário Porcentagem da produção da uva, como contribuição cobrada diretamente na venda do produto As famílias concordavam em contribuir	Liderança do padre Portolan mobilizava os moradores Famílias contribuíam com produtos Famílias contribuíam
Todas as capelas ajudavam nos serviços ao Santuário Na construção do Santuário, todas as famílias ajudavam com serviços, além de produtos da terra	Capelas ajudavam o Santuário Famílias contribuíam com produtos e serviços
As sete capelas sempre ajudaram o Santuário	Capelas sempre ajudaram o Santuário
Sentimentos de amor, paz e bem-estar no Santuário	Santuário: lugar de amor, paz e bem-estar
Importância dos padres para liderar e conduzir a espiritualidade religiosa É fundamental o padre liderar para garantir a religião	Liderança dos padres na religião Liderança dos padres na religião
História da construção do Santuário: ajudavam todos em mutirão para construir o Santuário	Santuário: construído em mutirão com ajuda voluntária
O padre Homero Rui Rossi desvinculou as sete capelas do Santuário [1968] Em 2018, as sete capelas foram reintegradas ao Santuário As sete capelas ajudaram o Santuário, desde o início, financeiramente e com trabalho Todos ajudam o Santuário Quando o Santuário necessita, as capelas continuam ajudando	Desvinculação das capelas em 1968 Reintegração das capelas ao Santuário em 2018 Capelas sempre ajudaram o Santuário com produtos e serviços
Importância do papel do líder [leigo] na capela Líder para ser referência aos demais se espelharem Líder para ser referência para as crianças, na continuidade da fé e no serviço à Igreja	Liderança leiga na capela Líder: referência para os demais Líder: referência para a continuidade da fé nas gerações
Os sacerdotes, além das funções religiosas, empenham-se na organização social e econômica dos habitantes	Liderança dos padres
As capelas continuam colaborando em todos os sentidos e se sentem ligadas ao Santuário A comunidade se empenha para que o lugar seja um lugar onde eles também se sintam bem, juntamente com aqueles que vêm de outros lugares, manifestando sua devoção e sua fé	Sentimento de pertença ao Santuário Comunidade se empenha na hospitalidade para a experiência de fé e devoção dos peregrinos
Muito devotos de N. Sra. de <i>Caravaggio</i> Grande incentivo dos padres do Santuário	Devoção à N. Sra. de <i>Caravaggio</i> Liderança dos padres

(continuação)

O padre visitava a cavalo as comunidades Não conseguiam se desligar do Santuário, porque os padres ajudavam muito	Padres visitavam a cavalo Padres atendiam muito bem
Não conseguiam se desligar Devoção à Nossa Senhora	O Santuário atraía os moradores Devoção à N. Sra. de <i>Caravaggio</i>
Escala de serviços das capelas, na ajuda ao Santuário Capelas colaboravam com ajuda: produtos agrícolas, trabalho	Santuário indicava escala de serviços às capelas Capelas ajudam o Santuário com produtos e serviços
Liderança dos padres Incentivo dos padres para a formação de cursos	Liderança dos padres Liderança dos padres e formação
Fé Retribuição/gratidão Ajuda	Fé Retribuição/gratidão Ajuda
Reproduzem o ensinamento dos antepassados: contribuem Os italianos têm a cultura de ajudar a igreja	Gratidão Italianos: cultura de ajudar a Igreja
A liderança dos padres foi muito importante ao longo do tempo O padre era uma pessoa instruída e também representava uma importante instituição: a Igreja O padre é um líder não só religioso, mas também para a vida da comunidade (vida econômica e social)	Liderança dos padres Padre: pessoa instruída e representante da Igreja Padre: líder religioso e também educador da vida social e econômica
A devoção à N. Sra. de <i>Caravaggio</i> unia a diversidade da religiosidade local das capelas	Devoção à Nossa Senhora aglutinava as capelas
As capelas ajudaram o Santuário interruptamente, por devoção, tradição e compromisso	Capelas ajudavam o Santuário por fé, devoção, gratidão e compromisso
Em fevereiro, eles fazem uma festa [a Romaria Votiva], e todas as capelas vão participar e ajudar	Romaria Votiva: capelas participam e ajudam
Incentivo para os grupos ajudarem nos serviços	Participação comunitária
Corais das capelas, nas missas do Santuário Ajudas nas romarias (votiva e de maio)	Participação dos Corais das capelas nas missas do Santuário Capelas ajudam nas romarias
Todas as sete capelas ajudam o Santuário	Capelas: todas ajudam o Santuário
Participação nas festas de outras comunidades: ajuda mútua Ajuda aos membros que estão em dificuldade e necessitam ajuda, incentivo	Ajuda mútua nas festas das capelas Solidariedade entre om membros das capelas
Participação do coral nas missas do Santuário Os santos de devoção locais vieram da Itália	Participação dos corais das capelas, nas missas do Santuário Santos das capelas: devoção vinda da Itália
Sentimento de pertença: os avós e pais ajudaram a construir o Santuário O Santuário é nossa casa Sentimento de pertença e responsabilidade pelo acolhimento e bem-estar dos peregrinos	Sentimento de pertença ao Santuário Santuário: “nossa casa” Sentimento de pertença ao Santuário

(continuação)

A gente sempre é bem recebida no Santuário As pessoas elogiam o atendimento e agradecem O padre nos conhece, vem cumprimentar	Santuário: hospitaleiro Hospitalidade e gratidão Hospitalidade do padre
Ajuda ao Santuário nas romarias e quando necessitam: acolhimento das pessoas e fazer comida	Ajuda ao Santuário: acolhimento aos peregrinos
O Santuário proporciona grande paz	Santuário: lugar de paz
Ajuda aos serviços no Santuário Ajuda mútua nas festas: <i>Caravaggio</i> e capelas Ajuda mútua nas necessidades	Ajuda ao Santuário Ajuda mútua nas festas: <i>Caravaggio</i> e capelas Ajuda mútua nas necessidades
Sentimento de pertencimento ao Santuário Proximidade com Deus e com Nossa Senhora Sentimento de gratidão por ter o Santuário próximo	Sentimento de pertencimento ao Santuário Proximidade com Deus e Nossa Senhora Sentimento de gratidão pela proximidade ao Santuário
Ajuda ao Santuário nas romarias e em escalas de liturgias Sentimento de ser mais abençoado no Santuário	Ajuda ao Santuário Sentimento de gratidão pela proximidade ao Santuário
Ligação familiar entre o Santuário e as sete capelas E entre nós, das sete capelas, acontece um intercâmbio: solidariedade nas festas e nas necessidades Um depende do outro: comunidade sozinha não vive	União entre Santuário e as capelas Entreajuda entre as capelas Solidariedade entre as capelas
Festa das capelinhas momento de maior união entre as sete capelas Rodízio anual de celebração das capelinhas nas sete capelas	Festa das capelinhas: união entre as capelas Planejamento e rodízio nas festas das capelinhas
O padre deve se misturar com o povo Os padres acolhem na porta da igreja; cumprimentam, perguntam quem é e dão boas-vindas O acolhimento faz com que a comunidade se sinta valorizada O acolhimento faz com que adultos e crianças percam o medo do padre	Interação do padre com o povo Padres acolhem na porta da Igreja Acolhimento valoriza e aproxima as pessoas
<i>Caravaggio</i> é uma igreja maior, sentimento de inclusão Os padres são os mesmos que visitam as capelas, sentimento de proximidade	Santuário: Igreja inclusiva Padres se fazem próximos
Festas dos padroeiros nas comunidades que envolvem os jovens nos serviços Esportes que envolvem os jovens com campeonatos	Festas dos padroeiros: engajamento dos jovens Campeonatos esportivos
Boa convivência na comunidade	Boa convivência comunitária
Atividades de lazer: jogar cartas Importante socialização	Atividades de lazer Socialização
O acolhimento na comunidade como ponto forte Pessoas humildes que acolhem bem e as pessoas sempre voltam	Acolhimento na comunidade Humildade atrai pessoas
Ajuda mútua entre capelas, para serviços da comunidade Demonstração de espírito de solidariedade	Entreajuda entre capelas Solidariedade entre capelas
Capelas São Victor e Corona, Santa Juliana e São Tiago são próximas entre si e fazem atividades esportivas em conjunto	Atividades esportivas entre capelas

(continuação)

Comunidade unida e trabalhadora Aos domingos, [capelas] recebem visitantes do centro de Farroupilha	Comunidade unida e trabalhadora Comunidades atraem visitantes
Comunidade hospitaleira: ajuda mútua diante de necessidades	Comunidade hospitaleira e de entreada
Vai-se a <i>Caravaggio</i> muito pela devoção, pela hospitalidade, pela fé Cada um que chega lá sai renovado, sai modificado	Santuário: atrai pela fé, devoção e hospitalidade Santuário: renova a vida
Vocação da solidariedade Voluntário trabalha em equipe Voluntário se solidariza com a necessidade do outro, na espontaneidade	Solidariedade Voluntariado em equipe Solidariedade no voluntariado
Palavra de Deus importante para a hospitalidade	Palavra de Deus gera hospitalidade
Necessidade de ser tremendamente caridoso para expulsar maldades Ajudar que a pessoa se encontrasse com Deus e, a partir disso, ela tivesse uma perseverança verdadeira na sua fé	Caridade expulsa maldades Favorecer o encontro do peregrino com Deus para perseverar na fé
O Evangelho enaltece o “ser hospitaleiro”	Palavra de Deus enaltece a hospitalidade
[No Santuário] oferecer condições para que o povo encontre respostas aquilo que procura	Santuário: lugar para respostas aos anseios
Oferecer condições para a experiência de fé	Santuário: reúne condições para experiência de fé
Hospitalidade é o acolhimento da pessoa que chega, na sua integralidade (angústia, choro, sorriso, desespero, sofrimento...)	Hospitalidade: acolhimento da pessoa que chega em sua integralidade
Acolher a todos, na diversidade Acolher a Deus, na pessoa daquele que chega ao Santuário	Acolhimento a todos Acolher a Deus na pessoa que chega
Somo [acrescento] para o Santuário, mesmo sendo anônimo	O acolhedor é importante para quem chega
Toda a hospitalidade é atender bem a pessoa Na Igreja, hospitalidade é acolhimento A pessoa precisa ser acolhida, ser ouvida. É conduzir a pessoa... é ser um braço que a ajuda	Hospitalidade implica atender bem a pessoa Na Igreja, hospitalidade é acolhimento A pessoa precisa ser acolhida, ser ouvida
Simplicidade arquitetônica e artística do Santuário: só tem Nossa Senhora e Jesus. E as pessoas para acolher, para atender (Nossa Senhora, Jesus, Irmãs, padre)	Simplicidade arquitetônica e artística do Santuário
Quando a gente faz um trabalho de doação, a gente se sente bem Solidariedade com aquele que sofre	Gratidão Solidariedade
Colaboração comunitária As pessoas se sentem acolhidas	Serviço comunitário Acolhimento
Conceito de turismo religioso: existe o turismo religioso em que as pessoas encomendam excursão, sem se preocupar com as estruturas físicas O Santuário ainda está sendo concebido	Turismo religioso Santuário em evolução
Hospitalidade da Igreja e solidariedade	Hospitalidade e solidariedade

(continuação)

<p>Orientação para acolher bem</p> <p>Ricos de pessoas</p> <p>Para o peregrino, o atendente é parte do Santuário</p>	<p>Formação para o acolhimento</p> <p>Riqueza na disponibilidade de pessoas</p> <p>O acolhedor é parte do Santuário</p>
<p>Hospitalidade pelo atendimento espiritual, pelos padres e pelo serviço de acolhimento da comunidade</p> <p>Acolhimento amplo</p> <p>Todos que visitam o Santuário se sentem acolhidos</p>	<p>Hospitalidade espiritual</p> <p>Acolhimento</p> <p>Acolhimento</p>
<p>Ecumenismo, aproximação de outras crenças no Santuário</p> <p>Nossa Senhora se tornou um caminho, um meio para que as pessoas se aproximem da verdade, de Deus</p> <p>Jesus dá sentido às peregrinações</p>	<p>Ecumenismo no Santuário</p> <p>Nossa Senhora: meio de aproximação a Deus</p> <p>Jesus dá sentido às peregrinações</p>
<p>Todos os que vêm ao Santuário, nem todos são católicos</p> <p>Queremos que todos se sintam bem, tenham saúde do corpo, da mente e do espírito</p>	<p>Ecumenismo</p> <p>Hospitalidade</p>
<p>[Santuário] Local privilegiado: agricultores, árvores, plantações</p> <p>Ambiente muito amplo onde as pessoas se sentem bem</p> <p>Contemplação da natureza</p> <p>A zona rural é favorável, sem dúvida nenhuma, à fé e à devoção popular em honra à N. Sra. de <i>Caravaggio</i></p>	<p>Santuário: lugar privilegiado</p> <p>Santuário: lugar de hospitalidade</p> <p>Contemplação da natureza</p> <p>Ruralidade, fé e devoção</p>
<p>Sentir-se bem ajudando o Santuário</p> <p>Trabalhar em conjunto com as famílias</p>	<p>Gratidão</p> <p>Trabalho em comunidade</p>
<p>A hospitalidade se manifesta no espírito religioso, de fé</p> <p>As pessoas se imaginam no lugar do “outro”, daquele que está sofrendo, passando por dificuldade</p> <p>A presença da Igreja Católica foi fundamental. Os primeiros hospitais e asilos</p> <p>Acolhimento das pessoas</p> <p>Hospital Pompéia, Saúde, Orfanato Santa Teresinha, Abrigo de Menores São José. A maioria dos jovens não sabe o que foi o orfanato Santa Teresinha, Hospitais de São Marcos, de Farroupilha, entre outros dos municípios da diocese</p>	<p>Hospitalidade</p> <p>Alteridade: sensibilidade em colocar-se no lugar do outro</p> <p>Igreja: maior referência social no decorrer da História</p> <p>Missão de acolher os necessitados</p> <p>Igreja: responsável pela fundação de instituições sociais</p>
<p>As paróquias atendem famílias necessitadas</p> <p>O padre incentiva a ajuda</p> <p>Essa hospitalidade se deveu também a isto lá neles [padres]</p> <p>O bispo Dom Benedito Zorzi desenvolveu muitas iniciativas: fundação da Universidade (UCS), Hospital e rádio em Torres, dentre outras...</p> <p>Presença da Igreja faz parte da mística cristã; o atendimento aos necessitados</p>	<p>Igreja: atendimento aos necessitados</p> <p>Liderança dos padres</p> <p>Protagonismo de D. Benedito Zorzi na fundação da UCS, hospitais e rádios</p> <p>Igreja: atendimento aos necessitados</p>
<p>Hospitalidade religiosa</p>	<p>Hospitalidade religiosa</p>
<p>Por hospitalidade entende-se ser o que as pessoas ajudam, acolhem e dão um jeito de tratar bem</p>	<p>Hospitalidade: acolher e ajudar</p>
<p>Hospitalidade é receber bem as pessoas</p> <p>Acolher incondicionalmente</p>	<p>Hospitalidade: receber bem</p> <p>Hospitalidade: acolher, incondicionalmente</p>
<p>Hospitalidade: acolher, enxergar, sentir e ouvir a pessoa</p>	<p>Hospitalidade: acolher e ser sensível à necessidade do outro</p>

(continuação)

O padre acolhe na porta do Santuário O padre está no meio dos fiéis Os padres incentivam a participação nas novenas, romarias...	Acolhimento dos padres Padre: se coloca junto aos fiéis Liderança dos padres
Capelas são convidadas a participar nas liturgias (organização da missa, cantos, liturgia)	Capelas: convidadas a participar das liturgias do Santuário
<i>Caravaggio</i> é uma igreja maior, sentimento de inclusão Os padres são os mesmos que visitam as capelas, sentimento de proximidade	Santuário: Igreja inclusiva Padres: se fazem próximos
Restaurante do Santuário: momento de receber as pessoas Primeiras festas votivas: cada comunidade das capelas era responsável por levar comida, inclusive	Serviços no Santuário: socialização Comunidades das capelas: responsáveis pela alimentação com doação
Sentimento de pertença ao Santuário Fé e devoção à Nossa Senhora Transmissão da fé e devoção aos filhos Família de cantores que canta na igreja	Sentimento de pertença ao Santuário Fé e devoção à Nossa Senhora Transmissão da fé e devoção Engajamento da família na Igreja
Hospitalidade é acolher bem	Hospitalidade é acolher bem
Hospitalidade é o acolhimento das pessoas	Hospitalidade é acolher
Hospitalidade é receber a gente bem, sem coisa contra	Hospitalidade é receber bem, incondicionalmente
Na hospitalidade, também olhar para os exemplos deixados que são motivos de orgulho No passado, com recursos mais escassos foram feitas muitas coisas Atualmente, existem mais recursos econômicos	Hospitalidade: herança de exemplos Hospitalidade: história de continuidade Hospitalidade: perpassa o tempo
Hospitalidade é todo o acolhimento à pessoa, para que se sinta bem	Hospitalidade: acolher bem
A Igreja Católica é uma das mais hospitaleiras A Igreja Católica acolhe todo mundo	Igreja Católica: hospitaleira A Igreja Católica acolhe a todos
A gente se sente bem no Santuário Todos dizem a mesma coisa A casa da mãe	Santuário: lugar de bem-estar Santuário: lugar em que todos se sentem bem Santuário: casa materna
Hospitalidade é receber bem as pessoas	Hospitalidade é receber bem as pessoas
Hospitalidade é ser gentil, educado, fraterno com qualquer pessoa que visite ou precise de ti	Hospitalidade é ser gentil, incondicionalmente
Hospitalidade no Santuário: quem visita o Santuário é muito bem recebido	Santuário: lugar de hospitalidade
Os padres recebem as pessoas na porta do Santuário Gentileza dos padres com as pessoas	Hospitalidade dos padres Hospitalidade e gentileza dos padres
Hospitalidade é acolher, receber bem as pessoas	Hospitalidade é acolher, receber bem as pessoas
No Santuário, o padre acolhe na porta Hospitalidade é acolhimento recíproco	Hospitalidade dos padres Hospitalidade é acolhimento recíproco
No Santuário, o padre acolhe na porta Sentimento de bom acolhimento	Hospitalidade dos padres Hospitalidade: sentimento de bom acolhimento

(conclusão)

Hospitalidade é acolher as pessoas, querer bem, respeitar	Hospitalidade é acolher, querer bem e respeitar as pessoas
Os peregrinos são bem acolhidos no Santuário Frequência semanal intensa de peregrinos	Santuário: lugar de acolhimento Presença constante de peregrinos
Hospitalidade dada aos peregrinos, ofertando água, café, uso de banheiros Hospitalidade dada à professora e padres, no atendimento às capelas	Hospitalidade aos peregrinos no trajeto Hospitalidade aos padres em visita às capelas
Bem querer à equipe do Santuário Movimento intenso de peregrinos, nos sábados e domingos	Afeto à equipe de padres do Santuário Presença intensa de peregrinos nos finais de semana
A comunidade é hospitaleira	Ser comunidade é hospitalidade
Hospitalidade é a forma como a gente acolhe as pessoas, é um respeito de acolher, cumprimentar	Hospitalidade é acolher, querer bem e respeitar as pessoas
Ajudavam nas festas de 26 de maio há mais de 35 anos O trabalho era no que fosse necessário [Capelas] a gente vai lá [Santuário] para trabalhar e é bem acolhido	Ajuda permanente ao Santuário Disposição para ajudar no necessário ao Santuário Acolhimento do Santuário
União e respeito entre os membros da comunidade Todos ajudam nos momentos de necessidades (doenças, temporais)	União e respeito mútuo nas comunidades Entreajuda nas dificuldades das comunidades
Hospitalidade é ouvir o que as pessoas desejam e querem comunicar à Igreja As pessoas desejam a compreensão e o acolhimento pela Igreja	Hospitalidade é ouvir o que as pessoas desejam e querem comunicar à Igreja As pessoas desejam a compreensão e o acolhimento pela Igreja
Acolhimento é proporcionar que a pessoa diga o que ela sente, o que espera, o que ela sofre	Acolhimento é proporcionar que a pessoa diga o que ela sente, espera e sofre
Acolhimento na escuta No Santuário, encontrar o acolhimento do padre que escuta	Acolhimento na escuta Acolhimento do padre que escuta
O acolhimento ao peregrino no sacramento da reconciliação: ouvir, escutar A Igreja tem a função principal de ouvir, escutar a pessoa	Acolhimento ao peregrino na confissão Função principal da Igreja: ouvir, escutar a pessoa
O ensinamento da aparição de Nossa Senhora, em <i>Caravaggio</i> foi o de ir ao encontro de Joaneta	N. Sra. de <i>Caravaggio</i> vai ao encontro de Joaneta
Hospitalidade da Igreja é o acolhimento por parte das autoridades da Igreja e também da comunidade	Hospitalidade da Igreja é o acolhimento
Acolher é atrair a simpatia da pessoa que está chegando perto da Igreja, através das pessoas que a acolhem bem Acolher as pessoas que buscam e também aquelas que têm vergonha de pedir, mas que estão necessitadas	Acolher é atrair a simpatia, é receber bem a pessoa Acolher com sensibilidade a todos
A festa de <i>Caravaggio</i> acontece em período invernal, ou perto do inverno. Acolhimento espiritual, bom atendimento Acolhimento material exige mais investimento em soluções de conforto para o descanso do peregrino	Romaria de <i>Caravaggio</i> em maio: período de frio Acolhimento espiritual Acolhimento material ao peregrino: exige investimento para conforto no descanso

Fonte: Elaboração da autora (2024).

Quadro 21 – Síntese das sínteses das falas associadas à hospitalidade

(continua)

Síntese da síntese	Categoria
<p>Santuário: lugar de hospitalidade Santuário: lugar de escuta Santuário: lugar de orientação espiritual Santuário: lugar de acolhimento Santuário: lugar de paz, de amor, de bem-estar Santuário: lugar de ecumenismo Santuário: lugar de expressão de amor e solidariedade Santuário: lugar de respostas aos anseios Santuário: lugar de experiência de fé Santuário: lugar em que todos se sentem bem Santuário: centro da fé da diocese Santuário: atraí pela fé, pela devoção, pela hospitalidade O Santuário é “nossa casa” O Santuário é casa materna O Santuário proporciona renovação espiritual O Santuário atraí os moradores A palavra de Deus gera hospitalidade A hospitalidade do Santuário acolhe a pessoa na integralidade Italianidade: cultura de ajudar Tradição de voluntariado Planejamento em equipe: espírito comunitário Os moradores locais sentem gratidão por terem o Santuário próximo Gratidão por graças alcançadas Solidariedade e felicidade Sentimento de pertença As capelas ajudaram a construir os Santuários (novo e anteriores) e demais estruturas As práticas religiosas geram união entre as capelas e o Santuário As capelas proporcionam estímulo às lideranças nos serviços, na economia e na vida religiosa das próprias capelas e do Santuário As capelas ajudam pela fé, devoção, gratidão e pelo compromisso As liturgias das capelas contribuem, historicamente, formando vínculos entre si e com o Santuário As capelas expressam ajuda mútua e com o Santuário As capelas proporcionaram a socialização As capelas atraem visitantes Hospitalidade é acolher Hospitalidade é acolher bem, querer bem e respeitar a pessoa Hospitalidade é ser gentil, incondicionalmente Hospitalidade perpassa o tempo Hospitalidade é herança de exemplos, tem história de continuidade Hospitalidade expressa a alteridade: as pessoas do local se imaginam no lugar do outro Hospitalidade é ouvir o que as pessoas desejam e querem comunicar à Igreja Hospitalidade: entreaajuda nas dificuldades das comunidades das capelas Hospitalidade: união e respeito mútuo entre os moradores locais Hospitalidade da Igreja é o acolhimento Hospitalidade e acolhimento recíproco Comunidade é hospitalidade Hospitalidade é ser gentil, incondicionalmente Na Igreja, hospitalidade é acolhimento As pessoas desejam compreensão e acolhimento pela Igreja A função principal da Igreja é ouvir, escutar a pessoa A Igreja, historicamente, é fundadora de instituições de ações sociais aos mais necessitados O acolhimento valoriza e aproxima as pessoas O acolhimento favorece o peregrino perseverar na fé</p>	<p>Hospitalidade no Santuário e o Santuário como lugar de hospitalidade</p>

(conclusão)

<p>O acolhimento ao peregrino contribui para a formação de vínculo As pessoas, no Santuário, desejam a compreensão e o acolhimento pela Igreja Acolhimento é proporcionar que a pessoa diga o que ela sente, o que ela espera, o que ela sofre Acolher é atrair a simpatia pelo receber bem a pessoa Acolher com sensibilidade a todos A liderança dos padres: religiosa e educadora da vida social e econômica</p>	
---	--

Fonte: Elaboração da autora (2024).

O Quadro 22 apresenta as bases para a definição da segunda categoria. Trata de identificar a religiosidade popular, que se manifesta na comunidade do Santuário, constituída pela comunidade da sede do Santuário e das comunidades de suas sete capelas. Esse quadro, na primeira coluna apresenta fragmentos de falas dos entrevistados. E, na segunda, constam as sínteses extraídas dessas falas. Em seguida, no Quadro 23 constam as expressões das sínteses. E, no Quadro 24, constam as expressões de maior incidência e que definem a segunda categoria.

Quadro 22 – Falas associadas à religiosidade popular

(continua)

Falas	Síntese
<p>“A história do Santuário foi marcada pelos imigrantes italianos, por alguns padres que souberam ser sensíveis a esta devoção, que apoiaram, incentivaram o povo, seja nos projetos, na construção da capela, o primeiro Santuário. Isso fez com que a construção de uma capela, que se tornou o primeiro Santuário, e que, ainda hoje, reformado, reestruturado, bonito, está ainda lá. E, ainda hoje, muita gente vai lá neste Santuário pequeno, porque é mais recolhido, tem menos movimento e é mais concentrado na devoção à Nossa Senhora” (AE2, 73 anos).</p>	<p>História marcada pelos imigrantes italianos Padres sensíveis a esta devoção Capela que se tornou o primeiro Santuário</p>
<p>“Toda a história [começou com] um quadro que veio lá da Itália. A fé veio de lá [Itália] e continua aqui. Então as pessoas têm fé. É uma coisa muito boa!” (MS5, 45 anos).</p>	<p>A fé veio de lá [Itália] e continua aqui</p>
<p>“O gesto mais bonito, característico de <i>Caravaggio</i> aqui de Farroupilha, é aquela procissão que se forma ao final da missa: o povo que quer subir, fazer a volta onde está Nossa Senhora. Subir, tocar em Nossa Senhora e descer. Este é um gesto característico aqui. É uma tradição que não foi inventada pelos padres. O povo sente necessidade de ir mais perto da estátua de Nossa Senhora. Sobe pela escada que tem, gira ao redor da estátua e toca na estátua” (AE2, 72 anos).</p>	<p>Tradição de tocar em Nossa Senhora</p>
<p>“Os primeiros imigrantes foram se agrupando. Então, o primeiro agrupamento que aconteceu, com maior expressão, foi aqui justamente onde se localiza o Santuário N. Sra. de <i>Caravaggio</i>. O motivo da organização social e religiosa, o primeiro motivo é a fé, que os imigrantes trouxeram da Itália. Em segundo lugar, nós podemos colocar Nossa Senhora. Foi a fé dos primeiros imigrantes italianos, que era a mesma fé, os mesmos ensinamentos, as mesmas verdades que eles trouxeram junto” (AE6, 85 anos).</p>	<p>O primeiro agrupamento de imigrantes A fé que os imigrantes trouxeram da Itália e a devoção à N. Sra. de <i>Caravaggio</i></p>

(continuação)

<p>“Os primeiros imigrantes eram todos católicos. Chegaram aqui e, como eles tinham os costumes de lá, quando vieram, mesmo que fossem jovens, de famílias jovens, eles queriam também aqui continuar vivendo esta fé, embora no meio da mata” (AE6, 85 anos).</p>	<p>Os primeiros imigrantes eram todos católicos</p> <p>Os imigrantes, aqui continuaram vivendo sua fé</p>
<p>“As outras comunidades surgiram, como ligadas ao Santuário N. Sra. de <i>Caravaggio</i>, no tempo em que o Santuário era capela de alvenaria que foi construída em 1890. Já em 1893, se tornou curato, isto é, o padre residia em <i>Caravaggio</i>. E, por isso, as pessoas tinham a oportunidade de entrar em contato com o padre, além de vivenciar a sua fé, também pedir as orientações, seguir os ensinamentos, aprofundar seguindo melhor os ensinamentos da fé católica” (AE6, 85 anos).</p>	<p>Outras comunidades surgiram ligadas ao Santuário</p> <p>A capela-sede se torna curato em 1893, com padre residindo no local</p>
<p>“A devoção à N. Sra. de <i>Caravaggio</i>, uma realidade dos primeiros imigrantes, quando chegaram aqui; não foi um consenso comum, mas em 1879, essa devoção começou a se expandir, a se espalhar além das fronteiras das paróquias. Então, vinham pessoas também de outras localidades, de outras paróquias, de outras cidades, de outras localidades para realmente externar a sua devoção” (AE6, 85 anos).</p>	<p>A devoção à N. Sra. de <i>Caravaggio</i> começou a se expandir em 1879</p> <p>Atraía pessoas de outras localidades por causa da devoção</p>
<p>“Existe uma capela de ex-votos. Agora, parece-me que ela foi transformada, mas lá tinha testemunho de tanta gente, desde 1879, que receberam favores. Doenças, filhos que nasceram problemáticos, depois encontraram as graças, a força... Então é um testemunho lá que se marca ao longo destes séculos” (AE8, 65 anos)</p>	<p>Capela de ex-votos, desde 1879</p> <p>Graças alcançadas</p>
<p>“N. Sra. de <i>Caravaggio</i> é realmente o centro dessa devoção, desse movimento de ir buscar soluções para os problemas, sejam pessoais, familiares, comunitários que surgem na caminhada” (AE6, 85 anos).</p>	<p>N. Sra. de <i>Caravaggio</i> é o centro da devoção</p> <p>Movimento de busca de soluções para os problemas pessoais, familiares, comunitários</p>
<p>“A fé é que fez a comunidade de <i>Caravaggio</i>. A comunidade acabou sendo formada nesse seio de ajudar, de acolher... que quando pedia era atendida. E fica esse vínculo com as pessoas que vêm e rezam. E quando você vê alguém que chega, até praticamente sem força pra chegar e vem e você ajuda, você também está participando, e aí então esse vínculo faz com que não se perca isso” (MS4, 61 anos).</p>	<p>A fé fez a comunidade de <i>Caravaggio</i></p> <p>Ajudar, acolher o peregrino forma vínculo que não se apaga</p>
<p>“E, em 1890, foi inaugurada a igreja velha e aí faziam 12 anos, 13 anos que eles estavam morando aqui. Para ter uma noção assim... o tamanho da igreja com 13 anos, sem ter nada aqui, é porque havia uma fé bastante grande. E aí, a primeira família que se organizou para fazer a capelinha foi a de seu Antônio Franceschet, e aí, junto com ele, se juntou a família Pasa, um irmão do meu <i>bisnono</i>. Começaram a construção da capelinha, um oratório. Aí as outras famílias também se juntaram e ampliaram a capelinha e fizeram uma sala maior, para que pudesse atender essas vinte a trinta famílias que estavam aqui na região. O primeiro nome [para padroeiro/a] que surgiu, como foi ele que deu a ideia, foi Santo Antônio, mas como já tinha Santo Antônio em Bento Gonçalves, na festa não ia ter padre. Aí começou a surgir a discussão de qual santo seria e aí acabaram decidindo por colocar o nome de N. Sra. de <i>Caravaggio</i>. O primeiro nome seria N. Sra. de Loreto, mas não tinha ninguém que tivesse, que eram muito pobres, não tinham nenhuma imagem de N. Sra. de Loreto, nenhuma foto. Então ficaram de quem descesse para São Sebastião do Caí, pra vender ou comprar suprimentos, iria procurar se tinha. Nesse meio tempo, a família do Aldo [Natal Faoro] tinha uma imagem de N. Sra. de</p>	<p>A história da cooperação para erigir a capela</p> <p>Ampliação da capela</p> <p>Devoção: Santo Antônio, N. Sra. de Loreto, mas prevaleceu N. Sra. de <i>Caravaggio</i></p>

(continuação)

<p><i>Caravaggio</i>, que era uma relíquia já de longa data e disse que emprestaria, até que achassem uma imagem para colocar. E aí as crianças se perderam de noite na mata, e não achavam. E fizeram uma promessa para N. Sra. de <i>Caravaggio</i> e encontraram as crianças. Então, passou a ser N. Sra. de <i>Caravaggio</i>” (MS4, 61 anos).</p>	<p>Promessa à Nossa Senhora e encontraram as crianças e então passou a ser N. Sra. de <i>Caravaggio</i></p>
<p>“Momento de muita seca que houve em 1899, e todas as comunidades, de perto e de longe, se organizaram e fizeram uma grande peregrinação pedindo a graça da chuva. Isto fez com que se motivassem e sentissem que a fé e a intervenção de Maria Santíssima [N. Sra. de <i>Caravaggio</i>], junto a seu filho Jesus Cristo e a Deus Pai, é uma realidade que vai acontecendo” (AE6, 85 anos).</p>	<p>Seca de 1899 Mobilização das comunidades em peregrinação pela chuva Graça da chuva alcançada</p>
<p>“Bendito seja Deus se cada um encontrou aquilo que estava procurando na fé e nos valores!” Então, os peregrinos vêm ao encontro. Oferecemos o que nós temos, mas o mais importante é que sobre o amor de quem fica e vá o amor no coração de quem vai. Mais bonita identidade do que essa não existe!” (AE3, 52 anos).</p>	<p>Os peregrinos vêm ao encontro da fé e dos valores Oferecemos o que temos: o mais importante é o amor que fica e que vai</p>
<p>“O Santuário pertence à Igreja, mas ele está à disposição de todos. Então tem pessoas que entendem, tem pessoas que não entendem. Então, quem trabalha lá, muita paciência, e quem vai, saiba também se colocar no seu lugar, não é dono, mas está lá para aprender e aprofundar” (AE3, 52 anos).</p>	<p>O Santuário está à disposição de todos</p>
<p>“O Santuário não é um Santuário que busca arrecadação. Ele busca ser um lugar simples, despojado, um lugar onde as pessoas vêm fazer sua oração e vão-se embora” (AE4, 59 anos).</p>	<p>Busca ser um lugar simples, despojado, onde as pessoas vêm fazer sua oração</p>
<p>“Eu penso que também têm as questões de cada edição das romarias. Elas reforçam, irradiam todo o sentido religioso aqui de nossa região, o deslocamento das pessoas” (AE4, 59 anos).</p>	<p>Romarias reforçam, irradiam sentido religioso da região</p>
<p>“Precisamos nos irmanar, precisamos nos ajudar. E as religiões poderiam colaborar muito para isso (AE4, 59 anos).</p>	<p>Precisamos nos irmanar, nos ajudar</p>
<p>“Quatro momentos importantes na história do Santuário: os imigrantes, a água (chuva milagrosa e a vertente embaixo do Santuário), fé do peregrino que deixa no local os objetos em gratidão às graças alcançadas e o meio eletrônico: as mídias sociais”¹⁰¹ (AE8, 65 anos).</p>	<p>Quatro momentos importantes: imigrantes, água, fé do peregrino e as mídias sociais</p>
<p>“Nossa Senhora sai lá e vai ao encontro de Joaneta Varoli, que era maltratada por aquele carrasco Francesco, Francisco. Ele só se converteu quando aquele bastão se transformou numa rosa, numa flor. Então foi tocado por isso. Então, a gente vê isso com muita esperança, esse Santuário, por aquilo que ele significa na história” (AE8, 65 anos).</p>	<p>Nossa Senhora e Joaneta O Santuário é uma esperança por aquilo que significa na história</p>
<p>“A pessoa que consegue descobrir a vocação da solidariedade, ela, por si só, é uma pessoa feliz, porque a ação que ela pratica, aquilo que ela faz, simplesmente, está emprestando os braços para Maria, está emprestando os braços para Jesus, para interagir na comunidade. Jesus não vem aqui cuidar das romarias, nem Nossa Senhora! Quem cuida da romaria, quem cuida da acolhida são as pessoas. E para fazer o quê? Para trabalhar para o reitor? Não! Tem uma passagem bíblica em que Jesus se perdeu numa peregrinação. E quantas crianças se perdem aqui numa romaria... Jesus,</p>	<p>Vocação da solidariedade Solidariedade contribui para a pessoa ser feliz Emprestar os braços a Jesus, e Maria para interagir na comunidade</p>

¹⁰¹ Na prática, a expressão aqui se refere à midiaticização das informações, relativas ao Santuário e a todo o ecossistema de fé em N. Sra. de *Caravaggio*.

(continuação)

<p>ele acompanha... Eu gosto de olhar a caminhada dos peregrinos: o peregrino carrega a família, carrega a fábrica, carrega o trabalho...” (MS3, 73 anos, 73 anos).</p>	<p>O peregrino carrega a família, a fábrica, o trabalho</p>
<p>“O fato que mais me marca, ou que mais me marcou é quando o pouco que eu participei da história é saber que o Santuário podia ter sido aqui ou acolá e aqui nesta colina havia um descampado. Ainda hoje dá para ver um poço aqui na igreja [dentro do Santuário]. Em cima duma colina havia... era pura rocha..., mas havia uma espécie de banhado quando chovia bastante. E essa umidade não deixava crescer vegetação muito grande. Mato tem ao redor. Então, o Santuário não é a casa, o Santuário não é decreto da Igreja... O Santuário é uma escolha de Nossa Senhora, para se manifestar aqui nessa região. Por isso que, se nós olharmos o silêncio do Santuário, parece que é silêncio, mas olhar no fundo, pulsa aquele amor de mãe! E, se nós sairmos a olhar a praça, ao redor, a vegetação, as casas particulares... por natureza, por ser uma colina, sempre tem um vento sul acentuado. Não tem nada de extraordinário nisso aí, mas se respira projeto de Deus: o silêncio, a calma! E eu sei que existe um projeto para os próximos anos... O que mais marca é que as pessoas, dificilmente os jovens, quando eles chegam aqui no Santuário não dá para medir a força da fé pelos minutos que ficam no Santuário! Muitas vezes saem do Santuário, sentam debaixo das árvores e contemplam aqueles morros! Então, o Santuário, eu defino assim, é um centro de oração, é um centro de contemplação também, mas não aquela contemplação assim sobrenatural. É um centro de contemplação da natureza. Esse ambiente aqui é próprio disso. E como ele aconteceu, há uns cinquenta anos da inauguração do Santuário, ali que está o segredo da solidariedade. Se nós olharmos o Santuário já é um exemplo” (MS3, 73 anos).</p>	<p>O Santuário é uma escolha de Nossa Senhora para se manifestar aqui nessa região</p> <p>[No Santuário] se respira projeto de Deus: o silêncio, a calma</p> <p>O Santuário é um centro de oração, é um centro de contemplação da natureza</p> <p>E, como ele aconteceu há uns cinquenta anos da inauguração do Santuário, ali que está o segredo da solidariedade</p>
<p>“Eu sempre ouvi essa história: os tijolos foram amassados com os pés. Do barro, pisado... e lá pelas tantas, o pessoal se cansou. E alguém propôs: - Quem sabe nós jogamos milho daquele lagoço daquela terra, e os porcos vão pisoteando para ter aquela terra úmida! Os tijolos eram feitos em formas individuais e cozidos. Eu tive a felicidade de ver, quando foi restaurado o Santuário, ver os tijolos na parede. Parecem tijolos que hoje chamam “refratários”, esses tijolos de churrasqueira. São ásperos, bem ásperos, queimados... se alguém tira o reboco... eu sei... meto o dedo onde que está. São grandes, e o nível de esquadro parece uma cerâmica. [As pessoas] vinham, celebravam o culto e, depois do culto, longe daqui, há uns seiscentos metros, era onde eles tinham o barro e aí chamavam... chamam de cordão indiano... passavam o tijolo um a um para trazer aqui. De 1875 a 1890 são poucos anos e construíram o capitel, construíram uma igreja para um pouco maior e construíram o Santuário velho. Então, a questão extraordinária que existe nesse processo é “fazer”. Ninguém viu Nossa Senhora, ninguém viu Jesus, ninguém viu Deus, mas é fazer essa leitura: Maria, Jesus interagirem com os moradores. Esse é o diferencial que se ousa perceber. Isso amplia... Tem muitos relatos por aí a fora, de Caxias, Farroupilha” (MS3, 73 anos).</p>	<p>[As pessoas] vinham, celebravam o culto e, depois do culto, longe daqui, há uns seiscentos metros, era onde eles tinham o barro e aí chamavam de cordão indiano... passavam o tijolo um a um para trazer aqui</p> <p>A questão extraordinária que existe nesse processo é “fazer”</p> <p>Ninguém viu Nossa Senhora, ninguém viu Jesus, ninguém viu Deus, mas é fazer essa leitura: Maria, Jesus interagiram com os moradores</p>
<p>“Todo o ano muda pouco para Deus no tabernáculo. Um tabernáculo igual, um sacrário igual é o peregrino, é aquela pessoa que vem aqui com o coração partido, porque aquela mãe que o filho não quer estudar, aquela mãe que o filho se perdeu nas drogas, no vício, uma série de coisas... ela precisa de alguém que a acolha, que ouça, que seja hospitaleiro com ela. Então, o perigo que nós corremos de sermos formais, “pão-pão”, “queijo-queijo”, isto não é Igreja. Nós estamos... não digo que somos perfeitos, longe disso aí, também não vou contar os pecados, mas, enfim, nós pecamos muito nisso sim. Pecamos muito. Vejo um caminho que salta os olhos: não se pode olhar só aqui dentro do Santuário, temos que olhar em</p>	<p>O peregrino como tabernáculo, com coração partido. Ele precisa de alguém que o acolha, que o ouça, que seja hospitaleiro com ele</p> <p>Preocupação com o futuro e a continuidade dos serviços</p> <p>Falta de sacerdotes</p>

(continuação)

<p>casa, as famílias em primeiro lugar, temos que olhar o colégio das Irmãs semivazio ou com os Irmãos de idade avançada e não tem uma escala de sucessoras. E, se se olha para os seminários, é o mesmo exemplo. Nós temos a idade avançada e avançando a dos padres e aí vamos ficar de braços cruzados e esperar que as coisas passem? Quem vai preencher esse espaço que está se abrindo ali? Esse espaço que está se abrindo, não por culpa dos padres, não por culpa nossa, nem minha, nem tua. Esse vácuo aí está se abrindo por uma questão do mundo social hoje, desse modelo, dessa trajetória que estamos atravessando, a partir do ano dois mil ou antes ainda” (MS3, 73 anos).</p>	<p>Necessidade de formação para os leigos levarem adiante os serviços religiosos</p>
<p>“Nós precisamos ser tocados! A Igreja precisa tocar as pessoas! Se nós não fizermos isso, não somos Igreja! E Jesus nunca disse: ... os bons pra cá?!” (MS3, 73 anos).</p>	<p>Necessidade da experiência religiosa na Igreja</p>
<p>“O planejamento é feito pelo reitor e ele tem uma equipe de fabriqueiros que ajudam durante o ano e para a romaria, a mitra, o bispado eles também ajudam e fazem a programação. Na festa, é aumentado o número de pessoas. São mais de mil pessoas que ajudam entre policiais, pessoas que ajudam na Eucaristia. Aí vêm ministros, não só daqui da localidade, mas de fora também, porque da localidade nem todos atuam [como ministros] na festa. Aí os outros ajudam na parte de fazer comida, ajudar servir, de vender... Há várias tendas para vender objetos religiosos, atender os lanches... Mais os padres, enfim, somando tudo, dá mais de mil pessoas que ajudam na romaria para poder acolher as pessoas que vêm no final de semana da festa” (MS4, 61 anos).</p>	<p>Planejamento é realizado pelo reitor, equipe eclesialística do Santuário e diocese, e representantes da comunidade (fabriqueiros)</p> <p>Mais de mil pessoas ajudam com serviços voluntários</p>
<p>“Um fator a pensar é em relação à religiosidade popular, a piedade popular propriamente dita. Como, quando isso é pensado, por quem isso é pensado? Quem pensa na nossa Igreja, como é que a gente reflete esses aspectos da expressão mais popular da fé? Porque eu acho, assim, que os nossos pobres poderiam estar aqui, mas eles não estão. Precisa ter acesso. Vem quem tem o poder de deslocamento, e isso acho que a gente não pensa, a questão da religiosidade, da piedade popular, da piedade devocional mesmo. Como isso poderia ser refletido, como isso poderia ser atendido, também” (A4, 59 anos).</p>	<p>A religiosidade popular</p> <p>Necessidade de acesso, condições de mobilidade aos mais pobres</p>
<p>“O Santuário começou com três famílias, em frente ao cemitério atual, em 1879, que é considerado o primeiro ano da romaria. Eles construíram uma capelinha de madeira 3 x 4 [m]. E o início, a escolha do padroeiro, da padroeira, não foi tão pacífico, porque alguns indicaram Santo Antônio. Depois, Santo Antônio era o padroeiro lá de Bento, e não podia o padre vir aqui no mesmo dia. Então, alguém sugeriu N. Sra. de Loreto. Então, N. Sra. de Loreto era para ser buscada a imagem, ou o quadro, lá em São Sebastião do Caí, e não encontraram. Então, a família Faoro ofereceu o quadro que está atualmente aqui na frente, da imagem de N. Sra. de <i>Caravaggio</i>. O quadro que era a única imagem que os imigrantes italianos trouxeram de lá, N. Sra. de <i>Caravaggio</i>, serviu para fixar essa devoção. O ponto, esse marco, não foi nem com a aparição extraordinária, foi justamente o quadro oferecido, que depois foi devolvido quando a imagem de N. Sra. de <i>Caravaggio</i>, que atualmente está aqui dentro do Santuário de <i>Caravaggio</i>, foi esculpida em tronco de cedro. As duas imagens, a de Joaneta também, em 1885, que ocupou o lugar e o quadro foi então devolvido para a família. Depois a família doou para o Santuário o quadro que, atualmente, está lá. O fato característico foi justamente a escolha de N. Sra. de <i>Caravaggio</i>, que não foi unânime, mas, quando decidiram, todos a aceitaram como a padroeira aqui de <i>Caravaggio</i>. Chamamos <i>Caravaggio</i>, porque a devoção a ela é que deu o nome ao lugar” (AE6, 85 anos).</p>	<p>O Santuário iniciou com três famílias, em 1879, primeiro ano de romaria</p> <p>O marco da devoção foi um quadrinho oferecido pela família Faoro, trazido da Itália e a decisão foi aceita pela comunidade</p> <p>N. Sra. de Caravaggio deu o nome ao lugar</p>

(continuação)

<p>“A religiosidade aqui é popular, porque ela é manifestada por pessoas cultas, que estudaram muito, se formaram; por pessoas simples, que aprenderam a ler e escrever; por pessoas que procuram realmente viver a sua fé na simplicidade da vida. Então, não é questão de cultura, de ser mais culto ou menos culto, por ter estudado mais ou estudado menos, mas ela é popular, porque ela abrange todos quantos chegam a este Santuário. E nós temos testemunhado, não só agora, mas também no passado, que essa presença dos peregrinos aqui se torna presença diariamente. Nós constatamos essa devoção popular, que se manifesta em honra de N. Sra. de <i>Caravaggio</i>. Porque é bom lembrar também que Nossa Senhora tem muitos títulos. É a humilde serva de Nazaré, aquela que soube dizer sim ao projeto de Deus, quando o anjo lhe comunicou que ela tinha sido escolhida para ser a mãe do Messias, a mãe do Salvador. E por isso é que ela, com esse título aqui [N. Sra. de <i>Caravaggio</i>] ela tornou realmente ser lembrada e, além das fronteiras do estado, e do País, porque ela continua estando no coração e na mente de todas as pessoas” (AE6, 85 anos).</p>	<p>Religiosidade popular manifestada por pessoas cultas e por pessoas simples, que aprenderam a ler e escrever. Não é uma questão de ser mais culto ou menos culto; é popular porque abrange todos os que chegam ao Santuário</p> <p>Com o título de N. Sra. de <i>Caravaggio</i>, ela tornou-se lembrada além de nosso País</p>
<p>“A questão da água, vejam bem. Lá na Itália, quando ela apareceu em 1432, em 26 de maio, para Joaneta Varoli, lá era um prado. E, quando houve dúvidas quanto ao feito da aparição para Joaneta, lá surgiu, naquele prado, a fonte de água. E tal isso é verdade que lá na Itália é chamada de Nossa Senhora da Fonte. Significa que a água tem relação nesse sentido. E, então, aquela fonte... um descrente chegou lá e então ele disse: - Se Nossa Senhora apareceu mesmo aqui... pegou um ramo seco de um tronco de árvore e aquele ramo começou a reverdecer, a tomar vida, a florescer. Por isso que N. Sra. de <i>Caravaggio</i> tem entre ela e Joaneta um ramo de flores, ou uma folhagem, para lembrar esse fato. Mas, é a fonte de Nossa Senhora, porque lá ela é invocada como N. Sra. da Fonte, lá em <i>Caravaggio</i> [na Itália]. Por isso aqui, claro, aqui não tem nenhum fato [de aparição]. Tem aquele fato que aconteceu em 1899, aquela grande seca, que pediram proteção [à Santa] em procissão, em romaria. Vieram pedir, e quando terminou a missa começou a chover. Veio a chuva. Então, o voto de celebrar este dia, ou este fato todos os anos, é chamando de Romaria Votiva, mas está relacionada à chuva, à água” (AE6, 85 anos).</p>	<p>A questão da água:</p> <p>Na Itália, a Santa é conhecida como N. Sra. da Fonte, porque surgiu uma fonte no local em que ela pisou</p> <p>Ramo seco se tornou verde e floriu</p> <p>Aqui, em 1899, após longa seca, choveu no dia em que fizeram romaria para pedir chuva</p> <p>Romaria votiva</p>
<p>“Aqui em Mato Perso, é uma região que foi chamada de Mato Perso, mato perdido, mas porque estava num canto de Flores da Cunha [Caxias do Sul, antes da emancipação]. E foram trabalhando com bastante vontade de trabalho. Tinha lugares difíceis aqui pra viver. E a gente sempre fez uma maneira de ser muito cristã, de ser bastante devota” (MCSJu1, 78 anos).</p>	<p>Mato Perso, mato perdido, tinha lugares difíceis para se viver</p> <p>Maneira cristã de viver</p>
<p>“Aqui são todos católicos. São gente que sempre viveram de uma maneira muito cristã. No Santuário de <i>Caravaggio</i>, praticamente, eram assim porque eles estavam mais juntos. Nós, embora um pouco mais distanciados, por causa da distância, porque eu me lembro, por exemplo, de meu pai, ele sempre ia a cavalo. Uma vez por mês a cavalo ia na missa no Santuário de N. Sra. de <i>Caravaggio</i>. Eram várias pessoas que iam fazer isso aí” (MCSJu1, 78 anos).</p>	<p>Todos são católicos</p> <p>Vivência cristã</p> <p>Ia à missa a cavalo, em <i>Caravaggio</i></p>
<p>“A romaria de fevereiro [votiva] iniciou por causa da seca. Foi uma grande seca. E foram a <i>Caravaggio</i> a pé. Todo mundo foi a pé, pedindo a graça da chuva. Foram de manhã e, na metade da tarde, deu uma torrente de chuva forte. E todas as comunidades que eu conheço aqui de Mato Perso, e outras também, sempre faziam isso aí. E, depois, teve continuidade, porque eles sentiram que deu certo, eu acho. Iam pedir a graça de Nossa Senhora. E nós precisamos agradecer à N. Sra. de <i>Caravaggio</i>. A gente tem tanta confiança que consegue resolver. Agora, não é só pedir a graça... Quando eu resolvo meu problema, eu tenho que agradecer. Tem que pedir a graça, mas é bom agradecer” (MCSJu1, 78 anos).</p>	<p>Romaria Votiva iniciou por uma grande seca</p> <p>Todos foram a pé, pedindo chuva à Nossa Senhora</p> <p>Teve continuidade por causa da graça alcançada</p> <p>Pedir e agradecer a graça</p>

(continuação)

<p>A Romaria Votiva é feita pelos produtores rurais, que vão de trator, vão de máquinas [agrícolas] (MCSJu1, 78 anos).</p>	<p>Continuidade da Romaria Votiva, com os produtores rurais com suas máquinas agrícolas</p>
<p>“Decidiram por N. Sra. de <i>Caravaggio</i>, naquele pequeno capitel. Aí começou a reunir bastante gente, rezar... Depois do capitelzinho foi construída uma igreja um pouco maior. Depois, o santuário velho que está lá, e depois o santuário novo. Por causa que foi sempre mais gente... sempre mutirão de gente. E o Santuário novo quem construiu... que teve a ideia de construir... foi o falecido padre Teodoro Portolan. E aí, ele conseguiu... começou lutando e pedindo para que as sete capelas apoiassem ele e para poder fazer a construção do Santuário. E aqui, as sete capelas, além do Santuário lá em <i>Caravaggio</i>... Uma vez era uma capela, outra semana era outra capela, e ia o pessoal trabalhar lá. Pegavam areia do rio aqui em baixo, levavam pra cima com as carroças. Porque eu fui pesquisar, as pessoas que agora já faleceram – Seu Alírio Balbinot, o Francisco Mussoi, o Júlio Conte... – que foram lá trabalhar, junto com os pais deles. Iam com as carroças... fechar as rodas... Puxava a mula... Eles eram crianças [naquela época] e assim contaram. E aí construíram o Santuário novo [1946-1963], por causa que era muita gente que se aglomerava lá e não tinha lugar... Em maio... não tinha lugar para abrigar todas as pessoas” (MCSJu2, 69 anos).</p>	<p>Evolução das construções: capitelzinho, igreja um pouco maior, depois o Santuário velho e, por fim, o Santuário atual</p> <p>Sempre mais gente afluía ao Santuário</p> <p>Padre Teodoro Portolan idealizou e reuniu esforços para construir o novo Santuário [1946-1963]</p> <p>Padre Portolan incentivava as famílias das sete capelas a colaborarem, com doções e serviços para a construção</p> <p>Transportavam a areia do rio com carroças</p>
<p>“O primeiro capitel lá em <i>Caravaggio</i>. Foi o de N. Sra. de <i>Caravaggio</i>. Depois, o pessoal, conforme se formando, se aglomerando, aí construíam a sua capelinha. Mas aí, então, as sete capelas pertencem à Paróquia N. Sra. de <i>Caravaggio</i>, porque não pode ter uma capela sem ter a paróquia. <i>Caravaggio</i> sempre foi a capela-mãe. E tinha Nossa Senhora Assunta ao Céu, que agora pertence à paróquia de São Marcos, que também pertencia à N. Sra. de <i>Caravaggio</i>, mas aí como que era grande o número de capelas para o Santuário, dividiram e passaram para [a paróquia] São Marcos” (MCSJu2, 69 anos).</p>	<p>O primeiro capitel do lugar foi o de N. Sra. de <i>Caravaggio</i></p> <p>Mais tarde, foram se formando os demais</p> <p><i>Caravaggio</i> sempre foi a capela-mãe</p> <p>Algumas capelas se desmembraram e ficaram pertencendo a uma nova paróquia</p>
<p>“Eu já tive muitas dificuldades na minha vida, já tive muitos problemas de saúde com o marido, e Ele [Deus] nunca me abandonou. E agora, um exemplo que tenho, que Deus também não está me abandonando e Nossa Senhora também. Porque eu tô aqui eu e Deus. Meus filhos vêm no fim de semana, mas eu tô aqui. Eu faço artesanato, quando me sinto sozinha, trabalho na agricultura, mas a fé em Nossa Senhora e a fé em Deus nunca vou perder. Eu sempre peço! E todo mundo... se tu tens um credo, uma fé, tu consegues sobreviver, tu vês as dificuldades não tão ruins, tu consegues te libertar melhor, tu consegues fazer as coisas melhores com o que a gente precisa fazer. Se tu começa a não ter mais fé, o barco afunda. Tu não consegues navegar. Deus disse pra São Pedro: - Homem de pouca fé. E aquela pessoa que foi lá mexer na veste de Deus, de Jesus... Ela estava lá doente e foi mexer [na veste de Jesus]. E Ele sentiu aquela força, quando ela tocou a veste: a fé dela. Então é a fé que tem que ter. Se tu não tens fé, vem chuva de pedra, vem vendaval a gente abala, mas não desanima, não pode desanimar, porque amanhã o sol vai brilhar de novo. E é assim que eu penso” (MCSJu2, 69 anos).</p>	<p>Deus e Nossa Senhora nunca abandonam os que creem</p> <p>Se tu tens um credo, uma fé, tu consegues sobreviver, tu vês as dificuldades não tão ruins, tu consegues te libertar melhor, tu consegues fazer as coisas melhores</p> <p>A fé é um alicerce que fortalece diante das dificuldades, evita o desânimo</p>
<p>“A primeira romaria votiva que eles fizeram, meu falecido avô participou. Ele era recém-casado. Ele morava em Vila Jansen. E era seis meses de seca, não tinha mais água pra beber. Tinha que descer lá pra baixo no rio pegar água pra levar pro gado. E foram a pé. Ele faleceu com 95 anos. Mas, ele chorava quando contava. Ele dizia: nós fomos pra lá com seco, seco, seco. E voltamos pisando barro. Depois, no dia seguinte, eles foram nas terras próximo ao rio das Antas. E plantaram o milho. E ainda</p>	<p>Primeira Romaria Votiva</p> <p>Seis meses de seca</p> <p>O avô, que esteve nessa romaria, chorava quando contava</p>

(continuação)

<p>colheram o milho [naquela safra] para fazer a polenta. Então, quando ele contava, ele chorava. Porque eles tinham os filhos: treze vivos, mas em todos, eram dezenove. Não era um. Faziam a dieta da falecida vó com pinhão e caldo de papagaio. Não tinha outra coisa de comer. O pinhão, secava no sol e guardavam. Não tinha... não chovia... não dava pra plantar. Tinha a vó que tava de dieta e não tinha galinha. Ela veio pra cá da Itália com onze anos. Não era sempre, todo o dia, que faziam aquele <i>brodo</i>” (MCSJu2, 69 anos).</p>	<p>Dieta da falecida vó com pinhão e caldo de papagaio, pois não tinha galinha</p> <p>O pinhão secava no sol e guardavam</p>
<p>“Aí ele me pediu pra ir numa reunião pra nós organizar uma festa votiva melhor. Ia pra lá o pessoal a pé ou de caminhão. Quando foi feita essa organização aqui dos tratores, aí na reunião, o Odir Crócoli disse assim: - Eu gostaria de ajuntar máquinas agrícolas. Que tal pedir a proteção?</p> <p>Era o padre Volmir Comparini o reitor na época. Aí foi uns anos que foi sempre 50, 60, 100 tratores. Chega um ano, e ele disse: - Nós temos que juntar mais. E tu, lá em Mato Perso, tem a fábrica dos carretos, dos <i>tuc tuc</i>. Faz pouco tempo que ele [o fundador da fábrica de carretos] faleceu, e eu vou pedir pra família me apoiar, se eles querem me apoiar. E nós vamos prestar uma homenagem a ele que recém-faleceu. Nós vamos reunir todos os carretos que construiu e pedir para o pessoal que comprou os carretos virem a <i>Caravaggio</i> com os carretos.</p> <p>E aí foi feito” (MCSJu2, 69 anos).</p>	<p>Modernização da Romaria Votiva</p> <p>Além dos tratores, juntar mais máquinas agrícolas</p> <p>Fábrica de carretos <i>tuc tuc</i></p> <p>Homenagear a família do fundador dos carretos</p> <p>Convite a todos os que compraram os carretos a participarem da Romaria Votiva</p>
<p>“Eu vou com meu carroto e a cesta de pães e distribuo pãezinhos. Todo mundo que vai lá [das capelas] entrega uma caixa de uva, ou uma moranga, ou espigas de milho, ou alho ou frutas, tudo né? Então, eu pensei em levar uma cesta. [Depois] eles dão para as casas de atendimento de pessoas” (MCSJu2, 69 anos).</p>	<p>Carreto e cesta de pães para distribuir/doação</p> <p>Frutos da terra levados na Romaria Votiva e, após, doados a casas assistenciais</p>
<p>“Quando os imigrantes chegam aqui nessa região, no início eles têm uma desilusão muito grande, porque foi prometido para eles que aqui era uma terra que dava tudo. Tem até uma piada por aí que dizia que, na América, até as árvores fazem salame. Então, havia uma coisa muito grande. E o pessoal sofria lá e veio para cá... e quando chegou aqui encontraram uma terra, acamparam junto nos acampamentos de imigrantes, ficaram uma semana ali e, dentro dessa semana, mostraram as terras para eles. E, depois que escolheram as terras... E eles escolheram as terras a partir... quanto mais longe, era mais barato” (AE9, 80 anos).</p>	<p>História da imigração no local</p> <p>Promessas do governo não foram cumpridas</p> <p>As terras mais distantes (isoladas) eram mais baratas</p>
<p>“Eles foram tanto abandonados pelo governo italiano, abandonados pelos empresários que os trouxeram para cá, que ganhavam na viagem, e de certa forma o governo brasileiro... não deu as terras. Essa história de que ganharam as terras é uma grande mentira. Todo mundo pagou suas terras. Mas o que eu quero dizer é que eles foram jogados aí, em um determinado lugar, isolados. Então, não tem apoio de um, não tem apoio de outro, só do céu. Então aí, aquelas tradições religiosas que eles tinham lá na Itália, por exemplo, a récita do rosário: era o terço. Uma das coisas que vai dar origem a todas essas comunidades, eu diria que foi, como eles não têm a missa, porque não tem padre, ou porque é muito longe, ou também eles não têm uma roupa para vestir para ir, porque são muito pobres, eles se reúnem numa casa para rezar um rosário. De repente, essa casa vai virando um lugar de encontro da comunidade. Ali botam uma imagem. Vira um capitel. E, quando eu vou perceber, esse capitel, aos poucos, vai crescendo e vira uma igreja, uma comunidade. Então, eu diria que <i>Caravaggio</i> começa assim. E as capelas do interior de <i>Caravaggio</i> de certa forma foi a mesma coisa. É muito longe para ir lá no Santuário, então vamos tentar fazer o nosso lugar aqui. E começam as capelinhas ali nesse lugar, eu diria, com uma identidade religiosa” (AE9, 80 anos).</p>	<p>História da imigração - abandonados pelo governo italiano, pelos empresários que os trouxeram e, de certa forma, pelo governo brasileiro</p> <p>Todos pagaram por suas terras</p> <p>Foram jogados num lugar isolado</p> <p>Apoio só do céu</p> <p>Eram pobres. Faltavam, também, roupas para participarem num grupo maior</p> <p>Grande distância do Santuário</p> <p>Origem das capelas: récita do terço em família, que depois origina um capitel, depois uma capela</p>

(continuação)

<p>“[<i>Caravaggio</i>] foi o primeiro local que cresceu em torno de sua capela, de sua igreja. Eu acho que marcou muito, foi aquele acontecimento no final do século passado [XIX], que aqui na região havia uma seca muito forte e eles então... nem o governo da Itália está para atender, nem o governo do Brasil, então apela para o céu e fazem uma procissão. Saem com o tempo seco e voltam com chuva. Essa chuva foi vista como presença do céu nesse lugar. E aí começam afluência, graças, milagres. Atrás do Santuário, tem uma casa que tem os objetos das pessoas que levam lá: bengalas, essas coisas. É impressionante ver tudo aquilo. Então, esse fato vai fazer com que essa seja uma igreja diferente, não apenas uma igreja como as outras” (AE9, 80 anos).</p>	<p>Milagre da chuva [1899] marcou o lugar</p> <p>Presença do céu: afluência, graças e milagres</p> <p>Objetos que as pessoas levam ao Santuário, em gratidão às graças e aos milagres alcançados</p> <p>Demonstrações dos ex-votos mostram que é uma igreja diferente das outras: um Santuário</p>
<p>“Eles [imigrantes] trouxeram de lá dos lugares os nomes dos santos. E depois, uma decepção muito grande tiveram aqui. Quando o governo percebeu que estava se formando um espírito muito italiano, ele mandou trocar de nome. Por exemplo, Flores da Cunha era Nova Trento. Nada de Nova Trento, Flores da Cunha! Lá em Garibaldi, era outro nome e colocaram Garibaldi. Farroupilha era Nova Vicenza. Nada de Nova Vicenza, Farroupilha! Lá embaixo, eles colocaram Nova Milano. Aí trocaram. Tiraram Nova Milano e colocaram Emboaba. Depois, não sei porque cargas de água, voltou a ser Nova Milano. Aqui em Caxias, aí em São Pelegrino, tem a Avenida Itália. Hoje, ela é avenida Itália, mas os imigrantes, os italianos, a colocaram Avenida Itália. [O presidente] Getúlio, durante a guerra, o Brasil estava em guerra com aqueles lá, botou Avenida Brasil. Depois voltou a ser Avenida Itália. Lá em São Marcos, todas as linhas lá tinham nome vindo da Itália: trocaram tudo. Linha Marechal Floriano, Linha Riachuelo..., para botar o sentimento de brasilidade” (AE9, 80 anos).</p>	<p>Trouxeram de lá o nome dos santos</p> <p>Troca de nomes italianos, por nomes brasileiros</p>
<p>“O milagre é um fato extraordinário, que de uma hora para outra, acontece e não tem nenhuma explicação científica. Então, aqui em <i>Caravaggio</i> acontece isso, esse aspecto extraordinário que não tem explicação. Tu vais ver aquele lugar onde tem os ex-votos. Eu fiquei impressionado. Tu vê lá desde maca, cavalete... É impressionante! Não sei como uma pessoa pode não acreditar que Deus pode agir sobre isso. Que uma, duas, ou três pessoas deixem lá alguma coisa, mas milhares? Tem alguma coisa lá” (AE9, 80 anos).</p>	<p>O milagre é um fato extraordinário, não tem nenhuma explicação científica</p> <p>Em <i>Caravaggio</i>, acontece isso, esse aspecto extraordinário</p>
<p>“O Santuário teve papel fundamental de aglutinar as pessoas, como tem hoje também. Eu me lembro de quando era criança, que não tinha essa estrada que vai à Farroupilha, tinha uma outra entrada... A gente ia em cima de um caminhão. Tinha tábuas, sentava. Saía de Galópolis de manhã cedo, ia para o Santuário... poeira... de vez em quando chuva... e a gente ia lá para o Santuário, porque... interessante, ainda não tinha nem a Rádio Miriam, ela é de 1956 e o Santuário é do século passado. Tinha a Rádio Caxias, que foi a primeira rádio aqui da região e que foi criada em 1946. Eu me lembro que eles iam para o Santuário e faziam as transmissões da novena por telefone. Por telefone ou não sei outra forma. Depois, a Rádio Miriam deu um empenho muito grande. Hoje, praticamente, a Rádio Miriam ela está voltada para o Santuário. Ela tem uns quantos programas por dia, tem terço, missas, reflexões. Até eu tenho um programa! Tenho um comentário na Rádio Miriam há vinte anos. A Rádio Miriam tem desempenhado um papel muito grande, e também eu diria que o próprio bispo, D. Benedito, ele ajudou a tal ponto que, quando ele se aposentou onde é que ele foi? Foi lá para o Santuário de <i>Caravaggio</i>. Morreu lá. Agora, outro bispo, Dom Alessandro Ruffinoni, aonde é que ele está? Está lá no Santuário de <i>Caravaggio</i>. O Santuário impregna não só o povo, mas os bispos, padres... Acho que é uma coisa que só Deus sabe explicar” (AE9, 80 anos).</p>	<p>O Santuário teve papel fundamental de aglutinar as pessoas, como tem hoje também</p> <p>Rádio Caxias (1946) fazia transmissão por telefone e pela Rádio Miriam (1956)</p> <p>A Rádio Miriam desempenhou papel importante para o Santuário</p> <p>O bispo D. Benedito Zorzi foi muito importante para o Santuário</p>

(continuação)

<p>“A história da territorialidade municipal, eles nem tão aí. Porque mesmo, por exemplo, eu te pergunto: como é que Mato Perso [Santa Juliana] ou São Tiago estão dentro do território de Flores da Cunha... correr lá para Flores da Cunha é muito mais longe que ao Santuário. Então, há o problema de uma distância! E da mesma forma, tu pegas aqui Farroupilha, tem ali São José, N. Sra. das Dores, Todos os Santos e Monte Bérico, que estão mais próximas ao Santuário. Têm três ligadas a Flores da Cunha e quatro estão ligadas a Farroupilha. Mas eu não senti nada desta divisão territorial. O que valia era a capela e o Santuário lá em cima do morro. Com o município, eram problemas mais com impostos, essas coisas. E no aspecto religioso, não interferia se era Farroupilha ou Caxias. Eu acho que mais é a devoção. Uma capela que não tem saída é a de São Victor e Corona. Chega lá em São Victor e Corona não tem saída. Mas, em Mato Perso [Santa Juliana], tem caminho que vai a Flores da Cunha. Tem que descer lá, atravessa o rio Tega, sobe o morro, sai aqui em Otávio Rocha e vai para Flores da Cunha (AE9, 80 anos).</p>	<p>Territorialidade: o que influencia é a ligação com o Santuário</p> <p>A devoção influencia na territorialidade</p>
<p>“Hoje quem mais vai ao Santuário é do Município de Caxias do Sul, a tal ponto que asfaltaram a estrada que vai para lá. A própria municipalidade se sentiu na obrigação. O que vai de gente de Caxias para lá! Então não foi o aspecto agrícola: a própria religiosidade, a devoção, os milagres, as coisas que aconteceram lá, e mesmo a tradição” (AE9, 80 anos).</p>	<p>Peregrinos no Santuário: maior número é de Caxias do Sul</p> <p>Religiosidade, devoção, milagres e tradição move os peregrinos</p>
<p>“A origem da Romaria Votiva é exatamente aquela chuva de fevereiro [1899]. É em função da chuva de fevereiro. E ali é feita uma solenidade especial e, inclusive, com exposição de produtos agrícolas. É uma festividade que as capelas participam, mas também participa o pessoal ali de <i>Caravaggio</i>. Participam com tratores, máquinas agrícolas, exposição de frutas da época: uvas, pêssegos. Mas por quê? Em função daquela procissão da grande chuva do passado. É praticamente em <i>Caravaggio</i> esta festividade de fevereiro e depois aquela de maio. Praticamente, é o fortalecimento e a solidificação da devoção” (AE9, 80 anos).</p>	<p>Romaria Votiva: a origem foi a chuva de fevereiro [1899]</p> <p>Celebração com a participação de maquinário agrícola e doação de produtos agrícolas</p> <p>Fortalecimento da devoção</p>
<p>“<i>Caravaggio</i>, tem aqui dois milhões e meio, mais ou menos, de pessoas que visitam o Santuário, por ano, sem pandemia. Com a pandemia, caiu” (AE9, 80 anos).</p>	<p>Santuário de <i>Caravaggio</i>: dois milhões e meio de visitas anuais antes da pandemia</p>
<p>“Todas as capelas ajudaram a construir o Santuário. Eu sei porque eu estava sempre lá. Ali na entrada da Igreja tinha pedras de dois metros de altura. Rocha pura, pura e foi detonado. Eu trabalhava de dia no Santuário e de noite [com o equipamento] para furar. E, quando era meia-noite, então, a gente parava. Éramos em quatro ou cinco. Colocavam a dinamite, a espoleta. E eu detonava com a eletricidade. E tinha que dar três gritos: Olha o fogo! Fogo! E, na terceira: Olha o fogo! O pessoal das capelas veio ajudar a levar embora as pedras dessa rua aqui [em frente à residência atual]. Até dois a três metros de altura eram as pedras. Vieram fazer a escavação para o alicerce e, depois, levantar as paredes do Santuário. E surgiu isso: a água. [A água] não abaixava. Um só puxando fora água não abaixava. Para cada barrica, iam mais que três tonéis de água. E não abaixava. Fez três meses de seca e a água não abaixava. Depois revestiram o poço. A água para construir o Santuário foi praticamente toda ela tirada desse poço que surgiu. Pensa em toda a água que foi consumida no Santuário, e a água nunca abaixava. Agora a água está benta” (MS1, 94 anos).</p>	<p>Todas as sete capelas ajudaram a construir o Santuário</p> <p>Em meio à rocha pura, onde ia ser construído o Santuário, surgiu fonte de água</p> <p>A água para construir o Santuário foi praticamente toda ela tirada do poço que surgiu</p>
<p>“O padre Portolan, que era aquele que fez o Santuário, às vezes se apertava em pagar funcionários, ferro, cimento... Ele ia em frente de Nossa Senhora, na igreja velha, e rezava. Pedia à Nossa Senhora que mandasse vir gente visitar. Vinham e davam uma gorjeta grande e aí ele tinha dinheiro para pagar tudo. Ele chorava às vezes” (MS1, 94 anos).</p>	<p>Esforços do padre Portolan para reunir recursos para construir o Santuário</p> <p>A ajuda de Nossa Senhora</p>

(continuação)

<p>“Acho que, se fosse de outra nacionalidade, não teriam a mesma força da devoção. Eu acho que não” (MS1, 94 anos).</p>	<p>Outra nacionalidade não teria a mesma devoção</p>
<p>“É que N. Sra. de <i>Caravaggio</i> é uma devoção italiana, e o maior povo é italiano. Eles têm a devoção a ela. Lá tem que ir mexê-la [tocá-la] e agradecerê-la” (MCSJu3, 68 anos).</p>	<p>N. Sra. de <i>Caravaggio</i> é uma devoção italiana Fiéis, na maioria, são de origem italiana</p>
<p>“Acredito que o catolicismo está mais ligado à raça italiana. Os outros povos não têm tanto o culto aos santos, à Nossa Senhora. E os imigrantes trouxeram esta devoção à N. Sra. de <i>Caravaggio</i>, e aqui então construíram o Santuário e cultivaram essa devoção à Nossa Senhora. E por ser uma região rural e até pelo isolamento, a distância da cidade, aos domingos, o encontro na capela com missa... quando não tinha missa, tinha novena, tinha terço. Tudo isso contribuiu para fortalecer a fé e a devoção. Então, era uma forma de se encontrar, de se socializarem. Hoje, já não é tanto assim, mas, antigamente, era uma forma de encontro” (MCSJu4, 56 anos).</p>	<p>Catolicismo está mais ligado à raça italiana Os imigrantes trouxeram esta devoção à N. Sra. de <i>Caravaggio</i> Região rural, isolamento, distância contribuíram para a fé e a devoção</p>
<p>“Os padres eram muito valorizados. Eles eram o centro da religião, da religiosidade. O que o padre trazia era uma novidade. E era uma coisa que tinha que ser seguido à risca. Não tinha muita opção. Hoje, o padre é importante, sim, mas parece que não é tanto como era antigamente, que qualquer dúvida, iam falar com o padre” (MCSJu4, 56 anos).</p>	<p>Importância da liderança dos padres Os padres eram centro da religião Padres traziam a novidade</p>
<p>“Se fosse outro grupo étnico, eu acho que não teria o mesmo sentimento devocional, porque foram os italianos que trouxeram essa devoção, com as imagens. E os nossos santos, aqui das capelas, também vieram da Itália, como a Nossa Senhora. É uma devoção nossa, do imigrante italiano, como já existia na Itália com os antigos. Eles trouxeram essa devoção e que foi mantida, e que originou a construção do Santuário” (MCSVC1, 49 anos)</p>	<p>Foram os italianos que trouxeram essa devoção, com as imagens Os italianos trouxeram a devoção e foi mantida e originou o Santuário</p>
<p>“O padre é um profissional que tem toda uma instrução, tem o conhecimento, foi fundamental para guiar os primeiros passos e tudo o mais. Hoje a gente tem com o padre uma conversa de igual para igual, mas se respeita sempre a opinião dele, até porque ele é o representante de Jesus, da fé, da crença. E ele faz parte de momentos mais significativos das pessoas, desde o nascimento, no batismo, Primeira Comunhão e Crisma... Mas acho que a morte, que é um momento que tu estás te despedindo de alguém que tu amaste, ou que faz parte da tua vida, a figura do padre ali é fundamental, porque ele traz uma palavra de consolo, de espiritualidade, de crença e de confiança de que aquela pessoa está indo, mas que ela está viva e está indo para um lugar melhor. Enfim, que é o que dá sentido para a nossa vida. E os padres têm essa função de agregar e de manter viva essa esperança de que não existe só o aqui, o material, e que o espírito é vida que vai transcender, que ele vai para outro lugar. Isso é fundamental. Quem acredita, quem tem fé, confia. E acho que ele é o transmissor desta confiança para a gente. A figura do padre é fundamental” (MCSVC1, 49 anos).</p>	<p>O padre foi figura importante para a instrução e o conforto dos moradores O padre faz parte dos momentos mais significativos da vida: nascimento, sacramentos, morte Os padres têm função de agregar e manter viva a esperança da vida e da transcendência</p>
<p>“As capelas, foram elas que construíram o Santuário. Aqui de São Victor, quanto a gente trabalhou! Não tinha nada quase. Construímos a igreja, o salão, campo de futebol. A parte do futebol precisava tudo. Não tinha banheiro, não tinha nada. Naquela época, não foi fácil. Toda a mão de obra era tudo gratuitamente. Trabalhar para ver crescer. Precisava. É bom ter uma boa capela, uma boa comunidade. As capelas sempre ajudaram” (MCSVC2, 84 anos).</p>	<p>As capelas, foram elas que construíram o Santuário Toda a mão de obra era tudo gratuitamente</p>

(continuação)

<p>“Veja bem, na separação [das capelas em relação ao Santuário], eles queriam que nós aqui participássemos lá em Flores da Cunha, na paróquia de Otávio Rocha. Mas nós estamos mais perto do Santuário de Farroupilha. O caminho, para nós aqui, é Farroupilha, Caxias. Queriam nos mandar para lá. Então eu falei lá para o padre tudo o que a gente juntou lá, construiu o Santuário de Caravaggio, colaborou, suou... E agora nos mandar...? Ele me disse: - Não adianta. Nós também somos mandados” (MCSVC2, 84 anos).</p>	<p>Na separação [das capelas em relação ao Santuário], as autoridades eclesiais queriam que as capelas de Mato Perso se vinculassem à Otávio Rocha, Flores da Cunha</p> <p>Indignação com o fato do desmembramento</p>
<p>“Acho que a devoção seria diferente se fosse de outra nacionalidade” (MCSVC3, 77 anos).</p>	<p>Devoção relacionada à italianidade</p>
<p>“A devoção à Nossa Senhora veio lá da Itália, acho que o grupo se apegou nesse sentido. Então, eu acho que a religiosidade é bem forte nesse sentido, porque se fosse outro grupo que tivesse vindo nesse lugar, talvez fosse a mesma coisa. Não sei. O sentimento religioso, os italianos trouxeram da Itália” (MCST1, 64 anos).</p>	<p>A devoção à Nossa Senhora e o sentimento religioso vieram da Itália</p> <p>A religiosidade é bem forte nesse sentido</p>
<p>“As sete capelas sempre ajudaram o Santuário” (MCST2, 83 anos).</p>	<p>As sete capelas sempre ajudaram o Santuário</p>
<p>“Eu acho que o italiano é mais para a religião católica. Eu vejo que os alemães, por exemplo, são gente iguais a nós, só que a maioria tem outra religião” (MCST2, 83 anos).</p>	<p>O italiano é mais para a religião católica</p>
<p>“Desde o tempo dos nossos bisavós, que era uma época de grande seca, com muita dificuldade. E eles se apegavam à fé. E parecia que, se apegando à fé, eles às vezes moviam montanhas, e as coisas aconteciam. Então, ficou um exemplo para nós de que a fé às vezes é tudo na vida da gente. Por isso que a gente leva vivo isso aí e a gente cuida muito disso” (MCST3, 61 anos).</p>	<p>Desde os nossos bisavós, apegaram-se à fé</p> <p>Exemplo dos antepassados, de que a fé é importante</p>
<p>“O italiano não vive sem N. Sra. de <i>Caravaggio</i>. Nós aqui não vivemos. É cem por cento N. Sra. de <i>Caravaggio</i> e ninguém larga mão disso. A proximidade com Nossa Senhora tem a ver com a dureza de nossas doenças, das dificuldades em saúde. Então a gente se apega à Nossa Senhora, e as coisas parecem que dão certo. E dão certo. Então a gente se apega à dureza de Joaneta [vidente da aparição], não pelo trabalho da agricultura, mas sim pelas dificuldades de saúde, entrosamento na família e coisas mais” (MCST3, 61 anos).</p>	<p>Italianidade ligada à devoção à N. Sra. de <i>Caravaggio</i></p> <p>Identificação com Joaneta, diante de dificuldades de saúde, família...</p>
<p>“O padre Teodoro Portolan, que construiu o novo Santuário, ele queria dinheiro, ele queria mão de obra, e ele batia e tinha que ajudar. Não tinha moleza. Eles foram bem severos, firmes, para que as coisas acontecessem. E, realmente, o Santuário está aí. Hoje, está mais difícil uma reforma do que a construção naquela época, pelo que se sente. Naquela vez, a dificuldade de dinheiro era bem-maior. Mas o povo tinha fé e ajudava. [...] As pessoas se davam as mãos, e as coisas aconteciam. E o padre tinha papel fundamental naquela época” (MCST3, 61 anos).</p>	<p>Padre Portolan era severo em pedir ajuda (dinheiro e mão de obra) para a construção do Santuário</p> <p>O povo tinha fé e ajudava</p> <p>As pessoas se davam as mãos e ajudavam</p> <p>O padre tinha papel fundamental</p>
<p>“No Santuário, eu sinto muito amor. Sinto muita paz quando vou lá. Eu sinto assim quando entro no Santuário, não dá nem vontade de sair. Eu sinto uma paz interior, que eu tenho a impressão que não encontro em outra igreja. Aqui nas capelas, quando eu vou, para mim não é a mesma coisa. Lá [no Santuário] é um lugar de muita paz” (MCNSMB1, 60 anos).</p>	<p>Sentimentos de amor, paz e bem-estar no Santuário</p>

(continuação)

<p>“A liderança dos padres, nos primeiros tempos aqui da imigração, eles foram muito importantes. A gente lembra de histórias que minha mãe contava, desde lá atrás, dos primeiros padres. Nossa! Eu acho que os padres foram muito importantes, como o padre Oscar [Bertoldo], o padre Teodoro [Portolan]. A gente ouviu a história deles. Eu acho que é fundamental o padre estar à frente da gente para a gente ter a religião” (MCNSMB1, 60 anos).</p>	<p>Importância dos padres para liderar e conduzir a espiritualidade religiosa</p> <p>Fundamental o padre liderar para garantir a religião</p>
<p>“A devoção ligada à italianidade acho que tem tudo a ver com a fé dos imigrantes que trouxeram essa devoção, porque eles sobreviveram pela fé. Pela fé e pela esperança. Eles se agarraram muito nesse sentido de religiosidade” (MCNSMB3, 50 anos).</p>	<p>A devoção ligada à italianidade: fé dos imigrantes italianos</p> <p>Sobreviveram pela fé e esperança</p>
<p>“Quanto a outras pessoas [etnias] eu não posso dizer, mas eu acharia que Nossa Senhora tem muita gente que visita o Santuário. E tem também pessoas de outras religiões que visitam o Santuário. Mas o Santuário sempre foi firme na nossa religião católica” (MCNSMB4, 75 anos).</p>	<p>(Italianidade) pessoas de outras culturas e religiões visitam o Santuário</p>
<p>“Meu pai e meu avô contavam como foi quando construíram o Santuário. Dizem que eles pegavam areia no rio na Busa¹⁰² [localidade da Capela Todos os Santos]. Ajudavam todos em mutirão para construir o Santuário” (MCNSD1, 42 anos).</p>	<p>História da construção do Santuário: ajudavam todos em mutirão para construir o Santuário</p>
<p>“Os italianos têm uma força muito grande nessa questão da fé. Foram eles que trouxeram. Mas a gente tem alemães que frequentam. Eles têm a religião deles, mas eles também vêm ao Santuário. Mas, com certeza, os italianos, até a nossa padroeira, a N. Sra. das Dores, foi trazida da Itália por imigrantes italianos. Então acho que sim que a maior força vem da imigração italiana. Foram eles que trouxeram N. Sra. de <i>Caravaggio</i> para cá. Começou com um capitel, depois fizeram uma igreja, depois o Santuário e o outro Santuário. Aqui na minha comunidade, são todos de origem italiana, totalmente italianos” (MCNSD2, 58 anos).</p>	<p>A italianidade foi importante para a fé no local</p> <p>A devoção à N. Sra. de <i>Caravaggio</i> foi trazida da Itália</p> <p>A devoção à N. Sra. das Dores também foi trazida da Itália</p> <p>A maior força devocional vem da imigração italiana</p>
<p>“Eu sou muito de Igreja. Eu conheço o Santuário desde pequena. Eu ia já com sete anos, de noite. O padre Portolan fazia missas, na véspera da romaria. E uma vez eu fui com a mãe, de noite. A mãe passou a noite toda lá. E eu dormi em cima do banco e caí no chão e deu um barulho. A mãe disse: - Onde é que se viu dormir na Igreja! Pensa, de noite, passar a noite uma criança de sete anos. Iam muitos de noite. Era muito bonito! Eu sempre adorei ir em <i>Caravaggio</i>. Eu ia a pé, ia com criança no colo, depois que eu estava aqui. E lá da mãe, a gente ia a pé. Íamos pelo atalho. Agora, o <i>Caminhos de Caravaggio</i>¹⁰³ passa onde eu morava. Meu irmão [que mora lá] dá hospitalidade para aqueles que fazem o <i>Caminhos de Caravaggio</i>. Somos muito, muito apegados à Nossa Senhora” (MCSJo1, 87 anos).</p>	<p>Participação nas romarias desde criança</p> <p>Missa noturna em véspera de romaria</p> <p>(O Santuário ficava aberto durante toda a noite)</p> <p>Forte apego à devoção à N. Sra. de <i>Caravaggio</i></p>
<p>“Me sinto parte do Santuário, porque se eu ia lá desde pequenina e, agora com essa idade, não posso mais ir lá, só se alguém me leva. Mas eu compartilho sempre com eles lá. Peço sempre à Nossa Senhora pelos agricultores, pelos doentes, pelos estudantes, pelos estudantes que estudam de noite, que trabalham de noite, que N. Sra. de <i>Caravaggio</i> os acompanhe e os proteja. Eu sempre rezo. Meu trabalho agora mais é rezar, pensar, pedir à Nossa Senhora que proteja as famílias. Eu sempre fui uma pessoa assim, sempre ajudei a quem precisa. Quem ia de noite para</p>	<p>Sentimento de pertencimento ao Santuário: frequenta desde criança</p> <p>Oração à N. Sra. de <i>Caravaggio</i>, pelas necessidades e proteção das pessoas e pelas famílias</p>

¹⁰² *Busa*, termo originado do vocábulo do dialeto Vêneto *buso*, que quer dizer “buraco”. Na região do Santuário de *Caravaggio*, o nome *Busa* é compreendido como “lugar situado numa baixada”.

¹⁰³ *Caminhos de Caravaggio* é um roteiro turístico de 200 quilômetros, que liga os Santuários de *Caravaggio*, de Farroupilha, ao de Canela.

(continuação)

<p><i>Caravaggio</i> passavam aqui na frente, pediam água, banheiro. Até um café a gente dava. Depois tiraram a romaria à noite, e ficou só de dia” (MCSJo1, 87 anos).</p>	<p>Hospitalidade aos peregrinos, no caminho do Santuário, com água, café</p>
<p>“Quando eu rezo, eu peço também pelos agricultores. Eu digo: - N. Sra. de <i>Caravaggio</i>, esse é o teu território, cuida das pessoas, cuida dos agricultores. É o território dela, aqui. Porque nas capelas daqui todos têm essa fé em N. Sra. de <i>Caravaggio</i>” (MCSJo1, 87 anos).</p>	<p>Oração à N. Sra. de <i>Caravaggio</i> pelos agricultores Moradores das sete capelas têm a fé em N. Sra. de <i>Caravaggio</i></p>
<p>“Já no início de minha infância já existiam só estas sete capelas que tem hoje ligadas ao Santuário. O padre Homero Rui Rossi foi quem destacou [desvinculou] as sete capelas da matriz, do Santuário. E, em 2018, voltamos todas para o Santuário de novo. Porque nós éramos atendidos por um vigário que morava em Caxias. Ele vinha nos finais de semana. Agora, são os padres do Santuário que vêm atender. Voltamos de novo como era antes. Desde quando o Santuário começou, essas capelas sempre ajudaram o Santuário, com ajuda financeira e com trabalho. No início, naquela época, não tinha nem betoneira. Eu me lembro bem que ia pra aula em <i>Caravaggio</i>, na escola das Irmãs religiosas, e lembro bem do Santuário, desde quando colocaram as primeiras pedras de alicerce. Todo mundo ajudava. De qualquer jeito, todo mundo ajudava. Mão de obra mais de tudo. Atualmente, continua a ajuda. Se precisa, continua, as pessoas ajudam” (MCTS1, 85 anos).</p>	<p>O Pe. Homero Rui Rossi desvinculou as sete capelas do Santuário Em 2018, as sete capelas foram reintegradas ao Santuário As sete capelas ajudaram o Santuário, desde o início, financeiramente e com trabalho Todos ajudam o Santuário Quando o Santuário necessita, as capelas continuam ajudando</p>
<p>“Eu me sinto parte do Santuário, porque ajudei também a trabalhar. É Santuário-mãe. Eu me orgulho de pertencer ao Santuário” (MCTS1, 85 anos). “Aqui são todos italianos e todos católicos. N. Sra. de <i>Caravaggio</i> é nossa mãe. A devoção tem origem num quadro que foi trazido da Itália por um imigrante italiano, chamado Antônio Fávero (ou Faoro), que morava em <i>Caravaggio</i>. É difícil saber se fosse outro grupo étnico... Acho que seria difícil que tivessem esse sentimento tão forte” (MCTS1, 85 anos).</p>	<p>Sentimento de pertença ao Santuário Santuário-mãe: orgulho em pertencer Nas sete capelas, os moradores são todos italianos e católicos A devoção teve origem na Itália Seria difícil que outro grupo étnico tivesse o sentimento devocional tão forte à Santa</p>
<p>“A cultura da terra aqui nesta região favoreceu para fortalecer a devoção à Santa. A história é que... não sei quantos meses deu de seca... e fizeram a promessa [para implorar a chuva]. Foram para o Santuário em procissão, no dia 2 de fevereiro [1899], e no final da tarde choveu. Assim contam. E foi um milagre de Nossa Senhora que mandou a chuva. Por isso que aqui tem muita devoção quanto a isso à Nossa Senhora” (MCTS1, 85 anos).</p>	<p>A cultura da terra aqui nesta região favoreceu para fortalecer a devoção à Santa Procissão para implorar chuva, em 1899, originou a Romaria Votiva “Milagre da chuva”</p>
<p>“Aqui a gente procura manter a devoção dos antigos. Eu lembro que, quando eu era criança, eu ia para o salão [da capela] e quando chegava as 16 h da tarde, eles paravam de jogar baralho para rezar o terço” (MCSJo2, 85 anos).</p>	<p>Manutenção da devoção Antigamente, paravam os jogos recreativos no salão, para rezar o terço</p>
<p>“Eu estou envolvido na vida da Igreja como ministro da Eucaristia há quarenta e cinco anos; na liturgia, quarenta e seis a quarenta e sete anos. Então eu penso o seguinte: eu sou um líder [leigo] que se eu não participo e começo me isolar, muita gente vai se espelhar. Quando têm crianças na Igreja, eu chego e cumprimento, dou um abraço. Por quê? Porque eu sou um líder, ali na frente, e quero que eles se espelhem comigo, pelo meu exemplo de vida. Porque eu comecei bem criança, comecei como sacristão. Então que essas crianças também participem da vida da</p>	<p>Importância do papel do líder [leigo] na capela Líder para ser referência aos demais se espelharem</p>

(continuação)

<p>comunidade, que amanhã ou depois seja um líder, uma pessoa que serve a comunidade. E nós precisamos da juventude, das crianças” (MCTS2, 63 anos).</p>	<p>Líder para ser referência para as crianças, na continuidade da fé e do serviço à Igreja</p>
<p>“Quando foi instituída a paróquia, em 1900, também tinham as capelas. Era um número maior: além das sete capelas, tinham mais oito que eram da paróquia N. Sra. de <i>Caravaggio</i> e que eram atendidas pelo padre que morava aqui, isto até 1913. Então, todo esse conjunto era realmente liderado pelo padre que era nomeado para ser o pároco da Paróquia N. Sra. de <i>Caravaggio</i>. Claro que o centro desta... é bom frisar que N. Sra. de <i>Caravaggio</i> tinha um papel fundamental nesta realidade toda. A partir de 1913, com a criação da Paróquia São Marcos, algumas das capelas das proximidades ficaram pertencendo a essa nova paróquia. As sete capelas continuaram dependendo do Santuário N. Sra. de <i>Caravaggio</i>. Claro, como o sacerdote que morava aqui, é bom frisar também que as distâncias são relativamente grandes, basta dizer que, daqui do Santuário até a capela São Victor e Corona, que é a mais distante, que é do Município de Flores da Cunha, como também a de Santa Juliana e a de São Tiago, aquela capela fica a 23 quilômetros. Eu medi esses dias, quando fui lá, pelo automóvel, são 23 quilômetros. Então, naquele tempo, para chegar até lá o padre tinha como meio de locomoção na estrada era um burrinho, uma mula, para chegar até lá. Então significa que havia muito tempo... praticamente um dia inteiro para se deslocar até lá. Então, isso cativou, atraiu a todas as pessoas que moravam nas capelas, também centralizando sua atenção em <i>Caravaggio</i>, porque aqui morava o padre. Queiramos ou não, o padre se tornou o centro de [toda a vida religiosa], porque dependiam dele para batizar, dependiam do padre para casamento, dependiam do padre para fazer enterros e assim por diante. Então, a organização paroquial estava voltada para o centro, que era a paróquia aqui em <i>Caravaggio</i>. Mas, todas as comunidades estavam também focalizadas na sua entreatada, para que as capelas, juntamente com a paróquia, se tornassem sempre o centro de fé e de devoção, na organização religiosa e também na organização social e educacional, porque naquele tempo a própria igreja se interessava também com as escolas, com o ensino, que era realmente liderado pela escola, e o padre sempre estava no centro desse movimento todo” (AE6, 85 anos).</p>	<p>Paróquia instituída em 1900</p> <p>Constituiu-se da sede e mais 15 capelas</p> <p>Uma dessas capelas se torna paróquia em 1913 (São Marcos), agregando algumas das capelas das proximidades, inclusive que pertenciam à Paróquia N. Sra. de <i>Caravaggio</i></p> <p>As sete capelas continuaram a depender da sede [Santuário]</p> <p>Capela (São Victor e Corona) dista 23 quilômetros do Santuário</p> <p>Transporte no início das fundações das capelas era com um burrico/mula</p> <p>O padre se tornou o centro de toda a vida religiosa</p> <p>A organização paroquial estava voltada para o centro, que era a paróquia aqui em <i>Caravaggio</i></p> <p>Todas as comunidades estavam focalizadas na sua entreatada</p> <p>As capelas se esforçavam para tornar <i>Caravaggio</i> o centro de fé e de devoção, na organização religiosa e também na organização social e educacional</p>
<p>“A comunidade lá ela tem cento e oitenta famílias, além das comunidades por perto, que são quinhentas e quarenta pessoas que moram naquelas sete comunidades: São José, Todos os Santos, Monte Bérico, São Victor e Corona, São Tiago, Santa Juliana, N. Sra. das Dores. Se você soma [com a sede], dá umas setecentas, quase oitocentas pessoas. Essas pessoas participam da romaria por meio dos serviços. Nós temos um exemplo interessante que é a família Fagherazzi. A fé passa por gerações. No quintal da casa, os quatro filhos de Carlete [uma senhora], de quarenta e oito anos, cresceram assistindo à romaria. Eles dizem que é impossível não se envolver com a maior festa da comunidade de <i>Caravaggio</i>. A família oferece toda a ajuda necessária à organização da romaria: os filhos lavam louças, recolhem talheres e se colocam à disposição da comunidade. “Aprendemos que, em todos os momentos, existe uma mãe que olha para a nossa família”, ensina Carlete. Isso é um exemplo muito concreto onde a comunidade se coloca a serviço e missão. Deixam tudo... Em <i>Caravaggio</i>, todos vivem essa função. Então é a festa da diocese, é o centro, é a participação” (AE8, 65 anos).</p>	<p>Sete capelas: São José, Todos os Santos, Monte Bérico, São Victor e Corona, São Tiago, Santa Juliana, N. Sra. das Dores</p> <p>As famílias participam das romarias, prestando serviços</p> <p>A fé passa por gerações</p> <p>Aprendemos que, em todos os momentos, existe uma mãe que olha para a nossa família</p> <p>A comunidade se coloca a serviço e missão</p> <p>[A romaria de] <i>Caravaggio</i> é a festa da Diocese, é o centro, é a participação</p>
<p>“É bom frisar que, até 1968, realmente havia um vínculo muito forte [sete capelas e Santuário]. As pessoas que são praticamente todos católicos aí, até hoje, eles realmente sentiram muito, quando, por um decreto</p>	<p>Em 1968, o Santuário foi desvinculado das sete capelas</p>

(continuação)

<p>diocesano, a paróquia foi determinada pelas sete capelas, sem sede paroquial [desvinculando o Santuário dessa paróquia]. Atualmente, o Santuário está atendendo as capelas novamente. Os padres que estão aqui [no Santuário] atendem às capelas. Mas até então, nestes praticamente cinquenta anos, havia muita mudança de sacerdotes. E o povo dessas capelas sentiram muito isso. E viviam justamente lamentando essa separação. E, atualmente, graças a Deus, e também ao acolhimento do padre, que é o reitor [do Santuário] e pároco da paróquia [N. Sra. de <i>Caravaggio</i>], realmente houve este vínculo reatado, se assim posso dizer. Isto fez com que todas as sete comunidades, as sete capelas, vibrassem com entusiasmo. Então, esse vínculo, ele tornou-se novamente forte, a partir dessa decisão” (AE6, 85 anos).</p>	<p>As sete capelas passaram a constituir a Paróquia N. Sra. de <i>Caravaggio</i>, sem sede, por decreto episcopal</p> <p>A partir de 2018, o Santuário está integrado às sete capelas, com atendimento da equipe de seus padres</p> <p>Reatamento do vínculo causou contentamento e entusiasmo das comunidades das sete capelas</p>
<p>“O sacerdote, além de celebrar a missa, de atender confissões, de dar conselhos, também se preocupa com a organização social e econômica dos seus habitantes, porque tudo isso deve ser um todo, que vai caminhando de mãos dadas, para que realmente a vivência pessoal, familiar e comunitária, ela se torne um todo” (AE6, 85 anos).</p>	<p>Os sacerdotes, além das funções religiosas, empenham-se na organização social e econômica dos habitantes</p>
<p>“Têm duas coisas para que a gente tenha presente: uma é a Campanha da Fraternidade; e a segunda é a questão da romaria ao Santuário. Por isso que há um cuidado muito grande na escolha do tema, que vai influenciando tudo isso” (AE8, 65 anos).</p>	<p>O tema da Campanha da Fraternidade influencia o tema anual da festa</p>
<p>“[As capelas] não só colaboraram, mas continuam colaborando, porque realmente se sentem ligadas ao Santuário N. Sra. de <i>Caravaggio</i>. Continua viva na mente deles essa devoção e continuam também colaborando em todos os sentidos: nas romarias, eles continuam vindo aqui ajudando, continuam sempre confirmando presença em tudo aquilo que é necessário e, quando lhe é pedida colaboração, estão sempre disponíveis. Sempre disponíveis no sentido de ajudar, fazer com que o centro aqui, a comunidade de Nossa Senhora de Caravaggio, realmente seja um lugar onde eles também se sintam bem, juntamente com aqueles que vêm de outros lugares, manifestando sua devoção e sua fé (AE6, 85 anos).</p>	<p>As capelas continuam colaborando em todos os sentidos e se sentem ligadas ao Santuário</p> <p>A comunidade se empenha para que o lugar seja um lugar onde eles também se sintam bem, juntamente com aqueles que vêm de outros lugares, manifestando sua devoção e sua fé</p>
<p>“A gente era muito devoto de N. Sra. de <i>Caravaggio</i>. E a gente se coligou assim em ajudar o Santuário de <i>Caravaggio</i>. E o padre também incentivava a gente. Na época, vinham pessoas de lá [Santuário] rezar missas aqui, e eu me lembro que o padre vinha de lá a cavalo, até a nossa comunidade. Vinha para rezar missa, enterros, coisas assim... Então, a gente começou a fazer aquela vivência de juntos... a gente continuou dessa maneira e nós não conseguia mais se desligar, porque eles ajudavam muito. E eles [Santuário] estavam precisando de ajuda. E o padre era sempre ligado ao Santuário de <i>Caravaggio</i>” (MCSJu, 78 anos).</p>	<p>Muito devotos de N. Sra. de <i>Caravaggio</i></p> <p>Grande incentivo dos padres do Santuário</p> <p>O padre visitava a cavalo as comunidades</p> <p>Não conseguiam se desligar do Santuário, porque os padres ajudavam muito</p>
<p>“As capelas foram desligadas da sede [Santuário], mas se mantiveram ligadas. A gente não conseguia se desligar. A gente precisava mesmo... porque a gente era muito devoto de Nossa Senhora, ela sempre ajudou muito nós” (MCSJu, 78 anos).</p>	<p>Não conseguiam se desligar</p> <p>Devoção à Nossa Senhora</p>
<p>“[As capelas] Santa Juliana, São Tiago e São Victor fazem a mesma função, não fazem diferença não, porque, às vezes, eles faziam assim... Capela Santa Juliana ia ajudar o Santuário de <i>Caravaggio</i>; no próximo dia, digamos assim, o padre dizia, orientava... é a Capela de São Victor; na próxima, São Tiago. Vamos dizer, [capela] Monte Bérico, vamos dizer Todos os Santos. Eram divididos os serviços. Esse procedimento ocorreu, mesmo quando as capelas estiveram separadas do Santuário [1968-2018].</p>	<p>Escala de serviços das capelas, na ajuda ao Santuário</p> <p>Capelas colaboravam com ajuda: produtos agrícolas, trabalho</p>

(continuação)

<p>O padre vinha [nas capelas] e pedia ajuda... Tanto por cento, vamos supor, do trigo, tanto por cento da uva... E a gente dava pra eles. E mais, também, entrar com o trabalho” (MCSJu1, 78 anos).</p>	
<p>“Aqui são todos católicos. Que eu conheço até hoje, são gente que sempre viveram de uma maneira muito cristã. E no Santuário de <i>Caravaggio</i>, praticamente, eram porque eles estavam mais juntos. Nós, embora um pouco mais distanciados, por causa da distância [física], porque eu me lembro, por exemplo, de meu pai, ele sempre ia a cavalo. “Uma vez por mês a cavalo ia na missa no Santuário de N. Sra. de <i>Caravaggio</i>. Eram várias pessoas que iam fazer isso aí” (MCSJu1, 78 anos).</p>	<p>[Moradores das sete capelas] são todos católicos e de vida cristã</p> <p>A grande distância não impedia de irem ao Santuário</p>
<p>“Os padres... é uma liderança de Deus. Ele vai ensinar, ele vem celebrar missa, ele orienta as famílias que precisam de orientação. Tem famílias que, às vezes, precisam de uma orientação do padre. Ele orienta. Porque antigamente não tinha tanta coisa ruim” (MCSJu2, 69 anos).</p>	<p>Importância da liderança dos padres: ensinar, celebrar, orientar as famílias</p>
<p>“A fé... tu dando teu melhor pra Deus, ele te retribui em saúde, em paz, em bem. Então, eu acho assim, que não tem outra coisa melhor: ajudar” (MCSJu2, 69 anos).</p>	<p>Fé</p> <p>Retribuição</p> <p>Ajudar</p>
<p>“Se a gente vai lá e contribui com alguma coisa, a gente está fazendo o que os nossos antepassados ensinaram para nós. Um pouco, um pouco menos, as outras famílias aqui das capelas contribuem. Aqui na região italiana, é assim: todos ajudam” (MCSJu2, 69 anos).</p>	<p>Reproduzem o ensinamento dos antepassados: contribuem</p> <p>Os italianos têm a cultura de ajudar a igreja</p>
<p>“O vínculo de pertencimento das capelas com o Santuário isso é uma coisa que não tem explicação. Quando eu trabalhei lá, as sete capelas formavam a Paróquia de N. Sra. de <i>Caravaggio</i>, desvinculadas do Santuário de <i>Caravaggio</i>. Mas estas capelas sempre estiveram... a tal ponto que não tem nenhuma N. Sra. de <i>Caravaggio</i> e continuaram Paróquia N. Sra. de <i>Caravaggio</i>. Interessante que essa separação se deu, eu diria que não foi em vista de uma estratégia pastoral. Por incrível que pareça, foi em função de desentendimento entre padres: o reitor do Santuário com outros [padres] que atendiam. Eu ficava com pena do pessoal lá, porque eles se sentiam ligados ao Santuário, a tal ponto que, quando tinha festa de N. Sra. de <i>Caravaggio</i>, ninguém ia rezar missa lá [nas capelas], porque vinham todos no Santuário de <i>Caravaggio</i>. E se eu for lá hoje dar uma olhada nas festas, o pessoal das capelas continua a maioria trabalhando lá em cima, no Santuário. Então, essa vinculação se manteve em função da devoção à N. Sra. de <i>Caravaggio</i>, porque antes de eles terem as capelas, o vínculo de Igreja era o Santuário. E quando ele passa a ter sua capela aqui... Eles têm sua capela aqui, Todos os Santos, mas, tem o Santuário que está acima” (AE9, 80 anos).</p>	<p>Vínculo afetivo permanente das capelas ao Santuário</p> <p>A separação pelo decreto diocesano não as afastou do Santuário</p> <p>Eu ficava com pena do pessoal lá porque eles se sentiam ligados ao Santuário</p> <p>As capelas sempre ajudaram o Santuário mesmo desvinculadas</p> <p>Têm suas capelas, mas o mais importante é o vínculo com o Santuário</p>
<p>“Eu diria que [a liderança dos padres] foi muito grande, ao longo dos anos. Eu diria: em primeiro lugar, ele é uma pessoa instruída. Em segundo lugar, ele representa a Igreja, representa o bispo. E, na formação das capelas, toda sua cultura tem toda uma tradição que vem de muito longe. E o padre ali, ele vai ser um líder. Um líder não só religioso, mas, por exemplo, das associações rurais, da formação de grupos de esportes, nas promoções na área agrícola, vendas. Vira e mexe, hoje talvez nem tanto, porque eu estou fora há, praticamente, trinta anos, mas, no meu tempo e antes, praticamente, não se fazia nada sem a presença do padre. Uma que o padre visitava muito as famílias. Por exemplo, praticamente, houve época em que o padre visitava, fazia a bênção das casas, no mínimo uma vez por ano. Então, ele visitava as famílias, abençoava as casas, abençoava as lavouras, abençoava os animais, promovia atos religiosos contra chuva de</p>	<p>A liderança dos padres foi muito importante ao longo do tempo</p> <p>O padre era uma pessoa instruída e também que representava importante instituição: a Igreja</p>

(continuação)

pedras, atos religiosos para que viesse chuva. Então, ele é uma figura, eu diria, não apenas religiosa, mas uma figura que vai exercer uma liderança muito grande praticamente sobre toda a vida da comunidade” (AE9, 80 anos).	O padre é um líder não só religioso, mas também para a vida da comunidade (vida econômica e social)
<p>“Traziam de lá as devoções dos santos. N. Sra. de <i>Caravaggio</i>, a trouxeram em um pedaço de jornal que está lá no Santuário. E todos os santos, por exemplo, lá em Santa Juliana [Capela], na colônia, eles falam muito de diabo. Então, eles têm lá Santa Juliana [representada numa estátua]. Ela está com o diabo amarrado. Eu disse para eles: - Como é que aqui na colônia vocês falam só de diabo, diabo, diabo. Lá na cidade quase ninguém fala.</p> <p>Sabe o que eles me responderam? - <i>Perché sa che sono già tutti suoi</i> (porque ele sabe que já são todos dele). Mas eles têm muito medo. Ainda há muita superstição, mas ainda bem que ela foi para o lado religioso, mas ela está presente” (AE9, 80 anos).</p>	Trouxeram da Itália a devoção dos santos: N. Sra. de <i>Caravaggio</i> , Santa Juliana
<p>“Mas eles [imigrantes] estavam trazendo os santos, os nomes dos lugares, as expressões, eu diria também, o sentimento religioso, os cultivos de hortaliças, cereais, tudo... Por exemplo, aqui tu vê as casas de pedra. Por que casas de pedra? Porque eram as únicas que sabiam fazer, porque lá não tinham madeira que tem aqui. Aqui, tem pedra? Então fazem sua casa de pedra” (AE9, 80 anos).</p>	Trouxeram o nome dos santos, dos lugares, as expressões, o sentimento religioso, os cultivos de hortaliças, cereais, tudo...
<p>“As devoções nas capelas, cada um tinha lá... por exemplo, a São Victor e Corona. Eram dois. Mas acima desses dois estava lá em cima do morro <i>Caravaggio</i>. A mesma coisa era lá em Santa Juliana. Tinha lá a santa, mas em cima do morro... Havia uma diversidade entre as capelas, mas eu diria que quem unia essa diversidade da religiosidade local era o Santuário de <i>Caravaggio</i>” (AE9, 80 anos).</p>	A devoção à N. Sra. de <i>Caravaggio</i> unia a diversidade da religiosidade local das capelas
<p>“Por devoção, com tradição, por compromisso, sempre, sempre, sempre ajudaram o Santuário [mesmo no período que foram separadas juridicamente] (AE9, 80 anos).</p>	As capelas ajudaram o Santuário interruptamente, por devoção, tradição e compromisso
<p>“Conflito que houve, eu tenho uma notícia muito vaga, era do padre que atendia as capelas e o reitor do Santuário lá de <i>Caravaggio</i>. O desentendimento estava entre os dois, e lá pelas tantas ocorreu a separação. Então, Santuário e Paróquia N. Sra. de <i>Caravaggio</i>. Agora, depois que o tempo foi passando, juntaram novamente. Hoje, as capelas fazem parte do Santuário. Quem atende às capelas lá? São os padres do Santuário. Não é um padre diferente, como aconteceu comigo, com o padre Weber, o padre Maziero, o padre Agostinho Mazzoti, que eu acho que foi o último. Depois voltou para o Santuário” (AE9, 80 anos).</p>	<p>Capelas foram separadas do Santuário, por desentendimento entre os padres que as atendiam</p> <p>Retorno da gestão das capelas pelo Santuário</p>
<p>“O Santuário é tudo. N. Sra. de <i>Caravaggio</i> pra mim é tudo. Me ajuda em tudo. Tenho sempre ela comigo para onde vou. Sempre a tenho no pensamento. É tudo de bom!” (MCSJu3, 68 anos).</p>	O Santuário é tudo. N. Sra. de <i>Caravaggio</i> pra mim é tudo
<p>“Em fevereiro, eles fazem uma festa [a Romaria Votiva] e todas as capelas vão participar. Na capela de Santa Juliana, tem o Clube de Mães que leva pãezinhos, para distribuir para as pessoas. É o Clube de Mães que paga, que organiza, que distribui. E também vão participar lá. As comunidades das sete capelas, todas, de alguma forma, ajudam também” (MCSJu3, 68 anos).</p>	Em fevereiro, eles fazem uma festa [Romaria Votiva] e todas as capelas vão participar e ajudar

(continuação)

<p>“Nas festas, elas [capelas] ajudam sempre, todos os anos. Agora não porque terceirizaram o restaurante, mas antes ajudavam. Por exemplo, nós íamos sempre trabalhar lá na festa de <i>Caravaggio</i>, na questão da comida. Tinha um bar [tenda] e nós ajudamos lá vários anos como voluntários. Ajudávamos a vender. Nós trabalhávamos nas bancas [tendas] para vender comida” (MCSJu3).</p>	<p>As capelas ajudam nas festas todos os anos</p>
<p>“Em todas as festas que eles fazem no Santuário, a gente contribui em tudo: em trabalho e devoção. Em 2 de fevereiro, a gente vai tudo de carreto, como antigamente se fazia. É feita a missa, depois sai a procissão pela rua principal em frente ao Santuário, depois na volta da procissão tem a bênção” (MCSJu3, 68 anos).</p>	<p>Em todas as festas, contribuem com trabalho e devoção</p>
<p>“Acho que as sete capelas são um pilar para <i>Caravaggio</i>, desde sua fundação. É minha opinião particular. Eu acho que <i>Caravaggio</i> tinha abandonado aqui as capelas, de certa forma. Nunca devia ter acontecido isso. Não sei qual foi o mal-entendido, mas nunca deveria ter acontecido isso. Porque as sete capelas, de certa forma, teriam sido usadas para a construção do Santuário e, depois, quando não precisavam mais [o Santuário foi desvinculado delas]. Isso de ter voltado a abraçar as sete capelas foi um pedido inclusive das sete capelas, foi fundamental. Acho que <i>Caravaggio</i> tem a religiosidade como força. Eu vejo assim: as capelas do interior elas têm mais viva a fé. Elas conseguem viver, vivenciar mais a fé, porque os centros maiores, no caso Farroupilha, as cidades maiores, Caxias, enfim, já existem muitas outras religiões, outras culturas, outros costumes. Se vê que aqui é a fé católica mesmo” (MCSVC1, 49 anos).</p>	<p>As sete capelas são um pilar para o Santuário, desde sua fundação <i>Caravaggio</i> tem a religiosidade como força As capelas do interior têm uma fé viva Manutenção da fé católica nas capelas</p>
<p>“A gente vai cantar lá e está sempre cheio em <i>Caravaggio</i>. Cada hora tem uma missa [nos finais de semana]. E está cheio sempre. Os santos aqui também vieram da Itália. O sino de nossa capela também veio da Itália” (MCSVC2, 84 anos).</p>	<p>Participação do coral nas missas do Santuário Os santos de devoção locais vieram da Itália</p>
<p>“O padre Teodoro Portolan vinha aqui a cavalo do Santuário para cá [±/− 20 km]. Então nós tínhamos uma missa por mês. E era missa às 9h. Ele esperava até às 11 horas, chegar todo mundo. Dizia: “será que é <i>venhesti tuti quanti?</i>” (Será que vieram todos?). Ele esperava tarde, porque ele vinha cada mês. Então era muito puxado! Então ele ficava lá bastante e conversava. Ele era gente muito boa! Eu contei a história lá para o bispo [Dom José Gislon], que ele cobrava 10% da produção” (MCSVC2, 84 anos).</p>	<p>Padre Teodoro Portolan visitava as capelas a cavalo Distância de 20 km Padre Portolan cobrava dízimo de 10% da produção dos moradores</p>
<p>“Todas as capelas ajudam no Santuário. Nossa família ajuda na liturgia, com os cantos, em uma missa uma vez por mês” (MCSVC3, 77 anos).</p>	<p>Todas as capelas ajudam no Santuário</p>
<p>“As comunidades das sete capelas ajudam nos eventos, na liturgia, participando nos cantos no Santuário. Às vezes as capelas participam nas missas. Uma capela canta numa certa missa, outra capela em outra... fazem a liturgia. Nas festas também, as capelas ajudam. Há anos atrás, as pessoas se deslocavam daqui e iam lá ajudar no restaurante. Ficavam dois, três dias ajudando, preparando a comida para as pessoas que vinham, geralmente para as festas grandes: romarias de 2 de fevereiro e 26 de maio. Eu lembro sempre de meus pais que iam dois, três dias. Diziam que tinham que ir a <i>Caravaggio</i> ajudar lá. Não olhavam se um, dois, três ou quatro dias que precisavam. Eles iam ajudar. Com a pandemia, não aconteceram mais os almoços, mas, agora, em 2 de fevereiro, na Romaria Votiva, estamos envolvidos com atividades. Tem o clube de mães que vai distribuir pães bentos. E nós estamos envolvidos a fazer esta festa também” (MCST1, 64 anos).</p>	<p>As sete capelas ajudam o Santuário Ajudam nas liturgias com escalas de serviço Nas romarias, ajudavam também nos serviços do restaurante Com a pandemia, o restaurante não atendeu mais</p>

(continuação)

<p>“Me sinto parte do Santuário. Desde a construção do Santuário que meus pais ajudaram a construir. Eles foram ajudar lá na construção. A gente se sente familiar. Quando você contribui para alguma coisa, faz parte dela. Faz parte. A gente ajuda para manter viva a fé. Todos ajudam” (MCST1, 64 anos).</p>	<p>Pertencimento ao Santuário Contribuir com algo, nos faz pertencentes Ajudar contribui para manter viva a fé</p>
<p>“Eu vejo que sempre a gente é convocado... as capelas são convocadas... alguma reunião, algum trabalho... Agora vai ter a festa de 2 de fevereiro, e eles [Santuário] convocam as sete capelas em ajudar, e é uma festa votiva do “milagre da chuva”... Todos se dispõem a ajudar. Enfim, as coisas acontecem. Mas todos estão sempre prontos em ajudar o Santuário” (MCST3, 61 anos).</p>	<p>As sete capelas se dispõem a ajudar o Santuário, sempre que convocadas</p>
<p>“Minha comunidade [Monte Bérico] sempre ajudou o Santuário. As outras capelas daqui também ajudam, não é só a nossa. Todas ajudam mais ou menos igual. Ajudam numa coisa e outra” (MCNSMB1, 60 anos).</p>	<p>Todas as capelas ajudam o Santuário</p>
<p>“No Santuário, eu me sinto bem, eu me sinto em casa. A gente se sente bem. É a nossa paróquia. E tanto é que teve um tempo em que os padres residiam em Caxias e atendiam as nossas capelas. Era paróquia de <i>Caravaggio</i>, mas residiam em Caxias. Hoje, o próprio Santuário nos atende, e a gente se sente bem com isso. E eu me sinto em casa também porque eu me lembro que nossos avós diziam, e os pais também, que ajudaram a construir a igreja e o padre chegava lá e dizia: - Vamos lá, tem que ajudar na mão de obra, tem que ajudar nos custos.</p> <p>E todo mundo ajudou. O Santuário é nossa casa. Quanto ao pertencimento, a gente se sente responsável pelo bom acolhimento e bem-estar das pessoas que visitam o Santuário. Como a gente sente que é a nossa casa, a gente se preocupa também que lá se faça um bom trabalho” (MCST3, 61 anos).</p>	<p>Sentimento de pertença: os avós e pais ajudaram a construir o Santuário O Santuário é nossa casa Sentimento de pertença e responsabilidade pelo acolhimento e bem-estar dos peregrinos</p>
<p>“As pessoas que moram mais próximas ao Santuário tem ajudado mais [a distância da Capela São Tiago é de 15 km do Santuário]. Tem voluntários aqui que são tradicionais que vão lá. Uma vez era mais sagrado que tinha que estar lá em todas as festas. Hoje eles têm mais uma equipe que tem um pessoal mais centralizado lá. Mas, mais é 2 de fevereiro, que aí eles deixam por conta das capelas fazerem essa festa. É uma festa dos produtores rurais, do pessoal da colônia. Se falta chuva, se sente logo aqui” (MCST3, 61 anos).</p>	<p>Capela S. Tiago fica a 15 km do Santuário Voluntários que ajudam sempre Festa votiva de 2 de fevereiro tem integral envolvimento das capelas</p>
<p>“Sempre que convocados e chamados, o pessoal está pronto em ajudar. Nunca ninguém se negou a nada. Agora também, volta e meia estão pedindo doações. Se vê no Santuário, mesmo, que estavam fazendo a pintura. Todo mundo dentro de suas possibilidades tenta ajudar e quer ver as coisas irem pra frente, que fique cada vez melhor” (MCST3, 61 anos).</p>	<p>As capelas estão sempre prontas a ajudar o Santuário Todos ajudam dentro das possibilidades</p>
<p>“Sobre os eventos do Santuário, hoje acho que é o 2 de fevereiro [Romaria Votiva] é o que a gente participa mais. Que a gente ajuda a fazer a procissão, faz umas coisas de folclore. Agora estamos fazendo uma casa antiga em cima de um caminhão para participar na romaria de 2 de fevereiro. Vão mostrar coisas antigas. [Há mais tempo] a gente foi também trabalhar numa tendinha. E, no tempo que eu era solteira, a gente ia ajudar fazer maionese, temperar <i>radichi</i>, essas coisas. Fui junto com os parentes vizinhos nossos. A gente continua durante um tempo com essa fase aí. Depois, a gente ficou mais isolado, porque a gente ficou independente. Nunca a gente deixou de ir ao Santuário, mas não tanto colaborando com as coisas” (MCNSMB1, 60 anos).</p>	<p>[Romaria Votiva] maior envolvimento As sete capelas ajudam a fazer a procissão na Romaria Votiva As sete capelas mantiveram a ajuda ao Santuário, mesmo quando foram desvinculadas</p>

(continuação)

<p>“Eu me sinto que faço parte sim do Santuário, porque, desde que eu nasci, N. Sra. de <i>Caravaggio</i> para mim sempre foi tudo. Eu sempre digo que “a gente mora à sombra do Santuário”. E até eu tenho um pouco de dificuldade, porque eu rezo... Nossa Senhora aqui de nossa localidade é N. Sra. de Monte Bérico. E sempre acaba saindo [em minhas orações] “N. Sra. de <i>Caravaggio</i>. Eu sei que Nossa Senhora recebe vários títulos, mas é a mesma, mas eu tenho dificuldade de falar “N. Sra. de Monte Bérico”, por causa que eu falo sempre N. Sra. de <i>Caravaggio</i>, porque a gente faz parte dali” (MCNSMB1, 60 anos).</p>	<p>Sentimento de pertença ao Santuário Devoção à N. Sra. de <i>Caravaggio</i> N. Sra. de <i>Caravaggio</i> é tudo</p>
<p>“Me sinto pertencente ao Santuário. Até eu escuto as missas quase todos os domingos, das 11 horas ao meio-dia. Me sinto muito bem no Santuário. Agora não vou todo o domingo, mas, nas festas, nunca faltei. Quando eu ia trabalhar, ficava lá três a quatro dias. Agora, quando é o dia da festa eu vou. Agora não posso dirigir. Mas tenho ido de carro. É longe e tenho marca-passo [implantado]” (MCNSMB2, 86 anos).</p>	<p>Pertencimento ao Santuário Frequência nas missas e festas do Santuário Trabalhava dias seguidos nas festas</p>
<p>“Na festa de 2 de fevereiro, tem uma equipe muito grande aqui desta capela que vai para lá representar todo o trabalho do italiano: com ferramentas, com máquinas... Vai uma equipe bem grande. Fora isso, tem pessoas que vão ajudar a distribuir a Comunhão, tem os ministros, tem pessoas que vão ajudar a recolher as esmolas... Vão ajudar nesse sentido nas celebrações. E tem gente aqui que vai mais do que nas duas festas [2 de fevereiro e 26 de maio]. Não são todos, mas algumas pessoas vão além das duas festas colaborar com o Santuário” (MCNSMB3, 50 anos).</p>	<p>Ajuda da capela ao Santuário nas romarias e em outras circunstâncias</p>
<p>“Eu acho que todo mundo se sente um pouquinho parte do Santuário. A própria história da gente, que a gente ouvia que o pessoal ajudava e ajudou a construir tudo aquilo. Meu avô contava que iam com carroça levar pedras. Então, a gente faz parte, é um todo. Santuário e capela é separado no sentido figurativo, mas, no fim, a esperança, a fé, quem construiu tudo isso foram os imigrantes, e é tudo parte da gente. O sentimento de pertencimento é uma coisa muito boa, é um sentimento muito bom de fazer parte disso. É uma segurança religiosa. O Santuário em si seria nosso ponto forte, nossa base. Nós temos nossas comunidades, mas sempre qualquer problema é novena à N. Sra. de <i>Caravaggio</i>, é visita à N. Sra. de <i>Caravaggio</i>. É o pilar central para todas as comunidades” (MCNSMB3, 50 anos).</p>	<p>Sentimento de pertença ao Santuário: os moradores das capelas ajudaram a construir o Santuário Santuário e capela(s) estão integrados: uma coisa única O sentimento de pertença ao Santuário é uma segurança religiosa O Santuário e a devoção: ponto forte, pilar central das comunidades</p>
<p>“A gente faz parte do Santuário. O Santuário é uma coisa muito boa para nós, porque a gente sempre ofereceu as coisas e a gente sempre se sente à vontade” (MCNSMB4, 75 anos).</p>	<p>Sentimento de pertença ao Santuário: sempre ofereceu coisas e se sente à vontade</p>
<p>“Eles [o Santuário] precisam de muita gente para ajudar. Não é mais como antigamente, porque eles têm o restaurante agora. Mas agora também vão os ministros, vão aqueles que ajudam a recolher a esmola, aqueles que ajudam na liturgia. É tudo gente aqui das capelas” (MCNSMB4, 75 anos).</p>	<p>Santuário necessita de muita gente das capelas para ajudar</p>
<p>“As comunidades das capelas vão mais quando é na romaria de <i>Caravaggio</i> do dia 26 de maio, que aí o pessoal vai lá para ajudar no Santuário. E, no dia 2 de fevereiro, o pessoal vai lá e leva as frutas, os produtos que cultivam. Ofertam e aí, depois, o Santuário distribui para instituições de caridade” (MCNSD1, 42 anos).</p>	<p>Capelas ajudam no Santuário: a ajuda maior é nas romarias</p>
<p>“De Mato Perso, a Capela Santa Juliana, e muita gente adiante lá (capelas São Victor e Corona e São Tiago), muita gente ajudou no restaurante do Santuário. Eu conheço todas as sete capelas. Todo o pessoal. Gente de idade. Agora, gente nova menos, mas gente de idade... Todo o pessoal é pronto a ajudar: sempre, sempre a ajudar. Mesmo da nossa comunidade aqui (Capela São José) estão sempre prontos a ajudar” (MCSJo2, 85 anos).</p>	<p>Todo o pessoal das sete capelas é pronto a ajudar sempre</p>

(continuação)

<p>“No costume de antigamente, a gente tem que se ajudar. Eu sei que uma época lá, que não tinha o restaurante, a gente cozinhava a carne em churrasqueira fora [ao ar livre]. Eu carregava 20 a 30 pessoas no caminhão e íamos para lá. Antes era meu pai. Depois meu pai cansou e cedeu o lugar para mim. Então, eu levava o pessoal daqui para lá e trabalhava lá para assar a carne, todo dia 26 de maio. Naquele tempo, não existia restaurante. Então, o pessoal que ia levava um pão, levava vinho e comprava o que precisava ali [carne] e almoçava embaixo de uma árvore. Funcionava assim” (MCSJo2, 85 anos).</p>	<p>Ajudar era costume que perdurou</p> <p>Serviço de assar carne em dia de romaria</p> <p>O almoço era embaixo de árvores</p>
<p>“As sete capelas são muito importantes para o Santuário. Se não fosse a ajuda dessas capelas... [na romaria de 26 de maio] envolve mais de mil pessoas no dia de festa, prestando serviços no Santuário. Mais de mil pessoas, para atender a todo mundo. Assim diz o reitor. Envolve muita gente” (MCSJo2, 85 anos).</p>	<p>A ajuda das sete capelas é muito importante ao Santuário</p> <p>Mais de mil pessoas ajudam na romaria de maio</p>
<p>“O que tem uma maior união entre as sete capelas é a festa das capelinhas que visita as famílias, mensalmente. Então, todos os anos, a gente vai fazendo um rodízio. Por exemplo, esse ano é em nossa comunidade, o ano que vem será em São José, depois em Monte Bérico e vai seguindo. Ali une as sete capelas, naquele evento da festa das capelinhas” (MCTS1, 85 anos).</p>	<p>Festa das capelinhas momento de maior união entre as sete capelas</p> <p>Rodízio anual de celebração das capelinhas, nas sete capelas</p>
<p>“Nós aqui ajudamos sempre o mais possível o Santuário de <i>Caravaggio</i>. Estamos aqui com sete capelas e que ajudam. Começou desde a primeira... Começou desde que existe o Santuário. Aliás, ainda não era nem igreja, era um capitel. Depois fizeram aquela outra igreja, que é o santuário antigo. E o povo aqui de Mato Perso, mas não só de Mato Perso, todas as sete capelas, iam ajudar, principalmente, quando começaram a fazer o santuário novo” (MCSJu1, 78 anos).</p>	<p>Sete capelas ajudam o máximo o Santuário</p> <p>Todas as sete capelas ajudaram a construir o Santuário</p>
<p>“A Igreja é você, sou eu, são os haitianos que estão chegando agora independente de religião que eles professam, é um bairro, é uns que moram num palácio... Todos nós precisamos de um calor humano, todos nós precisamos estender a mão e que também nos estendam para nós” (MS3, 73 anos).</p>	<p>A Igreja: grupo que necessita calor humano</p> <p>As pessoas necessitam de troca de calor humano</p>
<p>“A fé que trouxeram de berço, isso da Itália, e aqui continuaram cultivando nas famílias. As famílias vão se sucedendo, cultivando essa fé e vivendo as verdades ensinadas pela Igreja Católica. Isso faz com que esse vínculo se torne cada vez mais forte. E, também, frisando que a devoção à N. Sra. de <i>Caravaggio</i>, além de estar muito forte como comunidade paroquial, como comunidade de cada capela, mas também se expandindo no sentido de ir além das fronteiras, além até do próprio Estado, de outros estados e até de outros países, que essa devoção à N. Sra. de <i>Caravaggio</i> foi se expandindo. Mas esse vínculo da religiosidade agrícola, popular, assim que nós podemos dizer, está justamente na fé e na vivência das verdades que são comuns” (AE6, 85 anos).</p>	<p>A fé que trouxeram de berço e continuaram cultivando nas famílias</p> <p>As famílias vão se sucedendo, cultivando essa fé e vivendo as verdades ensinadas pela Igreja Católica</p> <p>Devoção se expande para o país e a outros países</p>
<p>“O sacerdote, além de celebrar a missa, de atender às confissões, de dar conselhos, também se preocupa com a organização social e econômica dos habitantes [das capelas]. Por quê? Porque tudo isso deve ser um todo que vai caminhando de mãos dadas para que realmente a vivência pessoal, familiar e comunitária se torne um todo. E, por isso, é importante que o sacerdote também ajude as pessoas, seja através de assembleias, através de reuniões, através de palestras... que procure realmente encontrar soluções mais adequadas para que o trabalho, na agricultura, se torne compensador, tenha retornos. E, além disso, fortalece o padre e ajude a fé,</p>	<p>O sacerdote, além do aspecto religioso, atua na organização social e econômica das comunidades das capelas</p> <p>A ação dos padres os fortalece, ajuda na fé e movimenta as comunidades</p>

(continuação)

<p>através de todo seu trabalho, para que a catequese, o ensinamento religioso das crianças, dos adolescentes, de jovens seja realmente fortalecido e animado pela participação do sacerdote, que vai incentivando e vai movendo e movimentando todas as comunidades. E, dentro das comunidades, as famílias, para que realmente esse vínculo se torne cada vez mais fortalecido” (AE6, 85 anos).</p>	<p>Fortalecimento de vínculos nas famílias e comunidades</p>
<p>“Primeiro momento, quero frisar novamente que os italianos que vieram para cá tiveram a mesma fé católica (AE6, 85 anos).</p>	<p>Italianos, todos com a mesma fé católica</p>
<p>Atualmente, que há o ecumenismo, até os luteranos vêm aqui em <i>Caravaggio</i> pedir a sua proteção, de descendência dos alemães. Portanto, independente da etnia, todos vêm com este mesmo princípio, com essa mesma fé que une as pessoas, invocando a intercessão de N. Sra. de <i>Caravaggio</i> (AE6, 85 anos).</p>	<p>Ecumenismo Independente de etnia, a mesma fé une as pessoas em N. Sra. de <i>Caravaggio</i></p>
<p>“Nós temos estas sete capelas e pelo conhecimento que eu tenho não tem nenhuma família e nenhuma pessoa que dissesse: - Bom, eu não sou mais católico!</p> <p>Todos são católicos. Todos vivem a mesma fé. E o ambiente da colônia, o ambiente rural ele é favorável. Por quê? Porque as pessoas se sentem unidas dentro da comunidade, capela, comunidade de cada capela. Lá eles vivem sua fé, participam da vida de fé e de oração. Participam também... partilham a vida social, a vida cultural dentro do ambiente da própria comunidade que forma a capela com seu salão, com os meios que eles têm para as diversões esportivas, enfim. É uma realidade que congrega. Então se sentem bem, ali. Então, vivem o seu domingo, vivendo a sua realidade, participando de algum jogo que eles têm, momento esportivo e de lazer, sem dúvida, isso faz parte dessas famílias, e isso ajuda muito também o ambiente rural e o ambiente de fé” (AE6, 85 anos).</p>	<p>Nas sete capelas, todos são católicos e vivem a mesma fé</p> <p>O ambiente da colônia: as pessoas se sentem unidas na comunidade da capela</p> <p>Participam da vida de fé, de oração, da vida social e cultural no ambiente da própria comunidade</p>
<p>“Sem dúvida, a fé foi um vínculo de união, independente dos padres que atendiam e das próprias congregações que atendiam. O vínculo da fé, que é o mesmo que perpassa a mente e o coração de cada pessoa, de cada indivíduo, de cada família, de cada comunidade, permanece sempre o mesmo, buscando sempre viver este vínculo, através de expressões de fé, de participação de vivência de oração, de participar de missas, de movimentos festivos em honra dos santos e das santas ou de Nossa Senhora. Isto realmente é um vínculo único, que fez com que, na verdade da fé católica, se estivesse presente diante dessa realidade toda. Por isso que as sete capelas, desde o início, praticamente foram atendidas por padres diocesanos, padres vinculados à diocese, com pequenas exceções” (AE6, 85 anos).</p>	<p>A fé foi um vínculo de união independente dos padres</p> <p>O vínculo da fé, que é o mesmo que perpassa a mente e o coração de cada pessoa, indivíduo, família, comunidade</p> <p>A fé é um vínculo único que fez com que a fé católica estivesse presente na realidade</p>
<p>“Eu vejo isso da Capela Santa Juliana, aqui de Mato Perso exercer certa liderança, porque antigamente, no início, o centro era aqui. Agora, bem certo não sei, mas, foi começado aqui. Depois, como se tornava uma região maior, era necessário fazer uma divisão das capelas. Aí foi fundada a Capela São Victor [e Santa Corona], logo adiante, e a Capela São Tiago, logo antes. Aí separou um pouco, porque senão se tornava uma região um pouco grande. É mais fácil trabalhar assim. Nós aqui das três capelas (Santa Juliana, São Tiago e São Victor e Corona) sempre vivemos uma maneira de ajudar. Mas a capela Santa Juliana dominava, no sentido de ser lugar mais central” (MCSJu1, 78 anos).</p>	<p>Capela Santa Juliana exerce certa liderança entre as capelas de Mato Perso: foi a primeira do lugar</p> <p>Convivência de entreaajuda entre as capelas</p> <p>Capela Santa Juliana era lugar central</p>

(continuação)

<p>“O vínculo das capelas é para poder ajudar mais a paróquia, o Santuário. Porque, como tu te sentes... sete filhos... sem a mãe? Eu me refiro a isso: que Nossa Senhora é a nossa mãe. O Santuário” (MCSJu2, 69 anos).</p>	<p>O vínculo das capelas proporciona maior ajuda à paróquia, o Santuário</p>
<p>“Em Mato Perso, tem tudo: televisão, internet, telefone. Eu me lembro que uma vez eu rezei uma missa lá, inaugurando o telefone que estava chegando em Mato Perso. E eu, como pároco, entrevistei um cara lá de Mato Perso, que estava em Roma. Tu já pensaste, de Mato Perso falar com um cara de Roma? Aqui eram 10 horas e lá eram 3 horas da tarde. Olha, aquilo lá foi um espetáculo. São comunidades unidas, e a Igreja sempre presente ajudando isso. Pena que houve desentendimento com os padres, não com o povo... lá com o Santuário. Que então houve a separação. Mas eles se separam e ficaram “Paróquia N. Sra. de <i>Caravaggio</i>”, embora lá dentro dessa área não tenha nenhuma capela a N. Sra. de <i>Caravaggio</i>” (AE9, 80 anos).</p>	<p>Estrutura de comunicação boa; tem tudo: televisão, internet, telefone</p> <p>Contato com qualquer lugar do mundo</p> <p>Separação: desentendimento entre os padres que atendiam</p>
<p>“É importante também destacar, em primeiro lugar, os imigrantes e a tradição. Eles não tinham outra alternativa: ou planta aqui fora ou não tem o que comer. Esta é uma realidade. Uma outra, é um terreno geograficamente muito acidentado, exceto aqui, na parte de São José e Monte Bérico, que está mais ou menos, o resto é tudo acidentado. O pessoal conseguiu plantar. Conheço lá o Mussoi, que vivem num morro, estão produzindo. Houve uma época que eles iam toda a semana para a Ceasa com produtos da terra. Nuns terrenos assim... tu não acreditas... Eles também têm essa: eles buscaram muito conhecimento. Filhos que foram se especializar. Isso tem ajudado bastante” (AE9, 80 anos).</p>	<p>Imigrantes italianos e a tradição</p> <p>Terrenos, geograficamente, muito acidentados para o cultivo</p> <p>Filhos buscaram especialização para o cultivo</p>
<p>“Eu me sinto pertencente ao Santuário. Eu nasci aqui na região da Capela Santa Juliana. Meus pais ajudaram na construção do Santuário Novo. Eles pagavam [contribuíam] com uma porcentagem da produção para a construção do Santuário” (MCSJu4, 56 anos).</p>	<p>Pertencimento ao Santuário</p> <p>A família ajudou na construção do Santuário</p>
<p>“As capelas mais distantes não têm prestado muita ajuda física ao santuário [A distância é de, aproximadamente, 20 km do Santuário]. A ajuda maior é pelos corais que vão cantar nas missas” (MCSJu4, 56 anos).</p>	<p>Os corais das capelas ajudam nas liturgias do Santuário</p>
<p>“Para a formação de vínculos, eu falo em uma Igreja mais aberta, participativa. Assim a comunidade faz, por exemplo, a missa dos pais, a missa das mães, a missa dos jovens – que os jovens cantam. É o coral feito das mães, coral feitos dos pais, coral feito dos jovens, para estimular eles a participar. Tem as capelinhas, que visitam todas as casas, que traz presente ali, mensalmente, um momento com a família, de maior devoção. Quando, por exemplo, tem alguém que está doente – que eu acho que é uma característica muito bacana -, sempre se faz o tríduo, que é a récita de três terços, em favor daquela pessoa ou de outros que estejam doentes também naquele momento. Para pedir chuva, por exemplo, que é uma característica aqui de nossa região que é aquela festa votiva do 2 de fevereiro, por causa da seca que aconteceu naquele tempo, então também se faz tríduo para pedir a chuva. Para a graça da saúde. Isso eu vejo aqui nas nossas capelas que é muito forte, muito presente. Tríduo preparatório para as festas dos padroeiros: a festa dos padroeiros é muito forte aqui em Santa Juliana. E, ainda, tem as secundárias, que é a de Santa Luzia, que é a protetora dos olhos. Então tem as duas festas [em Santa Juliana]: a de Santa Juliana, que seria em fevereiro, mas acontece que, por causa da safra da uva, vai acontecer em abril, depois da Páscoa; e a de Santa Luzia que acontece em dezembro. A festa dos padroeiros é a festa máxima das capelas, que é um momento importante” (MCSVC1, 49 anos).</p>	<p>Formação de vínculos: uma igreja mais aberta</p> <p>Celebrações e eventos que envolvem as diversas faixas etárias dos moradores</p> <p>Capelinhas na visita domiciliar</p> <p>Oração do terço nas famílias, em situação de doenças</p> <p>Oração do terço para pedir chuva</p> <p>Festas dos padroeiros que envolvem as comunidades</p>

(continuação)

<p>“Nós nos sentimos parte [do Santuário], porque vamos lá fazer nossa parte também. Vamos cantar em missas. Eu gosto bastante do Santuário. Tenho muita, muita devoção à N. Sra. de Caravaggio” (MCSV3, 77 anos).</p>	<p>Sentimento de pertença por fé e colaboração</p>
<p>“Nas capelas, se faz encontros de formação, de preparação dos jovens na liturgia, nos cantos, catequese. Formação de jovens e crianças. As famílias participam e incentivam os filhos a participarem. Agora também tem menos gente que mora aqui. As famílias são menores. Porque uma vez as famílias eram bem mais numerosas” (MCST1, 64 anos).</p>	<p>Encontros de formação nas capelas: liturgia, cantos, catequese</p> <p>Famílias participam e incentivam os filhos</p> <p>Atualmente, famílias são menores</p>
<p>“Agora a gente está fazendo um tríduo <i>online</i> por causa que a gente teve Covid dias atrás, e por causa da seca [que está ocorrendo], então a gente está rezando. A gente convidou a comunidade a rezar <i>online</i>. A gente tem o grupo da comunidade e aí, como tinha pessoas dizendo que a gente tinha que rezar para pedir a chuva, e aí a gente combinou uma hora. Então às oito e meia da noite, todo o mundo reza o terço em casa. Mas, as pessoas aceitam bem e rezam de casa. Aí não precisa ir até lá. Quando a gente começou a organizar não tinha pegado Covid. E também não dava para ir lá. Não estava tão forte, mas é melhor se resguardar. Então a gente resolveu fazer assim, rezar de casa” (MCNSMB1, 60 anos).</p>	<p>A comunidade se une em oração <i>online</i>, para pedir chuva</p>
<p>“A capela aqui é unida quanto à religião, porque quando se fala em religião todo mundo concorda. Sobre outras coisas, às vezes o pessoal puxa para outro lado, mas, quando é sobre rezar, a nossa capela é bem religiosa, e as pessoas têm muita fé. Eu acho que é uma capela de muita fé” (MCNSMB1, 60 anos).</p>	<p>Comunidade da capela é unida quanto à religião</p> <p>A comunidade da capela é de muita fé</p>
<p>“A primeira manifestação de uma peregrinação de ir até a <i>Caravaggio</i>, ela é gratidão a Deus pela vida, por tudo o que tem, por aquilo que conseguiu superar e também é uma forma de se recolocar, porque aqui a nossa forma de habitação, aqui nesta terra, não é eterna. Então, é para a gente recordar que nós somos peregrinos, peregrinos em busca do reino eterno, peregrinos em busca... estamos atravessando o mar e vamos chegar ao porto. Então, quer dizer, sempre lembrar que nós estamos a caminho” (AE3, 52 anos).</p>	<p>Peregrinação a <i>Caravaggio</i> é gratidão a Deus pela vida</p>
<p>“Peregrinar ao Santuário também é buscar esta recolocação da vida humana, saber que há valor e contravalor. Enquanto você está indo, não vai carregar a casa junto, só vai carregar o que cabe no coração, um pouco no bolso, uma mochila. Então quer dizer, ter uma vida simples é uma vida que leva a Deus! Uma vida bem-regrada e bem moldada, ela também vai dando valores, fatores, encorajamento para enfrentar as dificuldades de cada dia. O peregrino vai em busca de crescer na fé, porque também na fé nós podemos acrescentar” (AE3, 52 anos).</p>	<p>Peregrinar ao Santuário também é buscar esta recolocação da vida humana</p> <p>Encorajamento para enfrentar as dificuldades</p> <p>Crescer na fé</p>
<p>“A peregrinação em si ela dirige a Deus, ela dirige também ao irmão e ela dirige ao próprio interior da pessoa. Reencontrar-se, eu diria também, recarregar as baterias, então é a oportunidade de fazer lá” (AE3, 52 anos).</p>	<p>A peregrinação em si ela dirige a Deus, ao irmão e ao próprio interior da pessoa</p>
<p>“A gente percebe que as pessoas precisam ter um local de referência sagrada. O próprio Evangelho do final da semana passada fala ‘Jesus desce do Monte’. Lá, ele se encontrou com Deus. As pessoas têm que ter um ponto forte na diocese, na cidade, e <i>Caravaggio</i> é o ponto referencial dessas cidades todas. Essa força de atração, essa dinâmica religiosa faz com que as pessoas encontrem alívio em sua vida, se encontrem na caminhada” (AE8, 65 anos).</p>	<p>As pessoas precisam de local de referência sagrada</p> <p>O Evangelho faz referência a lugar sagrado</p> <p>Santuário: força de atração que provoca alívio e rumo na caminhada da vida</p>

(continuação)

<p>“Hoje vai-se a <i>Caravaggio</i> muito pela devoção, pela hospitalidade, pela fé. Não se vai para <i>Caravaggio</i> para comer nem cachorro quente, nem xis, ou tomar refrigerante ou fazer bagunça. Então, realmente, hoje, há muita gente, o lugar dele é <i>Caravaggio</i>, eles gostam de lá, não gostam de outro lugar. A gente respeita, apesar de que a comunidade é muito importante. Mas realmente, cada um que chega lá e sai, sai renovado, sai modificado” (AE8, 65 anos).</p>	<p>Vai-se a <i>Caravaggio</i> muito pela devoção, pela hospitalidade, pela fé</p> <p>Cada um que chega lá sai renovado, sai modificado</p>
<p>“A figura materna de Maria, porque Maria é tudo para eles [peregrinos]. É o lugar onde eles encontram apoio e sustento. Eles saem do inferno da família, saem do inferno da favela, saem do inferno da agricultura, saem do inferno do seu hábitat e chegam lá e respiram e tem uma vida saudável, boa, de sustento. Realmente, falando de <i>Caravaggio</i>, nós temos um material muito grande, muito precioso, muito bacana de trabalhar, de explorar, participar e ver aquilo tudo. Por trás de cada migrante, de cada peregrino tem uma vida fantástica, bacana. Realmente, verdadeiras conversões, mudanças de vida, gente que deixa de ser machão, gente que deixa droga, gente que deixa a bebida, gente que é curado de câncer, tudo o que é enfermidade. Gente que se afirma como religião, como Igreja, isso cada vez mais se percebe isso. Então, cada vez mais que você explora <i>Caravaggio</i> você vai ver as facetas muito grandes, extraordinárias” (AE8, 65 anos).</p>	<p>A figura materna de Maria</p> <p>[No Santuário] respiram e tem uma vida saudável, boa, de sustento</p> <p>Cada migrante, cada peregrino, tem uma vida fantástica: conversões, mudança de vida, curas de enfermidades, afirmação na religião e como Igreja</p>
<p>“O pessoal participa. O pessoal de <i>Caravaggio</i> não mede esforços. Um exemplo que se pode dar é há pouco, a construção do ginásio Saturno. A comunidade é pequena, nós somos em duzentos sócios e temos um ginásio em que ecabem cinco mil pessoas sentadas. Foi conseguido também graças ao trabalho e à disposição. E, quando a Igreja trabalha junto, quando usando o que o Papa Francisco diz, quando o pastor, que é o padre, que ele tem o cheiro das ovelhas, que ele participa junto com o povo, a comunidade anda. A construção do Santuário novo também. O bispo Dom José Baréa não queria. O padre Portolan chegou aqui. Mas o povo de <i>Caravaggio</i>, os fabriqueiros... as famílias doavam pedras, famílias doavam trabalho, famílias doavam dinheiro..., mas as comunidades que faziam parte do Santuário que eram outras capelas também, a Busa, São José, Linha Trinta, Mato Perso, mais duas ou três, também o pessoal vinha ajudar. Aí conseguiram em dezoito anos, sem dinheiro, sem recursos, sem mídia, sem nada, hoje se tem mídia, se investe em propaganda, construíram o prédio que está aí. Mas isso eu friso de novo, quem construiu o Santuário, quem idealizou, foi o padre Portolan. O padre Portolan rezava a missa de manhã, depois ia ajudar a fazer tijolos, fazer massa, cortar pedra... Era incansável. No depoimento das pessoas que ajudaram a construir e que ainda estão vivas, que ajudaram a construir o Santuário, ressaltam isso, que não tinha como as pessoas que estavam trabalhando esmorecer, porque o padre, se eles iam até oito ou nove da noite, o padre estava aí junto, ajudando. E aí, se o pastor tem o cheiro das ovelhas, sabe, a comunidade anda. O padre Portolan foi muito importante na história do Santuário. Se não tivesse o padre Portolan, não teria o Santuário. Não haveria mesmo, porque houve um impasse entre ele e o bispo D. José Baréa não queria a construção porque era uma situação de não ter dinheiro, não ter recursos... Em 1945, há 65 anos da imigração italiana, nada de recursos, nada de dinheiro, como é que vai se começar uma obra desse porte?” (MS4, 61 anos).</p>	<p>Pessoal de <i>Caravaggio</i> não mede esforços para participar na ajuda à comunidade</p> <p>Famílias doavam pedras, trabalho, dinheiro... As comunidades que faziam parte do Santuário, que eram outras capelas também, a Busa, São José, Linha Trinta, Mato Perso, mais duas ou três, também o pessoal vinha ajudar</p> <p>Importância da liderança do padre Portolan, que idealizou e viabilizou a construção do novo Santuário</p> <p>Rezava a missa de manhã, depois ia ajudar a fazer tijolos, fazer massa, cortar pedra... Era incansável</p> <p>Padre Portolan foi muito importante na história do Santuário e garantiu sua construção</p>
<p>“Talvez falte acrescentar que a Palavra de Deus é sempre tremendamente importante para a hospitalidade, nunca pode se faltar palavras de carinho, palavras de atenção, palavras de verdade. Porque também uma pessoa pode ir, no sentido religioso, e estar iludida que vai encontrar tudo e que tudo se resolve. A Palavra de Deus ela é muito mais profunda e ela tem</p>	<p>Palavra de Deus importante para a hospitalidade</p>

(continuação)

que ser mastigada, vivida e amada ao longo do ano, ao longo da vida” (AE3, 52 anos).	
“O pessoal [que vem ao Santuário] quer uma resposta que faça mudar de vida, que responda àquelas situações mais angustiantes da sua vida” (AE4, 59 anos).	Resposta que responda às situações mais angustiantes da vida
“Eu também sou peregrino. Já vim de Porto Alegre três vezes a pé... a gente caminha bastante. Na primeira vez, fiz uma promessa. Nas outras duas vezes, vim para agradecer. Na caminhada, a gente se encontra. Aí você tem um amadurecimento, desde que você fez a promessa e você levanta e sai até chegar aqui” (MS4, 61 anos).	Na caminhada, a gente se encontra Tem um amadurecimento
“ <i>Caravaggio</i> é um centro irradiador de fé. Fazendo a peregrinação até <i>Caravaggio</i> , nós vamos encontrar resposta que precisamos para nossa vida, o sentido, a afirmação que precisamos para nossa vida, a graça que precisamos em nossa vida” (AE4, 59 anos).	<i>Caravaggio</i> é centro irradiador de fé Peregrinação permite resposta para a vida, sentido e afirmação
“Às vezes, o problema de uma pessoa é capaz de mobilizar muitas outras que se solidarizam para fazer esse caminho [...] Algo de muito grave acontece que o senso comum encontra sua resposta na intervenção divina” (AE4, 59 anos).	Solidariedade para fazer a romaria O senso comum encontra resposta na intervenção divina
“Às vezes, a gente percebe turistas religiosos aqui, esses que estão fazendo turismo religioso. Ou estão fazendo turismo e acabam caindo no Santuário, porque alguém falou para eles. Mas eu já vi muitos deles decepcionados, porque “aqui não tem nada, não tem nada, não tem uma pintura”. Às vezes chegam aqui e... quando entram na loja... “isso aqui é muito simples, isso aqui é muito feio”. Sabe, então a gente diz assim, “mas olha, aqui não é um centro comercial religioso, isso aqui é um ponto de expressão de uma fé em <i>Caravaggio</i> . Nem foi aqui que ela [Nossa Senhora] apareceu” (AE4, 59 anos).	Turismo religioso Ponto de expressão de fé em <i>Caravaggio</i>
“Hoje nós temos, entre Bento e <i>Caravaggio</i> e entre <i>Caravaggio</i> e Caxias, nós temos esse caminho dos romeiros que têm muita frase bíblica, muito pensamento... Nós precisamos tornar esse turismo “religioso”, mas também há uma questão muito sagrada, que é muito importante: a vida” (AE8, 65 anos).	Turismo religioso: frases bíblicas no caminho A vida é uma questão sagrada
“O atendimento às confissões é uma característica do Santuário Diocesano N. Sra. de <i>Caravaggio</i> . Atualmente, essa procura diminuiu, mas a procura de orientação, a busca de solucionar possíveis conflitos pessoais ou desorientações que as pessoas sentem continua crescendo. Então, está crescendo, atualmente, essa busca de uma orientação espiritual para buscar um novo ânimo, um novo encorajamento, para vislumbrar a vida com mais otimismo e com maior alegria” (AE6, 85 anos).	Confissões é uma característica do Santuário Procura por confissões diminuiu Aumentou a busca por orientação espiritual
“Após o Concílio Vaticano II [1962-1965], o incentivo propriamente do ecumenismo, a aproximação de outras crenças religiosas, a Igreja facilitou muito isso. Então, aqui a busca, no Santuário, por outros segmentos religiosos também acontece. Claro, nós, como sacerdotes, estamos aqui para ajudar as pessoas da melhor maneira possível. Isso aconteceu no passado, está acontecendo no presente momento. Porque, o que se quer é fazer com que essa devoção à N. Sra. de <i>Caravaggio</i> possa se tornar um meio, um caminho para que as pessoas se aproximem da verdade, se aproximem de Deus, que é Jesus: Caminho e Verdade da Vida. Porque sabemos que Ele [Jesus] é aquele que dá sentido às peregrinações, dá sentido às buscas, porque N. Sra. de <i>Caravaggio</i> , ou Nossa Senhora de	Ecumenismo, aproximação de outras crenças no Santuário Nossa Senhora se tornou um caminho, um meio para que as pessoas se aproximem da verdade, de Deus

(continuação)

<p>qualquer outro título que nós invocamos, ela é apenas um meio, é aquela que nos ajuda a nos aproximar de Deus, de seu filho Jesus Cristo” (AE6, 85 anos).</p>	<p>Jesus dá sentido às peregrinações</p>
<p>“Eu fui várias vezes [nas romarias]. Eu ficava a noite inteira cozinhando churrasco, fazendo pastéis, coisa assim, pra servir os fiéis que vinham ao Santuário de <i>Caravaggio</i>. Era uma grande ajuda que a gente fazia. Às vezes, nós ficávamos três dias. Tinha uma escala de serviços. O Santuário organizava. Eles diziam: tal capela está organizada em tal lugar. Vender artigos religiosos... tem muitas coisas pra fazer. A gente sempre ia fazer, ajudar. Nunca se pensava em querer ganhar alguma coisa. Nada. Não tinha nada disso aí. Não existia essa coisa aí [de interesse próprio] (MCSJu1, 78 anos).</p>	<p>Ajuda nas romarias: noite inteira cozinhando alimentos, até três dias</p> <p>Escala de serviços organizada pelo Santuário</p> <p>Ajuda gratuita, sem interesse de ganho</p>
<p>“Eu trabalhei diversos anos lá em <i>Caravaggio</i>, em maio e em 2 de fevereiro. Eu não vejo que é só italiano que é devoto de Nossa Senhora. É em geral. Quem vai lá é porque tem devoção à N. Sra. de <i>Caravaggio</i>, mas, não tinha raça, não tinha cor. Quem passava lá durante a noite é que tinha mesmo devoção e ficava lá as noites inteiras dentro da igreja rezando, se bem que era dia de chuva, frio, mas não abandonava. A fé em N. Sra. de <i>Caravaggio</i>, pelo que eu cheguei a ver é em geral, não é só dos italianos, não” (MCSJu2, 69 anos).</p>	<p>A fé em N. Sra. de <i>Caravaggio</i>, pelo que eu cheguei a ver é em geral, não é só dos italianos</p>
<p>“As capelas participam de eventos no Santuário. Isto das festas, por exemplo, de 2 de fevereiro e 26 de maio. Então, quando se faz a novena preparatória as capelas participam. Nos últimos anos, cada capela ficou responsável por uma noite. Acho que as capelas mais próximas participam das atividades ali. As nossas [Santa Juliana, São Victor e Corona e São Tiago], algumas pessoas participam. Eu sei que tinha a Z. P. que fazia os pãezinhos, e algumas coisas, assim, o pessoal leva para doar. Ou frutas... Nossa Senhora é enfeitada com as produções aqui das comunidades. Então as comunidades participam com isso, levando os seus afazeres, seus trabalhos. Demonstrem isso em <i>Caravaggio</i>. Acho que participam em todos os momentos. Por exemplo, tem as capelinhas que ainda circulam nas casas. Tem a festa das capelinhas que, até no ano passado, no Conselho foi colocado: até o ano passado se elegia uma capela. Por exemplo: a festa deste ano vai ser em São Victor ou em Santa Juliana. Parece que, a partir do ano que vem, o padre quer que se organize tudo no Santuário. Então, fazem a festa das capelinhas em cada capela e, depois, a Festa das Capelinhas vai ser em <i>Caravaggio</i> com a participação de todas as capelas e com a confraternização de todos” (MCSVC1, 49 anos).</p>	<p>Capelas participam de eventos no Santuário</p> <p>Novenas preparatórias das festas de fevereiro e maio</p> <p>Doações de produtos da terra e trabalhos</p> <p>Capelinhas de visita domiciliar com festa e confraternização no Santuário</p>
<p>“Eu me sinto parte do Santuário. Fé, devoção, a crença. Deus, Nossa Senhora, minha padroeira, eu tenho Nossa Senhora para mim. A gente veio de uma família muito religiosa. O pai tem uma irmã que é freira. Eu tenho um mantra para mim que é: Nossa Senhora, vá na minha frente, resolva por mim o que eu não consigo resolver sozinha. Sempre em todas as situações. E sempre deu muito certo para mim, em tudo. Eu ensino para os meus filhos isso. A gente tenta passar. A gente tem uma família muito religiosa de cantores, digamos assim. A gente sempre cantou na igreja. Na capela São Victor, a gente sempre cantou” (MCSVC1, 49 anos).</p>	<p>Sentimento de pertença ao Santuário</p> <p>Fé e devoção à Nossa Senhora</p> <p>Transmissão da fé e devoção aos filhos</p> <p>Família de cantores que canta na igreja</p>
<p>“Minha comunidade [Monte Bérico] sempre ajudou o Santuário. As outras capelas daqui também ajudam, não é só a nossa. Todas ajudam mais ou menos igual. Ajudam numa coisa e outra” (MCNSMB1, 60 anos).</p>	<p>Todas as capelas ajudam o Santuário</p>

(conclusão)

<p>“A romaria votiva é a festa dos agricultores das sete comunidades e a sede. Eles sempre vieram com seus frutos da terra, depositam na frente do altar... as primícias dos frutos da terra. E vêm também com seus instrumentos agrícolas às máquinas mais modernas. Então, é um fenômeno muito marcante. Por exemplo: Este ano não veio a chuva em 2 de fevereiro, mas veio no dia de <i>Caravaggio</i> [26 de maio]. E eles interpretaram isso como um fenômeno, uma resposta. Ela [N. Sra. de <i>Caravaggio</i>] dá a resposta em algum momento. E eles vieram em agradecimento, agradecer à Maria, porque disseram que “não perdemos os frutos da terra mesmo com a estiagem”. Então, tem essa marca da solidariedade entre as pessoas desde o início [quando da imigração]. As crianças vêm crescendo nesse mesmo fenômeno. Elas chamam a mim não como “padre Ricardo”, mas me chamam “senhor reitor” (AE5, 51 anos).</p>	<p>A Romaria Votiva é a festa dos agricultores das sete comunidades e da sede</p> <p>Na festa, oferecem frutos da terra e trazem seus instrumentos e máquinas agrícolas modernas</p> <p>Demonstram gratidão à Santa pela proteção no plantio</p> <p>Participação das crianças</p>
---	---

Fonte: Elaboração da autora (2024).

O Quadro 23 mostra a síntese do Quadro 22, que contribuiu para definir a segunda categoria.

Quadro 23 - Religiosidade popular – Síntese da síntese

(continua)

Síntese	Síntese da síntese
História marcada pelos imigrantes italianos Padres sensíveis a esta devoção Capela que se tornou o primeiro Santuário	Imigrantes italianos Devoção Capela-Santuário
A fé veio de lá [Itália] e continua aqui	Fé
Tradição de tocar em Nossa Senhora	Fé em Nossa Senhora
O primeiro agrupamento de imigrantes A fé que os imigrantes trouxeram da Itália e a devoção à N. Sra. de <i>Caravaggio</i>	Imigrantes Fé e devoção à Nossa Senhora
Os primeiros imigrantes eram todos católicos Os imigrantes continuaram, aqui, vivendo sua fé	Imigrantes católicos Fé
Outras comunidades surgiram ligadas ao Santuário A capela-sede se torna curato em 1893, com o padre residindo no local	Comunidades ligadas ao Santuário Curato em 1893
A devoção à N. Sra. de <i>Caravaggio</i> começou a se expandir em 1879 Atraía pessoas de outras localidades por causa da devoção	Expansão da devoção em 1879 Devoção
Capela de ex-votos, desde 1879 Graças alcançadas	Ex-votos desde 1879 Graças alcançadas
N. Sra. de <i>Caravaggio</i> é o centro da devoção Movimento de busca de soluções para os problemas pessoais, familiares, comunitários	Devoção à N. Sra. de <i>Caravaggio</i> Fé
A fé fez a comunidade de <i>Caravaggio</i> Ajudar e acolher o peregrino formam vínculo que não se apaga	Fé Acolhimento
A história da cooperação para erigir a capela Ampliação da capela Devoção: Santo Antônio, N. Sra. de Loreto, mas prevaleceu N. Sra. de <i>Caravaggio</i> Promessa à Nossa Senhora e encontraram as crianças e então passou a ser N. Sra. de <i>Caravaggio</i>	Cooperação Capela Devoção à N. Sra. de <i>Caravaggio</i> Fé em N. Sra. de <i>Caravaggio</i>

(continuação)

Seca de 1899 Mobilização das comunidades em peregrinação pela chuva Graça pela chuva alcançada	Seca de 1899 Fé Graça alcançada: fé
Os peregrinos vêm ao encontro da fé e dos valores Oferecemos o que temos: o mais importante é o amor que fica e que vai	Fé e valores Amor
O Santuário está à disposição de todos	Santuário à disposição de todos
Busca ser um lugar simples, despojado, onde as pessoas vêm fazer sua oração	Santuário: lugar de oração
Romarias reforçam, irradiam sentido religioso da região	Romarias reforçam fé da região
Precisamos nos irmanar, nos ajudar	Espírito de união
Quatro momentos importantes: imigrantes, água, fé do peregrino e as mídias sociais	Imigrantes, água, fé, mídias
Nossa Senhora e Joaneta O Santuário é uma esperança por aquilo que significa na história	Nossa Senhora: acolhedora Santuário: esperança
Vocação da solidariedade Solidariedade contribui para a pessoa ser feliz Emprestar os braços a Jesus e à Maria para interagir na comunidade O peregrino “carrega” a família, a fábrica, o trabalho	Solidariedade Solidariedade e felicidade Interação pela fé Peregrino com fé
O Santuário é uma escolha de Nossa Senhora, para se manifestar aqui nessa região [No Santuário] se respira projeto de Deus: o silêncio, a calma O Santuário é um centro de oração, é um centro de contemplação da natureza E como ele aconteceu, há uns cinquenta anos da inauguração do Santuário, ali que está o segredo da solidariedade	Santuário: escolha de Nossa Senhora Santuário: projeto de Deus Santuário: centro de oração Solidariedade na construção do Santuário
[As pessoas] vinham, celebravam o culto, e depois do culto, longe daqui, a uns seiscientos metros, era onde eles tinham o barro e aí chamavam de cordão indiano... passavam o tijolo um a um para trazer aqui A questão extraordinária que existe nesse processo é “fazer” Ninguém viu Nossa Senhora, ninguém viu Jesus, ninguém viu Deus, mas é fazer essa leitura: Maria, Jesus interajam com os moradores	Cooperação e solidariedade Cooperação e solidariedade Fé gera solidariedade
O peregrino como tabernáculo, com coração partido. Ele precisa de alguém que o acolha, que o ouça, que seja hospitaleiro com ele Preocupação com o futuro e a continuidade dos serviços Falta de sacerdotes Necessidade de formação para os leigos levarem adiante os serviços religiosos	Acolhimento/hospitalidade Continuidade dos serviços Falta de sacerdotes
Necessidade da experiência religiosa na Igreja	Experiência religiosa
Planejamento é realizado pelo reitor, equipe eclesial do Santuário e diocese, e representantes da comunidade (fábriqeiros) Mais de mil pessoas ajudam com serviços voluntários	Planejamento em equipe Serviços voluntários
A religiosidade popular Necessidade de acesso, condições de mobilidade aos mais pobres	Religiosidade popular Hospitalidade
O Santuário iniciou com três famílias, em 1879, primeiro ano de romaria O marco da devoção foi um quadrinho oferecido pela família Faoro, trazido da Itália e a decisão foi aceita pela comunidade N. Sra. de <i>Caravaggio</i> deu o nome ao lugar	Religiosidade popular: santuário Religiosidade popular: devoção
Religiosidade popular manifestada por pessoas cultas e por pessoas simples, que aprenderam a ler e escrever. Não é uma questão de ser	Religiosidade popular

(continuação)

<p>mais culto ou menos culto; é popular, porque abrange todos os que chegam ao Santuário</p> <p>Com o título de N. Sra. de <i>Caravaggio</i>, tornou-se lembrada além de nosso País</p>	Devoção
<p>A questão da água: na Itália, a Santa é conhecida como N. Sra. da Fonte, porque surgiu uma fonte no local em que ela pisou</p> <p>Ramo seco se tornou verde e floriu</p> <p>Aqui, em 1899, após longa seca, choveu no dia em que fizeram romaria para pedir chuva</p> <p>Romaria Votiva</p>	<p>Vínculo com a água</p> <p>Milagre: ramo seco floriu</p> <p>“Milagre da chuva”, em 1899</p> <p>Religiosidade popular: Romaria Votiva</p>
<p>Mato Perso, mato perdido, tinha lugares difíceis de viver</p> <p>Maneira cristã de viver</p>	<p>Geografia íngreme</p> <p>Vivência cristã</p>
<p>Todos são católicos</p> <p>Vivência cristã</p> <p>Ia à missa a cavalo, em <i>Caravaggio</i></p>	<p>Imigrantes todos católicos</p> <p>Vivência cristã</p> <p>Grande distância de <i>Caravaggio</i></p>
<p>Romaria Votiva iniciou por uma grande seca</p> <p>Todos foram a pé, pedindo chuva à Nossa Senhora</p> <p>Teve continuidade por causa da graça alcançada</p> <p>Pedir e agradecer a graça</p>	<p>Romaria Votiva: seca</p> <p>Devoção</p> <p>Devoção</p> <p>Fé e devoção</p>
<p>Continuidade da Romaria Votiva, com os produtores rurais, com suas máquinas agrícolas</p>	Romaria Votiva, modernizada
<p>Evolução das construções: capitelzinho, igreja um pouco maior, depois o santuário velho e, por fim, o santuário atual</p> <p>Sempre mais gente afluía ao Santuário</p> <p>Padre Portolan idealizou e reuniu esforços para construir o novo Santuário [1946-1963]</p> <p>Padre Portolan incentiva as famílias das sete capelas a colaborarem com doações e serviços para a construção</p> <p>Transportavam a areia do rio com carroças</p>	<p>Santuário: evolução construtiva</p> <p>Santuário: público crescente</p> <p>Padre Portolan: construção do novo Santuário</p> <p>Padre Portolan: planeja o cooperativismo na região</p> <p>Santuário: tijolos com areia de rio local</p>
<p>O primeiro capitel do lugar foi o de N. Sra. de <i>Caravaggio</i></p> <p>Mais tarde foram se formando os demais</p> <p><i>Caravaggio</i> sempre foi a capela-mãe</p> <p>Algumas capelas se desmembraram e ficaram pertencendo a uma nova paróquia</p>	<p>Religiosidade popular: capitel N. Sra. de <i>Caravaggio</i></p> <p>N. Sra. de <i>Caravaggio</i>: capela-mãe</p>
<p>Deus e Nossa Senhora nunca abandonam os que neles creem</p> <p>Se tu tens um credo, uma fé, tu consegues sobreviver, tu vês as dificuldades não tão ruins, tu consegues te libertar melhor, tu consegues fazer as coisas melhores</p> <p>A fé é um alicerce que nos fortalece diante das dificuldades, evita o desânimo</p>	<p>Fé e devoção</p> <p>Fé e devoção</p> <p>Fé: alicerça à vida</p>
<p>Primeira Romaria Votiva</p> <p>Seis meses de seca</p> <p>Meu avô, que esteve nessa romaria, chorava quando contava</p> <p>Dieta da falecida vó com pinhão e caldo de papagaio, pois não tinha galinha</p> <p>O pinhão secava no sol e guardavam</p>	<p>Primeira Romaria Votiva</p> <p>Seca</p> <p>Experiência de fé</p> <p>Dieta na seca: pinhão e caldo de papagaio</p>
<p>Modernização da Romaria Votiva</p> <p>Além dos tratores, juntar mais máquinas agrícolas</p> <p>Fábrica de carretos <i>tuc tuc</i></p>	<p>Romaria Votiva: modernização</p> <p>Máquinas agrícolas</p> <p>Carretos <i>tuc tuc</i></p>

(continuação)

Homenagear a família do fundador dos carretos Convite a todos os que compraram carretos, a participarem da Romaria Votiva	Romaria Votiva: mobilização de participação
Carreto e cesta de pães para distribuir/doação Frutos da terra levados na Romaria Votiva e, após, doados a casas assistenciais	Romaria Votiva: frutos da terra doados
História da imigração no local Promessas do governo não foram cumpridas As terras mais distantes (isoladas) eram mais baratas	Imigração italiana: história Imigrantes: soluções próprias Terras isoladas mais baratas
História da imigração - abandonados pelo governo italiano, pelos empresários que os trouxeram e, de certa forma, pelo governo brasileiro Todos pagaram por suas terras Foram jogados num lugar isolado Apoio só do céu	Imigração italiana: História - abandonados pelas autoridades Imigrantes: todos pagaram suas terras Imigrantes: destino a lugares isolados
Eram pobres. Faltavam, também, roupas para participarem num grupo maior Grande distância do Santuário Origem das capelas: récita do terço em família, que depois originou um capitel, depois uma capela	Imigrantes: apoio na religião Imigrantes: pobres Grande distância do Santuário Devoção: religiosidade popular
“Milagre da chuva” [1899] marcou o lugar Presença do céu: afluência, graças e milagres Objetos que as pessoas levam ao Santuário, em gratidão às graças e aos milagres alcançados Demonstrações dos ex-votos mostram que é uma igreja diferente das outras: um Santuário	Romaria Votiva: “milagre da chuva” Religiosidade popular: graças e milagres Ex-votos: manifestações de gratidão às graças alcançadas
Trouxeram de lá (Itália) o nome dos santos Troca de nomes italianos, por nomes brasileiros	Devoções trazidas
O milagre é um fato extraordinário, não tem nenhuma explicação científica Em <i>Caravaggio</i> , acontece isso, esse aspecto extraordinário	Fé Fé
O Santuário teve papel fundamental de aglutinar as pessoas, como tem hoje também Rádio Caxias (1946) fazia transmissão por telefone e a Rádio Miriam em 1956 A Rádio Miriam desempenhou papel importante para o Santuário O bispo Dom Benedito Zorzi foi muito importante para o Santuário	Santuário: aglutinador da fé Divulgação do Santuário: Comunicações através das rádios Caxias e Miriam Liderança de Dom Benedito Zorzi
Territorialidade: o que a influencia é a ligação com o Santuário A devoção influencia na territorialidade	O Santuário e a devoção influenciam o campo religioso
Peregrinos no Santuário: maior número é de Caxias do Sul Religiosidade, devoção, milagres e tradição move os peregrinos	Santuário atrai peregrinos Religiosidade popular
Romaria Votiva: origem, na chuva de ferreiro [1899] Celebração com participação de maquinário agrícola e doação de produtos agrícolas Fortalecimento da devoção	Romaria Votiva Romaria Votiva: modernização Devoção
Santuário de <i>Caravaggio</i> : dois milhões e meio de visitas anuais antes da pandemia	Santuário: 2,5 mil visitas/anuais
Todas as sete capelas ajudaram a construir o Santuário	Santuário e capelas

(continuação)

Em meio à rocha pura, onde ia ser construído o Santuário, surgiu fonte de água	Santuário e a água
A água para construir o Santuário foi praticamente toda ela tirada do poço que surgiu	Santuário e a água
Esforços do padre Portolan para reunir recursos para construir o Santuário	Liderança do padre Portolan
A ajuda de Nossa Senhora	Fé
Outra nacionalidade não teria a mesma devoção	Devoção
N. Sra. de <i>Caravaggio</i> é uma devoção italiana	Devoção
Fiéis, na maioria, são de origem italiana	Fiéis italianos
Catolicismo está mais ligado à raça italiana	Catolicismo na etnia italiana
Os imigrantes trouxeram esta devoção à N. Sra. de Caravaggio	Devoção vinda da Itália
Região rural, isolamento, distância contribuíram para a fé e a devoção	Ruralidade, fé e devoção
Importância da liderança dos padres	Liderança dos padres
Os padres eram centro da religião	Padres: referência religiosa
Padres traziam a novidade	Padres: traziam a novidade
Foram os italianos que trouxeram essa devoção, com as imagens	Devoção trazida da Itália
Os italianos trouxeram a devoção e foi mantida, originando o Santuário	Devoção: originou o Santuário
O padre foi figura importante para a instrução e o conforto dos moradores	Liderança dos padres
O padre faz parte dos momentos mais significativos da vida: nascimento, sacramentos, morte	O padre ajuda a significar a vida
Os padres têm a função de agregar e manter viva a esperança da vida e da transcendência	Os padres agregam e mantêm viva a esperança
As capelas foram elas que construíram o Santuário	Capelas construíram o Santuário
Toda a mão de obra era tudo gratuitamente	gratuitamente
Na separação [das capelas em relação ao Santuário], as autoridades eclesiásticas queriam que as capelas de Mato Perso se vinculassem à Otávio Rocha, Flores da Cunha	Desligamento das capelas, do Santuário
Indignação com o fato do desmembramento	Indignação dos moradores
Devoção relacionada à italianidade	Devoção e italianidade
A devoção à Nossa Senhora e o sentimento religioso vieram da Itália	Devoção e italianidade
A religiosidade é bem forte nesse sentido	Religiosidade popular
As sete capelas sempre ajudaram o Santuário	Solidariedade das sete capelas
O italiano é mais para a religião católica	Religião católica e italianidade
Desde seus bisavós, apegaram-se à fé	Fé
Exemplo dos antepassados, de que a fé é importante	Fé
Italianidade ligada à devoção à N. Sra. de <i>Caravaggio</i>	Devoção e italianidade
Identificação com Joaneta, diante de dificuldades de saúde, família...	Religiosidade popular
Padre Portolan era severo em pedir ajuda (dinheiro e mão de obra) para a construção do Santuário	Liderança do padre Portolan
O povo tinha fé e ajudava	Fé e solidariedade
As pessoas “se davam as mãos” e ajudavam	Fé e solidariedade
O padre tinha papel fundamental	Liderança dos padres
Sentimentos de amor, paz e bem-estar no Santuário	Santuário: lugar de hospitalidade
Importância dos padres para liderar e conduzir a espiritualidade religiosa	Liderança dos padres
É fundamental o padre liderar para garantir a religião	Liderança dos padres na manutenção da religião

(continuação)

A devoção ligada à italianidade: fé dos imigrantes italianos Sobreviveram pela fé e esperança	Devoção e italianidade Fé e esperança dos italianos
(Italianidade) pessoas de outras culturas e religiões visitam o Santuário	Santuário: atrai outras religiões
História da construção do Santuário: ajudavam todos em mutirão para construir o Santuário	Santuário: mutirão, colaboração e solidariedade
A italianidade foi importante para a fé no local A devoção à N. Sra. de <i>Caravaggio</i> foi trazida da Itália A devoção à N. Sra. das Dores também foi trazida da Itália A maior força devocional vem da imigração italiana	Fé e italianidade Devoção e italianidade N. Sra. das Dores: devoção trazida da Itália Devoção e italianidade
Participação nas romarias desde criança Missa noturna em véspera de romaria (o Santuário ficava aberto durante a noite) Forte apego à devoção à N. Sra. de <i>Caravaggio</i>	Religiosidade popular Religiosidade popular Devoção
Sentimento de pertencimento ao Santuário: frequenta desde criança Oração à N. Sra. de <i>Caravaggio</i> , pela necessidade e proteção das pessoas e das famílias Hospitalidade aos peregrinos, no caminho do Santuário, com água, café	Sentimento de pertença ao Santuário Devoção Hospitalidade aos peregrinos
Oração à N. Sra. de <i>Caravaggio</i> pelos agricultores Moradores das sete capelas têm a fé em N. Sra. de <i>Caravaggio</i>	Devoção Fé e devoção à Nossa Senhora
O padre Homero Rui Rossi desvinculou as sete capelas do Santuário Em 2018, as sete capelas foram reintegradas ao Santuário As sete capelas ajudaram o Santuário, desde o início, financeiramente e com trabalho Todos ajudam o Santuário Quando o Santuário necessita, as capelas continuam ajudando	Desligamento das capelas gerou descontentamento Reintegração das capelas ao Santuário Espírito de cooperação e solidariedade no Santuário
Sentimento de pertença ao Santuário Santuário-mãe: orgulho em pertencer	Sentimento de pertença ao Santuário Santuário: orgulho em pertencer
Nas sete capelas, os moradores são todos italianos e católicos A devoção teve origem na Itália Seria difícil que outro grupo étnico tivesse o sentimento devocional tão forte à Santa.	Italianidade Devoção: origem na Itália Italianidade
A cultura da terra aqui nesta região favoreceu para fortalecer a devoção à Santa Procissão para implorar chuva, em 1899, originou a Romaria Votiva “Milagre da chuva”	Ruralidade e religiosidade popular Romaria Votiva e religiosidade popular Fé e devoção
Manutenção da devoção Antigamente, paravam os jogos recreativos no salão, para rezar o terço	Devoção Religiosidade popular
Importância do papel do líder na capela Líder para ser referência aos demais, para se espelharem Líder para ser referência para as crianças na continuidade de fé e serviço à Igreja	Líder da capela Líder: modelo de vida Líder: modelo para a continuidade da fé
Paróquia instituída em 1900 Constituiu-se da sede e de mais 15 capelas	Paróquia instituída em 1900 Constituiu-se da sede e de mais 15 capelas Santuário: paróquia desde 1900

(continuação)

<p>Uma dessas capelas se torna paróquia em 1913 (São Marcos), agregando algumas das capelas das proximidades, inclusive que pertenciam à Paróquia N. Sra. de <i>Caravaggio</i></p> <p>As sete capelas continuaram a depender da sede [Santuário]</p> <p>Capela São Victor e Corona dista 23 km do Santuário</p> <p>Transporte no início das fundações das capelas era com um burrico/mula</p> <p>O padre se tornou o centro de toda a vida religiosa</p> <p>A organização paroquial estava voltada para o centro, que era a paróquia aqui em <i>Caravaggio</i></p> <p>Todas as comunidades estavam focalizadas na sua entreatajuda</p> <p>As capelas se esforçavam para tornar <i>Caravaggio</i> centro de fé e de devoção, na organização religiosa e também na organização social e educacional</p>	<p>Santuário: sede e 15 capelas</p> <p>Capela São Marcos se desvincula em 1913</p> <p>Sete capelas se mantêm com o Santuário</p> <p>Transporte com animais</p> <p>Liderança do padre</p> <p>Organização paroquial centralizada em <i>Caravaggio</i></p> <p>Entreatajuda entre as capelas</p> <p>Capelas reconheciam a centralidade em <i>Caravaggio</i></p>
<p>Sete capelas: São José, Todos os Santos, Monte Bérico, São Victor e Santa Corona, São Tiago, Santa Juliana, N. Sra. das Dores</p> <p>As famílias participam das romarias, prestando serviços</p>	<p>As sete capelas</p> <p>Famílias participam e ajudam nas romarias</p>
<p>A fé passa por gerações</p> <p>Aprendemos que, em todos os momentos, existe uma mãe que olha para a nossa família</p> <p>A comunidade se coloca a serviço e à missão</p> <p>[A romaria de] <i>Caravaggio</i> é a festa da diocese, é o centro, é a participação</p>	<p>Fé ultrapassa as gerações</p> <p>Devoção à Nossa Senhora</p> <p>Comunidade: fé, devoção e serviço</p> <p>Romaria de <i>Caravaggio</i>: festa da diocese</p>
<p>Em 1968, o Santuário foi desvinculado das sete capelas</p> <p>As sete capelas passaram a constituir a Paróquia N. Sra. de <i>Caravaggio</i>, sem sede, por decreto episcopal</p> <p>A partir de 2018, o Santuário está integrado às sete capelas, com atendimento da equipe de seus padres</p> <p>Reatamento do vínculo causou contentamento e entusiasmo das comunidades das sete capelas</p>	<p>Em 1968: Santuário é desligado das capelas</p> <p>As sete capelas passam a formar uma paróquia</p> <p>Em 2018, as sete capelas são reintegradas ao Santuário</p> <p>Alegria da reintegração das capelas</p>
<p>Os sacerdotes, além das funções religiosas, se empenham na organização social e econômica dos habitantes</p>	<p>Liderança dos padres</p>
<p>O tema da Campanha da Fraternidade influencia o tema anual da festa</p>	<p>Tema da romaria é inspirado na Campanha da Fraternidade</p>
<p>As capelas continuam colaborando em todos os sentidos e se sentem ligadas ao Santuário</p> <p>A comunidade se empenha para que o lugar (<i>Caravaggio</i>) seja um lugar onde eles também se sintam bem, juntamente com aqueles que vêm de outros lugares manifestando sua devoção e sua fé</p>	<p>Capelas: sentimento de pertença ao Santuário</p> <p><i>Caravaggio</i>: lugar de hospitalidade, fé e devoção</p>
<p>Muitos devotos de N. Sra. de <i>Caravaggio</i></p> <p>Grande incentivo dos padres do Santuário</p> <p>O padre visitava a cavalo as comunidades</p> <p>Não conseguiam se desligar do Santuário, porque os padres ajudavam muito</p>	<p>Devoção à Nossa Senhora</p> <p>Liderança dos padres</p> <p>Padres: visitas a cavalo</p> <p>Liderança e ajuda dos padres</p>
<p>Não conseguiam se desligar</p> <p>Devoção à Nossa Senhora</p>	<p>Sentimento de pertença ao Santuário</p> <p>Devoção à Nossa Senhora</p>
<p>Escala de serviços das capelas, na ajuda ao Santuário</p> <p>Capelas colaboravam com ajuda: produtos agrícolas, trabalho</p>	<p>Ajuda das capelas ao Santuário</p> <p>Ajuda das capelas ao Santuário</p>
<p>[Moradores das sete capelas] são todos católicos e de vida cristã</p>	<p>Moradores das capelas: católicos e vida cristã</p>

(continuação)

A grande distância não impedia de irem ao Santuário	Presença no Santuário apesar da distância
Importância da liderança dos padres: ensinar, celebrar, orientar as famílias	Liderança dos padres
Fé Retribuição Ajudar	Fé Gratidão Colaboração
Reproduzem o ensinamento dos antepassados: contribuem	Reprodução da gratidão
Os italianos têm a cultura de ajudar a igreja	Italianidade: cultura de ajuda à Igreja
Vínculo afetivo permanente das capelas ao Santuário A separação pelo decreto diocesano não as afastou do Santuário Eu ficava com pena do pessoal de lá, porque eles se sentiam ligados ao Santuário	Sentimento de pertença permanente ao Santuário Sentimento de pertença ao Santuário Solidariedade às capelas
As capelas sempre ajudaram o Santuário mesmo desvinculadas Têm suas capelas, mas o mais importante é o vínculo com o Santuário	Capelas sempre mantiveram a ajuda ao Santuário O Santuário é o centro das comunidades
A liderança dos padres foi muito importante ao longo do tempo O padre era uma pessoa instruída e também que representava importante instituição: a Igreja O padre é um líder não só religioso, mas também para a vida da comunidade (vida econômica e social)	Liderança dos padres Liderança dos padres Liderança dos padres
Trouxeram da Itália a devoção aos santos: N. Sra. de <i>Caravaggio</i> , Santa Juliana	Italianidade: fé e devoção
Trouxeram o nome dos santos, dos lugares, as expressões, o sentimento religioso, os cultivos de hortaliças, cereais, tudo...	Italianidade: fé, devoção e cultura
A devoção à N. Sra. de <i>Caravaggio</i> unia a diversidade da religiosidade local das capelas	Devoção a Nossa Senhora: união da religiosidade
As capelas ajudaram o Santuário, ininterruptamente, por devoção, tradição e compromisso	Capelas: ajuda o Santuário com fé, devoção, tradição e compromisso
Capelas foram separadas do Santuário, por desentendimento entre os padres que as atendiam Retorno da gestão das capelas pelo Santuário	Capelas foram desvinculadas por desentendimento de padres que as atendiam Reintegração das capelas ao Santuário
O Santuário é tudo. N. Sra. de <i>Caravaggio</i> pra mim é tudo	Devoção à Nossa Senhora
Em fevereiro, eles fazem uma festa [a Romaria Votiva] e todas as capelas vão participar e ajudar	Romaria Votiva: festa das capelas
As capelas ajudam nas festas todos os anos	Capelas colaboram sempre
Em todas as festas, contribuem com trabalho e devoção	Capelas: devoção e trabalho
As sete capelas são um pilar para o Santuário, desde sua fundação <i>Caravaggio</i> tem a religiosidade como força As capelas do interior têm uma fé viva Manutenção da fé católica nas capelas	Capelas: pilar para o Santuário <i>Caravaggio</i> : religiosidade forte Capelas do interior: fé viva Capelas: manutenção da fé
Participação do coral [das capelas] nas missas do Santuário Os santos de devoção locais vieram da Itália	Coral das capelas nas missas do Santuário Devoções aos santos locais trazidas da Itália

(continuação)

Padre Teodoro Portolan visitava as capelas a cavalo Distância de 20 km Padre Portolan cobrava dízimo de 10% da produção dos moradores	Padre Portolan visitava capelas a cavalo Cobrança de dízimo: 10% da produção
Todas as capelas ajudam o Santuário	Capelas: ajuda ao Santuário
As sete capelas ajudam o Santuário [Capelas] ajudam nas liturgias com escalas de serviço Nas romarias, ajudavam também nos serviços do restaurante Com a pandemia, o restaurante não atendeu mais	Capelas: ajuda ao Santuário Capelas: ajuda ao Santuário Capelas: ajuda ao restaurante do Santuário cessou com a pandemia
Pertencimento ao Santuário Contribuir com algo, nos faz pertencentes Ajudar, contribui para manter viva a fé	Sentimento de pertença ao Santuário Ajuda: contribui com o sentimento de pertença e em manter viva a fé
As sete capelas se dispõem a ajudar o Santuário, sempre que convocadas	Capelas: ajudam sempre o Santuário
Todas as capelas ajudam o Santuário	Capelas: todas ajudam o Santuário
Sentimento de pertença: os avós e pais ajudaram a construir o Santuário O Santuário é nossa casa Sentimento de pertença e responsabilidade pelo acolhimento e bem-estar dos peregrinos	Sentimento de pertença ao Santuário: gerações ajudaram a construí-lo Sentimento de pertença Sentimento de pertença
Capela São Tiago fica a 15 km do Santuário Voluntários que ajudam sempre Festa Votiva, de 2 de fevereiro, tem integral envolvimento das capelas	Capelas: distantes do Santuário Capelas: voluntários sempre ajudam Romaria Votiva: ajuda de todas as capelas
As capelas estão sempre prontas a ajudar o Santuário Todos ajudam dentro das possibilidades	Capelas: sempre ajudam o Santuário
[Romaria Votiva] maior envolvimento As sete capelas ajudam a fazer a procissão na Romaria Votiva As sete capelas mantiveram a ajuda ao Santuário, mesmo quando foram desvinculadas	Romaria Votiva: envolvimento das capelas Romaria Votiva: envolvimento das capelas Capelas ajudavam mesmo desvinculadas do Santuário
Sentimento de pertença ao Santuário Devoção à N. Sra. de <i>Caravaggio</i> N. Sra. de <i>Caravaggio</i> é tudo	Sentimento de pertença ao Santuário Devoção à Nossa Senhora
Pertencimento ao Santuário Frequência [dos moradores das capelas] nas missas e festas do Santuário Trabalhava dias seguidos nas festas	Sentimento de pertença ao Santuário Moradores das capelas: presenças nos serviços, nas missas e festas do Santuário
Ajuda da capela ao Santuário nas romarias e em outras circunstâncias	Capelas: ajuda ao Santuário
Sentimento de pertença ao Santuário: os moradores das capelas ajudaram a construir o Santuário Santuário e capelas estão integrados: uma coisa única O sentimento de pertença ao Santuário é uma segurança religiosa	Sentimento de pertença ao Santuário: capelas ajudaram a construí-lo Santuário e capelas integrados Sentimento de pertença ao Santuário: segurança religiosa

(continuação)

O Santuário e a devoção: ponto forte, pilar central das comunidades	Santuário e a devoção: pilares das comunidades das capelas
Sentimento de pertença ao Santuário: sempre ofereceu contribuições e se sente à vontade	Sentimento de pertença ao Santuário
Santuário necessita de muita gente das capelas para ajudar	Santuário necessita da ajuda das capelas
Capelas ajudam no Santuário: a ajuda maior é nas romarias	Capelas: ajudam o Santuário
Todo pessoal das sete capelas é pronto a ajudar sempre	Capelas: ajudam o Santuário
Ajudar era costume que perdurou Serviço de assar carne em dia de romaria O almoço era embaixo de árvores	Ajudar: costume que perdurou Serviço de assar carne nas festas Almoço na sombra das árvores
A ajuda das sete capelas é muito importante ao Santuário Mais de mil pessoas ajudam na romaria de maio	Capelas: ajuda importante ao Santuário Voluntários na romaria de maio: mais de mil
Festa das capelinhas momento de maior união entre as sete capelas Rodízio anual de celebração das capelinhas nas sete capelas	Capelas: Festa das capelinhas, momento de união Festa das capelinhas: rodízio das capelas
Sete capelas ajudam o máximo no Santuário Todas as sete capelas ajudaram a construir o Santuário	Capelas: ajudam o Santuário ao máximo Capelas: todas ajudaram na construção do Santuário
A Igreja: grupo que necessita de calor humano As pessoas necessitam de troca de calor humano	Igreja: grupo que necessita de calor humano
A fé que trouxeram de berço e continuaram cultivando nas famílias As famílias vão se sucedendo, cultivando essa fé e vivendo as verdades ensinadas pela Igreja Católica Devoção se expande para o País e em outros países	Fé: herança passada às gerações Fé: vivida e cultivada geração após geração Devoção: expansão para outros lugares
O sacerdote além do aspecto religioso, atua na organização social e econômica das comunidades das capelas A ação dos padres os fortalece, ajuda na fé e movimenta as comunidades [Padres] fortalecimento de vínculos nas famílias e comunidades	Liderança dos padres Liderança dos padres: ajuda na fé e no dinamismo das comunidades Liderança dos padres: ajuda no fortalecimento da família e das comunidades
Italianos, todos com a mesma fé católica	Italianos: fé católica
Ecumenismo Independentemente de etnia, a mesma fé une as pessoas em N. Sra. de <i>Caravaggio</i>	Ecumenismo Fé
Nas sete capelas, todos são católicos e vivem a mesma fé O ambiente da colônia: as pessoas se sentem unidas na comunidade da capela Participam da vida de fé, de oração, da vida social e cultural no ambiente da própria comunidade	Fé Ruralidade e união na comunidade Fé, oração, vida social e comunitária
A fé foi um vínculo de união, independentemente dos padres O vínculo da fé, que é o mesmo que perpassa a mente e o coração de cada pessoa, indivíduo, família, comunidade A fé é um vínculo único, que fez com que a fé católica estivesse presente na realidade	Fé: vínculo de união Fé: presente na mente e no coração Fé: vínculo com a realidade

(continuação)

Capela Santa Juliana exerce certa liderança entre as capelas de Mato Perso: foi a primeira do lugar Convivência de entreatjada entre as capelas Capela Santa Juliana era lugar central	Capela Santa Juliana: liderança das capelas de Mato Perso Capelas: convivência de entreatjada
O vínculo das capelas proporciona maior ajuda à paróquia, ao Santuário	Vínculo das capelas fortalece o Santuário
Estrutura de comunicação é boa [na região das capelas], tem tudo: televisão, internet, telefone Contato com qualquer lugar do mundo Separação [das capelas]: desentendimento entre os padres que atendiam	Boa estrutura nas comunicações Contato instantâneo com o mundo Separação das capelas: desentendimento de padres
Imigrantes italianos e a tradição [vínculo com a terra] Terrenos, geograficamente, muito acidentados para o cultivo Filhos buscaram especialização para o cultivo	Imigrantes italianos e a tradição Terrenos acidentados para cultivo Filhos se especializaram na agricultura
Pertencimento ao Santuário A família ajudou na construção do Santuário	Sentimento de pertença ao Santuário Família ajudou a construir o Santuário
Os corais das capelas ajudam nas liturgias do Santuário	Corais das capelas nas liturgias do Santuário
Formação de vínculos: uma igreja mais aberta Celebrações e eventos que envolvem as diversas faixas etárias dos moradores Capelinhas na visita domiciliar Oração do terço nas famílias em situação de doenças Oração do terço para pedir chuva Festas dos padroeiros que envolvem as comunidades	Vínculos afetivos: igreja mais aberta Celebrações e eventos valorizando faixas etárias Visita da capelinha domiciliar Oração comunitária do terço em situações de doença, seca
Sentimento de pertença por fé e colaboração	Sentimento de pertença
Encontros de formação nas capelas: liturgia, cantos, catequese Famílias participam e incentivam os filhos Atualmente, famílias são menores	Formação religiosa nas capelas Incentivo aos filhos para a fé Famílias menores
A comunidade se une em oração <i>online</i> , para pedir chuva	Oração comunitária <i>online</i>
Comunidade da capela é unida quanto à religião A comunidade da capela é de muita fé	Religião une as capelas Capela: comunidade de fé
Peregrinação a <i>Caravaggio</i> é gratidão a Deus pela vida	Peregrinação a <i>Caravaggio</i> : gratidão
Peregrinar ao Santuário também é buscar esta recolocação da vida humana Encorajamento para enfrentar as dificuldades Crescer na fé	Peregrinar a <i>Caravaggio</i> renova a vida Encorajamento nas dificuldades Crescimento da fé
A peregrinação, em si, ela dirige a Deus, ao irmão e ao próprio interior da pessoa	Peregrinação: vínculos com Deus, com o irmão e consigo
As pessoas precisam de local de referência sagrada O Evangelho faz referência a lugar sagrado Santuário: força de atração que provoca alívio e rumo na caminhada da vida	Santuário: referência sagrada Evangelho refere a lugar sagrado Santuário: força de atração religiosa
Vai-se a <i>Caravaggio</i> muito pela devoção, pela hospitalidade, pela fé Cada um que chega lá sai renovado, sai modificado	<i>Caravaggio</i> : lugar de fé, devoção e hospitalidade Santuário: lugar de renovação
A figura materna de Maria	Santuário: figura materna de Maria

(continuação)

[No Santuário] há uma vida saudável, boa, de sustento Cada migrante, cada peregrino, tem uma vida fantástica: conversões, mudança de vida, curas de enfermidades, afirmação na religião e como Igreja	Santuário: lugar de vida saudável e de sentido Peregrino: renovação da vida e afirmação na religião
Pessoal de <i>Caravaggio</i> não mede esforços para participar na ajuda à comunidade Famílias doavam pedras, trabalho, dinheiro... As comunidades que faziam parte do Santuário, que eram outras capelas também, a Busa, São José, Linha Trinta, Mato Perso, mais duas ou três, também o pessoal vinha ajudar Importância da liderança do padre Portolan, que idealizou e viabilizou a construção do novo Santuário Rezava a missa de manhã, depois ia ajudar a fazer tijolos, fazer massa, cortar pedra... Era incansável	Os moradores de <i>Caravaggio</i> colaboram, incansavelmente Famílias expressam gratidão Liderança do padre Portolan idealizador e viabilizador do Santuário Dinamismo do padre Portolan
Padre Portolan foi muito importante na história do Santuário e garantiu sua construção	Liderança do padre Portolan
Palavra de Deus importante para a hospitalidade	Palavra de Deus gera hospitalidade
[No Santuário, buscam] resposta que responda às situações mais angustiantes da vida	Santuário: lugar de resposta para a vida
Na caminhada, a gente se encontra Tem um amadurecimento	Peregrinação: encontro consigo Amadurecimento da vida
<i>Caravaggio</i> é centro irradiador de fé Peregrinar permite resposta para a vida, sentido e afirmação	<i>Caravaggio</i> : lugar de irradiação da fé Peregrinação: meio de respostas para a vida
Solidariedade para fazer a romaria O senso comum encontra resposta na intervenção divina	Romaria: solidariedade de caminhar juntos Devoção
Turismo religioso Ponto de expressão de fé em <i>Caravaggio</i>	Turismo religioso <i>Caravaggio</i> : expressão da fé
Turismo religioso: frases bíblicas no caminho A vida é uma questão sagrada	Turismo religioso: frases bíblicas Vida: questão sagrada
Confissões é uma característica do Santuário Procura por confissões diminuiu Aumentou a busca por orientação espiritual	Santuário: lugar de confissão Santuário: lugar de orientação espiritual
Ecumenismo, aproximação de outras crenças no Santuário Nossa Senhora se tornou um caminho, um meio, para que as pessoas se aproximem da verdade, de Deus Jesus dá sentido às peregrinações	Santuário e ecumenismo Nossa Senhora: o vínculo que leva a Deus Jesus dá sentido às peregrinações
Ajuda nas romarias: noite inteira cozinhando alimentos, até três dias Escala de serviços organizada pelo Santuário Ajuda gratuita, sem interesse de ganho	Ajuda comunitária nas romarias Escala de serviços no Santuário Ajuda gratuita
A fé em N. Sra. de <i>Caravaggio</i> , pelo que eu cheguei a ver é em geral, não é só dos italianos	Fé em N. Sra. de <i>Caravaggio</i> envolve etnias diversas
Capelas participam de eventos no Santuário Novenas preparatórias das festas de fevereiro e maio Doações de produtos da terra e trabalhos Capelinhas de visita domiciliar com festa e confraternização no Santuário	Capelas participam e ajudam o Santuário Novenas preparatórias Doações de produtos e serviços Visita domiciliar das capelinhas e confraternização

(conclusão)

Sentimento de pertença ao Santuário Fé e devoção à Nossa Senhora Transmissão da fé e devoção aos filhos Família de cantores que canta na igreja	Sentimento de pertença Fé e devoção à Nossa Senhora Transmissão da fé aos filhos Famílias se engajam na liturgia
Todas as capelas ajudam o Santuário	Todas as capelas ajudam o Santuário
A Romaria Votiva é a festa dos agricultores das sete comunidades e a sede Na festa, oferecem frutos da terra e trazem seus instrumentos e máquinas agrícolas modernas Demonstram gratidão à Santa pela proteção no plantio Participação das crianças	Romaria Votiva: agricultores das sete capelas e sede Oferta de produtos da terra E bênção dos equipamentos Gratidão à Santa pelas colheitas Participação das crianças

Fonte: Elaboração da autora (2024).

O Quadro 24 apresenta as expressões de maior incidência, a partir da síntese da síntese. Essas expressões evidenciam a caracterização da religiosidade presente, no fenômeno religioso que constitui o Santuário e suas capelas. Tais expressões irão caracterizar a segunda categoria: “Religiosidade popular construída na comunidade”.

Quadro 24 – Síntese das sínteses das falas associadas à religiosidade popular

Síntese da síntese	Categoria
Fé Devoção Devoção e italianidade Devoção e fé em N. Sra. de <i>Caravaggio</i> Ex-votos Milagres Graças alcançadas Gratidão pelas graças alcançadas Espírito de retribuição Ajuda Romarias Santuário Santuário produz efeito aglutinador das capelas Santuário: lugar de expressão da fé Santuário: lugar de hospitalidade religiosa Santuário: lugar de escuta, de orientação espiritual Santuário: lugar de acolhimento religioso Cooperação e serviço religioso motivado pela fé Colaboração de lideranças em torno da fé Espírito de união alicerçado na fé Espírito comunitário Solidariedade gerada pela fé Práticas religiosas e interação entre as capelas Capelas como pilares do Santuário Religião une as capelas Entreajuda das capelas com o Santuário Sentimento de pertença ao Santuário Religiosidade popular	Religiosidade popular construída na comunidade

Fonte: Elaboração da autora (2024).

Ao analisar a incidência dos termos - que mais aparecem nas falas dos entrevistados, em função da religiosidade que se manifesta, no campo de estudo desta pesquisa -, estiveram presentes os seguintes: fé, devoção, devoção e italianidade, fé e devoção à N. Sra. de *Caravaggio*, ex-votos, milagres, graças alcançadas, espírito de retribuição, ajuda, gratidão pelas graças alcançadas, espírito de retribuição, romarias, santuário; santuário, como lugar de expressão de fé, de hospitalidade religiosa, de escuta e orientação espiritual, de acolhimento religioso; serviço religioso motivado pela fé; espírito comunitário, espírito de união motivado pela fé, práticas religiosas e interação entre as capelas, entreajuda entre as capelas e com o Santuário, sentimento de pertença ao Santuário e religiosidade popular. Estas expressões, no contexto do campo da pesquisa, exercem relação entre si e identificam a religiosidade popular construída na comunidade. Observa-se que essa religiosidade popular, por meio de suas práticas ao longo do tempo, constituiu e sustentou o Santuário de *Caravaggio*, bem como a vida comunitária e religiosa das sete capelas. Dessa forma, esta síntese que destaca esse conjunto de expressões, resulta na primeira categoria de análise, isto é, “a religiosidade popular construída na comunidade”, que será desenvolvida mais adiante.

Os Quadro 25, a 27 demonstram falas pertinentes ao sentimento de pertença presente na vivência comunitária, na região do Santuário. A apresentação dos quadros segue o mesmo critério das categorias antes apresentadas, e define a terceira categoria.

Quadro 25 – Falas associadas ao sentimento de pertença

(continua)

Falas	Síntese
“Me sinto parte do Santuário, porque se eu ia lá desde pequenina e, agora com essa idade, não posso mais ir lá, só se alguém me leva. Mas eu compartilho sempre com eles lá. Peço sempre à Nossa Senhora pelos agricultores, pelos doentes, pelos estudantes, pelos estudantes que estudam de noite, que trabalham de noite, que N. Sra. de <i>Caravaggio</i> os acompanhe e os proteja. Eu sempre rezo. Meu trabalho agora mais é rezar, pensar, pedir à Nossa Senhora que proteja as famílias. Eu sempre fui uma pessoa assim, sempre ajudei a quem precisa. Quem ia de noite para <i>Caravaggio</i> passavam aqui na frente, pediam água, banheiro. Até um café a gente dava. Depois tiraram a romaria à noite, e ficou só de dia” (MCSJo1, 87 anos).	Sentimento de pertencimento ao Santuário: frequenta desde criança Oração à N. Sra. de <i>Caravaggio</i> , pelas necessidades e pela proteção das pessoas e pelas famílias Hospitalidade aos peregrinos, no caminho do Santuário, com água, café
“Eu me sinto parte do Santuário, porque ajudei também a trabalhar. É Santuário-mãe. Eu me orgulho de pertencer ao Santuário” (MCTS1, 85 anos).	Sentimento de pertença ao Santuário Santuário-mãe: orgulho em pertencer
“O vínculo de pertencimento das capelas com o Santuário isso é uma coisa que não tem explicação. Quando eu trabalhei lá, as sete capelas formavam a Paróquia de N. Sra. de <i>Caravaggio</i> , desvinculadas do Santuário de <i>Caravaggio</i> . Mas estas capelas sempre estiveram... a tal ponto que não	Vínculo de pertencimento ao Santuário

(continuação)

<p>tem nenhuma N. Sra. de <i>Caravaggio</i> e continuaram Paróquia N. Sra. de <i>Caravaggio</i>. Interessante que essa separação se deu, eu diria que não foi em vista de uma estratégia pastoral. Por incrível que pareça, foi em função de desentendimento entre padres: o reitor do Santuário com outros [padres] que atendiam. Eu ficava com pena do pessoal de lá, porque eles se sentiam ligados ao Santuário, a tal ponto que, quando tinha festa de N. Sra. de <i>Caravaggio</i>, ninguém ia rezar missa lá [nas capelas], porque vinham todos no Santuário de <i>Caravaggio</i>. E, se eu for lá, hoje, dar uma olhada nas festas, o pessoal das capelas continua a maioria trabalhando lá em cima, no Santuário. Então, essa vinculação se manteve em função da devoção à N. Sra. de <i>Caravaggio</i>, porque antes de eles terem as capelas, o vínculo de igreja era o Santuário. E, quando ele passa a ter sua capela aqui... Eles têm sua capela aqui, Todos os Santos, mas, tem o Santuário que está acima” (AE9, 80 anos).</p>	<p>Forte devoção à N. Sra. de <i>Caravaggio</i></p> <p>O Santuário tem principal importância</p>
<p>“As famílias que moram em <i>Caravaggio</i> já tem isso no sangue. Então eles fazem de tudo para fazer o melhor. Observam que, aquilo que não deu certo, deve ser mudado para dar mais certo. Eles têm muito disso. Se esse caminho não leva muito à realização total, eles mudam para outro caminho para aperfeiçoar-se melhor. Isso o povo de <i>Caravaggio</i> tem. E eles não são capazes de dizer <i>não</i> quando lhes é solicitado para trabalhar na Igreja, no Santuário. Eles deixam tudo para estar presentes, porque a Igreja precisa do trabalho deles. E eu digo, noventa e nove vírgula nove por cento de todos os trabalhos que são realizados no Santuário, para não dizer cem por cento, é gratuito” (AE10, 74 anos)</p>	<p>Sentimento de pertença</p> <p>Esmero para fazer o melhor</p> <p>Deixam tudo para ajudar a Igreja</p> <p>Trabalho gratuito</p>
<p>“Me sinto parte do Santuário. Desde a construção do Santuário que meus pais ajudaram a construir. Eles foram ajudar lá na construção. A gente se sente familiar. Quando você contribui para alguma coisa, faz parte dela. Faz parte. A gente ajuda para manter viva a fé. Todos ajudam” (MCST1, 64 anos).</p>	<p>Pertencimento ao Santuário</p> <p>Contribuir com algo, lhe faz pertencente</p> <p>Ajudar contribui para manter viva a fé</p>
<p>“Eu me sinto que faço parte, sim, do Santuário, porque, desde que eu nasci, N. Sra. de <i>Caravaggio</i> para mim sempre foi tudo. Eu sempre digo que a gente mora à sombra do Santuário. E até eu tenho um pouco de dificuldade, porque eu rezo... Nossa Senhora aqui de nossa localidade é N. Sra. de Monte Bérico. E sempre acaba saindo [em minhas orações] N. Sra. de <i>Caravaggio</i>. Eu sei que Nossa Senhora recebe vários títulos, mas é a mesma, mas eu tenho dificuldade de falar N. Sra. de Monte Bérico, por causa que eu falo sempre N. Sra. de <i>Caravaggio</i>, porque a gente faz parte dali” (MCNSMB1, 60 anos).</p>	<p>Sentimento de pertença ao Santuário</p> <p>Devoção à N. Sra. de <i>Caravaggio</i></p> <p>Nossa Senhora de Caravaggio é tudo</p>
<p>“Me sinto pertencente ao Santuário. Até eu escuto as missas quase todos os domingos, das 11 horas ao meio-dia. Me sinto muito bem no Santuário. Agora não vou todo o domingo, mas, nas festas, nunca faltei. Quando eu ia trabalhar, ficava lá três a quatro dias. Agora, quando é o dia da festa eu vou. Agora não posso dirigir. Mas tenho ido de carro. É longe e tenho marca-passos [implantado]” (MCNSMB2, 86 anos).</p>	<p>Pertencimento ao Santuário</p> <p>Frequência nas missas e festas do Santuário</p> <p>Trabalhava dias seguidos nas festas</p>
<p>“Eu acho que todo mundo se sente um pouquinho parte do Santuário. A própria história da gente, que a gente ouvia que o pessoal ajudava e ajudou a construir tudo aquilo. Meu avô contava que iam com carroça levar pedras. Então, a gente faz parte, é um todo. Santuário e capela é separado, no sentido figurativo, mas, no fim, a esperança, a fé, quem construiu tudo isso foram os imigrantes, e é tudo parte da gente. O sentimento de pertencimento é uma coisa muito boa, é um sentimento muito bom de</p>	<p>Sentimento de pertença ao Santuário: os moradores das capelas ajudaram a construir o Santuário</p> <p>Santuário e capela(s) estão integrados: uma coisa única</p>

(continuação)

<p>fazer parte disso. É uma segurança religiosa. O Santuário em si seria nosso ponto forte, nossa base. Nós temos nossas comunidades, mas sempre qualquer problema é novena à N. Sra. de <i>Caravaggio</i>, é visita à N. Sra. De <i>Caravaggio</i>. É o pilar central para todas as comunidades” (MCNSMB3, 50 anos).</p>	<p>O sentimento de pertença ao Santuário é uma segurança religiosa</p> <p>O Santuário e a devoção: ponto forte, pilar central das comunidades</p>
<p>“A gente faz parte do Santuário. O Santuário é uma coisa muito boa para nós, porque a gente sempre ofereceu as coisas e a gente sempre se sente à vontade” (MCNSMB4, 75 anos).</p>	<p>Sentimento de pertença ao Santuário: sempre ofereceu coisas e se sente à vontade</p>
<p>“Eu me sinto pertencente ao Santuário. Eu nasci aqui na região da Capela Santa Juliana. Meus pais ajudaram na construção do Santuário novo. Eles pagavam [contribuíam] com uma porcentagem da produção para a construção do Santuário” (MCSJu4, 56 anos).</p>	<p>Pertencimento ao Santuário</p> <p>A família ajudou na construção do Santuário</p>
<p>“Nós nos sentimos parte [do Santuário], porque vamos lá fazer nossa parte também. Vamos cantar em missas. Eu gosto bastante do Santuário. Tenho muita, muita devoção à N. Sra. de <i>Caravaggio</i>” (MCSVC3, 77 anos).</p>	<p>Sentimento de pertença por fé e colaboração</p>
<p>“Eu me sinto parte do Santuário. Fé, devoção, a crença. Deus, Nossa Senhora, minha padroeira, eu tenho Nossa Senhora para mim. A gente veio de uma família muito religiosa. O pai tem uma irmã que é freira. Eu tenho um mantra para mim que é: Nossa Senhora, vá na minha frente, resolva por mim o que eu não consigo resolver sozinha. Sempre em todas as situações. E sempre deu muito certo para mim, em tudo. Eu ensino para os meus filhos isso. A gente tenta passar. A gente tem uma família muito religiosa de cantores, digamos assim. A gente sempre cantou na igreja. Na capela São Victor, a gente sempre cantou” (MCSVC1, 49 anos).</p>	<p>Sentimento de pertença ao Santuário</p> <p>Fé e devoção à Nossa Senhora</p> <p>Transmissão da fé e devoção aos filhos</p> <p>Família de cantores que canta na igreja</p>
<p>“A comunidade de <i>Caravaggio</i> ela se sente quase dona do Santuário. Tem um lado positivo porque desde a fundação dedicaram tempos e tempos. Anos atrás, por exemplo, quando iam a cavalo, tinham famílias que eles acolhiam o cavalo, davam o feno para o cavalo. As pessoas conseguiam dormir dentro da casa, conseguiam fazer as refeições também dentro da casa. Até nas estalagens onde tem o feno para os animais, quanta gente que dormia. Então, ao longo de todos esses cento e trinta e oito anos, se eu não me engano, as famílias sempre se colocaram à disposição da grande romaria ao Santuário de <i>Caravaggio</i>” (AE3, 52 anos).</p>	<p>Comunidade se sente dona do Santuário, pertencente</p> <p>Famílias à disposição da romaria</p>
<p>“No Santuário, eu me sinto bem, eu me sinto em casa. A gente se sente bem. É a nossa paróquia. E tanto é que teve um tempo que os padres residiam em Caxias e atendiam as nossas capelas. Era Paróquia de <i>Caravaggio</i>, mas residiam em Caxias. Hoje, o próprio Santuário nos atende, e a gente se sente bem com isso. E eu me sinto em casa também, porque eu me lembro que nossos avós diziam, e os pais também, que ajudaram a construir a igreja e o padre chegava lá e dizia: - Vamos lá, tem que ajudar na mão de obra, tem que ajudar nos custos.</p> <p>E todo mundo ajudou. O Santuário é nossa casa. Quanto ao pertencimento, a gente se sente responsável pelo bom acolhimento e bem-estar das pessoas que visitam o Santuário. Como a gente sente que é a nossa casa, a gente se preocupa também que lá se faça um bom trabalho” (MCST3, 61 anos).</p>	<p>Sentimento de pertença: os avós e pais ajudaram a construir o Santuário</p> <p>O Santuário é nossa casa</p> <p>Sentimento de pertença e responsabilidade pelo acolhimento e bem-estar dos peregrinos</p>
<p>“Eu me sinto parte do Santuário. O Santuário é um lugar bonito, agradável de se estar, a gente se sente mais perto de Deus, a gente se sente mais perto da Mãe de <i>Caravaggio</i>, a gente vai lá sempre quando precisa pedir,</p>	<p>Sentimento de pertencimento ao Santuário</p>

(conclusão)

<p>quando precisa agradecer também porque não é só pedir. Quando a gente recebe a graça, tem que saber que tem que voltar lá para agradecer a graça que a gente alcançou. Então, é um sentimento de gratidão por a gente ter o Santuário tão perto de nós” (MCNSD2, 58 anos).</p>	<p>Proximidade com Deus e com Nossa Senhora</p> <p>Sentimento de gratidão por ter o Santuário próximo</p>
<p>“O pessoal participa. O pessoal de <i>Caravaggio</i> não mede esforços. Um exemplo que se pode dar é de pouco, a construção do ginásio Saturno. A comunidade é pequena, nós somos em duzentos sócios e temos um ginásio que cabe cinco mil pessoas sentadas. Foi conseguido também graças ao trabalho e à disposição. E quando a Igreja trabalha junto, quando usando o que o Papa Francisco diz, quando o pastor, que é o padre, que ele tem o cheiro das ovelhas, que ele participa junto com o povo, a comunidade anda. A construção do Santuário novo também. O bispo D. José Baréa não queria. O padre Portolan chegou aqui. Mas o povo de <i>Caravaggio</i>, os fabriqueiros... as famílias doavam pedras, famílias doavam trabalho, famílias doavam dinheiro..., mas as comunidades que faziam parte do Santuário que eram outras capelas também, a Busa, São José, Linha Trinta, Mato Perso, mais duas ou três, também o pessoal vinha ajudar. Aí conseguiram em dezoito anos, sem dinheiro, sem recursos, sem mídia, sem nada, hoje se tem mídia, se investimento em propaganda, construíram o prédio que está aí. Mas isso eu friso de novo, quem construiu o Santuário, quem idealizou, foi o padre Portolan. O padre Portolan rezava a missa de manhã, depois ia ajudar a fazer tijolos, fazer massa, cortar pedra... Era incansável. No depoimento das pessoas que ajudaram a construir e que ainda estão vivas, que ajudaram a construir o Santuário, ressaltam isso, que não tinha como as pessoas que estavam trabalhando esmorecer, porque o padre, se eles iam até oito ou nove da noite, o padre estava aí junto, ajudando. E aí, se o pastor tem o cheiro das ovelhas, sabe, a comunidade anda. O padre Portolan foi muito importante na história do Santuário. Se não tivesse o padre Portolan, não teria o Santuário. Não haveria mesmo, porque houve um impasse entre ele e o bispo. D. José Baréa não queria a construção, porque era uma situação de não ter dinheiro, não ter recursos... Em 1945, há 65 anos da imigração italiana, nada de recursos, nada de dinheiro, como é que vai se começar uma obra desse porte?” (MS4, 61 anos).</p>	<p>Pessoal de <i>Caravaggio</i> não mede esforços para participar da ajuda à comunidade</p> <p>Famílias doavam pedras, trabalho, dinheiro... As comunidades que faziam parte do Santuário, que eram outras capelas também, a Busa, São José, Linha Trinta, Mato Perso, mais duas ou três, também o pessoal vinha ajudar</p> <p>Importância da liderança do padre Portolan, que idealizou e viabilizou a construção do novo Santuário</p> <p>Rezava a missa de manhã, depois ia ajudar a fazer tijolos, fazer massa, cortar pedra... Era incansável</p> <p>Padre Portolan foi muito importante na história do Santuário e garantiu sua construção</p>
<p>“Nós precisamos de uma orientação, porque pessoas disponíveis, pessoas voluntárias, que eu diria “rasgam” o coração de vontade de ajudar. Nós somos ricos de pessoas. Só que, muitas vezes, a gente pode até cometer alguns deslizes por ser simples demais ou por não entender bem o processo. [...] na Igreja, se corre até um perigo grande, porque para o peregrino, o atendente é parte do Santuário” (MS3, 73 anos).</p>	<p>Orientação, para acolher bem</p> <p>Ricos de pessoas</p> <p>Para o peregrino, o atendente é parte do Santuário</p>

Fonte: Elaboração da autora (2024).

O Quadro 26 apresenta a síntese das falas que evidenciaram o sentimento de pertença na vida comunitária da comunidade, que tem o Santuário como instrumento aglutinador. No próximo quadro, de número 27, as expressões de maior incidência demonstram a formação da terceira categoria.

Quadro 26 – Sínteses das falas associadas ao sentimento de pertença

(continua)

Síntese	Síntese da síntese
Sentimento de pertencimento ao Santuário: frequenta desde criança Oração à N. Sra. de <i>Caravaggio</i> , pelas necessidades e pela proteção das pessoas e pelas famílias Hospitalidade aos peregrinos, no caminho do Santuário, com água, café	Sentimento de pertença ao Santuário Fé e devoção Hospitalidade aos peregrinos no caminho
Sentimento de pertença ao Santuário Santuário-mãe: orgulho em pertencer	Sentimento de pertença ao Santuário Orgulho em pertencer ao Santuário
Vínculo afetivo permanente das capelas ao Santuário A separação pelo decreto diocesano não as afastou do Santuário Eu ficava com pena do pessoal de lá, porque eles se sentiam ligados ao Santuário As capelas sempre ajudaram o Santuário mesmo desvinculadas	Sentimento de pertença ao Santuário Vínculo permanente ao Santuário Sentimento de pertença ao Santuário Ajuda constante das capelas ao Santuário
Têm suas capelas, mas o mais importante é o vínculo com o Santuário	Sentimento de pertença ao Santuário
Pertencimento ao Santuário Contribuir com algo, nos faz pertencente Ajudar, contribui para manter viva a fé	Sentimento de pertença ao Santuário A contribuição gera pertencimento Ajudar, contribui com a vitalidade da fé
Sentimento de pertença Esmero para fazer o melhor Deixam tudo para ajudar a Igreja Trabalho gratuito	Sentimento de pertença Esmero Deixam tudo para ajudar a Igreja Trabalho gratuito
Sentimento de pertença ao Santuário Devoção a N. Sra. de <i>Caravaggio</i> N. Sra. de <i>Caravaggio</i> é tudo	Sentimento de pertença ao Santuário Fé e devoção à Nossa Senhora
Pertencimento ao Santuário Frequência nas missas e festas do Santuário Trabalhava dias seguidos, nas festas	Sentimento de pertença ao Santuário Presença nas missas e festas Colaboração com serviços nas festas
Sentimento de pertença ao Santuário: os moradores das capelas ajudaram a construir o Santuário Santuário e capelas estão integrados: uma coisa única O sentimento de pertença ao Santuário é uma segurança religiosa O Santuário e a devoção: ponto forte, pilar central das comunidades	Sentimento de pertença ao Santuário Integração entre Santuário e capelas O sentimento de pertença ao Santuário Santuário e devoção: pilares de união
Sentimento de pertença ao Santuário: sempre ofereceu coisas e se sente à vontade	Sentimento de pertença ao Santuário
Pertencimento ao Santuário A família ajudou na construção do Santuário	Sentimento de pertença ao Santuário Família ajudou a construir o Santuário
Sentimento de pertença por fé e colaboração	Sentimento de pertença ao Santuário por fé e colaboração

(conclusão)

Sentimento de pertença ao Santuário Fé e devoção à Nossa Senhora Transmissão da fé e devoção aos filhos Família de cantores que canta na igreja	Sentimento de pertença ao Santuário Fé e devoção à Nossa Senhora Transmissão da fé e devoção aos filhos Família: cantores na igreja
Comunidade se sente dona do Santuário, pertencente Famílias à disposição da romaria	Sentimento de pertença ao Santuário Família ajuda nas romarias
Sentimento de pertença: os avós e pais ajudaram a construir o Santuário O Santuário é nossa casa Sentimento de pertença e responsabilidade pelo acolhimento e bem-estar dos peregrinos	Sentimento de pertença ao Santuário: avós e pais ajudaram a construí-lo Santuário: sentimento de ser a própria casa
Sentimento de pertencimento ao Santuário	Sentimento de pertencimento ao Santuário
Proximidade com Deus e com Nossa Senhora Sentimento de gratidão por ter o Santuário próximo	Santuário: lugar de proximidade com Deus e com Nossa Senhora Sentimento de gratidão por ter o Santuário próximo
Pessoal de <i>Caravaggio</i> não mede esforços para participar na ajuda à comunidade Famílias doavam pedras, trabalho, dinheiro... As comunidades que faziam parte do Santuário, que eram outras capelas também, a Busa, São José, Linha Trinta, Mato Perso, mais duas ou três, também o pessoal vinha ajudar Importância da liderança do padre Portolan, que idealizou e viabilizou a construção do novo Santuário	Capelas de <i>Caravaggio</i> ; ajuda constante ao Santuário Capelas doaram produtos, trabalho e dinheiro para a construção do Santuário Liderança do padre Portolan Padre Portolan rezava as missas e também ajudava nos serviços
[Padre Portolan] rezava a missa de manhã, depois ia ajudar a fazer tijolos, fazer massa, cortar pedra... Era incansável Padre Portolan foi muito importante na história do Santuário e garantiu sua construção	Padre Portolan: importante na história do Santuário
Orientação, para acolher bem Ricos de pessoas Para o peregrino, o atendente é parte do Santuário	Formação para o bom acolhimento Riqueza de disponibilidade de pessoas nos serviços Acolhimento como parte do Santuário

Fonte: Elaboração da autora (2024).

Quadro 27 – Síntese das sínteses das falas associadas ao sentimento de pertença

(continua)

Síntese da síntese	Categoria
Sentimento de pertença ao Santuário Fé e devoção Orgulho de pertencer ao Santuário Vínculo permanente ao Santuário Ajuda constante das capelas ao Santuário Doações generosas em serviços e recursos para a construção do Santuário novo (e anteriores e demais estruturas) A contribuição gera pertencimento Ajudar contribui com a vitalidade da fé Sentimento de pertença	O sentimento de pertença como elemento identitário

(conclusão)

<p>Esmero Deixam tudo para ajudar a Igreja Trabalho gratuito Fé e devoção à Nossa Senhora Presença nas missas e festas Colaboração com serviços nas festas Integração entre Santuário e capelas Santuário e devoção: pilares de união Sentimento de pertença ao Santuário por fé e colaboração Fé e devoção à N. Sra. de <i>Caravaggio</i> Transmissão da fé e devoção aos filhos Família: cantores na igreja Família ajuda nas romarias Sentimento de pertença ao Santuário: avós e pais ajudaram a construí-lo Santuário: sentimento de ser a própria casa Santuário: lugar de proximidade com Deus e com Nossa Senhora Sentimento de gratidão por ter o Santuário próximo Sentimento de gratidão à Nossa Senhora pelas graças alcançadas Capelas de <i>Caravaggio</i>: ajuda constante ao Santuário Capelas doaram produtos, trabalho e dinheiro para a construção do Santuário Liderança do padre Portolan Padre Portolan rezava as missas e também ajudava nos serviços Padre Portolan: importante na história do Santuário Formação para o bom acolhimento Riqueza de disponibilidade de pessoas nos serviços Acolhimento como parte do Santuário</p>	
--	--

Fonte: Elaboração da autora (2024).

Assim demonstrado, chegou-se às três categorias: 1ª) Hospitalidade no Santuário e o Santuário como lugar de hospitalidade; 2ª) Religiosidade popular construída na comunidade; e 3ª) O sentimento de pertença como elemento identitário.

9 ANÁLISE DOS DADOS

O uso do método de análise textual-discursiva (Moraes; Galiazzi, 2007) permitiu a construção das categorias analíticas apresentadas e construídas pela análise das entrevistas e das sínteses das mesmas. Para a realização das entrevistas, foi utilizado o método da história oral e, para a análise das narrativas, o método de análise textual-discursiva. As categorias que nascem dessas narrativas foram: a hospitalidade no Santuário e o Santuário como lugar de hospitalidade; a Religiosidade Popular construída na comunidade; e o Sentimento de Pertença como elemento identitário.

9.1 HOSPITALIDADE NO SANTUÁRIO E O SANTUÁRIO COMO LUGAR DE HOSPITALIDADE

Para entender a hospitalidade que ocorre na comunidade do Santuário N. Sra. de *Caravaggio*, é necessário entender como a comunidade foi construída e com ela o Santuário. As práticas religiosas, trazidas pelos imigrantes italianos do Norte da Itália, colaboraram para a manutenção do sentimento religioso e a necessidade das práticas religiosas no lugar onde habitavam. Nesse sentido, esses imigrantes construíram capelas que mantiveram com o intuito de manter sua fé. Desde a chegada ao local, na Colônia Dona Isabel, na Linha Palmeiro, esses imigrantes católicos mantinham a força religiosa trazida de seus locais de origem. Portanto, o Santuário é um lugar de hospitalidade, ao mesmo tempo que a hospitalidade é característica no Santuário. Segundo relato de um dos entrevistados,

“Os primeiros imigrantes foram se agrupando. Então, o primeiro agrupamento que aconteceu, com maior expressão, foi aqui justamente onde se localiza o Santuário N. Sra. de *Caravaggio*. O motivo da organização social e religiosa, o primeiro motivo, é a fé que os imigrantes trouxeram da Itália. Em segundo lugar, nós podemos colocar Nossa Senhora. Foi a fé dos primeiros imigrantes italianos, que era a mesma fé, os mesmos ensinamentos, as mesmas verdades, que eles trouxeram junto” (AE6, 85 anos).

A comunidade foi formada por imigrantes católicos que vieram ao Brasil e trouxeram consigo forte sentimento de religiosidade que mantiveram e expandiram. As capelas eram locais onde se encontravam e, nelas, é possível afirmar se dava a verdadeira hospitalidade, ou seja, a aceitação do outro, o encontro, a ajuda, a colaboração, o verdadeiro acolhimento. A história do Santuário aqui relatada é uma demonstração da força que esses imigrantes depositaram, desde a chegada, na construção de um local para a realização de suas devoções. Já havia implícita a ideia de acolhimento, de hospitalidade. Nesse sentido, o conceito de hospitalidade de Correia

(2014) é adequado, uma vez que pressupõe “um conjunto de ações e gestos positivos em relação ao outro, que qualifica as atitudes de acolhimento e as transforma em uma “atitude humana e geradora de humanidade” (Correia, 2014 p. 218), à qual dá-se o nome de hospitalidade, conforme colocado anteriormente.

Essa hospitalidade, na construção da comunidade, é uma forma de integração que para enfrentar o mundo desconhecido que a imigração lhes provocava. Na construção do Santuário, a força da solidariedade, a fé e a vontade forte para construir um espaço comum, se fez presente.

“Se eles não tivessem a fé, em pouco tempo, cento e quarenta anos da imigração, eles não teriam transformado esta região no que é hoje. Aqui em *Caravaggio*, no segundo ano já acontecia a construção da primeira capelinha para poderem rezar. Para a construção da igreja antiga, as pessoas se juntaram para fazer os tijolos no domingo. As crianças participavam. Foi construída a olaria atrás do Santuário e, no domingo, depois do terço, porque não tinha missa, porque não tinha padre... Eles traziam os tijolos em fila indiana, quem podia. Quem podia pegar um tijolo pegava o tijolo e levava” (MS4, 61 anos).

Através das entrevistas, fica claro que, na comunidade de *Caravaggio*, há uma cultura de hospitalidade e de acolhimento à religiosidade popular. Os entrevistados demonstram que a comunidade local e a comunidade das capelas prestam serviços ao Santuário, numa demonstração de empenho coletivo em acolher os peregrinos da melhor maneira possível, na expectativa de que sempre retornem.

A história do Santuário N. Sra. de *Caravaggio* é uma história de acolhimento, de prática de devoções, de fé, de união e de solidariedade entre os que lá frequentam. As comunidades que constituem a comunidade de *Caravaggio*, que envolve o Santuário e as sete capelas, é prova de integração, de hospitalidade contínua.

É oportuno lembrar que as capelas foram construídas no centro das Linhas e tiveram a função de organizar socialmente o local, pois, em torno delas, foram edificadas a escola, o cemitério, o salão paroquial, que integrava os moradores de cada localidade. Cada capela escolhia um padroeiro, que, em muitos casos, se tornava o nome da capela. Nem todas as capelas se tornaram paróquias, mas, inicialmente, tiveram um papel agregador o de, além de unir, ter uma função social de oportunizar os encontros dominicais.

Essa fé se fortalece, a partir de diversas experiências que os imigrantes tiveram em relação às solicitações atendidas. Por meio de orações à N. Sra. de *Caravaggio*, solicitavam o que necessitavam. Vários relatos comprovam o resultado dessas solicitações, como o “milagre da chuva” que, após a peregrinação dos habitantes do local, em direção à capela da Santa, a chuva aconteceu. Nesse sentido, os relatos dos participantes da pesquisa mostram o que Correia

(2014, p. 218) prega sobre a hospitalidade, quando diz ser “um fenômeno humano complexo e profundo que revela as relações humanas e suas motivações”.

“[*Caravaggio*] foi o primeiro local que cresceu em torno de sua capela, de sua igreja. Eu acho que marcou muito, foi aquele acontecimento no final do século passado [XIX], que aqui na região havia uma seca muito forte e eles então... nem o governo da Itália está para atender, nem o governo do Brasil, então apelam para o céu e fazem uma procissão. Saem com o tempo seco e voltam com chuva. Essa chuva foi vista como presença do céu nesse lugar. E aí começa a afluência, graças, milagres. Atrás do Santuário, tem uma casa que tem os objetos das pessoas que levam lá: bengalas, essas coisas. É impressionante ver tudo aquilo. Então, esse fato vai fazer com que essa seja uma igreja diferente, não apenas uma igreja como as outras” (AE9, 80 anos).

A hospitalidade manifestada nas romarias encontra-se no apoio e no suporte dados pelas capelas que fazem parte do Santuário. A condição de acolhimento que se dá pelo Santuário acontece com a ajuda das capelas.

“São cento e cinquenta e poucas famílias, um grande grupo que, realmente, durante o ano e, especialmente, nas romarias, saía cedo de suas casas, quantas vezes com geadas, ter já alimentado seus bichinhos, tirado o leite de suas vaquinhas, feito tudo o que tinha de madrugada para às cinco e meia, de repente, estar no Santuário, para ajudar o dia inteiro até de noite. Um dia, dois dias, três dias” (AE3, 52 anos).

“Então, essa partilha daqueles que prestam atenção, de muitos anos, como as romarias elas vão acontecendo. É lógico que nós não chegamos ao que os Atos dos Apóstolos dizem sobre uma comunidade perfeita, onde tinham tudo em comum, onde repartiam os seus bens... apesar de que, em muitas coisas, o pessoal de *Caravaggio* tem colaborado com coisas, com viveres, com trabalho, com dedicação, e tudo isso mantém não só o Santuário, mas mantém toda aquela estrutura que precisa. Quanta gente que dias antes roçando, preparando comidas, preparando aquelas lonas, aqueles furgões, as limpezas ao redor, dentro do Santuário. Quanta dedicação!” (AE3, 52 anos).

A hospitalidade, por ser “um fenômeno humano complexo e profundo” (Correia, 2014, p. 218), exige, para sua definição, uma densa reflexão acerca das relações humanas e de suas motivações. Presente em todas as sociedades, culturas e religiões, a hospitalidade exige um conjunto de ações e gestos positivos, em relação ao outro, que qualifica as atitudes de acolhimento e as transforma em uma “atitude humana, geradora de humanidade” (Correia, 2014 p. 218), a qual dá-se o nome hospitalidade. A hospitalidade oferecida no Santuário, bem como em suas capelas, ocorre na prática religiosa, na vivência com o outro.

“Hoje vai-se a *Caravaggio* muito pela devoção, pela hospitalidade, pela fé. Não se vai para *Caravaggio* para comer nem cachorro quente, nem xis, ou tomar refrigerante ou fazer bagunça. Então realmente, hoje, há muita gente, que o lugar dele é *Caravaggio*, eles gostam de lá, não gostam de outro lugar. A gente respeita, apesar de que a comunidade é muito importante. Mas, realmente, cada um que chega lá e sai, sai renovado, sai modificado” (AE8, 65 anos).

“No Santuário, eu me sinto bem, eu me sinto em casa. O Santuário é nossa casa. A gente se sente responsável pelo bom acolhimento e bem-estar das pessoas que visitam o Santuário. Como a gente sente que é a nossa casa, a gente se preocupa também que lá se faça um bom trabalho” (MCST3, 61 anos).

O Santuário é visto como um lugar privilegiado de reflexão, de encontro consigo mesmo, de acolhimento. Os moradores da comunidade veem o Santuário como o centro do acolhimento e, dessa forma, a comunidade é hospitaleira.

“Aqui, na comunidade, ela é hospitaleira. Quando há uma pessoa, por exemplo, doente, a gente procura se ajudar. Se há necessidade de serviço, de mão de obra, de serviço braçal a gente faz, presta à família. Também, se há necessidade de campanha financeira, também a gente faz” (MCTS1, 85 anos).

“O que se destaca na nossa capela é o acolhimento, quando as pessoas vêm para cá. Quando as pessoas vêm aqui, todas se sentem bem e sempre voltam. Nossa comunidade é humilde. Não tem ninguém que é melhor que ninguém. Nós somos pessoas humildes e sabemos acolher as pessoas, sabemos receber as pessoas e, por isso, que elas sempre voltam” (MCNSD2, 58 anos).

A posição de Baptista (2002), de reconhecer que a hospitalidade oferece ao outro um local de acolhimento, é identificada nas falas dos moradores como uma conquista, como algo precioso que precisa ser mantido, e esse lugar sagrado é deles.

“A hospitalidade é a acolhida da pessoa não apenas do corpo, de dizer: “seja bem-vindo”, “pode sentar aqui”, mas é muito mais: a acolhida das angústias, a acolhida de um choro se precisar, de sorriso, a acolhida da pessoa integral. Hospitalidade é dizer... no fundo... é dizer sem dizer “não te conheço, não sei teu nome, mas você é minha irmã, meu irmão”. Irmã pela fé, irmã por ser pessoa... a questão da dignidade. Aí a hospitalidade não tem raça, não tem classe social, não tem estilo de roupa, ou sei lá. É quem está aí. Então, a hospitalidade é com quem chega. Aquele que chegou deve ser acolhido não apenas no seu corpo, mas na sua integralidade. Eu diria, sobretudo, no seu desespero, na sua angústia. Hospitalidade é acolher a pessoa especialmente quando sofre. E o sofrimento aí varia. Eu falaria da questão dos sentidos: falta do sentido da vida, falta de esperança. Hospitalidade é acolher as pessoas como vêm, hoje, no seu ser completo” (AE7, 37 anos).

A hospitalidade defendida por Baptista (2002) tem uma lógica que se concentra numa ética, conforme já dito, anteriormente, de ser solidária, de ter sensibilidade com o outro. A hospitalidade passa a ser considerada um meio de agregar e unir os que o visitam e nele acreditam.

“O Santuário teve papel fundamental de aglutinar as pessoas, como tem hoje também. Eu me lembro de quando era criança, que não tinha essa estrada que vai à Farroupilha, tinha uma outra entrada... A gente ia em cima de um caminhão. Tinha tábuas, sentava. Saía de Galópolis de manhã cedo, ia para o Santuário... poeira... de vez em quando chuva... e a gente ia lá para o Santuário, porque... interessante, ainda não tinha nem a Rádio Miriam, ela é de 1956, e o Santuário é do século passado [...]. O Santuário impregna não só o povo, mas os bispos, padres... Acho que é uma coisa que só Deus sabe explicar” (AE9, 80 anos).

As práticas de hospitalidade oferecidas nos lugares de hospitalidade são formas de acolhimento ao hóspede. No Santuário e nas suas capelas, segundo relatos dos entrevistados, as práticas de hospitalidade são frequentes e alimentam, para que o hóspede retorne às capelas e ao Santuário. Muitos veem o Santuário como a sua casa, a casa que os acolhe, que os conforta

e que os anima.

“Por hospitalidade eu entendo que a gente saiba ouvir o que as pessoas desejam. Serem ouvidas e o que elas desejam participar, comunicar para a Igreja e desejam ser compreendidas pela Igreja nessa hora que elas vão à romaria. O que elas mais desejam é a compreensão e o acolhimento. Elas não chegam lá para serem julgadas, mas elas desejam ser compreendidas pela Igreja” (AE1, 86 anos).

“No Santuário, eu sinto muito amor. Sinto muita paz quando vou lá. Eu sinto assim quando entro no Santuário, não dá nem vontade de sair. Eu sinto uma paz interior, que eu tenho a impressão que não encontro em outra igreja. Aqui nas capelas, quando eu vou, para mim não é a mesma coisa. Lá [no Santuário] é um lugar de muita paz” (MCNSMB1, 60 anos).

A hospitalidade implica uma forma de sociabilidade que integra; para alguns autores aparece inclusive como virtude, pois oferece a aceitação do outro e mesmo as suas diferenças. O Santuário é um lugar privilegiado de hospitalidade, onde aqueles que acolhem e aqueles que são acolhidos estão unidos pela força das suas crenças; portanto, o

“[...] acolhimento é proporcionar que a pessoa possa dizer o que ela sente, o que ela espera. Ela não busca outra coisa a não ser o acolhimento, ou seja, esse momento em que ela expressa o que ela sente, o que ela sofre, o que, aliás, é muito próprio do Santuário de Caravaggio” (AE1, 86 anos).

“Muitas pessoas dizem: - A última vez que me confessei foi quando fui para *Caravaggio*. Então, pude conversar com o padre. Foi uma conversa mais profunda e mais pessoal do que aquela que eu tenho na paróquia. Encontrei o padre, encontrei o bispo... tive uma conversa muito pessoal, na qual eu manifestei o que eu estava vivendo naquele momento, o que eu vivia. Encontrei acolhimento, porque o padre me escutou, o padre sentiu o que eu estava vivendo. O acolhimento não foi um julgamento que o padre fez de minha pessoa, foi o que eu pude expor, ou seja, no Santuário de *Caravaggio*, eu encontrei, da parte do padre, o acolhimento. O acolhimento que não é julgamento, é escutar” (AE1, 86 anos).

“A pessoa que está passando por dificuldade, ela tem que ser mais do que bem atendida. A pessoa que está atendendo esta pessoa que está chegando e vem buscar uma intercessão de Nossa Senhora para Deus, por causa dos seus problemas, ela precisa ser acolhida, ser ouvida, não só no sentido de bom-dia, tudo bem, mas sim que a pessoa possa estar ali, se colocar ao lado e se fazer um apoio para que essa pessoa possa... se ela chegou até aqui ela está precisando. Acho que abrange mais de que só *vou atender bem a pessoa e eu fiz a minha parte*. Não, a minha parte é poder conduzir, porque, por maior que seja o problema que a pessoa tenha, sempre vai ter alguém que tem um problema maior que ela. E se essa pessoa for bem acolhida, se sentir bem, ela vai sentir uma extensão de Nossa Senhora, um braço lhe ajudando” (MS4, 61 anos).

“A hospitalidade nas comunidades (sede e capelas) se manifesta no espírito religioso, de fé, se imaginando se eles tivessem no lugar dessas pessoas. A necessidade das pessoas se encontrarem facilitava a hospitalidade, porque não tinha outra maneira fora da igreja. Tu vais dar uma olhada, por exemplo, as capelas essas, o que elas têm: tem a capela, tem a escola, tem o salão, tem o campo de futebol, tem o cemitério. Tudo em torno da capela. Aliás, o que os historiadores não falam, pelo menos aqui na nossa região de Caxias, a presença da Igreja Católica, ela foi fundamental. Os primeiros hospitais, os primeiros asilos. A maioria dos jovens não sabe o que foi o orfanato Santa Teresinha, não sabe o que foi o Abrigo de Menores São José. O orfanato Santa Terezinha [ocorreu por] uma ação da Igreja acolhendo meninas abandonadas. O Abrigo de Menores São José, pelo trabalho dos padres Josefinos, tendo à frente aquele padre que foi beatificado há pouco, o padre João Schiavo. Fazendo o quê? Acolhendo as pessoas. Os hospitais também. Dando uma olhada... os hospitais aqui de nossa região: o Pompéia tem origem da Igreja; o Saúde, hoje não é mais da Igreja, mas começou com a Igreja. Vamos dar uma olhada em São Marcos, a Igreja; Farroupilha,

a Igreja. E assim praticamente a presença da Igreja no sentido do atendimento das pessoas, é uma coisa fundamental, que parece que a nossa região esquece” (AE9, 80 anos).

A hospitalidade oferecida pela Igreja não é um esforço isolado. Tem uma energia que integra a todos e os relatos expõem esse sentimento que aqueles que frequentam sentem.

“A hospitalidade da Igreja se manifesta na solidariedade. A vocação da solidariedade é uma vocação tão importante como a vocação para o sacerdócio, como a vocação para a vida religiosa. E, quando a pessoa faz por espontaneidade as coisas aparecem, as coisas andam, se multiplicam... O voluntário nunca trabalha sozinho. O voluntário trabalha em equipe. Tem uma equipe que trabalha e, lá pelas tantas, precisa reformar a escola, precisa reformar um ambiente ou cuidar de um idoso, ou providenciar que o idoso seja bem cuidado... Aí lá pelas tantas, consegue isso, consegue aquilo, consegue o médico que cuida dele... para ser voluntário, não precisa ser médico. Consegue o médico que cuida dele, consegue roupa, consegue enfim... Por quê? Porque sempre tem que ter essa espontaneidade, saber que eu estou emprestando os meus braços para alguém interagir comigo” (MS3, 73 anos).

Os lugares de hospitalidade se caracterizam por serem lugares de pertença e, como tal, oferecem uma série de escolhas para os que participam do Santuário pelo espírito de identificação que os unem.

“O Santuário é uma escolha de Nossa Senhora para se manifestar aqui nessa região. Por isso que se nós olharmos o silêncio do Santuário, parece que é silêncio, mas olhar no fundo, pulsa aquele amor de mãe! E se nós sairmos a olhar a praça ao redor, a vegetação, as casas particulares... por natureza, por ser uma colina, sempre tem um vento sul acentuado. Não tem nada de extraordinário nisso aí, mas se respira projeto de Deus: o silêncio, a calma! O Santuário, eu defino assim, é um centro de oração, é um centro de contemplação também, mas não aquela contemplação sobrenatural: é um centro de contemplação da natureza. Esse ambiente aqui é próprio disso. E como ele aconteceu, há uns cinquenta anos da inauguração do Santuário, ali que está o segredo da solidariedade. Se nós olharmos o Santuário já é um exemplo” (MS3, 73 anos).

“[...] A capela aqui é unida quanto à religião, porque quando se fala em religião todo mundo concorda. Sobre outras coisas, às vezes o pessoal puxa para outro lado, mas, quando é sobre rezar, a nossa capela é bem religiosa, e as pessoas têm muita fé. Eu acho que é uma capela de muita fé” (MCNSMB1, 60 anos).

As falas mostram que a hospitalidade, definida por Baptista (2008) e por Correia (2014), pode ser um caminho para uma prática de hospitalidade cristã, de inclusão. No item “A Igreja como lugar de hospitalidade” há a sustentação dessa premissa.

9.2 RELIGIOSIDADE POPULAR CONSTRUÍDA NA COMUNIDADE

A religiosidade popular nasce da busca espontânea da experiência religiosa dos indivíduos. Na comunidade do Santuário N. Sra. de *Caravaggio*, essa religiosidade está presente, faz parte da história dos primeiros imigrantes que habitaram essa região e foi

preservada pelos seus sucessores. Nas entrevistas realizadas, a história do Santuário se confunde com a história da religiosidade popular. A maioria dos entrevistados relembra o que seus pais e avós comentavam sobre a história do Santuário.

“[...] A história do Santuário foi marcada pelos imigrantes italianos, por alguns padres que souberam ser sensíveis a esta devoção, que apoiaram, incentivaram o povo, seja nos projetos, a construção da capela, o primeiro Santuário. Isso fez com que a construção de uma capela que se torna o primeiro Santuário [...] concentrado na devoção à Nossa Senhora” (AE2, 73 anos).

“Quatro momentos importantes na história do Santuário: os imigrantes, a água (chuva milagrosa e a vertente embaixo do Santuário), fê do peregrino que deixa no local os objetos em gratidão às graças alcançadas e o meio eletrônico: as mídias sociais”¹⁰⁴ (AE8, 65 anos).

A religiosidade popular esteve sempre presente na vida da comunidade pela manutenção das devoções. As orações, as novenas, a récita do terço, as ladainhas. As devoções eram dedicadas à N. Sra. de *Caravaggio*, à N. Sra. do Rosário, ao Sagrado Coração de Jesus, a *Corpus Christi*, Dia de Ramos, Assunção de Maria e a outros santos. Para cada motivação de devoção ocorria um encontro, o que os unia e os integrava. O local das celebrações mais importantes era na capela principal.

“Os primeiros imigrantes eram todos católicos. Chegaram aqui e, como eles tinham os costumes de lá, quando vieram de lá, mesmo que fossem jovens, de famílias jovens, eles queriam também aqui continuar vivendo esta fé, embora no meio da mata” (AE6, 85 anos).

De acordo com a conceituação de Poel (2013a), a religiosidade popular se relaciona com a experiência religiosa de uma comunidade, e a vivência comunitária acontece na vida cotidiana. Poel defende que a religiosidade popular se dá na experiência da prática religiosa. Na comunidade do Santuário, essa visão é muito frequente, pois a prática religiosa é comum, coerente e envolve todos os moradores da comunidade.

A formação das capelas e a fundação do Santuário provam a força que esses moradores tiveram na defesa de suas devoções. “N. Sra. de *Caravaggio* é realmente o centro dessa devoção, desse movimento de ir buscar soluções para os problemas, sejam pessoais, familiares, comunitários” (AE6, 85 anos).

Nas questões religiosas, sempre houve solicitação de atendimento sacerdotal nas capelas, e essa demanda demonstra a necessidade de manutenção de algumas práticas religiosas desempenhadas pelo sacerdote. Em depoimentos, autoridades eclesiais a confirmam:

¹⁰⁴ Na prática, a expressão aqui se refere à midiaticização das informações, relativas ao Santuário e a todo o ecossistema de fé em N. Sra. de *Caravaggio*.

“Atualmente, o Santuário está atendendo às capelas novamente. Os padres que estão aqui [no Santuário] atendem as capelas. Mas até então, nestes praticamente cinquenta anos, havia muita mudança de sacerdotes. E o povo dessas capelas sentiram muito isso. E viviam justamente lamentando essa separação. E, atualmente, graças a Deus, e também o acolhimento do padre, que é o reitor e pároco da paróquia [N. Sra. de *Caravaggio*], realmente houve este vínculo reatado, se assim posso dizer. Isto fez com que todas as sete comunidades, as sete capelas, vibrassem com entusiasmo. Então, esse vínculo, ele tornou-se novamente forte a partir dessa decisão” (AE6, 85 anos).

A devoção à N. Sra. de *Caravaggio* se mistura com a história do local. Segundo relatos de um dos entrevistados: “O Santuário começou com três famílias, em frente ao cemitério atual, em 1879, que é considerado o primeiro ano da romaria” (AE6, 85 anos).

A imagem de N. Sra. de *Caravaggio* foi retirada de um quadro que a família Faoro havia emprestado para a Igreja, a fim de materializar a ideia da Santa. O quadro, de origem italiana, foi utilizado como modelo para representar a Santa.

Chama a atenção nas falas dos entrevistados o agradecimento que os moradores têm em relação à própria Santa. O agradecimento não abrange apenas os moradores, mas os fiéis que frequentam o Santuário, para agradecer as bênçãos recebidas. Como ilustração desta premissa, há uma capela dos ex-votos que acolhe objetos que representam esse agradecimento. Envolvem graças recebidas referentes à saúde, colheita, estrutura familiar, às relações afetivas, dentre outros motivos.

“Existe uma capela de ex-votos. Agora, parece-me que ela foi transformada, mas lá tinha um testemunho de tanta gente, desde 1879, que receberam favores. Doenças, filhos que nasceram problemáticos depois encontraram as graças, a força. Então, é um testemunho lá que se marca ao longo desses séculos” (AE8, 65 anos).

“O Santuário é um lugar bonito, agradável de se estar, a gente se sente mais perto de Deus, a gente se sente mais perto da Mãe de *Caravaggio*, a gente vai lá sempre quando precisa pedir, quando precisa agradecer também, porque não é só pedir. Quando a gente recebe a graça, tem que saber que tem que voltar lá para agradecer a graça que a gente alcançou. Então, é um sentimento de gratidão por a gente ter o Santuário tão perto de nós” (MCNSD2, 58 anos).

“Quem vai a *Caravaggio*, quem vai à romaria vai perceber espíritas, evangélicos, católicos, luteranos... pessoas mais diversas. Mas a quem nós estamos acolhendo é o próprio Deus na pessoa do irmão. Então, acolher a dignidade da pessoa, isso é que importa. [...] As pessoas, elas querem olhar nos olhos, o toque, o abraçar...[...]. Então, aí você sente muita lágrima que corta, que cai dos olhos... muitas pessoas com problemas, com doenças, com enfermidades” (AE8, 65 anos).

Um aspecto que se destaca na comunidade de *Caravaggio* é ser um centro de devoções. As romarias se constituem como parte dessas devoções. A primeira romaria votiva ocorreu num período de seca e os participantes, agricultores da região, pediram chuva para a Santa para solucionar suas demandas. O agradecimento pelas chuvas recebidas tornou a romaria uma prática devocional e envolve os moradores daquele território.

“A romaria de fevereiro [Votiva] iniciou por causa da seca. Foi uma grande seca. E foram a *Caravaggio* a pé. Todo mundo foi a pé, pedindo a graça da chuva. Foram de manhã e, na metade da tarde, deu uma torrente de chuva forte. E todas as comunidades que eu conheço aqui de Mato Perso, e outras também, sempre faziam isso aí. E depois, teve continuidade, porque eles sentiram que deu certo, eu acho. Iam pedir a graça de Nossa Senhora, e nós precisamos agradecer à Nossa Senhora de *Caravaggio*. Para pedir a graça, a gente tem tanta confiança que consegue resolver. Agora, não é só pedir a graça [...]. Quando eu resolvo meu problema, eu tenho que agradecer. Tem que pedir a graça, mas é bom agradecer” (MCSJu1, 78 anos).

“[Caravaggio] foi o primeiro local que cresceu em torno de sua capela, de sua igreja. Eu acho que marcou muito, foi aquele acontecimento no final do século passado [XIX], que aqui na região havia uma seca muito forte e eles então... nem o governo da Itália está para atender, nem o governo do Brasil, então apelam para o céu e fazem uma procissão. Saem com o tempo seco e voltam com chuva. Essa chuva foi vista como presença do céu nesse lugar. E aí começa a afluência, graças, milagres. Atrás do Santuário, tem uma casa que tem os objetos das pessoas que levam lá: bengalas, essas coisas. É impressionante ver tudo aquilo. Então, esse fato vai fazer com que essa seja uma igreja diferente, não apenas uma igreja como as outras” (AE9, 80 anos).

“A origem da romaria votiva é exatamente aquela chuva de fevereiro [1899]. E ali é feita uma solenidade especial e, inclusive, com exposição de produtos agrícolas. É uma festividade que as capelas participam, mas também participa o pessoal ali de *Caravaggio*. Participam com tratores, máquinas agrícolas, exposição de frutas da época: uvas, pêssegos. Mas, por quê? Em função daquela procissão da grande chuva do passado. É praticamente em *Caravaggio* esta festividade de fevereiro e depois aquela de maio. Praticamente, é o fortalecimento e a solidificação da devoção” (AE9, 80 anos).

“A cultura da terra aqui nesta região favoreceu para fortalecer a devoção à Santa. A história é que... não sei quantos meses deu de seca... e fizeram a promessa [para implorar a chuva]. Foram para o Santuário em procissão, no dia dois de fevereiro [1899], e no final da tarde choveu. Assim contam. E foi um milagre de Nossa Senhora que mandou a chuva. Por isso que aqui tem muita devoção, quanto a isso, à Nossa Senhora” (MCTS1, 85 anos).

As romarias são formas de agradecimento e de culto à Santa. Nos relatos acima apresentados, é evidente a fé que os moradores que participam da romaria votiva devotam à N. Sra. de Caravaggio. Desde a criação da romaria votiva, no mês de fevereiro, quando ocorrem as colheitas, a população que habita nas sete capelas e na comunidade-sede agradece e mostra os frutos de sua colheita, como reconhecimento e retribuição ao recebido. O agricultor depende das colheitas para sobreviver, e essa prática devocional se faz presente na comunidade de *Caravaggio*, onde os agricultores levam na procissão os instrumentos de trabalho e os frutos colhidos.

A religiosidade popular, na fé católica, se apresenta pela forma como as pessoas vivem a sua religião. Na pesquisa, ocorre o envolvimento da população das capelas e dos que frequentam o Santuário. Duas posições são apresentadas: a dos moradores que são católicos e que cultuam as devoções postuladas pela religião católica e dos que buscam o Santuário, como forma de acolhimento, de oração, de fé e de crenças.

A Romaria de N. Sra. de *Caravaggio* é uma atração que reflete a existência de sentimento de respeito e amor, cuja prática religiosa cresceu ao longo da história dessa região

de imigração italiana. A devoção faz parte da piedade popular e de demonstrações de veneração, e dedicação à Nossa Senhora.

9.3 SENTIMENTO DE PERTENÇA COMO ELEMENTO IDENTITÁRIO

O sentimento de pertença, a formação de vínculos, manifesta-se através das ações empreendidas pela comunidade local, sede, bem como das comunidades das capelas vinculadas ao Santuário. Essas manifestações reforçam os dizeres de Martinez e Heidemann (2019) a respeito da formação de vínculos e da disposição para que esses ocorram, através de encontros e relações geradoras de laços.

Os vínculos gerados pela socialização na vida comunitária, e alimentada pela crença religiosa, contribuem com o processo, para construir e atravessar obstáculos. Dessa forma, tornam-se um caminho de união e transformação dos sujeitos e geram o sentimento de identidade, de pertença, de *estar-com*, de comunidade. Esses vínculos são percebidos na fala de uma religiosa que atuou no Santuário e contribuiu, por muito tempo, com a formação de agentes, no serviço de acolhimento.

“As famílias que moram em ‘*Caravaggio*’ já tem isso no sangue. Então eles fazem de tudo para fazer o melhor. Observam que aquilo que não deu certo, deve ser mudado para dar mais certo. Eles têm muito disso. Se esse caminho não leva muito a realização total, eles mudam para outro caminho para aperfeiçoar-se melhor. Isso o povo de *Caravaggio* tem. E eles não são capazes de dizer não quando lhes é solicitado para trabalhar na Igreja, no Santuário. Eles deixam tudo para estar presentes, porque a Igreja precisa do trabalho deles. E eu digo, 99,9% de todos os trabalhos que são realizados no Santuário, para não dizer 100%, é gratuito” (AE10, 74 anos).

As comunidades envolvidas sustentam os serviços que o Santuário oferece ao público em geral. A motivação dessa ajuda está na devoção à N. Sra. de *Caravaggio*. Lembram de seus antecessores, que possuíam forte identificação com a crença religiosa da Igreja Católica, e traziam consigo sentimento de orgulho de sua procedência italiana.

“Para a formação de vínculos, eu falo em uma Igreja mais aberta, participativa. Assim a comunidade faz, por exemplo, a missa dos pais, a missa das mães, a missa dos jovens – que os jovens cantam. É o coral feito das mães, coral feitos dos pais, coral feito dos jovens para estimular eles a participar. Tem as capelinhas, que visitam todas as casas, que traz presente ali mensalmente um momento com a família, de maior devoção. Quando, por exemplo, tem alguém que está doente – que eu acho que é uma característica muito bacana -, sempre se faz o tríduo, que é a récita de três terços, em favor daquela pessoa ou de outros que estejam doentes também naquele momento. Para pedir chuva, por exemplo, que é uma característica aqui de nossa região que é aquela festa votiva do 2 de fevereiro, por causa da seca que aconteceu naquele tempo, então também se faz tríduo para pedir a chuva. Para a graça da saúde. Isso eu vejo aqui nas nossas capelas que é muito forte, muito presente. Tríduo preparatório para as festas dos padroeiros: a festa dos padroeiros é muito forte aqui em Santa Juliana. E ainda tem as secundárias, que é a de Santa Luzia, que é a protetora dos olhos. Então tem as duas festas [em Santa Juliana]: a de Santa Juliana, que seria em fevereiro, mas acontece que, por causa da safra da uva, vai acontecer em abril, depois da Páscoa; e a de Santa Luzia que acontece em

dezembro. A festa dos padroeiros é a festa máxima das capelas, que é um momento importante” (MCSVC1, 49 anos).

“O primeiro agrupamento que aconteceu, com maior expressão, foi aqui justamente onde se localiza o Santuário N. Sra. de *Caravaggio*. O motivo da organização social e religiosa, primeiro é a fé que os imigrantes trouxeram da Itália. Em segundo lugar, nós podemos colocar Nossa Senhora. Foi a fé dos primeiros imigrantes italianos, que era a mesma fé, os mesmos ensinamentos, as mesmas verdades que eles trouxeram junto” (AE6, 85 anos).

Para diversos entrevistados, o sentimento de pertença é explicitado pela forma como expressam seu sentimento ao Santuário. Quando reconhecem que fazem parte da instituição e que “são ela”, é uma demonstração de que esse sentimento é, ao mesmo tempo, parte de suas identidades.

“[...] Eu me sinto parte do Santuário, porque ajudei também trabalhar. É Santuário-mãe. Eu me orgulho de pertencer ao Santuário” (MCTS1, 85 anos).

“[...] Me sinto parte do Santuário, porque se eu ia lá desde pequenina e, agora com essa idade, não posso mais ir lá, só se alguém me leva. Mas eu compartilho sempre com eles lá. Peço sempre à Nossa Senhora pelos agricultores, pelos doentes, pelos estudantes, pelos estudantes que estudam de noite, que trabalham de noite, que Nossa Senhora de *Caravaggio* os acompanhe e os proteja. Eu sempre rezo. Meu trabalho agora mais é rezar, pensar, pedir à Nossa Senhora que proteja as famílias. Eu sempre fui uma pessoa assim, sempre ajudei a quem precisa. Quem ia de noite para *Caravaggio* passavam aqui na frente, pediam água, banheiro. Até um café a gente dava. Depois tiraram a romaria à noite, e ficou só de dia” (MCSJo1, 87 anos).

“[...] Me sinto pertencente ao Santuário. Até eu escuto as missas quase todos os domingos, das 11 horas ao meio-dia. Me sinto muito bem no Santuário. Agora não vou todo o domingo, mas, nas festas, nunca faltei. Quando eu ia trabalhar, ficava lá três a quatro dias. Agora, quando é o dia da festa eu vou. Agora não posso dirigir. Mas tenho ido de carro. É longe e tenho marca-passo [implantado]” (MCNSMB2, 86 anos).

“[...] Eu me sinto parte do Santuário. Fé, devoção, a crença. Deus, Nossa Senhora, minha padroeira, eu tenho Nossa Senhora para mim. A gente veio de uma família muito religiosa. O pai tem uma irmã que é freira. Eu tenho um mantra para mim que é “Nossa Senhora, vá na minha frente, resolva por mim o que eu não consigo resolver sozinha”. Sempre em todas as situações. E sempre deu muito certo para mim, em tudo. Eu ensino para os meus filhos isso. A gente tenta passar. A gente tem uma família muito religiosa de cantores, digamos assim. A gente sempre cantou na igreja. Na capela São Victor, a gente sempre cantou” (MCSVC1, 49 anos).

“[...] Me sinto parte do Santuário. Desde a construção do Santuário que meus pais ajudaram a construir. Eles foram ajudar lá na construção. A gente se sente familiar. Quando você contribui para alguma coisa, faz parte dela. Faz parte. A gente ajuda para manter viva a fé. Todos ajudam” (MCST1, 64 anos).

O sentimento de pertença também está ligado à participação do grupo na vida da comunidade. O sentimento expressa valores de inclusão, de ser aquilo que representa o grupo, de participar do grupo, de ser parte do grupo.

“[...] Eu me sinto que faço parte sim do Santuário, porque, desde que eu nasci Nossa Senhora de *Caravaggio* para mim sempre foi tudo. Eu sempre digo que a “gente mora à sombra do Santuário. E até eu tenho um pouco de dificuldade, porque eu rezo... N. Sra., aqui de nossa localidade, é N. Sra. de Monte Bérico. E sempre acaba saindo [em minhas orações] N. Sra. de *Caravaggio*. Eu sei

que Nossa Senhora recebe vários títulos, mas é a mesma, mas eu tenho dificuldade de falar N. Sra. de Monte Bérico, por causa que eu falo sempre N. Sra. de *Caravaggio*, porque a gente faz parte dali” (MCNSMB1, 60 anos).

“Eu acho que todo mundo se sente um pouquinho parte do Santuário. A própria história da gente, que a gente ouvia que o pessoal ajudava e ajudou a construir tudo aquilo. Meu avô contava que iam com carroça levar pedras. Então, a gente faz parte, é um todo. Santuário e capela é separado no sentido figurativo, mas, no fim, a esperança, a fé, quem construiu tudo isso foram os imigrantes, e é tudo parte da gente. O sentimento de pertencimento é uma coisa muito boa, é um sentimento muito bom de fazer parte disso. É uma segurança religiosa. O Santuário em si seria nosso ponto forte, nossa base. Nós temos nossas comunidades, mas sempre qualquer problema é novena à N. Sra. de *Caravaggio*, é visita à N. Sra. de *Caravaggio*. É o pilar central para todas as comunidades” (MCNSMB3, 50 anos).

As falas expressam que o sentimento de pertencimento tem a ver com a religiosidade de cada um e de como foi repassada a importância da religião para esses descendentes de imigrantes italianos. Na maioria das narrativas, que foram colhidas nas entrevistas, esse sentimento de pertencer à comunidade, pertencer ao santuário, está expresso, sem dúvidas, com gratidão e apreço por essa experiência religiosa.

“Aqui são todos italianos e todos católicos. N. Sra. de *Caravaggio* é nossa mãe. A devoção tem origem num quadro que foi trazido da Itália por um imigrante italiano, chamado Antônio Fávero (ou Faoro), que morava em *Caravaggio*. É difícil saber se fosse outro grupo étnico. Acho que seria difícil que tivessem esse sentimento tão forte” (MCTS1, 85 anos).

“[...] todo mundo se sente um pouquinho parte do Santuário. A própria história da gente, que a gente ouvia que o pessoal ajudava e ajudou a construir tudo aquilo. Meu avô contava que iam com carroça levar pedras. Então, a gente faz parte, é um todo. Santuário e capela é separado, no sentido figurativo, mas no fim a esperança, a fé, quem construiu tudo isso foram os imigrantes, e é tudo parte da gente. O sentimento de pertencimento é uma coisa muito boa, é um sentimento muito bom de fazer parte disso. É uma segurança religiosa. O Santuário em si seria nosso ponto forte, nossa base” (MCNSMB3, 50 anos).

“A fé que trouxeram de berço, isso da Itália, e aqui continuaram cultivando nas famílias. As famílias vão se sucedendo, cultivando essa fé e vivendo as verdades ensinadas pela Igreja Católica. Isso faz com que esse vínculo se torne cada vez mais forte. E, também, frisando que a devoção à N. Sra. de *Caravaggio*, além de estar muito forte como comunidade paroquial, como comunidade de cada capela, mas também se expandindo no sentido de ir além das fronteiras, além até do próprio estado, de outros estados e até de outros países, que essa devoção à N. Sra. de *Caravaggio* foi se expandindo. Mas esse vínculo da religiosidade agrícola, popular, assim que nós podemos dizer, está justamente na fé e na vivência das verdades que são comuns” (AE6, 85 anos).

A constância, em diversas falas dos entrevistados, manifesta o sentimento de pertença que os moradores nutrem pelo Santuário, ao longo do tempo. É recorrente a alegria que demonstram pelo simples fato de residirem na região do Santuário, não importando distâncias ou condições geográficas que dificultem acesso. A devoção à N. Sra. de *Caravaggio*, o Santuário, a condição de italianidade, de ruralidade, a vivência partilhada em torno da comunidade da capela geram e mantêm os laços afetivos com a fé, com a devoção à Santa e com o lugar.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa traz forte contribuição para o campo da hospitalidade. Evidencia a relação que a hospitalidade, da comunidade do Santuário N. Sra. de *Caravaggio*, no Município de Farroupilha-RS, tem com a religiosidade popular, pelo sentimento de pertença que os habitantes daquela comunidade possuem e comprova as premissas que foram desenvolvidas nesta pesquisa.

Dos objetivos delineados na proposta, pode-se dizer que a religiosidade foi um elemento de ligação dos habitantes que fazem parte da comunidade de *Caravaggio* e o sentimento de pertença que se constrói, os mantêm unidos em diversas gerações, como parte dessa trajetória. Pode-se relacionar a italianidade, a religiosidade, o catolicismo, a ruralidade como parte da identidade cultural que constitui a comunidade de *Caravaggio*, e esses elementos promovem a coesão entre eles. Não existe sentimento de pertença, sem existir uma identidade. Essa afirmação confirma os elementos que Woodward (1996, p.13) postula, nos estudos culturais sobre a identidade, isto é, a identidade sempre é relacional, se faz pelas diferenças, tem uma “marcação simbólica” e está “vinculada às condições sociais e materiais”. Esses elementos mostram que costumes, hábitos, valores, modos de ser e de agir coletivos, em comunidades rurais, estão enraizados na história de cada grupo que se envolve na manutenção de sua cultura.

Na história do Santuário e na história das comunidades que dele fazem parte, há um elemento forte de identidade que as manteve integradas e que se estrutura nos princípios da religião que exercem. A reconstrução da história do Santuário e das sete capelas neste estudo permitiu a compreensão das dinâmicas que foram utilizadas pela Igreja, para o fortalecimento desse local que é considerado um local de hospitalidade e de religiosidade.

Nesse sentido, a religião da imigração italiana, como religiosidade popular, foi muito marcante nas entrevistas, o que confirma estudos sobre o tema. De Boni e Costa (1984, p. 124) chamam a atenção para o catolicismo popular, de cunho agrário e afirmam que a religião dos imigrantes italianos “é também uma religião de caráter cultural, com evidente cunho agrário, cujos valores religiosos e sua expressão normativa tendem a identificar-se com os da sociedade”. O forte fervor religioso dos imigrantes fortaleceu a integração das famílias na comunidade em torno das capelas. É necessário relembrar o que foi discutido anteriormente, ou seja: a religião dos imigrantes italianos e de seus descendentes tem um caráter ritualista, e a participação efetiva dos moradores, nas capelas, alimenta suas devoções, por meio desses ritos. Na história dessas capelas, se confirma o caráter ritualista da religiosidade popular por meio da

participação comunitária. As comunidades das capelas da paróquia participam de forma decisiva nas festividades no Santuário e colaboram para que o mesmo abra suas portas, para todos os que se dirigem a ele.

Outra percepção dos entrevistados é a força do Santuário e de sua história, uma história que faz parte dos relatos da imigração, da forte religiosidade que alimentavam os imigrantes italianos, das devoções que cultivaram da cultura que reproduziram. A Capela *Caravaggio* se tornou sede e, com isso, dispõe de diversas benfeitorias que a comunidade reconhece, como a visita de padres e a oferta de serviços. Essa posição da capela lhe dá um *status* privilegiado, o de um lugar de hospitalidade que acolhe os moradores, que acolhe aqueles que escolhem o lugar para cultivar suas devoções e que os integram à finalidade comum que a Igreja oferece.

Não se pode esquecer que as capelas rurais para os italianos eram locais de encontro e de controle. Azevedo (1975, p. 183) - conforme o que foi explicitado anteriormente -, relata como era organizado esse controle e a força que o mesmo tinha na direção da manutenção da capela. “[...] Todo esse controle veio a ser exercer-se na zona rural através da Sociedade da Capela, organização que arrola os moradores da área e é administrada, sob a autoridade do padre, pelos fabriqueiros”.

Chamam a atenção dois aspectos: o papel dos fabriqueiros e o papel do padre. No que concerne ao papel dos fabriqueiros, na organização das capelas, nas atividades que são desenvolvidas no seu interior e na integração das mesmas, eles aparecem como responsáveis pelas dinâmicas da comunidade de *Caravaggio*. Por quê? Porque são os fabriqueiros que se responsabilizam, nas capelas, pela organização das atividades nelas realizadas, como suprir todas as necessidades que se apresentam, desde a organização das festas e da vida coletiva na capela. No que diz respeito aos sacerdotes, após muito empenho pela sua presença nas capelas, desempenham papel de liderança, de acompanhamento, de orientação aos paroquianos. Em depoimentos, o padre aparece como liderança. “A liderança dos padres, nos primeiros tempos aqui da imigração, eles foram muito importantes. [...] Acho que é fundamental o padre estar à frente da gente para a gente ter a religião” (MCNSMB1, 60 anos). Também é referida a função do padre na atualidade: “além de celebrar a missa, de atender confissões, de dar conselhos, também se preocupa com a organização social e econômica dos seus habitantes, porque tudo isso deve ser um todo” (AE6, 85 anos).

O registro das práticas devocionais, em todas as capelas, comprova a premissa da religiosidade popular que foi descrita neste estudo, uma vez que pela devoção era mantida e alimentada a fé. As procissões, as rezas, as orações, a missa, os Sacramentos, as romarias são exemplos de práticas sempre valorizadas no Santuário, com o apoio das capelas. Muitos

entrevistados repetem que as devoções que cultuam fazem parte da religião católica, e que a mesma, na localidade, foi trazida pelos imigrantes italianos. As devoções de cada capela são mantidas, mas a devoção à N. Sra. de *Caravaggio* é aquela que todos cultuam; inclusive, a capelinha domiciliar, com a imagem da Santa, visita mensalmente todos os moradores, numa devoção de profundo reconhecimento.

Outro aspecto, que corrobora a análise produzida por Azevedo (1975), é que, na comunidade de *Caravaggio*, todos colaboram e ajudam na organização das atividades que o Santuário desenvolve, principalmente nas romarias. Azevedo (1975, p. 185) escreve que “a consciência da comunidade manifesta-se na solidariedade, em determinados momentos, e em certo orgulho de pertencer à mesma”. As festas são comuns e seguem um calendário, para que todos possam participar de todas as festas. Todos colaboram na realização das festas, o que demonstra o sentimento de solidariedade. Essa solidariedade se dá também na vida quotidiana, na ajuda mútua, por necessitarem uns dos outros. Essa condição ressalta o fator da ruralidade, por estarem mais distantes e, ao mesmo tempo, próximos pela convivialidade.

Os entrevistados expressam que o Santuário é lugar de hospitalidade, lugar sagrado, lugar de renovação da vida, onde recarregam as energias e alimentam sua própria religiosidade. A fala do bispo diocesano, D. Paulo Moretto (2017), reforça esse conceito de hospitalidade, que parte do princípio de que é uma escuta contínua. Diz que quem é hospitaleiro sabe “ouvir o que as pessoas desejam. [...] O que elas mais desejam é a compreensão e o acolhimento. Elas não chegam lá para serem julgadas, mas elas desejam ser compreendidas pela Igreja”. Essa percepção da hospitalidade que a Igreja oferece fica clara nesta pesquisa pelos depoimentos, quando dizem que “o acolhimento é escutar”.

A mensagem desse bispo sobre o Santuário N. Sra. de *Caravaggio* reforça o conceito de Baptista (2002) que trata a hospitalidade como “um lugar privilegiado de encontro interpessoal marcado pela atitude de acolhimento em relação ao outro”. Para os religiosos, a hospitalidade, no Santuário e nas capelas, se manifesta no espírito religioso e acolhe o outro pela escuta. A hospitalidade é uma forma de solidariedade, de aceitação do hóspede, de abrir a casa, de ouvir o outro. Nas entrevistas, o Santuário é um lugar de hospitalidade, um lugar de acolhimento, onde aqueles que buscam esse espaço encontram aquilo que estão procurando, que é um lugar de bem-estar, lugar de paz. Para muitos entrevistados, o Santuário é a Igreja, e a Igreja é um espaço sagrado que recebe, que escuta, que acolhe, que dá algo em troca. “A Igreja pratica a hospitalidade. A partir das celebrações dos próprios padres que acolhem bem as pessoas na Igreja [...]. Quem visita o Santuário é muito bem recebido” (MCNSMB3, 50 anos).

Em conclusão, a originalidade do estudo se deve a diversos aspectos: o uso de fontes como a dos Livros de Tombo, que ajudaram a escrever a história do Santuário e das sete capelas; os documentos da Igreja, que trazem dados antes não utilizados para a descrição da origem das capelas e dados do Santuário; o uso de mapas que facilitaram a localização das diversas capelas, da capela-sede no território, bem como a colaboração de todos os entrevistados, que envolve desde moradores das capelas, os da Comunidade de *Caravaggio*, padres e religiosos que atuaram no Santuário N. Sra. de *Caravaggio*.

As questões apresentadas na introdução deste estudo, que foram suporte para a construção do projeto de pesquisa, foram resolvidas, e as pesquisa de campo e a documental, cruzadas, trouxeram os resultados que respondem à problematização-fonte. A formação identitária das comunidades rurais se formou por meio da religião dos imigrantes, que os uniu e integrou. A religião católica sempre esteve presente nas comunidades, e o compartilhamento dessa religiosidade fez com que a Capela N. Sra. de *Caravaggio* crescesse e se tornasse a sede da comunidade de *Caravaggio*.

A pesquisa comprova a cultura de hospitalidade que caracteriza o Santuário, pela forma como acolhe, recebe, escuta e se solidariza. Portanto, a hospitalidade oferecida pelo Santuário e pelas sete capelas, em seu acolhimento, sempre foi atrativa, dadas as condições como são oferecidas àqueles que a procuram, os adeptos do Santuário. Nos relatos dos entrevistados, todas as menções ao Santuário são positivas e “recheadas” de sentimentos de agradecimento, de fé, de reconhecimento, de muita religiosidade, como um recinto especial de hospitalidade.

A pesquisa traz como forte contribuição a construção da história das sete capelas, em que a história de cada uma reflete a presença do catolicismo, como suporte da vida coletiva, e também evidencia os meios de organização de comunidades rurais. Essas histórias juntas mostram como as capelas colaboraram para a força do Santuário e as atividades nele desenvolvidas.

O vínculo de pertencimento - latente nas populações dessas comunidades rurais -, se dá pela identidade construída pela religião professada desde seus descendentes e que se mantém. A vida comunitária fortalece seus laços e amplia, nos seus moradores, o sentimento de pertença pela solidariedade. Esse vínculo nas sete capelas é passível de ser observado e se comprova pela ajuda mútua que ocorre entre elas e pelo forte espírito de solidariedade e de integração existente.

As comunidades rurais das capelas, na região do Santuário N. Sra. de *Caravaggio*, com sua organização e seu(sua) padroeiro(a), mantêm a força da religiosidade popular. A vida

em cada capela tem sua própria dinâmica, mas a integração entre as sete citadas se dá, especialmente, pela força da religiosidade que lá se estabelece e pelo fato de que se tornou uma forma de identificação.

REFERÊNCIAS

- ACIDIGITAL. **São Tiago Maior**: padroeiro da Espanha. Disponível em: <https://www.acidigital.com/noticias/hoje-e-festa-de-sao-tiago-maior-apostolo-e-padroeiro-da-espanha-65572>. Acesso em: 23 mar. 2020.
- ADUCCI, Edésia. **Maria e seus títulos gloriosos**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2003. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=O_ZS4XVfnD0C&dq=Livro+Maria+e+seus+gloriosos+t%C3%ADtulos,+nossa+senhora+de+Monte+Bérico&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s. Acesso em: 23 mar. 2020.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ARENSBERG, Conrad Maynadier; KIMBAALL, Solon Toothaker. **Family and community in Ireland**. Cambridge: Harvard M. Press, 1940.
- AZEVEDO, Thales de. **Italianos e gaúchos**: os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: A Nação/Instituto Estadual do Livro, 1975.
- BAIARDI, Amilcar. Fazendo a democracia funcionar ou a tradição cívica nas regiões italianas – comentários sobre a obra de Robert Putnam – Universidade Federal da Bahia. **CADERNO CRH**, Salvador, n. 26/27, p. 375-404, jan./dez. 1997. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/crh/article/view/18677/12050>. Acesso em: 24 jul. 2021.
- BAPTISTA, Isabel. Lugares de hospitalidade. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (org.). **Hospitalidade, reflexões e perspectivas**. São Paulo: Manole, 2002. p. 157-164.
- BAPTISTA, Isabel. Hospitalidade e eleição intersubjetiva: sobre o espírito que guarda os lugares. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, ano V, n. 2, p. 5-14, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://www.revhosp.org/hospitalidade/article/view/150/175>. Acesso em: 21 abr. 2017.
- BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale; EME, Jennifer Bauer. Estratégias de ‘sobre-vivência’ metodológica na viagem investigativa para a ciência no mundo novo: Dimensão trama, cartografia dos saberes e matrizes rizomáticas. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, e023042, 2023
- BAREA, Giuseppe. La vita spirituale nelle colonie italiane dallo stato. **CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA NEL RIO GRANDE DEL SUD 1875-1925**. [s.l.; s. n.]. p. 55-131, 1925.
- BARROS, Edgard de Vasconcelos. Defining the boundaries of a brazilian rural community. **Rural Sociology**, n. 22/23, 1957.
- BATTISTEL, Arlindo. **Colônia italiana**: religião e costumes. Porto Alegre: EST, 1981.
- BECKHÄUSER, Frei Alberto. **Religiosidade e piedade popular, santuários e romarias**: desafios litúrgicos e pastorais. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

BERGER, Peter Ludwig. **The sacred canopy: elements of a sociological theory of religion.** Garden City, NY: Anchor Books, 1967.

BERTUOL, Padre Olívio. **Milagrosa rainha de Caravaggio.** Caxias do Sul: Mitra Diocesana de Caxias do Sul, 1950.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém.** São Paulo: Paulinas, 1985.

BORRELLI, Antonio. Martirologio romano: santi Vittore e Corona, martiri. 2019. Disponível em: <http://www.santiebeati.it/dettaglio/92614>. Acesso em: 27 mar. 2020.

CAMARGO, Cândido Procópio. Essai de typologie du catholicisme brésilien. **Social Compass**, Louvain-BE, n. 14, p.388-422, 1967.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos.** 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO (CDC). Promulgado por João Paulo II, Papa. São Paulo: Loyola, 2001.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (Celam). **Documento de Aparecida: V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano.** Brasília: CNBB, 2007.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. (Celam). **Documento de Puebla: III Conferencia General del Episcopado Latinoamericano.** Puebla, México, 1979. Disponível em: https://www.celam.org/documentos/Documento_Conclusivo_Puebla.pdf. Acesso em: 17 set. 2018.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Comunidade de comunidades: uma nova paróquia.** Brasília: CNBB, Doc. 100, 2014.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023.** Brasília: CNBB, Doc. 109, 2019.

CORREIA, João Alberto Sousa. **A hospitalidade na construção da identidade cristã.** Braga-PT: Ed. da Universidade Católica de Braga, 2014.

COSTA, Rovílio *et al.* **Imigração italiana no Rio Grande do Sul: religião, vida, costumes.** Porto Alegre: EST/Sulina, 1975.

CRESSWELL, Robert. **Une communauté rurale de Irlande.** Paris: Institut d'Etnologie, Travaux et Memoires, n. 74, 1969.

CROCOLI, Aldir. **São Tiago de Mato Perso: resgate de uma história.** Porto Alegre: Evangraf, 2003.

CRUZ TERRA SANTA. **Santos e ícones católicos: história de São José,** 2020. Disponível em: <https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-sao-jose/148/102/>. Acesso em: 28 dez. 2019.

CRUZ TERRA SANTA. **Santos e ícones católicos: Santa Juliana de Cornillon,** 2020. Disponível em: <https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-santa-juliana/90/102/>. Acesso em: 23 mar. 2020.

D'APREMONT, Bernardin; GILLONNAY, Bruno de. **Comunidades indígenas, brasileiras, polonesas e italianas no Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: UCS; Porto Alegre, EST, 1976.

DANIELE, Irineu. **Santi beati**. Disponível em: <http://www.santiebeati.it/dettaglio/51000>. Acesso em: 21 jun. 2021.

DE BONI, Luís Antônio; COSTA, Rovílio. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. 3. ed. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul; Correio Riograndense, 1984.

DECÓ, Ermínio Dall'Agnol. **Microrregião de colonização italiana de Bento Gonçalves e Farroupilha**. Canoas: Gráfica La Salle, 1994.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **Revista História Oral**, Rio de Janeiro, v. 6, 2003, p. 9-25. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=62&path%5B%5D=54>. Acesso em: 18 nov. 2019.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2010.

DICIONÁRIO de Nomes Próprios on line. **Jacob**. 2021. Disponível em: <https://www.dicionariodenomesproprijs.com.br/jacob/>. Acesso em: 6 abr. 2021.

DIOCESE DE CAXIAS DO SUL. **Paróquias e missas**. Disponível em: <https://www.diocesedecaxias.org.br/paroquias/all/0>. Acesso em: 20 ago. 2024.

DIOCESE DE CAXIAS DO SUL. **Regimento das comunidades-igreja**. 3. ed. Caxias do Sul: Diocese, 2018.

DOUGLAS, Mary. **Purity and danger: an analysis of pollution and taboo**. Londres: Routledge, 1966.

DU GAY, Paul; HALL, Stuart; JANES, Linda; MACKAY, Hugh; NEGUS, Keith. (org.). **Doing cultural studies: the story of the Sony Walkman**. Londres: Sage/The Open University, 1997.

DURKHEIM, Émilie. **The elementary forms of the religious life**. Londres: Allen & Unwin, 1954.

DURKHEIM, Émilie. **The elementary forms of the religious life**. New York: The Free Press, 1965 [1912].

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

FALCÃO, Manuel Franco Dom. **Enciclopédia católica**. Editora Paulinas *online*. Disponível em: <http://www.ecclesia.pt/catolicopedia>, 2020. Acesso em: 11 abr. 2022.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1986.

FLÓREZ, Enrique; RISCO, Manuel. **España sagrada**: teatro geographico-historico de la iglesia de España, Madrid: Ed. A. Marin, v. 27, 1772. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=UdM-AAAAcAAJ&pg=RA1-PA81&dq=Senador+Eleusio&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwj2IKC68pLoAhWAI7kGHh0XC8sQ6AEINTAB#v=onepage&q=Senador%20Eleusio&f=false>. Acesso em: 11 mar. 2020.

FOCHESATTO, Iloni. **Descrição do culto aos mortos entre descendentes italianos no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST/UCS, 1977.

GALILEA, Segundo. Analisis empírico de la religiosidad latinoamericana. *In*: IPLA. (ed.). **Catolicismo popular**. Quito: Instituto Pastoral Latino-Americano, 1969. p. 51-63.

GALIOTO, Antônio. As nossas capelas. **Enfoque**, Bento Gonçalves, n. 20, dez. 1976.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

GODI, Patricia. Igreja: a casa da misericórdia. *In*: MONTANDON, Alain (org.). **O livro da hospitalidade**: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: Ed. do Senac, 2011. p. 605-617.

GOTMAN, Anne. França contemporânea: uma bricolagem pós-moderna. *In*: MONTANDON, Alain (org.). **O livro da hospitalidade**: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: Ed. do Senac, 2011. p. 97-104.

GRASSI, Marie-Clair. Transpor a soleira. *In*: MONTANDON, Alain (org.). **O livro da hospitalidade**: a acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: Ed. do Senac, 2011. p. 45-53.

GUIA DA DIOCESE DE CAXIAS DO SUL. **Comunidade**: acolhedora, formadora e missionária. Caxias do Sul: Diocese de Caxias do Sul, 2017.

HALL, Stuart. Cultural identity and diaspora. *In*: RUTHERFORD, Jonathan (org.). **Identify**: community, culture, difference. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.

HALL, Stuart. **Representation**: cultural representations and signifying practices. Londres: Sage/The Open University, 1990.

HALL, Stuart. The work of representation. *In*: HALL, Stuart (org.). **Representation**: cultural representations and signifying practices. Londres: Sage/The Open University, 1997a.

HALL, Stuart. The spectacle of the Other. *In*: HALL, Stuart (org.). **Representation**: cultural representations and signifying practices. Londres: Sage/The Open University, 1997b.

HERÉDIA, Vania Beatriz Merloti. **O processo de industrialização na zona colonial italiana**. 2. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2017.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades:** Farroupilha. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/farroupilha/panorama>. Acesso em: 3 jul. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades:** Farroupilha. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/farroupilha/panorama>. Acesso em: 10 mar. 2024.

JORNAL O FARROUPILHA. **Os caçadores de gafanhotos da Vila Jansen.** Farroupilha-RS, 24 jul. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/ofarroupilha/photos/a.425400604139379/3415339181812158/?type=3>. Acesso em: 2 jul. 2022.

JORNAL O FLORENSE. **As histórias florenses que ultrapassam gerações.** Flores da Cunha-RS, 27 dez. 2014. Disponível em: <https://jornaloflorense.com.br/noticia/geral/7/as-historias-florenses-que-atravesam-geracoes/4730>. Acesso em: 29 dez. 2019.

JORNAL PIONEIRO RBS. **Lei que torna menarosto o prato típico de Flores da Cunha é sancionada,** em 13 ago. 2010. Disponível em: <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/noticia/2010/08/lei-que-torna-menarosto-o-prato-tipico-de-flores-da-cunha-e-sancionada-3004680.html>. Acesso em: 15 mar. 2020.

KAYSER, Bernard. **La renaissance rurale: sociologie des campagnes du monde occidental.** Paris: Armand Colin, 1990.

LAKELAND, Paul. **Igreja: comunhão viva.** Trad. de Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2013. (Coleção Teologia hoje).

LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito.** Lisboa: Edições 70, 1980.

LIVRO DE TOMBO (LT). **Capelas:** Paróquia N. Sra. de Caravaggio (1968-2018).

LIVRO DE TOMBO (LT). **Santuário:** Santuário N. Sra. de Caravaggio. (1913-2024). 5v.

LUCHESE, Terciane Ângela; KREUTZ, Lúcio; XERRI, Eliana Gasparin. Escolas étnico-comunitárias italianas no Rio Grande do Sul: entre o rural e o urbano (1875-1914). *Acta Scientiarum - Education*, Maringá-PR, v. 36, n. 2, p. 211-221, 2014.

MARTINEZ, Monica; HEIDEMANN, Vanessa. Jornalismo literário: afeto e vínculo em narrativas. *Lumina*, [s. l.], v. 13, n. 1, p. 4-14, 2019.

MATHIEU, Nicole; JOLLIVET, Marcel (dir.). **Du rural à l'environnement: la question de la nature aujourd'hui.** Paris: ARF/L'Harmattan, 1989.

MATTAI, Giuseppe. Religiosidade popular. In: FIORES, Stefano; GOFFI, Tullio. **Dicionário de espiritualidade.** 2. ed. São Paulo: Paulus, 1993. p.1000-1009.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Ruralidades: novos significados para o tradicional rural. Dinâmicas do espaço agrário: velhos e novos territórios: **NEAG 10 anos**, UFRGS, Porto Alegre, p. 179-189, 2017. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/157495/001016917.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2020.

- MELA, Alfredo. **Immagini classiche della sociologia urbana**. Torino: Progetto'82, 1988.
- MENDRAS, Henri. **La fin des paysans**: conclusion et postface. Paris: Colin, 1976.
- MERLOTTI, Vania Beatriz. O mito do padre entre descendentes italianos. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: UCS, 1979.
- MOHANTY, Satya. Us and them: on the philosophical bases of political criticism. **The Yale Journal of Criticism**, v. 21, p. 1-31, 1989.
- MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. Ijuí-RS: Ed. da Unijuí, 2007.
- MOREIRA, Roberto José; GAVIRIA, Margarita. Territorialidades, ruralidades e assimetrias de poder na comunidade de Taquari. **Estudos, sociedade e agricultura**. CPDA, UFRJ, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 47-72, abr. 2002.
- NIXON, S. Exhibiting masculinity. In: Hall Stuart (org.). **Representation**: cultural representations and signifying practices. Londres: Sage; The Open University, 1997.
- NOUWEN, Henri Jozef Machiel. **O curador ferido**: o ministério na sociedade contemporânea. Prior Velho, PT: Paulinas, 2010.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (OMT). ONU NEWS. **Volume de viagens internacionais é 85% menor na comparação com 2019** (22 jul. 2021). Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2021/07/1757432>. Acesso em: 18 jan. 2024.
- PARÓQUIA Santo Antônio de Bento Gonçalves-RS. **Histórico**. Disponível em: <https://www.paroquiasantoantoniobg.com.br/historico-1>. Acesso em: 20 ago. 2020.
- PAULO VI, papa. **Constituição Dogmática Lumen Gentium**. Vaticano, 1964. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em: 17 set. 2018.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. J. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- POEL, Francisco van der (Frei Chico). **Dicionário de religiosidade popular**: cultura e religião no Brasil. Curitiba: Nossa Cultura, 2013a.
- POEL, Francisco van der (Frei Chico). Religiosidade popular: o exemplo da milenar oração para curar a erisipela. **Revista Vida Pastoral**, 2002. São Paulo: Paulus, 2013b, n. 289, ano 54, p. 33-38, mar./abr. 2013.
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente? **Projeto história**, São Paulo, n. 14, p. 25-39, 1997.
- PORTELLI, Alessandro. **A história oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Vozes, 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FARROUPILHA-RS. **Histórico**. Disponível em: <https://farroupilha.rs.gov.br/pagina/id/2/?historia-do-municipio.html>. Acesso em: 20 mar. 2020.

PUTNAM, Robert. **La tradizione cívica nele regioneitaliane**. Milano, IT: Mondadori, 1993.

RÁDIO MIRIAM DE CARAVAGGIO. **Emoção marca abertura da novena da romaria votiva na capela Nossa Senhora das Dores** (18 jan. 2018). Disponível em: <http://miriamcaravaggio.com.br/emocao-marca-abertura-da-novena-da-romaria-votiva-na-capela-nossa-senhora-das-dores/>. Acesso em: 19 jan. 2018.

RÁDIO MIRIAM CARAVAGGIO. **140ª Romaria de Nossa Senhora de Caravaggio: 130 mil pessoas passaram pelo Santuário em dois dias** (26 maio 2019). Disponível em: <https://miriamcaravaggio.com.br/tag/romaria-de-caravaggio/page/3/#>. Acesso em: 4 jul. 2022.

RÁDIO MIRIAM DE CARAVAGGIO. **Capela de São Tiago** (23 jan. 2018). Disponível em: <https://miriamcaravaggio.com.br/capela-de-sao-tiago-4o-distrito-de-flores-da-cunha-recebe-a-visita-de-nossa-senhora-de-caravaggio>. Acesso em: 27 jan. 2020.

RÁDIO MIRIAM DE CARAVAGGIO. **143ª Romaria ao Santuário de Caravaggio reúne 105 mil pessoas em quatro dias de festa** (29 maio 2022). Disponível em: <https://miriamcaravaggio.com.br/143a-romaria-ao-santuario-de-caravaggio-reune-105-mil-pessoas-em-quatro-dias-de-festa/>. Acesso em: 4 jul. 2022.

REDFIELD, Robert. **The little community: viewpoints for the study of a human whole**. Chicago: The University of Chicago Press, 1955. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/american-political-science-review/article/little-community-viewpoints-for-the-study-of-a-human-whole-by-robert-redfield-chicago-university-of-chicago-press-1955-pp-182-400/D8DAB2AF9C7BD2609987584CCB7AFDE5>. Acesso em: 9 mar. 2020.

SANTOS, Miriam de Oliveira; ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Especificidades da identidade de descendentes de italianos no sul do Brasil: breve análise das regiões de Caxias do Sul e Santa Maria. **Revista Antropolítica**, Niterói, n. 27, p. 21-41, 2. sem. 2009.

SANTUARIO BASILICA SAN LUIGI GONZAGA. Disponível em: <http://www.santuariosanluigi.it/>. Acesso em: 21 jul. 2021.

SANTUÁRIO DE CARAVAGGIO. **Capela de São Tiago, 4º distrito de Flores da Cunha recebe a visita de Nossa Senhora de Caravaggio**. 2018. Disponível em: <http://caravaggio.org.br/capela-de-sao-tiago-4o-distrito-de-flores-da-cunha-recebe-a-visita-de-nossa-senhora-de-caravaggio/>. Acesso em: 25 jan. 2018.

SANTUÁRIO DE CARAVAGGIO. **Comunidade de Santa Juliana lota igreja para recepcionar N. Sra. de Caravaggio**. 2020. Disponível em: <http://caravaggio.org.br/comunidade-de-santa-juliana-lota-igreja-para-recepcionar-nossa-senhora-de-caravaggio/>. Acesso em: 27 jan. 2020.

SANTUÁRIO DE CARAVAGGIO. **Romaria ao Santuário de Caravaggio reúne 100 mil pessoas somente no primeiro dia de festa**. 2018. Disponível em: <http://caravaggio.org.br/139a-romaria-ao-santuario-caravaggio-reune-100-mil-pessoas-somente-no-primeiro-dia-de-festa/>. Acesso em: 20 set. 2018.

SANTUÁRIO DE CARAVAGGIO. **Imagens**. Disponível em: <http://caravaggio.org.br/comunidade-de-santa-juliana-lota-igreja-para-recepcionar-nossa-senhora-de-caravaggio/>. Acesso em: 27 jan. 2020.

SCHVARSTZHAUPT, Rosalina Luiza Cassol. **A hospitalidade na romaria Nossa Senhora de Caravaggio/Farroupilha-RS sob a ótica da Igreja Católica**. 2018. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hospitalidade) - Universidade de Caxias do Sul, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/11338/4195>. Acesso em: 24 nov. 2019.

SGARBOSSA, Mário; GIOVANNINI, Luigi. **Um santo para cada dia**. 14. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

SMITH, Thomas Lynn. The rural community with special reference to Latin America. **Rural Sociology**, v. 23, n.1, p.52-67, 1958.

SMITH, Thomas Lynn. **Brasil: povo e instituições**. Trad. de J. A. Rios. Rio de Janeiro, Programa de Publicações Didáticas, Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (Usai), 1967.

VAILATTI, Gissely Lovatto. **Mato Perso: uma história a ser preservada**. Flores da Cunha-RS: Novo Ciclo, 2017.

VATICAN NEWS. **Romaria virtual de Caravaggio tem mais de 1 milhão de acessos de devotos**. (28/05/2020). Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2020-05/romaria-virtual-de-caravaggio-tem-mais-milhao-de-acessos.html> Acesso em: 30 maio 2020.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. **Revista Estudos Sociedade e Agricultura**, n.15, out. 2000, p. 87-145.

WOODWARD, Kathryn, Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, T. T. da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996. p. 7-72.

WUTHNOW, Robert. Sociology of religion. *In*: N. J. SSMELSER, N. J. (ed.). **Handbook of sociology**. Newbury Park, CA: Sage, 1988.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. **Italianidade no Brasil Meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2006.

ZIGLIOLI, Roberto. **Santa Maria del Fonte in Caravaggio: l'apparizione e il santuario**. 2. ed. Caravaggio, IT: Cassa Rural Ed. Artigiana, 2004.

ZORZI, Dom Benedito. **Nossa Senhora de Caravaggio no Brasil**. Caravaggio, Farroupilha-RS: Mitra Diocesana de Caxias do Sul, 1986.

GLOSSÁRIO

ATRATIVOS TURÍSTICOS - Representam os locais, objetos, equipamentos ou acontecimentos de interesse turístico, capazes de motivar o deslocamento de visitantes para conhecê-los.

CAPELA - Pequena igreja, geralmente subordinada a uma paróquia. O termo empregado neste estudo tem o sentido de comunidade-Igreja.

COMUNIDADE-IGREJA - Na estrutura da Igreja Católica, uma comunidade-Igreja é uma comunidade formada por pessoas ou famílias católicas, em determinada área geográfica, que se unem para conviver, a partir da fé e da caridade.

CONCÍLIO - É uma reunião de autoridades eclesiais com o objetivo de discutir e deliberar sobre questões pastorais, de doutrina, fé e costumes (moral). Os concílios podem ser ecumênicos, plenários, nacionais, provinciais ou diocesanos, consoante o âmbito que abarquem.

CURA - Na literatura eclesial, *cura* é o mesmo que pároco, abade ou prior, isto é, sacerdote que *cura almas*, com a obrigação de assegurar a uma comunidade de fiéis os serviços da palavra, da liturgia e da caridade.

CURATO - Designa cargo ou dignidade de cura ou pároco; habitação ou morada de um cura/pároco; povoação pastoreada por um cura/pároco.

DEVOÇÃO - É um apego sincero e fervoroso a Deus ou aos santos, sob uma forma litúrgica ou por práticas regulares privadas; sentimento religioso, piedade.

ECLESIAL - Característica daquilo que se refere ou pertence ao âmbito da Igreja Católica ou de seus sacerdotes; eclesial: doutrina eclesial.

ECUMENISMO - No contexto cristão, refere-se ao esforço conjunto de diferentes Igrejas e comunidades cristãs, para caminhar em direção à unidade visível, e promover a colaboração na missão comum de testemunhar o Evangelho de Jesus Cristo.

ENCÍCLICA - É um documento pontifício, uma comunicação escrita pelo líder máximo da Igreja Católica (papa), cujo objetivo é orientar lideranças religiosas e fiéis sobre assuntos que envolvem o bem-estar da sociedade.

EVANGELHO - Conjunto dos ensinamentos de Jesus Cristo, constantes em cada um dos quatro livros dos apóstolos Mateus, Marcos, Lucas e João, incluídos no Novo Testamento, e que narram a vida, a doutrina e a ressurreição de Jesus Cristo.

FABRIQUEIRO - Designa aquele que é responsável por administrar o patrimônio e os rendimentos de uma paróquia católica, bem como seus bens e imóveis.

FÉ - É uma graça, um dom de Deus, uma virtude sobrenatural infundida por Ele.

IGREJA - Instituição religiosa que é, ao mesmo tempo, “sociedade provida de órgãos hierárquicos e Corpo Místico de Cristo; assembleia visível e comunidade espiritual; e Igreja terrestre e Igreja enriquecida de bens celestes” (LG, n. 8). Estas dimensões constituem junto “uma só realidade complexa, em que se funde o elemento divino e humano” (LG, n. 8).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) - Provedor de dados e informações do Brasil, e tem como missão retratar o Brasil com informações necessárias ao conhecimento de sua realidade e ao exercício da cidadania.

LIVRO DE TOMBO – Trata-se de um livro tipicamente canônico, onde são lançados os atos e fatos significativos de valor histórico e os acontecimentos e/ou procedimentos administrativos de maior relevância, que vão se desenvolvendo no cotidiano das pessoas jurídicas canônicas. A descrição fiel do ocorrido deve ser clara, objetiva e, sem prejuízo do essencial, sucinta. Exemplos de alguns assuntos que podem ser registrados no Livro de Tombo: decreto de criação da paróquia; histórico sobre suas origens; provisão dos párocos-vigários paroquiais (período de permanência e pequena biografia); cópia da escritura do terreno (compra ou doação); relação das associações, movimentos, grupos de serviço, estruturas de Igreja, pastorais; estatísticas anuais (batizados, casamentos, etc.); eventos marcantes; relação das comunidades - rurais e urbanas e/ou capelas filiais; horários das missas; desmembramento de novas paróquias e alteração de limite; etapas de construção, reformas, restaurações (indicando o período e os nomes dos responsáveis; inventário dos bens culturais da paróquia (imagens, quadros, alfaias, etc.) dentre outros registros significativos à comunidade. Deve ser redigido pelo pároco.

MARIOLOGIA – É o conjunto de estudos teológicos acerca de Maria, mãe de Jesus Cristo, desenvolvido tanto na Igreja Católica quanto na Igreja Ortodoxa, e que compreende uma vasta produção bibliográfica, que visa a salientar a importância da figura de Maria e a profunda e piedosa crença dos fiéis a ela, com o objetivo de enriquecer o âmbito teológico-cristão.

NOSSA SENHORA – Título atribuído à Maria, mãe de Jesus Cristo. A devoção à Nossa Senhora se manifesta, na Igreja Católica, sob diversos títulos. É variado o número de títulos atribuído à Santíssima Virgem Maria. Em cada país, ela é invocada de diversas formas, com nomes diferentes, conforme a fé e a devoção do povo.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (OMT) - É a instituição da Organização das Nações Unidas (ONU) encarregada de promover um turismo responsável, sustentável e universalmente acessível. Possui, dentre seus membros, 160 países, seis membros associados e mais de quinhentos associados representando o setor privado, estabelecimentos de ensino, associações turísticas e autoridades locais de turismo.

PADROEIRO - Santo da Igreja Católica é considerado protetor, defensor; aquele que protege. Santo significa ser bem-aventurado. É considerado santo aquele que desenvolveu virtudes, na aventura da vida, e foi reconhecido pela Igreja Católica mediante processo canônico.

PEREGRINO - No sentido religioso, é aquele que anda em peregrinação ou vai em viagem a um lugar santo ou de devoção.

PIEIDADE POPULAR - Com sentido aproximado ao da religião popular, a piedade popular se refere mais ao modo de viver a religião e está ligada ao modo de o povo manifestar sua fé. O Concílio Vaticano II chamou essa forma de expressar a fé com a nomenclatura de piedosos exercícios ou exercícios de piedade do povo de Deus. São exercícios práticos de religião, em que o povo expressa sua piedade, isto é, sua devoção, seu amor pelas coisas religiosas, uma vez que, pela Sagrada Liturgia da Igreja, encontram dificuldade de sintonia.

ROMARIA - É uma peregrinação religiosa a uma igreja, ermida ou lugar considerado santo.

ROMARIA VOTIVA - É uma peregrinação oferecida em cumprimento de voto, promessa.

RELIGIOSIDADE - Entende-se todo e qualquer tipo de expressão religiosa, independentemente de ser cristão ou não.

RELIGIOSIDADE POPULAR - É um conjunto de crenças, atitudes e expressões religiosas adotadas por um povo de forma espontânea. Tal modalidade devocional expressa conteúdos da fé ou da prática religiosa, que se encarnam nas diversas culturas. Está ligada às necessidades básicas do ser humano, relacionadas à vida, ao sustento, à saúde, à felicidade. No aspecto das religiões naturais, verifica-se, em todos os povos e nas grandes religiões, o fenômeno que envolve peregrinações e romarias a santuários ou a lugares considerados sagrados.

SACRAMENTO - No sentido religioso-católico, Sacramento é um sinal sensível eficaz da graça, instituído por Jesus Cristo e confiado à Igreja, por meio do qual é dispensada a vida divina.

SANTUÁRIO - No sentido de templo religioso, é uma igreja ou outro lugar sagrado onde os fiéis, por motivo de piedade, em grande número acorrem em peregrinação, com a aprovação do Ordinário (bispo) do lugar (CDC 1230).

SANTUÁRIO ECOLÓGICO - É lugar protegido, com a ajuda humana, para grupos de animais selvagens, com o objetivo de reunir condições favoráveis à preservação das espécies, principalmente as protegidas por lei ou em perigo de extinção.

TERÇO - É o nome dado ao conjunto de orações que constitui o objeto de fé, sinal em devoção à Maria, Mãe de Jesus, e a Jesus. É uma prática de devoção mariana, que consiste na recitação seriada de orações com o auxílio de uma corrente de contas. Esta prática compreende a contemplação de determinadas passagens da vida de Jesus Cristo e de sua mãe, a Virgem Maria, que, segundo a doutrina da Igreja Católica, têm especial importância para a História da Salvação. Essas passagens bíblicas recebem o nome de mistérios. O terço é também compreendido como uma das partes do Rosário, o qual possui quatro conjuntos de mistérios: gozosos, dolorosos, gloriosos e luminosos.

TURISMO - Compreende as atividades realizadas pelos visitantes, durante sua viagem a um destino fora de seu entorno habitual, por uma duração inferior a um ano, com qualquer finalidade (lazer, negócios ou outro motivo), que não seja empregado por uma entidade (empresa/instituição) residente no país ou lugar visitado. Recomendações Internacionais de Estatísticas de Turismo (RIET), da Organização Mundial do Turismo (OMT).

TURISTA - É considerado turista um visitante que inclui pernoite, em sua viagem.

VISITANTE - É a pessoa que viaja a um destino fora do seu entorno habitual, por uma duração inferior a um ano, com qualquer motivo principal (lazer, negócios ou outro motivo), que não seja empregado por uma entidade (empresa/instituição) residente no país ou lugar visitado. Estas viagens são as consideradas viagens turísticas.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Pesquisa no Santuário e nas sete capelas de *Caravaggio*

Questões semiestruturadas que norteiam as entrevistas:

1. O que o(a) senhor(a) lembra sobre a fundação da sua capela?
2. Como se deu a localização de sua capela?
3. Qual a ligação de sua capela com o Santuário?
4. Como o(a) senhor(a) vê a relação das capelas que fazem parte da paróquia e o Santuário?
5. Por que as capelas que estão ligadas ao Santuário mantêm a força da religiosidade popular e a identidade católica?
6. Qual o papel da liderança dos padres na formação religiosa, comunitária e de desenvolvimento da região das capelas?
7. Como a comunidade de sua capela contribui com a hospitalidade oferecida aos peregrinos que visitam o Santuário?
8. O(a) senhor(a) vê relação das devoções à N. Sra. de *Caravaggio* com os demais santos padroeiros das capelas, devido à italianidade?
9. Se fosse outro grupo étnico, de outra nacionalidade (alemães, poloneses, portugueses...), o(a) senhor(a) acredita que haveria o mesmo sentimento devocional que o desenvolvido por esse grupo que formou a região do Santuário?
10. Como o(a) senhor(a) descreve a hospitalidade oferecida no Santuário?

Nome:

Idade:

Função exercida:

Período de atuação:

Naturalidade:

Escolaridade:

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado(a) Sr.(a), _____

Estamos convidando-o(a) a participar de um estudo intitulado RELIGIOSIDADE POPULAR NUM ESPAÇO DE HOSPITALIDADE: O SENTIMENTO DE PERTENÇA À COMUNIDADE DO SANTUÁRIO NOSSA SENHORA DE *CARAVAGGIO*, NO MUNICÍPIO DE FARROUPILHA-RS, realizado pela aluna do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Doutorado, Rosalina Luiza Cassol Schvarstzhaupt*, sob a orientação da Profa. Dra. Vania Beatriz Merlotti Herédia, docente na Universidade de Caxias do Sul.

A presente pesquisa faz parte de um projeto de doutoramento, cujo objetivo é analisar os laços de pertencimento da sociedade rural pela expressão de sua religiosidade, no fortalecimento ao Santuário N. Sra. de *Caravaggio*, em Farroupilha-RS.

Sua participação por meio de uma entrevista gravada fará parte deste estudo acadêmico e poderá ser editada pelos pesquisadores, sendo que seu nome será citado no estudo. Da mesma forma, seus posicionamentos e opiniões serão mantidos conforme sua manifestação, a partir da entrevista. Lembramos que sua participação será totalmente voluntária, podendo o(a) Sr.(a) desistir de participar em qualquer momento da entrevista, sem qualquer prejuízo pessoal. Este termo expressa sua participação na referida pesquisa.

Se houver alguma dúvida, poderá ligar para (54) 3218-2100, ramal 2289.

Data: _____

Assinatura do(a) entrevistado(a): _____

Assinatura da entrevistadora: _____

* *E-mail*: rlcshvarstzhaup@ucs.br

APÊNDICE C - LINHA DO TEMPO: SANTUÁRIO E AS SETE CAPELAS

1875 - Aconteceu a chegada dos primeiros imigrantes italianos na Serra Gaúcha (Decó, 1994, p. 18). A maioria dos imigrantes que se estabeleceu na Linha Palmeiro (atualmente, região de *Caravaggio*) era originária de duas regiões italianas: Região do Vêneto, principalmente das províncias de Beluno, Vicenza e Trento e da Região da Lombardia, principalmente das províncias de Mântua e Cremona (Decó, 1994, p. 28).

1878 - Foi rezada a primeira missa na Linha Palmeiro, na casa de Bernardo Sbardelotto, no morro, próximo à Capela Todos os Santos. A segunda, foi rezada na casa da família Biason; e a terceira missa, na casa de Antônio Franceschet, em 23 de janeiro de 1879, próxima ao atual cemitério de *Caravaggio*. (Zorzi, 1986, p. 38).

1879 - Ano de Fundação do Santuário de *Caravaggio*. Foi erigida a primeira capela (oratório) por iniciativa de Antônio Franceschet e Pasqual Pasa (Zorzi, 1986, p. 38). Foi considerado o ano de fundação. Da ideia inicial, a capela foi ampliada para abrigar mais ou menos cem pessoas, número estimado da comunidade naquele momento.

1880 - Ocorreu a fundação da Capela N. Sra. das Dores.

1878/1883 - Ocorreu a fundação da Capela São José. Consta, em registro de um casamento, relacionado à capela, que, em 1883, esta já existia, conforme Decó (1994, p. 112-208).

1884 - Ocorreu a fundação da Capela Todos os Santos.

1890 - Foi inaugurado o Antigo Santuário, construído em alvenaria, com capacidade para 600 pessoas. E ocorreu a fundação da Capela Santa Juliana.

1891- Ocorreu a fundação da Capela São Tiago.

1892 - Aconteceu a primeira visita pastoral do bispo Dom Cláudio José Ponce de Leon (LT n. 1, p.1).

1893 - Em 14 mar.1893, a Capela N. Sra. de *Caravaggio* foi elevada à categoria de curato. Nessa época, 17 capelas integravam esse curato (LT n. 1, p. 2).

1899 - Ocorreu a 1ª Romaria Votiva em 2/2/1899, por uma grande estiagem na região. De forma surpreendente, naquele mesmo dia, embora não indicasse chuva imediata, ocorreu uma grande chuva no final da tarde. Para os peregrinos, foi considerado “o milagre da chuva”, expressão que se notabilizou.

1899 a 1904 - Foi organizado e instituído o Apostolado da Oração na Curato/Paróquia (LT n.1, p. 4v).

1900 - Elevação do Curato de *Caravaggio* à Paróquia, em 21 jul.1900 (Bertuol, 1950, p. 122).

1904 - Ocorreu a inauguração da Escola Paroquial (Bertuol, 1950, p. 122).

1904 - Ocorreu a terceira visita pastoral de Dom Cláudio ao Santuário (Bertuol, 1950, p. 124).

1911 - Em 18 nov.1911, ocorreu a visita pastoral de Dom João Pimenta, bispo de Porto Alegre (Bertuol, 1950, p. 125).

1913 - Em 30 dez. 2013, a capela São Marcos, até então pertencente à sede de *Caravaggio*, foi elevada à categoria de paróquia (Bertuol, 1950, p. 126).

1915 - Em 11 jun. 1915, iniciou, no Santuário de *Caravaggio*, a prática da devoção ao Sagrado Coração de Jesus (LT Sant, n. 1, p. 10v).

1921 - Ocorreu a inauguração da reforma geral do Santuário (LT n.1 p. 18v).

1921 - A igreja Matriz N. Sra. de *Caravaggio* foi elevada à categoria de Santuário (LT n.1, p. 18).

1921 - A população da Paróquia de *Caravaggio* enviou ajuda financeira para a construção da Catedral de Porto Alegre (LT n.1, p. 21).

1934 - Em 8 set.1934, foi criada a Diocese de Caxias do Sul (Brandalise, 1985, p. 49).

1935 - Em 23 out.1935, ocorreu a nomeação do primeiro bispo para a Diocese de Caxias do Sul, Dom José Baréa, que tomou posse em 11 fev. 1936 (Brandalise, 1885, p. 49).

1939 - Em 14 fev.1939, ocorreu a primeira visita pastoral de Dom José Baréa ao Santuário de *Caravaggio* (LT n.1, p. 48v).

1942 - Em 20 dez. 1942, Pe. Teodoro Portolan assume o Santuário de *Caravaggio* (LT n.1, p. 49).

1943 - Em 26 maio 1943, foi celebrado aniversário de 50 anos da Paróquia N. Sra. de *Caravaggio* (LT n.1, p. 50v).

1945 - Em julho de 1945, iniciou a construção dos alicerces do novo Santuário de *Caravaggio*, sob a direção de Ticiano Bettanin (LT n.1, p. 53).

1946 - Em 2 maio 1946, foi abençoada a pedra angular da construção do Santuário de *Caravaggio* pelo Monsenhor Farino (LT n.1, p. 53).

1948 - De 5 a 8 de maio de 1948, aconteceu o 1º Congresso Eucarístico Diocesano, da Diocese de Caxias do Sul. A imagem de N. Sra. de *Caravaggio* foi conduzida em procissão de ida e volta a Caxias do Sul para os festejos do congresso. No evento, essa imagem foi coroada com uma coroa doada por moças de Caxias do Sul. A partir dessa data, houve aumento significativo de público no Santuário de *Caravaggio* (LT n.1, p. 57v).

1951 - Em 19 nov.1951, ocorreu o falecimento do bispo Dom José Baréa (LT n.1, p. 69v-70).

1952 - Em 30 jun.1952, Dom Benedito Zorzi foi nomeado Bispo de Caxias do Sul. A tomada de posse ocorreu em 6 dez.1952 (LT n.1, p.74v, Brandalise, 1985). Seu falecimento aconteceu em 2 dez. 1988.

1953 - Em 11 mar. 1953, Dom Benedito Zorzi, abençoou a Casa de Retiros em *Caravaggio*, recém-construída (LT n.1, p. 75).

1956 - Em 21 nov. 1956, ocorreu a inauguração da Rádio Mirian, de *Caravaggio* (Zorzi, 1986, p. 55).

1959 - Em 30 jul. 1959, N. Sra. de *Caravaggio* foi instituída padroeira da Diocese de Caxias do Sul, pelo papa São João XXXIII (Zorzi, 1986, p. 41).

1963 - Em 3 fev.1963, foi bento o novo templo do Santuário de *Caravaggio*, pelo arcebispo de Porto Alegre Dom Vicente Scherer, com a presença dos bispos: Dom Benedito Zorzi, da Diocese de Caxias do Sul e seu bispo auxiliar, Dom Cândido Maria Bampi, Dom Henrique Gelain, da Diocese de Lins, São Paulo e Dom Victor Sartori, da Diocese de Santa Maria (Zorzi, 1986, p. 67).

1968 - Em 26 maio1968, o Santuário de *Caravaggio* é desvinculado da Paróquia N. Sra. de *Caravaggio*. A paróquia passa a ser integrada somente pelas sete capelas (Santa Juliana, São Victor e Corona, São Tiago, N. Sra. das Dores, N. Sra. de Monte Bérico, São José e Todos os Santos (LT n. 2, p. 76-77).

1983 - Em 2 maio 1983, Dom Paulo Moretto toma posse como terceiro bispo da Diocese de Caxias do Sul (Zorzi, 1986, p.71).

1984 - Em 23 fev.1984, o bispo emérito Dom Benedito Zorzi é nomeado para a função de Vigário Episcopal e, junto a uma equipe de sacerdotes, assume a direção do Santuário de Caravaggio (Zorzi, 1986, p.71).

1985 - Em 26 set.1985, ocorreu a bênção da Fonte de Água aos peregrinos, no Santuário, por Dom Benedito Zorzi (Zorzi, 1986, p. 55).

1989 - Em 25 mar.1989, o Santuário de *Caravaggio* voltou a ter gestão de reitor designado, o Pe. Alcindo Trubian (LT n. 3b, p. 52v-53v).

2011 - Em 7 jul.2011, tomou posse, como 4º bispo da Diocese de Caxias do Sul, o bispo Dom Alessandro Carmelo Ruffinoni.

2013 - Em 3 fev. 2013, ocorreu a celebração dos 50 anos da construção do Novo Santuário (LT n. 4, p. 5-5v).

2014 - Em 4 maio 2014, iniciou a transmissão das missas dominicais das 11h, no Santuário, com equipamentos próprios. Som e imagem passaram a ser enviados para a UCSTV, que realizava a transmissão ao público (LT n. 4, p. 14).

2016 - Em 8 jun. 2016, a “Romaria de *Caravaggio*” foi declarada Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial de Caxias do Sul, pelo Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural (COMPAHC) (LT n. 4, p. 31v).

2018 - Em 9 dez. 2018, a Paróquia N. Sra. de *Caravaggio*, então constituída pelas suas sete capelas, por decisão do bispo Dom Alessandro Ruffinoni, passou a ser gerida pelo reitor do Santuário, integrando-se ao Santuário (LT Cap, p. 99).

2019 - Em maio 2019, foi criado, oficialmente, o roteiro turístico religioso “Caminhos de *Caravaggio*”, que conecta os Santuários de N. Sra. de *Caravaggio* de Canela ao de Farroupilha.

2019 - Em 8 set. 2019, toma posse, como 5º bispo da Diocese de Caxias do Sul, o bispo Dom José Gislon.

2020 - Em 26 maio 2020, em virtude da pandemia Covid-2019, com as medidas protetivas e recomendações da Secretaria Estadual da Saúde-RS, a Romaria de *Caravaggio* ocorreu de forma virtual.

2021 - Em 26 maio 2021, também pelo motivo da continuidade da pandemia Covid-19, e medidas protetivas de saúde, a romaria somente ocorreu de forma virtual.

2022 - Em 2 fev. 2022, foi inaugurada a Rádio Comunitária *Caravaggio* FM, disponível pela frequência 87.5. A Associação Comunitária de Radiofusão *Caravaggio* detém a concessão da rádio, que é formada por membros da comunidade.

2022 - Em 30 abr. 2022, o Santuário de *Caravaggio* recebeu a Tocha Olímpica, que sinalizou a abertura oficial da 24ª edição da Surdolimpíada, evento multidesportivo internacional, sendo que Farroupilha foi a subsede, e Caxias do Sul a sede oficial do evento.

2022 - Em 26 maio 2022, aconteceu o retorno da Romaria de maio, pós-pandemia, com público presencial.

2022 - Em 26 maio 2022, na 143ª Romaria de *Caravaggio*, ficou concluído o Monumento N. Sra. Padroeira, que conta com 36 bandeiras, que representam os 32 municípios que integram a diocese de Caxias do Sul, mais as bandeiras do Brasil, do Estado do Rio Grande do Sul e do Vaticano, com o objetivo de estampar a união dos municípios, em torno da devoção à Santa.